



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Valdéres Bilhas Vazarin

Oralidade na obra A cidade e a infância de Luandino Vieira

São José do Rio Preto

2019

Valdérés Bilhas Vazarin

Oralidade na obra A cidade e a infância de Luandino Vieira

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Norma Wimmer

São José do Rio Preto

2019

V393o

Vazarin, Valdéres Bilhas
Oralidade na obra A cidade e a infância de Luandino
Vieira / Valdéres Bilhas Vazarin. -- São José do Rio Preto,
2019
128 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas,
São José do Rio Preto
Orientadora: Norma Wimmer

1. Conto. 2. Cultura. 3. José Luandino Vieira. 4. Literatura
Angolana. 5. Oralidade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Valdéres Bilhas Vazarin

Oralidade na obra A cidade e a infância de Luandino Vieira

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Norma Wimmer
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Kenia Maria de Almeida Pereira
Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Nelson Luis Ramos
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof^a. Dr^a. Andressa Cristina de Oliveira
UNESP – Câmpus de Araraquara- Suplente

Prof^a. Dr^a. Gisele Manganelli Fernandes
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto- Suplente

São José do Rio Preto

05 de agosto de 2019

Agradecimentos

À minha orientadora, Profa. Dra. Norma Wimmer, que tão bem soube dosar o rigor e a compreensão nos meus momentos de dificuldades, e nas turbulências que foram se agregando nesse período de pesquisa e, por ela me passar inspiração na autonomia necessária ao fazer científico durante todo o período em que convivemos.

À Profa. Dra. Giséle Manganelli Fernandes e ao Prof. Dr. Nelson Luís Ramos, pelo carinho de sempre, inclusive pelas contribuições e correções feitas no Exame Geral de Qualificação. E à Prof^a Dr^a Kênia Maria de Almeida Pereira e Prof^a Dr^a Andressa Cristina de Oliveira pelo carinho em terem aceito o convite da banca.

Ao meu esposo e companheiro Sebastião Batista dos Santos, que a todo instante me inspira com sua força e determinação, me amparando em todos os âmbitos e mostrando o quanto importante é a persistência, a devoção, a coragem e a fé raciocinada.

Aos meus filhos, Eliton Luís, Ana Carolina e Nayara; aos meus genros e nora; e aos meus queridos netos, Lucas, Heitor, Maria Eduarda, Otavio, Vicente e Íris, embora não tivessem conhecimento disto, iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimento. Que todo o meu distanciamento nesse período de reclusão para essa pesquisa, sirva para fortalecer nossos laços e exemplificar nossas ações. Contudo plantei uma semente principalmente no coração dos meus netos, e espero que ela floresça de maneira que nunca se esqueçam da “vóderes”.

Aos meus enteados Tiago e Tatiani, e seus familiares, sou grata pelo carinho e apoio de sempre.

Aos meus pais, Pedro Vazarin e Maria Helena, que dignamente sempre me apresentaram a importância da honestidade, da família, do respeito e da dedicação ao próximo. Agradeço à Deus por ter reencarnado nesse lar abençoado, e ter a companhia dos meus queridos irmãos e, especialmente a minha irmã Valquiria, que incansavelmente nesse período de pesquisa ouvia minhas lamentações, meus entusiasmos pelas descobertas, meus choros pelas angustias, com a

paciência e carinho, sempre estando ao meu lado firme e forte. Aos meus sobrinhos que estão batendo asas, digo-lhes que busquem sempre o conhecimento e o saber com inspiração.

À minha amiga Eva Maria Teodoro, que sempre incentivou-me no Programa de Pós e, adentrar nesse mundo de pesquisadora, somos cúmplices nos choros e nos risos, nos sonhos e nas lutas em construir um mundo com mais igualdade, onde não exista o preconceito entre as raças e religiões, valeu minha querida!!

Aos meus amigos Ana Rosa Marcolin, Valéria Souza, Jacinto, e outros que trabalhamos juntos e compartilhamos do mesmo ideal, lhes digo: se no caminho percorrido existir a bifurcação, que possamos sempre escolher o caminho da lealdade e do companheirismo, sou grata por todo o carinho recebido de vocês.

Um abraço fraterno nos amigos que fiz aqui na UNESP em especial: aos colegas pesquisadores, Carla, Loren, Luciana, Manoela e Nicolas.

Ao Centro Paula Souza, pela parceria com a UNESP, com os objetivos de ampliar e intensificar as relações entre as entidades educacionais, incentivando e qualificando os professores para os fins de aprendizagem em pesquisa fundamentada. Agradeço a oportunidade em fazer parte desse programa de aprimoramento educacional. O Centro Paula Souza é a instituição de ensino em que trabalho, instituição que aprendi a valorizar e me proporcionou várias oportunidades, tanto em trabalho quanto em aprendizagem. E também deixo aqui meus sinceros agradecimentos para a equipe da Etec Philadelpho, que me acolheu em momento de turbulência e demonstrou o valor em ter um Diretor sensato e uma equipe unida e eficaz.

RESUMO

O propósito desta dissertação é buscar compreender a história, a respeito da oralidade e a memória, bem como sua adequação ao gênero conto em *A cidade e a infância* do escritor angolano, José Luandino Vieira (2007). Neste sentido, ocorrerá esclarecimento entre a literatura de Luandino e a cultura angolana, com narrativas curtas e elementos advindos do mundo social dos musseques de Luanda, onde Luandino viveu desde criança, quando chegou de Portugal. Essa obra mostra, de maneira clara, a importância da oralidade como resgate dos antepassados e dos sonhos interrompidos na infância com metáforas fortes e marcantes. A coletânea apresenta o ponto chave de ruptura e mudança estética iniciada pela literatura de Luandino Vieira, apresentando contos curtos, sentimentos e situações ocultos até então, como a pobreza, a exploração, a miséria, a segregação, a imposição colonial e o preconceito. Esses elementos foram a mola impulsora do grande vigor na revolução literária angolana, e assegurou denúncias e diálogos entre a literatura e a história, destacando problemas sociais e revendo a cultura de um povo visando resgatar valores. Esses elementos serão analisados e apresentados considerando a tríade sociedade/cultura/literatura, que se fundamenta, no plano social, na imposição política dos colonizadores, no plano cultural, no resgate e na resistência em preservar os valores da ancestralidade, e, no plano literário, na afirmação de um sistema próprio de literatura, com introdução da língua kimbundu.

Palavras-chave: Conto. Cultura. José Luandino Vieira. Literatura Angolana. Oralidade.

ABSTRACT

The purpose of this master thesis is to understand the history, orality and memory, as well as to its appropriateness to the short story genre in *A cidade e a infância* by the Angolan writer, José Luandino Vieira (2007). In this sense, there will be a clarification between Luandino Literature and Angolan culture, including short narratives and social world elements of Luanda Mosques, where Luandino lived since he was a child, when he arrived from Portugal. This work clearly shows the importance of orality as ancestors registers and the interrupted childhood dreams with Strong and striking metaphors beyond. The collection presents the key point of rupture and aesthetic change that has initiated by Luandino Vieira Literature, presenting short stories that reveal feelings and situations that were hidden such as poverty, exploitation, misery, segregation, colonial imposition and prejudice. These elements were the driving force behind the Angolan literary revolution, and it ensured denunciations and dialogues between literature and history, highlighting social problems and reverting Angolan culture that was still obscure. These elements will be analysed and presented in a triad form society/culture/literature, which proceeds, in social terms, the political imposition of the colonizers, in the cultural plane, the rescue and resistance in preserving the ancestry values, and in the literary plane, the confirmation of its proper literature system with the introduction of the Kimbundu language.

Keywords: Short stories. Culture, José Luandino Vieira. Angolan Literature. Orality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 LUANDINO VIEIRA NO CONTEXTO DA CONSTRUÇÃO DA NACIONALIDADE ANGOLANA	15
2 O CAMINHO PERCORRIDO DA ORALIDADE À ESCRITA ANGOLANA	32
3 CONSIDERAÇÕES INTERPRETATIVAS DO CORPUS EM ESTUDO.....	56
3.1 Conto e oralidade.....	56
3.2 Considerações interpretativas do <i>corpus</i> em estudo diante do contexto social.....	67
3.3 Considerações do <i>corpus</i> em estudo com foco nos contos	74
4 CONSIDERAÇÕES DOS CONTOS EM ESTUDO	76
4.1 Contos <i>Encontro de acaso</i> e <i>A cidade e a infância</i>	76
4.2 Contos <i>O despertar</i> , <i>O nascer do sol</i> e <i>Quinzinho</i>	79
4.3 Contos <i>A fronteira de asfalto</i> , <i>Marcelina</i> e <i>Faustino</i>	84
4.4 Conto <i>Bebiana</i>	87
4.5 Conto <i>Companheiros</i>	91
5 VISÃO CRÍTICA DE LUANDINO VIEIRA DIANTE DA OBRA <i>A CIDADE E A INFÂNCIA</i>	93
6 CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIAS.....	99
ANEXO A: MAPA DE TERRITORIAL DA LOCALIZAÇÃO DE ANGOLA.....	106
ANEXO B: LETRA DA MÚSICA - “GRÂNDOLA, VILA MORENA”	107
ANEXO C: DOCUMENTO DO TERMO DE JUNTADA/TERMO DE CONCLUSÃO (PRIMEIRA FOLHA).....	108
ANEXO C: DOCUMENTO DO TERMO DE JUNTADA/TERMO DE CONCLUSÃO (SEGUNDA FOLHA).....	109
ANEXO C: DOCUMENTO DO TERMO DE JUNTADA/TERMO DE CONCLUSÃO (TERCEIRA FOLHA)	110
ANEXO C: DOCUMENTO DO TERMO DE JUNTADA/TERMO DE CONCLUSÃO (QUARTA FOLHA).....	111
ANEXO C: DOCUMENTO DO TERMO DE JUNTADA/TERMO DE CONCLUSÃO (QUINTA FOLHA)	112
ANEXO C: DOCUMENTO DO TERMO DE JUNTADA/TERMO DE CONCLUSÃO (SEXTA FOLHA)	113

ANEXO D : DIVULGADA A SENTENÇA QUE CONDENOU LUANDINO (PRIMEIRA PÁGINA)	114
ANEXO D: DIVULGADA A SENTENÇA QUE CONDENOU LUANDINO (SEGUNDA PÁGINA)	115
ANEXO E: ABC: 1º PRÊMIO DE NOVELÍSTICA CONCEDIDO A LUANDINO ..	116
ANEXO F: ABC: A ENTREGA DO PRÊMIO MOTA VEIGA (PRIMEIRA FOLHA)	117
ANEXO F: ABC: A ENTREGA DO PRÊMIO MOTA VEIGA (SEGUNDA FOLHA)	118
ANEXO G: ATRIBUÍDOS OS PRÊMIOS LITERÁRIOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESCRITORES	119
ANEXO H: ARNALDO DE CASTRO, LUANDINO VIEIRA E ISABEL DA NÓBREGA RECEBERAM OS GRANDES PRÊMIOS LITERÁRIOS	120
ANEXO I: LUANDA, ASSINALA O NASCIMENTO DE UMA LITERATURA (PRIMEIRA FOLHA)	121
ANEXO I: LUANDA, ASSINALA O NASCIMENTO DE UMA LITERATURA (SEGUNDA FOLHA)	122
ANEXO J: O DESPACHO DE EXTINÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESCRITORES	123
ANEXO K: DISSOLVIDA PELO MINISTRO DA EDUCAÇÃO A SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESCRITORES (PRIMEIRA FOLHA)	124
ANEXO K: DISSOLVIDA PELO MINISTRO DA EDUCAÇÃO A SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESCRITORES (SEGUNDA FOLHA)	125
ANEXO L: ABC: UMA LÍNGUA QUE NASCE: A PROPÓSITO DE LUANDINO VIEIRA (PRIMEIRA PÁGINA)	126
ANEXO L: ABC: UMA LÍNGUA QUE NASCE: A PROPÓSITO DE LUANDINO VIEIRA (SEGUNDA PÁGINA)	127

INTRODUÇÃO

A presente dissertação liga-se à linha de pesquisa do PPG Letras da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto, a saber: “História Cultura e Literatura”. Visamos analisar o contexto da tríade político /histórico/ literário, de Angola a partir de 1950, quando se deu o início da ruptura política cultural e começou a surgir, no país, uma literatura alicerçada nos valores sociais africanos e, principalmente, angolanos.

O objetivo geral desse projeto de pesquisa é destacar o escritor José Vieira Mateus da Graça (1935-), conhecido pelo pseudônimo José Luandino Vieira, um autor que muito contribuiu para o enriquecimento sociocultural de Angola. Ele mostrou a importância da oralidade e da memória no processo de resgate histórico social, por meio do gênero conto, e de uma escrita intencionalmente simples e de grande importância para o movimento histórico literário angolano.

Luandino, apresentando-se como defensor de Angola nos quesitos literatura, cultura, liberdade política e administrativa, inquietou-se diante das opressões impostas pelos portugueses. A eclodir a Guerra Colonial, ingressou nas fileiras partidárias defendendo Luanda, a terra que o acolheu desde criança.

O *corpus* do presente estudo é constituído, especificamente, por *A cidade e a infância* (1960). Nessa obra, percebemos que os eixos temáticos são abordados em forma de manifesto. Esses temas exercem um papel estrutural e crítico, e mostraram a relação existente entre fatos reais e a forma explícita e aterrorizante em que os angolanos viviam. Metaforicamente, essa relação é relatada como a infância, a memória, a identidade e o ambiente dos musseques¹, alguns de grande importância arquitetônica, bem como as dificuldades de sobrevivência encontradas pelos moradores angolanos, posto que viviam às margens de um colapso financeiro causado pela política dos colonizadores.

A opressão dos portugueses sobre o povo nativo, em todos os âmbitos, obrigou os angolanos a unirem-se num confronto contra o opressor. Essa união do povo angolano manifestou-se no campo das letras, das tradições culturais, dos costumes simples vividos nos musseques onde eram divulgadas as contrariedades e as opressões nas folhas impressas das pequenas tipografias que surgiam, timidamente, em Angola, como arma de resistência contra a opressão colonial, como forma de resgate sociocultural, visando promover a identidade cultural angolana.

¹ Musseques: bairros, geralmente de construção precárias, nos arredores de uma cidade, onde habitam os moradores menos favorecidos.

Em seu prefácio ao livro de Fanon, *Os condenados da terra* (1968), Sartre remete suas palavras ao aqui e ao agora. Referindo-se a Fanon, que participou ativamente da luta pela independência da Argélia, o escritor filósofo francês afirma:

Que importa a Fanon que leiamos ou não a sua obra? É a seus irmãos que ele denuncia nossas velhas artimanhas, para as quais não dispomos de sobressalentes. É a eles que Fanon diz: a Europa pôs as patas em nossos continentes, urge golpeá-las até que ela as retire. (SARTRE, 1961, p. 7).

O momento ao qual alude Fanon (1968) quando se refere ao esmagamento dos africanos pelos europeus, será o momento da decisão em buscar a liberdade desse colono condenado. Nesse mesmo período, simultaneamente, Luandino Vieira mostra em sua escrita e em suas reivindicações, a necessidade da resistência, da união e da perseverança dos angolanos para expulsar os portugueses de seu país, porque antes da dominação portuguesa todos os nativos viviam em total harmonia com o espaço. Quando Fanon metaforicamente aponta que a patas dos europeus estão esmagando os nativos, fica evidente a necessidade de os grupos revolucionários se fortalecerem e lutarem pela independência, e assim o fizeram como veremos no primeiro capítulo dessa dissertação.

Com o intuito de abordar, nessa dissertação, os conceitos de identidade, memória e interpretação apresentados nos contos de Luandino em *A cidade e a infância* (1960), dividiremos o trabalho em capítulos.

O primeiro, será intitulado *Luandino Vieira no contexto da construção da nacionalidade angolana*. Começaremos abordando, em linhas gerais, aspectos da história do período colonial de Angola, quando os filhos da terra, por meio de suas reivindicações e da literatura, fortaleceram os manifestos culturais e políticos que foram de grande valia para divulgar, conscientizar e mostrar a riqueza que envolvia a nação em seus menores detalhes, por meio do mundo acadêmico. Essa literatura foi apresentada como forma de manifesto, na qual utilizavam discursos construtores da identidade nacional angolana. Ainda nesse primeiro capítulo, faremos uma síntese da vida e obra do escritor Luandino Vieira, de sua ligação e atuação com o surgimento dos três principais movimentos de libertação angolanos MPLA, UPA/FNLA e UNITA² nas décadas de 1950-1960. A importância desse envolvimento político para Luandino, é a questão identitária e importa para suas projeções futurista de uma Angola independente.

² MPLA: Movimento Popular de Libertação de Angola; UPA: União das Populações de Angola (UPA); FNLA: Frente Nacional de Libertação de Angola; UNITA: União Nacional para a Independência Total de Angola; UEA- União dos Escritores Angolanos.

A partir dessa contextualização, segue-se para o primeiro momento (década de 50), que marcou o impulso para o fortalecimento das relações entre os nativos angolanos e os filhos de portugueses considerados filhos da terra, que durou até 1975, data em que acontece a independência política de Angola. Simultaneamente, desde os primeiros manifestos em 1948, foi criada a UEA³ por meio da qual deu-se a trajetória de reivindicações e lutas que resultaram na construção de valores patrióticos daquele país, através das quais se concretiza a construção da nacionalidade.

No segundo capítulo, discutiremos, em linhas gerais, *O Caminho percorrido da oralidade à escrita como tradição Angolana*; neste estarão inseridas as vertentes que se referem à identidade, memória e preservação lendária da memória do idoso na transmissão dos fatos.

Buscamos compreender a relação entre a literatura e a história angolana através das teorias apresentadas por Candido (1975). Através da obra *Literatura e Sociedade*, Candido consegue transmitir a importância da influência da sociedade sobre a literatura. De modo similar ao exposto por ele, a literatura de Luandino é marcada pela sociedade e, nos dez contos do *corpus*, há destaque para a vivência, os costumes, a cultura e os jargões do povo angolano, para sua luta em preservar seus costumes e conceitos para introduzir a vivência e a arte na literatura.

A literatura angolana em língua portuguesa, produzida pelos filhos da terra, conforme Ervedosa (1974), é uma consequência do colonialismo, para reverter e conscientizar a nação angolana das situações implantadas pelos portugueses em suas terras, foi necessário implodir as reivindicações culturais do povo colonizado tornando-o resistente à luta e garantindo que esse movimento cultural fizesse surgir, em Angola, uma literatura plenamente africana/angolana.

Essa mobilização, em Angola, é consequência do movimento estudantil que surgiu em Lisboa, quando jovens estudantes angolanos, após a segunda Guerra, partiram para Portugal em busca de formação universitária. Esses jovens estudantes, morando em Lisboa fundaram a Casa dos Estudantes de Angola, local que passaria a ser ponto de reuniões entre os angolanos que deixaram seus familiares. Esses grupos estudantis angolanos conheciam a geografia, a história, a fauna, enfim todo o arsenal cultural que envolvia Portugal, e não se atentaram em conhecer a própria terra que os criara e que depois de formados, os acolhiam. Esses filhos dos colonizadores, ao retornarem e se instalarem em Angola traziam o conhecimento e o diploma universitário, porém, iniciaram uma trajetória reversa, precisavam conhecer o país que os

³ UEA- União dos Escritores Angolanos

abrigou em sua infância e lutar para que não fossem apagadas as lembranças e as memórias daquele povo pobre, sofrido, porém acolhedor.

O terceiro capítulo tem como título *Considerações interpretativas do corpus em estudo*. Nele procuramos mostrar o quão importante foi o papel da literatura para os grupos revolucionários até chegar à independência angolana. Essa forma de manifesto literário e político, em busca da liberdade demonstrou que as reivindicações, já citadas nos capítulos anteriores, são explícitas nos contos do *corpus* em estudo. Elas são evidenciadas com tal clareza e inteligência, que durante a leitura e estudo ficam evidentes os traços ou marcas deixadas por Luandino.

Com participação ativa nos grupos revolucionários, Luandino, transfere para a escrita as ocorrências, conflitos e interferências reais vividas no cotidiano dos angolanos, a vida simples e opressiva que estes levavam, porém, representadas sempre como metáforas e exemplificações, e transformadas em ficção, essas foram a matéria prima para os contos, as novelas e os romances de Luandino. O escritor destaca-se pelos contos e, por meio deles, consegue mostrar a importância de relatar fatos e dar voz a personagens reais em depoimentos recolhidos durante o período em que esteve preso em Tarrafal⁴. Esses relatos, posteriormente, formaram o conteúdo da maioria de suas obras, após o período que esteve no cárcere.

O resgate de depoimentos tomados inclusive no cárcere, leva Luandino a escrever com simplicidade, transferindo para seus contos as características da oralidade, da fala simples da gente dos musseques. Todo o material recolhido dá origem à inserção da oralidade no conto, preservando, assim, a memória coletiva angolana. A obra de Luandino destaca também a importância do griot⁵, classificado como uma biblioteca viva, e valoriza o velho como guardião da memória e do conhecimento.

Ao transcrever elementos e estratégias discursivas próprias da língua oral, especificamente a língua da gente dos musseques, Luandino comprova que o apego à oralidade não é índice de fragilidade ou impotência, mas símbolo de que os angolanos, ainda que inconscientemente, vivenciaram a todo instante sua própria identidade. Nesse sentido, a literatura de Luandino, é um meio e também um elemento estético de vinculação que visa questões envolvendo raça, etnia e valores culturais desse povo. Há em sua literatura um grande esforço para ampliar as estéticas e representar um novo estilo de escrita provindo do cotidiano.

⁴ Tarrafal: Pavilhão Prisional São Paulo de Luanda.

⁵ Griot: indivíduo que, numa comunidade (p. ex., de âmbito religioso ou folclórico), detém a memória do grupo e funciona como difusor de tradições.

Para que os objetivos da pesquisa fossem alcançados, foram utilizadas teorias e argumentações embasadas nos conceitos teóricos de Halbwachs (2003), especificamente quanto à noção que envolve a memória coletiva, a memória individual e a memória histórica divulgados no livro *A memória Coletiva* (2003). Beneficiamo-nos da fortuna crítica paradigmática dos estudos da literatura angolana, com Ervedosa, (1979) que traça um roteiro evolutivo da literatura em estudo, Abdala Junior (2017), Benjamin (1997), Padilha (2002, 2008), Ong (1988), Macedo (1997, 2002, 2007, 2008, 2010) e Chaves (2005, 2007). Encontramos nos textos, artigos e livros de Laura Cavalcante Padilha, os manifestos e reivindicações em prol da colônia angolana, no que tange à imposição portuguesa e às instalações violentas e coercitivas em nome da norma da fé e do império. Bhabha (1998) nos esclareceu o papel do outro, na relação entre colonizado e colonizador, quando nos referimos a identidade do outro, a existência da alteridade e o respeito pela identidade colonial e suas vicissitudes. Em Ribeiro (2015) encontramos registros sobre a oralidade e depoimentos narrados pelos presos no Tarrafal, onde Luandino permaneceu entre 1961 até 1972. A esse período remetem pesquisas e anotações provenientes do cárcere incluindo contos que compõem o *corpus* em estudo. Em Hamilton (1975), obtivemos nas pesquisas informações relevantes quanto ao envolvimento político e literário que Luandino teve para atingir os objetivos do grupo de intelectuais na ordem do problema político-social, com denúncias através da literatura angolana.

No quarto capítulo, intitulado *Considerações dos contos em estudo*, mostramos a diferença existente no processo de ocupação dos portugueses em Angola, para tal utilizaremos como instrumento de pesquisa a dissertação de Correia (2012) *O patrimônio do movimento moderno de Luanda - 1950 a 1975*. Através dessas fontes de informações perceberemos as modificações dos bairros de terra vermelha pelo negro afastado, assim como também os pontos turísticos citados nos contos de Luandino e descritos na pesquisa da dissertação. Nesse capítulo ocorrerão os subcapítulos onde mostraremos a relação entre o *corpus* e o contexto social, assim como as considerações de cada conto, agrupando-os por temas e destacando as características da oralidade. Para essa pesquisa, no quesito conto angolano e suas características peculiares, e até mesmo para efeito comparativo entre o conto africano e o conto europeu, utilizaremos os teóricos Moisés, *A criação Literária* (1978), Gotlib (2006) em *Teoria do conto* e ainda Rosário (1989) com *A narrativa de expressão oral*; por meios desses, faremos um comparativo entre as características do conto angolano/ africano e europeu, porém o diferencial será destacado nas considerações interpretativas e na conclusão.

No quinto e último capítulo intitulado *Visão crítica de Luandino Vieira diante da obra A cidade e a infância* obtivemos esclarecimento do próprio Luandino através da entrevista que deu ao Jornal de Angola, conduzida por António Jacinto, que usa o pseudónimo de Orlando de Távora e reescrita por Francisco Topa (2014).

A pesquisa para a dissertação terá como suporte, também, as reportagens sobre Luandino nos Jornais ABC Diário de Angola e Diário de Notícias de Lisboa. (em anexo)

Evidenciaremos, na conclusão, o quão importante foi esse período da história que envolve a insavão portuguesa em Angola e, como influenciou os literatas para surgimento da literatura angolana que revolucionou o meio literário. Ainda na conclusão, abordaremos o resultado da pesquisa que mostra a diferença entre o conto de tradição oral angolano e o conto maravilhoso europeu. Destacaremos o tratamento oferecido por Luandino ao cotidiano simples retratado, porém, com sabedoria e mostrando pontos culminantes nas metáforas relativas à cidade e à infância.

1 LUANDINO VIEIRA NO CONTEXTO DA CONSTRUÇÃO DA NACIONALIDADE ANGOLANA

De acordo com POGRA (2015b) o território de Angola está localizado⁶ na Costa Ocidental da África (Região Austral), tem uma superfície de 1.246.700 Km², e está dividido em 18 províncias, sendo Luanda a sua capital. É o sétimo maior país da África e faz fronteira ao Norte e Nordeste com a República Democrática do Congo e Congo Brazzaville, a Leste com Zâmbia, ao Sul com a Namíbia e a Oeste é banhada pelo Oceano Atlântico. Ainda de acordo com POGRA (2015a), os portugueses, sob o comando de Diogo Cão, entre 1482 e 1486, no reinado de D. João II, chegaram a Zaire, onde iniciaram a conquista das terras que posteriormente constituíram o território de Angola, o território ultramarino português mais extenso depois do Brasil.

POGRA (2015a) também ensina que a formação da Colônia portuguesa em Angola deu-se em 1575, com a chegada de Paulo Dias de Novais, com 100 famílias de colonos e 400 soldados, que se estabeleceram no litoral. Pouco depois, Paulo Dias de Novais tomou posse das terras. Ele tinha como suas principais ações limitar um vasto território, explorar os recursos naturais e promover o tráfico negreiro formando um mercado extenso.

Diogo Cão estabeleceu uma aliança com o Rei do Congo (POGRA, 2015a) que se mostrou muito interessado e cooperativo; no entanto, os lucros das transações que empreendidas, tornaram-se pouco rentáveis, o que estimulou Portugal a intensificar o tráfico negreiro, atividade muito mais lucrativa. Em 1576 fundaram São Paulo da Assunção de Luanda, hoje a cidade de Luanda, que se transformou rapidamente no principal mercado abastecedor de escravos para as plantações da cana-de-açúcar do Brasil. Em 1605, Luanda já era uma cidade movimentada pelo comércio de escravos dos quais a maior parte vinha para o Brasil.

Com a expansão do tráfico negreiro, os portugueses se direcionaram para regiões ao sul da África, alcançando o território hoje conhecido como Angola (POGRA, 2015a). Explorando as rivalidades e conflitos entre os reinos de Ndongo e Matamba, os portugueses, na segunda metade do século XVI, instalaram-se na região de Angola e iniciaram os trâmites políticos através dos quais Paulo Dias de Novais foi nomeado o primeiro governador, juntamente com o poder da fé e do império. Ele iniciou uma estratégia política, que delimitou o vasto território e explorou os seus recursos naturais, em particular, os escravos.

⁶ Anexo A - Department of field support cartographic section. Rev. 4. United Nations, 2008. Map nº 3727. August 2008. Disponível em: <<https://www.un.org/Depts/Cartographic/map/profile/angola.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

É lícito salientar que os portugueses transformaram Luanda em uma cidade totalmente escravagista. Em torno de 1850, a cidade estava repleta de firmas comerciais que exportavam óleos de palma, de amendoim, cera, goma copal, madeiras, marfim, algodão, café, cacau, milho, tabaco, carne seca e farinha de mandioca, produzidos localmente e, a partir dessa produção, nascia a burguesia angolana.

Conforme afirma Canêdo (1985, p. 13), até o século XIX, era grande o interesse dos europeus pela África visando a exportação de escravos; esse comercio permaneceu durante três séculos e meio, período que transformou essas fontes de renda do capitalismo europeu na mais primitiva comercialização humana. Por essa razão, a logística utilizada para a exploração era principalmente a das zonas costeiras, que facilitavam a chegada e saída das embarcações com o produto humano. No final do século XIX, as nações europeias começaram a explorar, de maneira efetiva, o continente africano e o asiático. Surgia, então, a Revolução Industrial na Europa, e a matéria prima africana era essencial. As potências europeias ocuparam grande parte do continente africano e logo promoveram sua partilha entre si. Dessa forma, dividiram as riquezas dos países colonizados. Em decorrência desses acontecimentos e por darem início ao neocolonialismo, momento em que ocorre a dominação política, econômica, cultural e social dessas potências capitalistas sobre a África, foram firmadas documentalmente as expansivas explorações econômicas das colônias africanas.

O marco para essa formalidade documental foi a realização da Conferência de Berlim, em 1884 e 1885, reunida por Bismark, o chanceler da Alemanha. Canêdo (1985, p.14) nos mostra que o ato principal desta Conferência, realizada no dia 26 de fevereiro de 1885, foi a carta de partilha amigável da África entre as nações europeias. A carta ainda regularizou a navegação e o comercio nas bacias do Congo e do Níger e determinou que toda a nova extensão territorial deveria ser notificada às outras potências. A partir de então, a África deixou definitivamente de ser fornecedora de escravos e passou a ser fornecedora de suas próprias terras e riquezas naturais, favorecendo a Revolução Industrial Europeia. Os africanos, em geral, foram tratados com violência, enquanto os europeus exploravam suas riquezas e urbanizavam suas cidades, como já citado no parágrafo anterior quando nos referimos a Angola.

Consideradas as informações anteriores, no que diz respeito à questão humanitária, percebe-se que este é um dos principais fatores que influenciaram o processo de interiorização dos africanos em relação aos brancos colonizadores. Durante o processo de colonização, os povos africanos foram vistos como “inferiores” pelos europeus, e estes não tiveram complacência ao destruírem as cidades, sua cultura e sua religião em nome dos lucros. Os povos colonizados foram ignorados, e novos valores culturais e religiosos foram impostos. Confirma

Fanon (1968, p. 6) que a Europa fomentou as divisões, as oposições e forjou classes e racismos; tentou provocar e aumentar a estratificação da sociedade colonizada, sufocando, deliberadamente, o colonizado.

Os brancos europeus, se valeram de sua superioridade militar na tentativa de impor sua missão civilizadora. Os europeus, principalmente, os portugueses, além de implantarem a desigualdade na partilha da África, também não respeitaram a história étnica e cultural que diferenciava os distintos grupos que habitavam numa mesma fronteira; essas diferenças existentes entre tribos ocasionavam, inevitavelmente, guerras entre elas.

Os colonizadores se aproveitavam dessas situações e instigavam o aumento da guerra entre as tribos. Quando Angola vivia os anos do ultracolonialismo, no século XIX, o sistema colonial foi extremamente hierarquizado e centralizado, em nome da unidade do império. A colônia era considerada um mecanismo decisivo para solucionar as crises econômicas na metrópole, sendo que o próprio Portugal deveria ser autossuficiente em suas atividades econômicas e não depender exclusivamente do desenvolvimento das colônias, em sua economia e estrutura administrativa, porém isso não ocorria.

Seguindo atitudes e imposições proveitosas para os colonizadores, implanta-se a ditadura de António de Oliveira Salazar (28/04/1889 - 27/06/1970) e posteriormente a de Marcello Caetano (17/08/1906 - 26/10/1980), seu sucessor. Este regime durou entre 1926 a 1974; os quarenta e oito anos foram considerados uma das mais longas ditadura da Europa e se baseava no lema “saber durar”. Para isso, Salazar controlava, com mão de ferro, os seus ministros e mantinha Portugal à margem da industrialização, evitando o surgimento da classe operária, e consequentemente, a luta de classes. A manutenção do colonialismo, principalmente o africano, lhe deu forças para levar adiante seu regime fascista, já que os mercados ultramarinos ajudavam a aliviar a pressão interna lusitana.

Salazar adotou uma política colonial caracterizada pelo nacionalismo extremado e por uma verticalidade administrativa, revertendo a posição anterior ao seu regime. Isso porque a política colonial da República (1910-1926) havia sido nacionalista e ela valorizava economicamente as colônias, permitindo inclusive a entrada do capital internacional e o povoamento branco. Salazar não era um oficial brutalizado como alguns líderes da época, não se assemelhava a Francisco Franco, Mussolini ou Hitler. Na realidade, a vida dele era um paradoxo, pois foi o principal responsável pelos excessos de imposição do poder, pelos crimes cometidos pelos seus subordinados, pelas terríveis condições dos presos políticos no campo do

Tarrafal e em Cabo Verde, e ainda pelos atos da PIDE⁷, tanto em Portugal quanto na África. Isso sem mencionar a proibição de publicações dos revolucionários nas revistas e jornais. Todas eram monitoradas pela polícia local. Com Salazar, há uma mudança radical nas políticas de administração das colônias que se mantiveram apenas como um escoadouro natural de mercadorias, e posteriormente de capitais, bem como uma fonte de matérias-primas e bens alimentares, que intensificou as contradições desta forçosa imposição colonialista, centralizando a administração colonial e suprimindo a relativa autonomia política e financeira local. Por essa razão, ocorreu um fortalecimento ideológico do darwinismo social⁸ e do etnocentrismo⁹, impondo, assim, a justificativa da tarefa missionária portuguesa de educar e procurar disseminar a cultura europeia, mesmo que imposta, aos angolanos. Esse regime imposto aos angolanos foi, sem dúvida nenhuma, a derrocada a imparcialidade entre o explorador e o explorado, de forma rude e animal; através dele, a polícia agia de forma impetuosa com total autoridade administrativa, e ainda tinha o poder de prender arbitrariamente todo e qualquer suspeito de protesto. Para que a polícia e o regime salazarista obtivessem a imposição do poder, eles mandavam os presos para lugares distantes da região onde haviam sido capturados, como forma de evidenciar seu poder sob a população angolana, intimidando e garantindo, assim, aos portugueses que chegavam a Angola, uma suposta segurança.

Segundo informa Ervedosa (1979, p. 59), no início do século XX, os europeus foram aumentando, mesmo que lentamente, em Angola, assim como suas tendências. No período entre 1925 e 1940, Luanda ainda era uma cidade pacata, onde a alta burguesia é quase nula, desenvolvendo uma classe média que englobava tanto europeus quanto angolanos (segundo o senso apresentado por Ervedosa (1979, p. 59). A cidade comportava então 39.000 negros, 6.000 brancos e 5.500 mestiços).

Segundo Ervedosa (1979), em 1961 começa a guerra em Angola, e a necessidade dos portugueses de preservar a província ultramarina, defender as colônias. A partir de decisão intransigente, Salazar trava a guerra para garantir a sobrevivência da província, com o único propósito de garantir uma fonte lucrativa a Portugal. Porém, nesse período, em Angola, iniciava-se a divisão entre uma linha reformista, de reivindicação para melhorias na qualidade

⁷ PIDE: A Polícia Internacional e de Defesa do Estado, foi a polícia política portuguesa entre 1945 e 1969, responsável pela repressão de todas as formas de oposição ao regime político vigente. Para além das funções de polícia política, a sua atividade abrangia igualmente o serviço de estrangeiros e de fronteiras

⁸ Darwinismo social: Em virtude de ser uma teoria que considera a sociedade em raça superior e raça inferior - a chamada superioridade racial, o darwinismo social - que tem também como base ideais nacionalistas - consiste em um pensamento preconceituoso e racista. Deste modo, acreditava que se os europeus eram tão bons dominadores esse fato decorria de a sua raça ser superior às demais.

⁹ Etnocentrismo: O seguidor dessa filosofia não só considera a sua cultura como a mais suprema de todas como exclui as demais.

de vida e legalidade social por parte de alguns intelectuais ligados às ideias mais antigas e, uma linha revolucionária, com visão voltada à libertação nacional de vínculo com jovens intelectuais.

Enquanto os colonizadores foram dispendo do convencimento através da fala, os angolanos foram aceitando essa imposição, por medo e necessidade de sobrevivência e acomodaram-se à situação. Eles foram aceitando ser adestrados e etiquetados de acordo com a impressão e os objetivos dos portugueses. Segundo Fanon (1968, p. 9), com o trabalho forçado, nada de contrato; além disso, era preciso intimidar esse trabalho forçado e patentear a opressão. Os soldados no ultramar aplicam ao gênero humano o critério do *numerus clausus*¹⁰; uma vez que ninguém pode espoliar seu semelhante, escravizá-lo ou matá-lo, esses soldados acreditam que o colonizado não seja semelhante ao homem e resolveram esclarecer essa certeza abstrata: a ordem é rebaixar os habitantes do território, agregando-os ao nível do macaco, para justificar que o colono os trate como besta de carga. Fanon (1968) evidencia que a violência colonial não tem o objetivo de garantir o respeito desses homens subjugados, mas de desumanizá-los. Essa atitude em relação ao outro, inserida num regime fascista com uma política arcaica, resulta na desigualdade social com total abuso de poder, fugindo do controle das Leis já impostas às colônias. Essa opressão será tematizada por escritores como Luandino Vieira e esclarecida no decorrer da escrita desse trabalho.

De acordo com dados estatísticos de Medina (2005, p. 25-26), desde os finais do século XIX até o final da segunda guerra mundial (1945), a ideologia dos colonizadores seria criar e traduzir leis que permitissem tratar de maneira distinta os cidadãos. Era imposto aos negros e mestiços de Angola, adquirirem um Bilhete de Identidade de cidadão português; porém, para que o conseguissem, eles teriam que comprovar sua escolaridade, recursos econômicos, bom comportamento, domínio da língua portuguesa e abandono dos costumes africanos. Nos anos 50, tornou-se cada vez mais difícil, para o negro, obter o alvará de cidadania. Ainda com informações referenciais de Medina (2005), sabemos que menos de 1% da população negra de toda Angola estava na categoria de civilizada ou assimilada à civilização; quando Medina (2005) referência somente Luanda, esse percentual chega aos 10%. Percebe-se, nesse quadro, o quanto era evidente o caráter discriminatório da lei que privava o negro de qualquer ato ou direito de cidadania ou inserção social. Medina (2005) ainda nos explicita, com clareza de amostragem, a neutralidade de Portugal durante a segunda guerra mundial, com intuito de tentar fazer sobreviver, por longo período, o fascismo. O governo português sabia que a guerra

¹⁰ *Numerus clausus*: locução latina que significa número fechado.

influenciaria na disseminação do regime, e tal reação prejudicaria o fluxo político e administrativo das colônias. Mesmo mantendo-se imparcial, Portugal não ficou firme para que seu regime pudesse escapar das reivindicações sociais já instaladas em toda a colônia angolana. Veremos, mais adiante, situações semelhantes de imposição nas obras de Luandino Vieira, onde ele referêcia esse exacerbado poder.

Mediante tanta imposição para repreender o mais fraco e mostrar a autoridade daquele que se julgava superior, instala-se em Angola, nos meados de 1950, conforme nos mostra Medina (2005, p. 47), a PIDE, uma polícia especializada em repressão policial de cunho político. Enquanto em Portugal ela atuava na repressão policial e política, especialmente contra o comunismo, na colônia angolana seu maior inimigo era o separatismo ou o terrorismo. A PIDE foi instalada em Angola, secretamente, sem levantar suspeita do que se tramava e da sua posição perante a população. Veremos, na sequência textual, o envolvimento de Luandino com a PIDE que o levou direto à Tarrafal. Essa atuação, juntamente com o momento econômico e social decorrente dos atos inconsequentes da política e polícia portuguesa, gerou graves consequências por toda a extensão colonial, através das quais se mediam forças entre o sujeito impositor e o sujeito receptor, gerando a grande inconformidade da maior parte dos subjugados. Fanon (1968) descreve a relação entre colonizado e colonizador:

A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados, [...]. Introduce no ser um ritmo próprio, transmitido por homens novos, uma nova linguagem uma nova humanidade. (FANON, 1968, p. 26).

A descolonização a que Fanon (1968) se refere, é um processo de total reformulação social e política, com objetivos e metas criadas pelos dirigentes ou partidos políticos à frente desses movimentos. Esses partidos se tornam o “motor que impulsiona a mudança”, termo utilizado por Fanon (1968, p. 27), e tendem a gerar a violência, despertando, no caso de Angola, no cidadão angolano, a busca da liberdade.

Nesse momento da descolonização, ou melhor de reestruturação em prol da liberdade e de reformulação política que se deu em Angola no final da década de 1950 e no início de 1960, ficou claro que se manteve a falta de unidade política e administrativa de Portugal devido aos dirigentes gananciosos e implacáveis, cujo único objetivo era explorar, sem piedade os recursos naturais e humanos ali existente. Desses maus tratos infringidos aos colonos e suas famílias, resultou uma geração com nova visão e perspectiva de vida, incluindo os filhos de pais agredidos, e os filhos dos portugueses que ocupavam Angola, além daqueles e que haviam

crescido em meio aos musseques e aos angolanos e que aprenderam a respeitar o ambiente e o homem. Esses filhos formarão uma nova geração que incluía os jovens intelectuais, os filhos da terra, os filhos dos amordaçados e domesticados. Toda essa leva de jovens generosos e otimistas se juntou e começou a remover os problemas causados desde a invasão dos portugueses. Esse movimento de manifestação obteve a adesão dos angolanos que moravam no país e ainda daqueles que já haviam sido expulsos do próprio país. Ervedosa (1975), esclarece:

Em 1948, estudantes angolanos, brancos, negros e mestiços, que eram filhos do país e se tornaram homens, iniciam em Luanda o movimento cultural Vamos Descobrir Angola, [...]. Estudar a terra que lhes fora berço, a terra que eles tanto amavam e tão mal conheciam. (ERVEDOSA, 1975, p. 101).

Esses estudantes angolanos, aos quais Ervedosa (1975) se refere na citação acima, conscientizados de que pouco ou nada sabiam sobre a terra que os acolhera, que lhe fora o berço, despertaram e iniciaram um novo movimento cultural, “Vamos descobrir Angola”. Eles perceberam que sabiam o percurso geográfico de todas as serras, mares, rios e as linhas férreas de Portugal, e mal conheciam Cuanza,¹¹ suas serras, os picos, seus povos, de hábitos e línguas tão diversas, enfim, conheciam e interpretavam as fábulas de La Fontaine mas ignoravam os contos e as lendas de sua terra, histórias vivas na memória e no cotidiano.

Os jovens, inspirados por “Vamos Descobrir Angola” e outros movimentos literários, principalmente pelo movimento modernista brasileiro de 1922, tiveram como diretrizes escritores que exaltavam a Pátria, inspirando-lhes o sentimento e a necessidade de iniciar um movimento literário para manifestar o patriotismo e respeito que sentiam por aquela terra que os acolhera. Mais tarde, em 1950, surge o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola.

Esse grupo de intelectuais sentia forte necessidade de destruir a literatura colonial que repassava a falsa ideia da realidade vivenciada em Angola e não entrava no âmago das realidades e sentimentos dos angolanos. A intenção do grupo era utilizar a literatura como arma de combate. Enquanto estudavam, divulgavam o mundo que os rodeava, o mundo angolano que integravam, mas que tão mal lhes havia sido ensinado. Começa a germinar uma literatura que seria a expressão da sua maneira de sentir, o veículo das suas aspirações - uma literatura de combate por seu povo. Aparecem as primeiras composições literárias marcadas pelas condições ambientais, do que era a realidade existente no momento. Essa visão e inspiração dos literatos

¹¹ Cuanza: é uma província de Angola, as atividades mais importantes da província são a produção de café, a pesca e o artesanato local. A província é famosa pelas suas pinturas rupestres da época do Neolítico e de ruínas de antigas fortificações.

resulta dos conhecimentos adquiridos sobre o homem e sobre a terra. Sob essa perspectiva, surgem as obras dos diversos autores do movimento “Vamos Descobrir Angola”. Estas corresponderam ao mais forte desejo e necessidade do angolano de se reencontrar consigo mesmo, e de divulgar através de manifestos literários, suas ideais e ideologias, almejando a liberdade conquistada por meio da expressão escrita. De acordo com Ervedosa:

“Quase todos os historiadores da literatura Angolana aceitam que foi Viriato da Cruz quem primeiro lançou o grito e que “Vamos descobrir Angola” vieram a ser as palavras de ordem dum movimento”. (ERVEDOSA, 1975, p. 79).

Como nos mostra Ervedosa (1975, p.105): o movimento “Vamos descobrir Angola” desenvolveu um fenômeno literário original da língua portuguesa com adequações e termos da língua mãe, kimbundu. Os escritores ligados a esse movimento, atingiram simultaneamente a colônia e a metrópole, travando grande conscientização da população envolvida e angariando adeptos para o fortalecimento contra o regime autoritário dos colonizadores, dando início ao processo de descolonização das colônias europeias.

Os autores do movimento procuraram nortear suas produções literárias, publicadas em periódicos, pela questão cultural e econômica do país, deixando evidente a recusa de valores portugueses, e expressando a cultura e as tradições locais. Ervedosa (1975, p. 124-125) considera que já se esperava a repressão policial sobre o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, que era previsível o término de publicação da revista Mensagem, logo após o segundo número. Aqueles jovens, porém, com intuito de reforma social e política, se juntariam mais tarde e continuariam sua luta pela liberdade, através da bandeira de um novo movimento político, o MPLA. Ainda conforme Ervedosa (1975, p. 126), vemos que através da união o das classes sociais, o proletariado, a burguesia e os intelectuais se uniriam e apoiariam o Movimento Popular de Libertação de Angola- MPLA. Essa união social angolana fortaleceu o partido; mesmo com a proibição dos portugueses, a imprensa, a literatura e a militância independente caminhavam juntos. A imprensa oficial era influenciada pelo romantismo português; essa escola literária tinha como características a temática relacionada ao amor constante, ao sofrimento pelo amor e à subjetividade. Esses temas eram inversos aos propostos pelos escritores angolanos; esse distanciamento da realidade na literatura autorizada nas imprensas pela polícia local, favorecia os fascistas impostores e dispersaram as ideias revolucionárias que os angolanos já mencionavam. Esses movimentos literários e políticos tinham interesse em não atuar com o distanciamento da realidade, mas de mostrar a intenção dos portugueses em

camuflar as publicações, apresentando-as em forma de romantismo subjetivo. Dessa maneira fica evidente que essas publicações deveriam enganar os angolanos.

Fica claro, para os angolanos, o que a polícia pretendia através da imprensa; porém, esses angolanos não aceitavam escrever com distanciamento sobre a realidade e sim mostrar o que de fato surgia nas comunidades dos musseques e cidades angolanas. Surgem, assim, os primeiros contos angolanos publicados por Castro Soromenho¹², considerado um dos principais nomes até o período de 1949, ligado ao movimento de intelectuais em prol a liberdade. Seus contos apresentavam maior ajuste político e literário, como forma de chegar até o povo e promover o anticolonialismo¹³. Hamilton (1975) esclarece o compromisso social existente entre os escritores de todas as categorias nesse período:

[...] embora num nível mais esmerado no que diz respeito ao artifício, a conhecimentos etnográficos e mesmo à atitude do autor para com os “nativos” que retrata. Era de certo modo, o surgimento da linha cultivada por Castro Soromenho [...] com a diferencia principal de que nos anos 60, em vez de recriar lendas pré-coloniais, os escritores tentavam focar as sociedades tradicionais e o ponto de vista do africano em conflito com o sistema colonial. (HAMILTON, 1975, p. 128).

Era necessário, para concretizar os objetivos dos grupos revolucionários mostrar uma nova forma de fazer literatura e destacar os valores eminentes da cultura e tradição dos angolanos, sob forma de manifesto literário. A proposta de livre expressão e da autonomia literária eram fatores que ocorriam e permitiam a transformação dos conteúdos e das formas literárias; essas resgatavam as tradições africanas de maneira simples. Era um tipo de condutor para os novos direcionamentos da escrita, recebendo uma atenção especial dos intelectuais da época.

No processo de alterações, conquistas, lutas por ideais culturais e políticos com liberdade de expressão e identidade nacional, foram surgindo e se fortalecendo os movimentos políticos. Mesmo estando proibidos, eles se fortaleciam e esse elo entre sociedade colonial e os movimentos de libertação foram tornando cheias as prisões políticas. Os líderes oposicionistas, eram exilados ou mantidos nos cárceres. Porém, no dia 25 de abril de 1974, explode a revolução. A senha para o início do movimento foi dada à meia-noite através da emissora de rádio

¹² Fernando Monteiro de Castro Soromenho (31/01/1910-18/06/1968), foi um jornalista, ficcionista e etnólogo moçambicano. É considerado um escritor do movimento neo-realista e igualmente um romancista da literatura angolana.

¹³ Contrário ao colonialismo, ao sistema político, econômico e social definido pela dominação de uma nação (metrópole), que, mantendo territórios além de suas fronteiras (colônias), estende seu poder a outros lugares, culturas e povos; anticolonialista.

Renascença; uma música proibida pela censura, chamada Grândula Vila Morena¹⁴, de Zeca Afonso. Os militares fizeram com que Marcelo Caetano fosse deposto, o que resultou em sua fuga para o Brasil. A presidência de Portugal foi assumida pelo general António de Spínola. A população saiu às ruas para comemorar o fim da ditadura e distribuiu cravos, a flor nacional, aos soldados rebeldes, em forma de agradecimento.

Nomes de vários escritores, alguns desconhecidos, outros com grande destaque na árdua luta pelo reconhecimento de liberdade da nação angolana, se envolveram nessa manifestação cultural, com o propósito em obter a independência e investir com prioridade nas questões políticas e de nacionalidade. Inclui se também a exigência de conservar o uso da língua portuguesa e das línguas locais, como o kimbundu, além do diálogo com outras nações e principalmente com outras escolas literárias como o modernismo brasileiro e sua exaltação pela pátria.

É necessário salientarmos o envolvimento e o lugar de destaque de José Luandino Vieira na libertação, formação intelectual e política de Angola, ou nas contribuições oferecidas na tríade; político, social e literário. Luandino mostra o quanto a produção literária, em especial o conto, em Angola, caminha em consonância com a proposta de destacar e exaltar o país nos aspectos da tradição oral e cultural.

Luandino foi profundamente ligado à história de Angola, teve um papel decisivo na trajetória da literatura desse país, através dos contos e da forma simples as quais transferia a fala e a vida dos angolanos. Ele dá vida aos personagens, envolvendo-os em tramas correspondentes à realidade social; demonstrando a vida corriqueira, com o objetivo único de denunciar os problemas sociais existentes em Angola e em especial na cidade de Luanda. Ele expõe ainda cenas diárias da vida na cidade oprimida pelos colonizadores de forma tão natural quanto na sua maneira de fazer as alusões com figuras de linguagem, para ressaltar detalhes e conscientizar os leitores da importância da cultura literária e social. Com essa fusão entre literatura e manifestação social, o autor deixa clara, a denúncia social; percebemos que seu envolvimento é de tamanha grandeza que a seu nome de batismo, José Vieira Mateus da Graça, foi acrescentado Luandino, provindo da cidade de Luanda, capital da terra que ele escolheu como sua, e que o acolheu desde criança. Passou chamar-se, portanto José Luandino Vieira.

Focamos nossa pesquisa, no que diz respeito aos fatos da vida e da obra de Luandino Vieira, em dados e informações de Ferreira (1977) no prefácio à 2ª edição, de *A cidade e a*

¹⁴ Anexo B: Letra da música - Pouco após a meia-noite de 25 de abril de 1974 começou a soar na emissora católica de Lisboa a música até então proibida “Grândola, Vila Morena”. Era o sinal combinado para o início do levante militar em Portugal e Angola simultaneamente

infância editado em (2007, p. 103-131) e do próprio Vieira (1977) contidas na quarta reimpressão do mesmo livro (2007). Fazemos referência também a Hamilton (1975, p. 131) o livro *Literatura Africana - Literatura necessária*. Ainda apontamos informações *Papeis da Prisão - apontamentos, diário, correspondência* (1962-1072) do próprio Luandino com a organização de Margarida Calafate Ribeiro (2015, p. 1009 a 1036). De acordo com Hamilton (1975, p. 130) os dados biográficos de Luandino já são bastante conhecidos no meio acadêmico. Porém vale ressaltar a pesquisa de Ribeiro (2015, p. 1011) que nos mostra, em detalhes, a trajetória da vida tanto pessoal quanto militante de José Mateus da Graça. Ele era filho de Joaquim Mateus da Graça Júnior, sapateiro, e de Maria Alice Vieira, camponesa, originário da Lagoa do Furadouro no Alto Ribatejo, Portugal. Seus pais tiveram dois filhos, nascendo o segundo em 04 de maio de 1935, batizado como José Vieira Mateus da Graça. Ribeiro (2015) ainda menciona a chegada dele e da família em Angola, entre 1937 e 1939, quando o casal estava em fase de adaptação e procurava uma cidade para se instalar definitivamente. Somente em 1944 fixam moradia no Musseque do Braga, Luanda, atuais bairros do Café e de Alvalade. Portanto, durante a infância, José Vieira Mateus da Graça vive em total liberdade por Luanda e pelos musseques, onde viveu todas as peripécias da infância em um bairro com grande diversidade cultural. Ele foi absorvendo e acumulando habilidades e conhecimentos que lhe serviram de bagagem para sua futura luta democrática e cultural. Luandino relata, em entrevista, em Vila Nova de Ceveira, entre maio e agosto de 2015, para Roberto Vecchi e Margarida Calafati Ribeiro, inserida no livro *Papeis da Prisão, apontamentos, diário, correspondência* (2015, p. 1051-1052), o quanto foi importante a convivência com os garotos dos musseques. Relata, ainda, que esse convívio ocorreu desde quando ele estava no Liceu, nas próprias formações das equipes para os esportes. Informa também que, anos depois, atentou que sempre formavam a mesma equipe, e com os anos cada qual seguiu escolheu seu percurso. Alguns foram para a milícia, para a parte mais militarizada, e outros escolheram ir para os esportes.

Percebemos nessa colocação o quanto foi importante para Luandino essa convivência no musseque e sua significação para sua formação de cidadão angolano. Ribeiro (2015, p.1013) relata que, em 1946, Luandino conhece António Jacinto (1924-1981) termina parte dos estudos no Liceu, e vai morar na casa dos pais de António Cardoso (1933 – 2006). Dessa amizade surge forte ligação com escritores portugueses, brasileiros e angolanos, e diversas leituras formativas e instrutivas, dando vazão ao prazer em buscar o conhecimento em meio intelectual. Esse grupo cria e organiza jornais manuscritos com o apoio e a colaboração do então José da Graça nos jornais *Às cascas*, *A voz da Quinta* e o *Gaioto*, concomitantemente lançam o nome artístico Luandino. Por questões políticas ele só faz a averbação do acréscimo do nome no cartório em

1976. Luandino faz sua primeira publicação no jornal em 1947, com o Conto “*Mendigo*”. O próprio Luandino, no prefácio 2ª edição (2007, p. 111), nos fala do envolvimento com esses intelectuais, quando relata que “Com a ajuda do Antonio Jacinto, que, à distância e aos domingos de manhã, nos ia subtilmente orientando e enquadrando, via literatura, para a “outra coisa” [...]”. Confrontamos a informação em Ribeiro (2010, p. 1013), que confere e esclarece que em 1946, António Jacinto termina os estudos secundários no L.N.S.C¹⁵. e vai morar na casa de António Cardoso, esse, é muito amigo de Luandino. Por questão de convivência com o amigo António Cardoso, Luandino conhece António Jacinto e nesse período surge a amizade. António Jacinto inclusive, indica-lhe diversas leituras formativas, como; Gorki, Zola, Balzac, Camilo Castelo Branco, Eça de Queiroz e outras. António Cardoso profundamente influenciado por António Jacinto, cria e organiza jornais manuscritos, com o apoio e a colaboração de José da Graça e outros jovens. Hamilton (1975) neste sentido relata:

José Luandino Vieira é um produto feliz do paradoxo do sistema colonial português. Isto é, filho de colonos humildes, ele foi criado em bairros populares onde conviveu com meninos das três comunidades rácico-sociais, e não só observou como também participou da vida crioulo-kimbundu dos musseques e da zona suburbana. (HAMILTON, 1975, p. 130).

O próprio Luandino (2007, p. 111) no prefácio da segunda edição da *A cidade e a infância* (2007) e Ribeiro (2015, p. 1013) afirmam que, em 1957, após cumprir o serviço militar por dois anos em Huambo, Luandino retorna a Luanda, como primeiro cabo do exército para cuidar de livros na Biblioteca do Quartel- General. Porém como relata Luandino referindo se à movimentação da Biblioteca os angolanos em geral, não têm o hábito de leitura, e, enquanto ele permanecia na Biblioteca, fazia seu ritmo de leitura constante e diária, com companheiros como António Cardoso, Henrique Abranzen e Hélder Neto. Ainda nesse período de 1957, o grupo que se reunia com frequência, resolvera publicar um caderno *Nzamba- força e lealdade do elefante* - (Nzamba é elefante, em kimbundu) no qual estariam inseridos e seriam integrados quatro contos de Luandino com o título *A cidade e a infância*. Arranjaram uma tipografia: ABC. Após toda a negociação e o pagamento da publicação de 500 exemplares, o grupo estava convicto de que estes estariam prontos na data prevista. Porém, no dia marcado, os exemplares foram apreendidos pela PSP¹⁶. Por acaso, mais tarde, Luandino teve a informação de que o próprio dono da tipografia denunciara a impressão e chamara a polícia, para apreensão do material.

¹⁵ L.N.S.C - Liceu Nacional Salvador Correria, atual Escola Mutu Ya Kevela, Luanda. (RIBEIRO, 2015, p. 1013).

¹⁶ PSD: Polícia de Segurança Pública

De acordo com informações recolhidas por Ribeiro (2015, p. 1018) Luandino, foi detido e preso pela PIDE em 1959, acusado de ligações ao MPLA. Sem provas concretas, foi liberado em seguida. Ainda nesse período dos anos 50, foi preso juntamente com os integrantes do movimento, incluído no chamado “*Processo dos 50*”. Tratava-se de um conjunto de três processos políticos que se iniciariam a 29 de março de 1959 com as prisões de vários nacionalistas angolanos e terminaram em 24 de agosto do mesmo ano com a última prisão. Deu-se esse nome a eles devido ao fato de um dos detidos ter enviado a seu irmão, que residia no exterior, uma carta manifestando a prisão de cinquenta nacionalistas. Essa carta foi divulgada, o mundo conheceu a estratégia salazarista e o que ocorria, de fato, em Angola. Essa manifestação das ocorrências desmascarou a PIDE, e não foi possível impedir que as prisões fossem de conhecimento internacional. No envolvimento e acusação com o “*Processo dos 50*”. Ribeiro (2015, p. 18) na sequência do assunto “Processo dos 50”, explica que muitos desses escritores, intelectuais e políticos que foram presos e condenados por suas “expressões colocarem em risco a unidade da nação portuguesa, entendido pelo regime como inseparável das suas colônias”, são repreendidos pela Polícia Política que se sentindo ameaçada pelos manifestantes nativistas internos como pela pressão externa do organismo internacional como a ONU.

Ribeiro (2015) relata as condições da escrita de Luandino mediante a intranquilidade do sistema político:

É, pois, neste ambiente de efervescência nacionalista, por um lado, e de clandestinidade, por outro, imposta pela falta de liberdade inerente a um regime ditatorial, que José Luandino Vieira cresce política e literariamente. Na verdade, o projeto literário e político de José Luandino Vieira já estava em marcha antes da prisão e, portanto, em situação de clandestinidade, como é visível na sua primeira novela, **Cidade de Infância**, [...], escrito, nas palavras de José Luandino Vieira, em “liberdade vigiada”, ou seja, em clandestinidade [...]. Posteriormente, em situação de prisão, o projeto político e literário vai-se adaptar às condições do cárcere e usufruir das vivências e experiências aí tidas, mas não muda substancialmente na sua essência política: adapta-se, desenvolve-se e, sobretudo, afirma-se definitivamente na literatura angolana e no cenário político. (RIBEIRO, 2015, p. 16, grifo nosso, para destacar a grafia do autor).

De acordo com informações de Medina (2005, p. 81-82), em 1961 ocorrem várias prisões simultâneas e a PIDE, por meio de forças impostas, conseguiu informações concretas sobre a junção de dois movimentos, movimento de Libertação de Angola e o Movimento de Libertação Nacional, dando lugar ao Movimento de Libertação Nacional de Angola. Nessa operação foram detidos 42 indivíduos brancos e de cor, para aguardar julgamento. A PIDE,

agrupou esses indivíduos em três processos: o primeiro contava com 20 acusados, todos da raça negra, o segundo, com 15 acusados, mestiços e negros pertencentes ao Movimento para a Independência de Angola e o terceiro processo refere-se ao grupo de acusados do Movimento de Libertação Nacional de Angola, e inclui três brancos naturais da Metrópole, dois brancos naturais de Angola, um mestiço e um negro. Essas foram as descrições apresentadas em relatórios da PIDE e publicadas por Medina (2005), Luandino constava desse processo. Medina (2005) nos esclarece que:

Este terceiro processo foi enviado a tribunal em outubro de 1959, e nele foi deduzida querela provisória contra 8 réus, tendo sido ordenada a captura de Helder Neto e José Graça.¹⁷ [...] nesse mesmo dia José Graça foi conduzido para a Casa de Reclusão Militar onde se encontravam os presos dos dois outros processos. Porém ao ser proferido o despacho [...] ao réu José Graça, mandando-se que os autos ficassem a aguardar a produção de melhor prova. (MEDINA, 2005, p. 81-82).

Mediante as evidências dos fatos foi constatado que o grupo todo se unira na luta de liberdade, independentemente de serem ou não angolanos, ou pertencerem a diversas convicções políticas e religiosas. A PIDE concluiu que, com os processos de distinção de presos e o direcionamento deles para cadeias em diferentes pontos estratégicos, o poder colonial tinha conseguido decepar as cabeças orientadas da luta de libertação; mas a história demonstrou que o resultado produzido foi o de apurar a luta.

Ribeiro (2015, p. 1022) relata, com muita clareza, os fatos envolvendo a prisão de Luandino, quando ele, António Cardoso e António Jacinto pertencentes ao terceiro grupo, são acusados de arquitetar e organizar uma rede de apoio ao MPLA. Porém, por decisão da PIDE, cada qual teve que contratar seu próprio advogado de defesa, como observaremos na citação abaixo no que consta a data do julgamento, 08-07-1963:

O julgamento, no Tribunal Militar Territorial de Angola, em Luanda, dura uma semana. É um momento de grande ebulição, em que se fala de pena de prisão de 25 anos e até de pena de morte. A sentença é adiada e o processo remetido para o Ministério da Defesa em Lisboa. O veredicto só é pronunciado, por unanimidade, a 22 de julho sendo José Vieira Mateus da Graça considerado culpado da prática de crime contra a segurança externa do Estado. (artigo 141, nº 1, do Código Penal: intentar por qualquer meio violento ou fraudulento, com o auxílio estrangeiro separar a Mãe- Pátria¹⁸ ou entregar

¹⁷ Ver anexo C: Documento do Termo de Juntada/Termo de Conclusão

¹⁸ Ver anexo D: Diário de Notícias. Divulgada a sentença que condenou Luandino Vieira a catorze anos de prisão. LISBOA, 27 de maio, 1965.

a país estrangeiro todo ou parte do território português, ou por qualquer desses meios ofender ou puser em perigo a independência do país). (RIBEIRO, 2015, p. 1022).

Nessa apuração dos fatos e de julgamento Luandino juntamente com António Cardoso e António Jacinto foram presos, e condenados a 14 anos, com suspensão de todos os direitos políticos por 8 anos. Luandino foi libertado em 1972 e mantido em regime de residência vigiada em Lisboa. Somente em 1975 ele regressa a Luanda. No mesmo ano integra o grupo de Proclamação da União de Escritores Angolanos.

Esses relatos e depoimentos dos presos integram as pesquisas de Luandino Vieira, inseridas no livro *Papéis da Prisão*, (2015). No capítulo, Frágeis folhas, da referida obra lemos que:

O processo de escrita destes Papéis tem como termos cronológicos e fronteiras espaciais a entrada do escritor no Pavilhão Prisional São Paulo de Luanda (1961) e a sua saída do Tarrafal (1972). A materialidade destes cadernos é composta por aproximadamente 2000 frágeis folhas manuscritas onde José Luadino Vieira anotou a sua visão do cárcere como observatório excepcional da nação angolana, manifestou os seus projetos políticos e literários, evidenciou o projeto comunitário de Angola como o veículo da união e resistência coletiva e expressou as angústias e sonhos pessoais. (RIBEIRO, 2015, p. 17).

Com esse processo de depoimentos no cárcere, Luandino escreve com a simplicidade das gentes dos musseques e todo o material recolhido dá origem a oralidade textual em forma de conto, conservando a memória coletiva angolana e destacando a importância do griô¹⁹ que é classificado como uma biblioteca viva.

Ao transcrever elementos e estratégias discursivas próprias à língua oral em sua obra, mais especificamente a língua da gente dos musseques, Luandino comprova que o apego à oralidade não é índice de fragilidade ou impotência mas símbolo de que os angolanos, ainda que inconscientemente, respiram sua própria identidade, e que o sentido da literatura, é uma forma para abordar as questões que envolvem raça, etnia e valores culturais de um povo, no qual existe um grande esforço em ampliar estéticas e apresentar um novo estilo de escrita vindo do cotidiano dando voz ao negro.

Luandino Vieira, autor de poesia, novela, romance e conto, consegue unificar interesses e apontar que há igualdade entre todos; ele se preocupou em escrever detalhes mais próximo da oralidade angolana, valorizou as raízes e destacou a importância de contar histórias mostrando

¹⁹ Griôs ou Griots: são artesãos das palavras, contam histórias. São considerados bibliotecas vivas. MACHADO (2012).

a realidade angolana com suas tradições e culturas. De acordo com informações adquiridas da União dos Escritores Angolanos, U.E.A., no Bio-Quem (dados biográficos dos nossos autores, segundo o site); essas informações relatam que Luandino cumpriu a pena de prisão no Campo do Tarrafal, em Cabo Verde, regressando a Portugal em 1972, com residência vigiada em Lisboa. Porém, Luandino regressou a Angola em 1975 onde permaneceu até 1992.

Durante o período de permanência em Angola, Luandino exerceu várias funções culturais e políticas, que classificamos nesse capítulo como a tríade, político, social e literário, sua atuação foi como, diretor da Televisão Popular de Angola, de 1975 a 1978, diretor do Departamento de Orientação Revolucionária do MPLA, até 1979 e diretor do Instituto Angolano de Cinema, de 1979 a 1984. Luandino ainda participou na fundação da União dos Escritores Angolanos, de que foi Secretário-Geral por dois mandatos, (1975-1980 e 1985-1992) e foi também Secretário-Geral Adjunto da Associação dos Escritores Afroasiáticos (1979-1984).

Após as primeiras eleições livres (em 1992) e o reinício da guerra civil, Luandino, voltou a Portugal, no Minho Vila Nova de Cerveira, onde vive em isolamento na propriedade de um amigo, e passou a dedicar-se à agricultura. No decorrer do período em que Luandino iniciou se a frente das manifestações literárias até sua trajetória pós libertação do Tarrafal, ele colaborou com preciosas escritas jornalísticas como: *Mensagem, da Casa dos Estudantes do Império de Lisboa*, (Lisboa, 1950; 1961-1963), *O Estudante* (Luanda, 1961), *Cultura* (Luanda, 1961), *Boletim Cultural do Huambo* (Nova Lisboa, 1958), *Jornal de Angola* (Luanda 1961-1963), *Jornal do Congo* (Carmona, 1962), *Vértice* (Coimbra, 1973) e *Jornal de Luanda* (1973 -?). Além das escritas jornalísticas ele publicou várias modalidades textuais, sempre com o mesmo objetivo, denunciar as irregularidades e as imposições do colonialismo português, percebemos que maior número de publicações são referentes aos contos, *A cidade e a infância*, (1957, 1960, oficial) *corpus* de estudo; *Duas histórias de pequenos burgueses*, (1961); *Luuanda*, (1963); *Vidas novas*, (1968); *Velhas histórias*, (1974); *Duas histórias*, (1974); *No antigamente, na vida*, (1974); *Macandumba*, (1978), *Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto & eu* (1981) e *História da baciazinha de Quitaba* (1986).

Luandino ainda escreveu duas novelas, *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, (1961) e *João Vêncio. Os seus amores*, (1979, 2004). Nos romances luandinenses encontramos, *Nosso Musseque*, (2003), *Nós, os do Makulusu*, (1974), *O livro dos rios, 1º vol. da trilogia De rios velhos e guerrilheiros*, (2006). Entre suas obras ele escreveu uma infanto-juvenil, *A guerra dos fazedores de chuva com os caçadores de nuvens. Guerra para crianças* (2006) e ainda, *Kapapa:*

pássaros e peixes (1998), *À espera do luar* (1998), fez tradução de *A Clockwork Orange* (Laranja Mecânica) de Anthony Burgess, (1973).

Em sua carreira literata Luandino recebeu prêmios como, *Grande Prémio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores* (Prémio Camilo Castelo Branco, 1965), *Prémio Sociedade Cultural de Angola* (1961), *Casa do Império dos Estudantes* - Lisboa (1963), *Prémio Mota Veiga* (1963), *Associação de Naturais de Angola* (1963) e *Prémio Camões* (2006), esse último, é considerado o maior galardão literário da língua portuguesa, porém Luandino o recusou alegando motivos íntimos e pessoais.

2 O CAMINHO PERCORRIDO DA ORALIDADE À ESCRITA ANGOLANA

O cenário dos musseques refletia a simplicidade e a ingenuidade do povo angolano e seu próprio ritmo e forma de veicular a sobrevivência, através da simplicidade, tanto de vida quanto de cultura. Em decorrência de sua simplicidade, os angolanos buscavam como atividades somente aqueles que supriam as necessidades mais imediatas de uma vida prática, com pouca atividade intelectual, e esta deveria estar de acordo com a tradição deixada pelos ancestrais. Diante disso, nos questionamos: até que ponto a invasão portuguesa deixou que a tradição de simplicidade dos angolanos fosse mantida após a imposição da cultura europeia? De que forma os portugueses foram desumanos ao forçar os angolanos a uma mudança drástica de vida que se arrastou por séculos? Como uma nação inteira conseguiria apagar as raízes culturais que já se ramificavam e unificavam corpo, alma e ser? Nossos questionamentos nos fizeram caminhar lado a lado com a teoria da Geração 50, com base nas indicações de Hamilton (1975, p. 79-90) que dedica o capítulo três Os descobridores de Angola, do livro *Literatura Africana- Literatura Necessária I- Angola ao problema*. Hamilton (1975) considera que os intelectuais literários da Geração 50 abriram as portas à preservação cultural, respeitaram a cultura existente em Angola e mostraram a necessidade da união entre povos, independentemente da cor. A motivação de luta pela liberdade política, religiosa e cultural era também o objetivo de muitos brancos, filhos dos colonizadores. Muitos desses partiram, em 1940, para Lisboa, em navios cheios de gente em busca de uma vida melhor, como também buscando a realização dos sonhos de aventura. Muitos jovens foram para Lisboa completar o ensino secundário nos liceus da metrópole portuguesa, e outros, ainda, para a formação universitária. Esses jovens estudantes de várias regiões da África, se uniram, principalmente em Lisboa, para suprir a falta e a distância dos pais e amigos que ficaram nos países africanos. Reuniram-se, em Lisboa, e fundaram a Casa dos Estudantes de Angola. A partir de 1940, o local passaria a servir de ponto de encontro dos amigos recém-chegados das colônias e dos jovens de Portugal. Nesses encontros eles procuravam suprir as saudades dos entes queridos que estavam distantes.

Segundo Ferreira (1977, p. 103-104) as reuniões na Casa dos Estudantes de Angola, começaram a perturbar os oficiais salazaristas de Lisboa, no período de 1945. Em 1948, a política salazarista estava interessada em controlar o movimento dessa associação de estudantes coloniais. Para facilitar o controle das associações em geral. O estado promoveu a unificação de várias instituições de apoio aos jovens, que resultou no surgimento da Casa dos Estudantes do Império, com o intuito de facilitar o seu controle. Fica evidente que o controle da polícia não

teve o efeito desejado, porque mesmo com a censura da Casa dos Estudantes de Angola, a disseminação das ideias revolucionárias já estava avançada e já havia levado esses jovens a adentrar ao mundo literário e político, contra o sistema repressor. Eles continuavam ativos na então Casa dos Estudantes do Império, de onde surgiram vários nomes que se destacaram na literatura e na política. Foram várias as publicações de revistas, jornais, livros e promoções de concursos de literatura ali realizada. Padilha (2011) relata o envolvimento e as publicações por meio da associação:

O chamamento dos Novos Intelectuais será, mais que o boletim da CEI - pelo menos em 1957 - a pedra do toque instauradora da modernidade, sobretudo com os quatro números de Mensagem e a segunda fase do jornal Cultura (1957-1960), da Sociedade Cultural de Angola. O movimento “mensageiro” é eminentemente poético, mas a ficção também aparece em suas páginas. Já em Cultura se abre um espaço maior para a prosa, sem que, no entanto, os poetas deixem de nela colaborar. (PADILHA, 2011, p. 204-205).

Padilha (2011, p. 205) destaca que, na década de 50, surge a produção ficcional em textos curtos. Esse tipo de estrutura ficcional foi bem aceito pela população, porque relatava os ambientes e a própria identidade dos que estavam inseridos no movimento; na década de 1960, porém, inicia-se um período com várias publicações de narrativas curtas, em periódicos ou em forma de antologias.

Quanto aos anos 1961 e 1962, Ferreira (1977, p. 105) enfatiza que as entidades coloniais viviam sempre desconfiadas esperando informações dos delatores ocultos. Nesse período, o governo impõe à Casa dos Estudantes do Império uma Comissão Administrativa para controlar todas as atividades, assim como eram controladas todas as instituições e associações existentes. Ferreira (1977) ainda mostra a necessidade de unir forças através dos livros, porque a força da inteligência e do conhecimento seria o caminho para a libertação. Para a polícia, porém, esse comportamento era uma ameaça, e ela utilizava qualquer método de repressão ou opressão para estagnar a disseminação do conhecimento e a consciência revolucionária.

O movimento estava acontecendo, concomitantemente, em Lisboa e em Angola, onde a literatura angolana em língua portuguesa, produzida pelos filhos da terra, conforme Ervedosa (1974, p. 101), é uma consequência do colonialismo. Para reverter e conscientizar a nação angolana das situações implantadas pelos portugueses em suas terras, foram necessárias a reação e as reivindicações culturais do povo colonizado, tornando-o resistente à luta e garantindo que esse movimento cultural fizesse surgir, em Angola, uma literatura plenamente angolana. Essa mobilização, em Angola, é consequência do movimento estudantil surgido em

Lisboa, acima citado. Everdosa (1974, p. 137) ainda relata que em Lisboa, em 1965, ocorria o encerramento das atividades da Casa dos Estudantes do Império e da Sociedade Portuguesa de Escritores.

O fechamento da Sociedade Portuguesa de Escritores, ocorreu após o escândalo envolvendo a atribuição do 1º prêmio “novelística” a Luandino Vieira, pela obra literária *Luuanda* (1963). O Jornal ABC, *Diário de Luanda*²⁰ relata, em sua primeira página, que a Sociedade Portuguesa de Escritores atribuiu o primeiro prêmio de novelística, no valor de cinquenta contos, ao livro *Luuanda*, de Luandino Vieira, recebido por sua esposa D. Ermelinda Graça²¹. O prêmio teve ampla divulgação nos jornais. O *Diário de Lisboa*²² e o *Jornal República*²³ apresentam matérias referentes a três importantíssimos prêmios da literatura, nas modalidades, romance, novela e ensaio. Os prêmios conferidos foram: Camilo Castelo Branco (romance), instituído pelo Grêmio Nacional dos Editores e Livreiros, com o patrocínio da Sociedade Portuguesa dos Escritores, atribuído a Isabel da Nobrega. A segunda modalidade foi o Grande Prêmio da Novelística, atribuído a Luandino Vieira e a terceira, o Grande Prêmio de Ensaio, atribuído a Armando Castro. Esses dois últimos foram instituídos pela Sociedade Portuguesa de Escritores, com o patrocínio da Fundação Gulbenkian. Luandino foi premiado em 1964 por decisão de um júri constituído pelos escritores Alexandre Pinheiro Torres, Augusto Abelaira, Fernando Botelho, João Gaspar Simões e Manuel da Fonseca. Na mesma reportagem do jornal há uma referência a Luandino considerando-o ‘um jovem radicado em Angola, habitado pelo demônio do talento, portador dos anseios e inquietações que atormentam os homens do nosso tempo e ardendo em chama de generoso ideal. A Luandino Vieira, foi nessa referência, considerado “o sinal prodigioso do nascimento da ficção angolana”. Confirmando esse reconhecimento da crítica, desponta outra reportagem no ABC *Diário de Angola*²⁴, reconhecendo Luandino como “um cronista no sentido neorrealista do termo, onde descreve a cidade humilde e os labirintos dos bairros de pau-a-pique que se opõem aos arranha céus que se miram na baía”.

²⁰ Ver anexo E - (*Luuanda*, de Luandino Vieira, 1º prêmio de novelística as Sociedade Portuguesa de Escritores. ABC, *Diário de Angola*, 16 de maio de 1965, p. 1).

²¹ Ver anexo F – ABC: *DIÁRIO DE ANGOLA*. Teve assinável brilho: a entrega do prêmio Mota Veiga. Luanda: 23 de dezembro, 1964.

²² Ver anexo G - Foram atribuídos os prêmios literários da Sociedade Portuguesa de Escritores. (*Diário de Lisboa*, 19 de maio de 1965, p. 24).

²³ Ver anexo H – Armando de Castro, Luandino Vieira e Isabel da Nóbrega, grandes prêmios literários da Sociedade Portuguesa de Escritores (*República*, 19 de maio de 1965, p. 7).

²⁴ Ver anexo I - *Luuanda*, assinala o nascimento de uma literatura. ABC *Diário de Angola*, 30 de outubro de 1964, p. 3.

No momento em que a Sociedade Portuguesa de Escritores concedeu o prêmio a Luandino, ele se encontrava na prisão de Tarrafal, mas seus eram divulgados, conforme:

Dentro das prisões consegue, com os outros presos, políticos e de delito comum, organizar uma rede de comunicações interna clandestina. Contudo, paralelamente a estas comunicações internas, consegue assegurar um sistema de comunicações com o exterior. [...]. Mas é nas visitas regulares de Linda, Ermelinda Graça, que utilizava um saco com um fundo falso por onde entram e saem alimentos, roupas e, clandestinamente, bilhetes, recomendações, correspondência, manuscritos literários e colaborações para jornais. São estes veículos de comunicações clandestinas, internas e externas, que lhe permitem continuar o seu trabalho literário e político [...]. Mas é 1963 que escreve os contos que viriam a compor o livro *Luuanda*. (RIBEIRO, 2015, p. 1023-1024).

O prêmio Mota Veiga, atribuído a Luandino, abalou drasticamente a Sociedade Portuguesa de Escritores que, como consequência, acabou fechando. A notícia foi amplamente divulgada nos jornais de Lisboa²⁵ e Angola²⁶. O Professor Galvão Teles, então ministro de Educação Nacional, considerou que o júri atribuiu o Prêmio de Novelística a um condenado por atividades de terrorismo na província de Angola. Julgando o fato grave e diante da não manifestação do júri em mudar sua conduta, ficou estabelecida a extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores.

Devido ao ocorrido e para esclarecimentos dos fatos, Joaquim Paço D'Arcos, presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores, redigiu um documento, *A dolorosa razão duma atitude*:

Recusara-me sempre, nesses cargos, a ser instrumento de qualquer política, fosse ela qual fosse. Muito menos o seria duma política que, justificada embora aos olhos de outros, não o era aos meus olhos portugueses. [...] Pretendiam-me a muitos dos seus componentes laços de amizade e de fraternidade literária. E como escritor fui sempre fiel à minha missão e à obra que ela me permitiu erguer. [...] cheguei a uma altura de vida em que nenhuma ambição me anima senão a de prosseguir a obra literária e em que nenhuma cobiça me atormenta, porque na limitação dos bens materiais encontro a disciplina para não vender a alma do artista aos deuses que a corrompem e que a escravizam. (D'ARCOS, 1965, p. 17-18).

Nesse mesmo documento Joaquim Paço D'Arcos, entrega seu cargo de presidente da Sociedade e lamenta que uma entidade com interesse literário fosse tão drasticamente controlada pelo regime, que utilizava de todos os meios para impor o poder, inclusive invadindo a Associação e forjando um assalto e destruindo os equipamentos, livros e arquivos. Esse

²⁵ Ver anexo J - O despacho de extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores, Diário de Lisboa, 22 de maio de 1965, p. 10.

²⁶ Ver anexo K - Dissolvida pelo Ministro da Educação a Sociedade Portuguesa de Escritores, ABC - Diário de Angola, 22 de maio de 1965, p. 9.

episódio, fortaleceu os jovens intelectuais e os grupos revolucionários e os angolanos, que se uniam e se manifestavam em prol a liberdade de expressão e de independência. Nesse momento, a literatura angolana começa a dar os primeiros passos concretos rumo à liberdade de expressão; seus escritores, mostram a recuperação da palavra dentro de um discurso angolano autêntico, com padrões próprios da língua mãe, o kimbundu. Eles também relatam conteúdos corriqueiros dos bairros de Luanda. Esses relatos são utilizados como marcas ideológicas pelos escritores envolvidos na luta pela libertação de Angola, que tinham um objetivo concreto; mostrar para a polícia e para os governantes que os angolanos estavam unidos e pretendiam, por meio desses textos, expressar seus ideais de conquista e de liberdade de expressão. As dificuldades enfrentadas pelos literatos e cidadãos angolanos são referidas no prefácio da segunda edição de *A cidade e a infância*. (1977) Nele, Manuel Ferreira (2007, p. 103-131) transcreve, com detalhes, alguns fatos relevantes que procederam o percurso da escrita e da publicação do livro. Ele relata a dificuldade de Luandino para publicar seu livro em meio ao caos político e sociológico de Angola. Ferreira (2007, p. 130) faz uma referência às dificuldades vividas pelas gentes dos musseques: “Do caos se fez espaço sagrado, igual e libertado”. Inserindo essa referência no contexto social, percebemos que, em meio ao caos, a tragédia, vivida pelos angolanos, eles consideravam o espaço ou o meio, um ambiente sagrado, pelo qual valia a pena lutar. Mesmo encontrando obstáculos eles acreditavam que a liberdade tornaria Angola mais sagrada. Ferreira (2007) relata ainda a dificuldade percorrida para sua publicação da obra:

Enfim, aqui estão ao nosso alcance dez estórias, escritas, a mais antiga em 1954 e as últimas em 1957, em Angola, na cidade de Luanda, “a nossa terra de Luanda”, expressão de Luandino [...]. Dez estórias que, no conjunto, e na sua capacidade significativa, então já ultrapassavam o realismo crítico mercê da relação que o narrador estabelece com algumas personagens ou com os próprios acontecimentos narrados, deste modo apontando já para as características do realismo socialista (FERREIRA, 1977, p. 130-131).

A dez estórias referidas na citação acima compõem *A cidade e a infância* (2007), Aqui são apresentadas na mesma sequência do livro e com a data de publicação: 1) Encontro de acaso (13-09-1954), 2) *O despertar* (19-04-1955), 3) *O nascer do sol* (07-07-1955), 4) *A fronteira de asfalto* (07-07-1955), 5) *A cidade e a infância* (31-03-1956), 6) *Bebiana* (08-12-1956), 7) *Marcelina* (05-02-1957), 8) *Faustino* (08-02-1957), 9) *Quinzinho* (08-02-1957) e, 10) *Companheiros* (20-04-1957). Os contos terão suas considerações interpretativas logo adiante, no capítulo III.

Ferreira (1977) esclarece que a obra *A cidade e a infância* (1977), passou por dois períodos até chegar à publicação: no primeiro período, o da escrita, Luandino consegue transcrever em seus contos a realidade crítica do processo perturbador pelo qual passava Angola com lutas, prisões e intimidação social vivenciados pelos angolanos. Seus contos são cheios de verossimilhança e apresentam a vida simples nos musseques e as precariedades nas habitações. O segundo período foi o momento da publicação da obra, no qual o processo de luta pela independência de Angola já estava concretizado. Ferreira (1977) esclarece que a defasagem cronológica existente entre a escrita e a publicação, dezesseis anos, é o período de transformações sociais que marcaram os cidadãos angolanos não preparados para recebê-las tão drasticamente. Ferreira (1977) ainda menciona que “o espaço profanado pelo outro, pelo colonizador, é a realidade evidente na agressão, na repressão e na destruição do Ser,” referindo-se à denúncia do realismo social realizado por Luandino em *A cidade e a infância* (2007).

Buscamos maior explicação quanto ao compromisso social e ao momento conturbado pelo qual Angola passava. Hamilton (1975, p. 125), destaca o controle da censura oficial nos anos 50 e 60, sobre as publicações. A polícia determinava o que seria publicado ou não. Surgem, então, os Novos Intelectuais de Angola, grupo de dirigentes da Sociedade Cultural de Angola em Luanda, e, em Portugal, os estudantes angolanos que lá se encontravam, fundaram suas próprias revistas e coleções literárias. Esse grupo, sem recursos financeiros suficientes e sob a represália da polícia, conseguiu alavancar publicações de grande significação para a literatura angolana. Em 1960, a Casa dos Estudantes do Império publicou *Contistas Africanos*, uma antologia dividida em quatro categorias, que continha histórias tradicionais dos africanos. Entre elas, as histórias de Castro Soromenho e Óscar Ribas, que conceberam ligação entre a literatura pré-colonial e a chegada dos europeus. Percebemos, nessas publicações, que a literatura conseguia destacar histórias tradicionais e essa evolução já era uma conquista. Hamilton (1975, p. 126) esclarece que os escritores das revistas *Mensagem* e os de *Cultura*, publicadas também nos anos 1950 e 1960, não tinham autonomia de expressão, e, por isso, eram alvo frequente da proibição da polícia. Essas publicações, relativamente vulneráveis em decorrência da situação social, encontravam ainda dois fatores que lhes causariam maiores dificuldades: o regime policial e as contingências financeiras. Por esses fatores, as publicações diminuíram, principalmente com respeito à poesia; porém ficou garantido o aparecimento de uma prosa de ficção, estas abordava com maior intimidade a problemática social. Em 1960 ressurgiu a narrativa colonial respeitando os artifícios locais e os conhecimentos etnográficos, na qual o autor utiliza e respeita os relatos dos nativos e utiliza essa bagagem de memória coletiva e saberes existentes do meio em que os nativos protagonistas vivem. Esses autores deixaram de

escrever e criar lendas novas alheias a realidade angolana e iniciaram o processo que ressaltava e divulgava as sociedades e seus ancestrais o, ponto de vista dos próprios africanos.

Hamilton (1979, p. 130) nos mostra que nesse período colonial despontaram grandes publicações; ele dá ênfase à primeira publicação da obra *A cidade e a infância* (1957), quando menciona que Luandino é um produto feliz do paradoxo do sistema colonial português, por ser filho de colonos portugueses humildes e por ter vivido com os meninos das três comunidades rácico-sociais. Por causa disso, Luandino não só observava essas comunidades como também participava da vida crioulo-kimbundu dos musseques e da zona suburbana, como personagem integrante no meio. Por essa interação entre um filho de colono que respeitava o meio angolano e seus moradores, Hamilton (1979), considera que Luandino seja um escritor autenticamente angolano. E destaca ainda que, quando ocorreu a estreia de Luandino como ficcionista, em *A cidade e a infância* (1957), sua publicação foi apreendida pela polícia ainda na tipografia. Depois, a mesma obra foi reeditada em 1960, pela Casa dos Estudantes do Império. Consideradas as publicações realizadas nesse período, os integrantes da Casa dos Estudantes do Império começaram a perceber que estavam obtendo maior liberdade, mesmo que vigiada, porém, com menos perseguição da polícia salazarista. Devido à publicação de *A cidade e a infância*, Luandino foi intitulado, mais tarde, o cronista-griot, o que ainda nesse capítulo será discutido. A esse respeito Hamilton considera:

A coleção de contos, com a dupla dedicatória, “Para ti, Luanda”, “Para Vocês, Companheiros de Infância”, inicia a carreira do jovem escritor como codificador daquelas partes da cidade além d’ “A fronteira de Asfalto”. Implícito neste título e no conto que introduz, há o processo contra a cidade europeizada, o qual, por nostálgico e inocente que fosse, em nada podia agradar às autoridades coloniais. Este volume, que é um tipo de hino à cidade crioulo-africana, contém também os inícios das técnicas e do discurso narrativos que mais tarde caracterizaram Luandino Vieira como cronista-griot de Luanda (HAMILTON, 1975, p. 131, obedecendo a grafia do autor).

Conforme constatamos na citação acima, Luandino, além de jovem escritor, torna-se um codificador das nuances literárias que envolvem Luanda e a literatura angolana; transcreve, o sentido intrínseco entre as fronteiras existentes na própria cidade (espaço), assim como as fronteiras existentes entre seus habitantes (colonizados e colonizadores). Essa capacidade de Luandino em discernir fronteiras ou lacunas, constituem seu diferencial como escritor cronista.²⁷ Luandino foi apurando sua arte literária por intermédio do seu compromisso social e de sua conscientização política; os acontecimentos corriqueiros o levaram a firmar

²⁷ Depoimento do próprio Luandino no prefácio da segunda edição *A cidade e a infância* (1977).

compromisso de lealdade com a cidade que tanto amava e com os amigos do mesmo ideal. Devido as produções literárias expressas sob forma de manifestos, ocorreram muitos conflitos envolvendo a PIDE que atuava com austeridade impondo a força para mostrar seu poder de coesão. Esses acontecimentos levaram a queima de publicações, prisão, queima de arquivos como livros, revistas e jornais, qualquer forma de expressão contrária às ideias salazaristas. Hoje esses arquivos destruídos seriam considerados biografias histórico-sociais, importantíssimas para demonstrar fatos históricos da época. Finalmente, devido a esses episódios de destruição, ocorria o fortalecimento do grupo revolucionário e a certeza de que os discursos com raízes africanas, em especial angolanas, estavam surtindo efeito nos meios policiais, concomitantemente, despertavam interesse por sua leitura na população.

Andrade²⁸ (1960, apud VIEIRA, 2007, p. 133) no prefácio à primeira publicação da obra *A cidade e a infância*, relata que essa obra é uma mensagem de amor e esperança para a época, julga que os críticos podem dizer que a obra não transmite segurança e demonstra falta de maturidade, por ser publicada um pouco atrasada; mas, segundo ele, “a estreia será (estou certo) auspiciosa”! Conferimos a fala de Andrade (1977) com Ferreira (1977), acima citado nesse capítulo, e constatamos a relação entre as citações que concordam que a obra foi publicada com retardo de data, porém não com retardamento do assunto. Ferreira (1977, p. 133) na citação acima menciona: “já ultrapassavam o realismo crítico mercê da relação que o narrador estabelece com algumas personagens ou com os próprios acontecimentos narrados, deste modo apontando já para as características do realismo socialista”. Verificamos que a obra mesmo com publicação tardia, atingiu todos os objetivos propostos com relação ao compromisso social, que são os de relatar e denunciar as fragilidades e agressões tantas na parte física quanto na parte psicológicas e comportamental dos angolanos.

Ainda no prefácio de *A cidade e a infância*, Ferreira (1977) refere que Luandino esteve sempre na linha de frente com os literatos e também como representante da população humilde e muitas vezes analfabeta, para transcrever as denúncias sociais e os fatos sob forma de manifestos e de crítica. Sabemos da importância e da luta de Luandino no contexto já mencionado no capítulo I, porém vale destacar que, mesmo no cárcere, quando preso em Tarrafal²⁹ (1962), Luandino (2015), continuou sua escrita. Por segurança, ele a fazia em forma de códigos, desenhos, símbolos e até escrevia entre linhas. Essas escritas, quando recolhidas

²⁸ Costa Andrade, prefácio à primeira edição em 1960.

²⁹ Luandino foi preso pela PIDE no Tarrafal em 1962, e relata os acontecimentos no cárcere em frágeis papeis, que após ter obtido a liberdade, três pesquisadores Margarida Calafate Ribeiro, Mónica V. Silva, Roberto Vecchi, através da Coordenação Científica: Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, coleta todas as informações de Luandino [2015]

pelos pesquisadores, foram consideradas raridades, considerado o conteúdo apresentado. Era uma verdadeira escrita do cárcere, uma literatura encarcerada e dolorida, uma literatura silenciosa e histórica. Luandino³⁰ nos mostra um exemplo da escrita entre linhas e códigos, retirado do próprio manuscrito datado de 2 de maio de 1966: “Se não escrevo não luto pela m/ libertação, não ajudo a L., não mereço o que tenho! Mas como vencer tudo o que me tolhe?”.

Luandino (2015) relata que suas anotações no cárcere demonstram preocupação com o teor de seu manifesto literário, de cunho político e histórico e ainda afirma que existe grande diferença entre os relatos de escritores que se consideram escritores de cárceres. Segundo ele, existem duas escritas no cárcere, com características diferentes. Em uma delas, o autor mantém certo distanciamento e se refere somente ao cárcere. Fala, por exemplo, sobre a rotina tanto dos prisioneiros quanto dos acontecimentos dentro da prisão. A outra escrita no cárcere produz uma linha de pensamento voltada à crise histórica. Nesse tipo de escrita o autor descreve o momento histórico social em seus relatos e manuscritos como documentos históricos para a eternidade. Luandino (2015, p. 25) cita, como exemplo de distanciamento entre o autor e a escrita do cárcere, o escritor brasileiro Graciliano Ramos em *Memórias do Cárcere*, onde o autor assume a prisão como o passado:

Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos porque silencie e por que me decido. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. (RAMOS, 2012, p. 11).

A citação deixa claro o distanciamento entre o autor e a obra. A narrativa mostra o momento em que Ramos (2012, p. 14) explica como se decidiu, depois de muita dúvida, a escrever suas memórias. Ele relata não ter guardado os apontamentos do período em que esteve na prisão e que, em dado momento, foi obrigado a atirá-los na água. Ele julga que, se tivesse o material, talvez o consultaria com muita frequência e utilizaria suas anotações para explicar quaisquer fatos ocorridos, mesmo os mais banais, como as demoradas horas de tristezas ao banho de sol no pátio, as cores das folhas das árvores no pátio branco. A obra de Graciliano Ramos (2012) não pertence ao mesmo estilo de literatura de resistência que a obra *Papeis da prisão*. Apontamentos, diários, correspondência (1962-1971), de Luandino; a escrita de Graciliano Ramos, não passa de mera descrição do ambiente onde ele permanecia, sem nenhuma ligação com fins históricos. A escrita de Luandino, no cárcere, revela um sistema de

³⁰ Informações retiradas da obra *Papeis da prisão. Apontamentos, diários, correspondência* (1962-1971), (2015, p. 25).

pensamento relacionado com a crise histórica, com as manifestações que ocorriam ao mesmo instante nos grupos revolucionários em liberdade. Esses relatos têm valor histórico para a História.

Na diferenciação do estilo de literatura de resistência, acima citado, ficam evidentes as marcas deixadas por Luandino na obra *A cidade e a infância* (2007), como o estilo do próprio autor em se manifestar diante do sistema político social e de sua condição de prisioneiro político. Em *A kindia e a misanga*, (2007) ocorrem fatos marcantes que envolvem o processo histórico e social. Neste sentido, diz Mourão (2007, p. 46):

A importância da literatura de resistência ficou patente pelo uso político que dela se fez na década de 1950 e 60. Nessa época, à falta de documentação histórica disponível e mesmo de textos de Ciências Humanas, escassos, quer em Portugal, quer nas então colônias, o recurso à divulgação da literatura africana cumpriu um duplo papel: o de revelar a África a seus próprios filhos.

É oportuno associarmos a literatura de resistência ao *corpus* em estudo. Em *A cidade e a infância*, (2007) Luandino nos mostra a complexa realidade pela qual passava o povo angolano. Ele relata a situação conturbada e marcada por consecutivas rupturas e dominações, uma disputa entre a força de impor e a resistência de quem não quer ser dominado. Essa resistência é uma característica marcante em sua obra. Desse modo, a Literatura torna-se importante veículo de comunicação, que escancarou as tensões sociais entre os dois povos, o colonizador e o colonizado, para um único espaço: o da escrita. A questão da luta para garantir um espaço que, de direito, já pertencia ao colonizado, leva-nos a considerar que Luandino, por ter ficado preso, escreveu a maior parte de seus livros na prisão, afastado do povo. Então, sua participação na luta, foi realizada fora da luta, e sua atuação ficou muito restrita ao espaço da escrita, no próprio espaço físico de Luanda. De certo modo, podemos afirmar que, para ele, mesmo estando encarcerado, o elo existente entre os dois mundos, o das ruas e do cárcere, nunca se desvinculou. Na verdade, os textos luandenses afetam diretamente a conduta de Portugal, porque revelam os artifícios e o raciocínio colonial, bem como a necessidade de valorização de uma cultura legitimamente angolana.

Foi contra esse embrutecimento, contra o uso da repressão política e do massacre das identidades angolanas que Luandino se manteve firme em seu propósito. Sua obra é o retrato fiel da sua oposição perante o contexto social e de sua própria força, mesmo que restrita. Luandino consegue romper com a linguagem canônica a partir da desarticulação proposital do sistema léxico e sintático do português. Ele também mescla sua linguagem com vocábulos de língua kimbundu, e valoriza o passado, as tradições, a infância, as memórias ancestrais, o

sentimento de desenraizamento e a valorização da solidariedade. Essas características denotam o apreço que o autor tem pelas referências que vinham sendo destruídas. Especialmente e, *A cidade e a infância* (2007), o autor mostra sua intenção de transformar a sociedade angolana em uma sociedade mais digna e ainda faz uma minuciosa descrição dos musseques, ambientes difíceis por se tratar de bairros pobres, sem infraestrutura e geradores de violência, que vitimavam principalmente os jovens, os quais pelo fato dessas dificuldades de sobrevivência, acabavam muitas vezes levados à prostituição. Luandino ainda relata o racismo, a intolerância e a segregação inseridos nesses musseques, ações que geravam a humilhação e a imposição da força colonizadora. Essas características serão destacadas quando apresentarmos *A cidade e a infância*, (2007), no capítulo III, onde analisaremos os contos, agrupando-os por temas, para melhor compreensão e visualização dos assuntos. Porém no que envolve o ambiente em todo contexto, teremos detalhes que mostram o ambiente e os locais públicos os quais somos convidados a visualizar. O espaço físico e o sujeito angolano, antes da colonização, viviam em profunda harmonia; havia integração do ser em seu espaço. Destacamos aqui as considerações de Ferreira (2007), segundo o qual:

Os textos, como teria já ficado entendido, são a representação do mundo subdesenvolvido dos musseques. E, embora sejam histórias da infância, as personagens que povoam as narrativas nem sempre são jovens. A apreensão da realidade faz-se na sua totalidade social, equacionando a relação entre jovens e adultos. E, porque se trata de uma sociedade colonizada, a presença do colono, directa ou indirectamente, adquire uma constante significativa. Assim o universo que se vai desenhando a nossos olhos é marcado pela existência de uma disponibilidade real e intensa para a sobrevivência, tornando a barreira da humilhação. Daí que o enunciado se transforme em denúncia, é a palavra (FERREIRA, 2007, p. 121).

A citação acima nos mostra que Luandino ressalta, em sua obra, a preocupação com os moradores e com as transformações dos musseques. Essa realidade vivida nas periferias de Luanda, ele a transcreve com nitidez de detalhes no posicionamento dos musseques, em relação ao social. Candido (1975, p.04), relata que o externo, no caso o social, importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na contribuição da estrutura da obra, tornando-se, portanto, uma parte interna dela. Candido (1975) ainda complementa que, considerando que o princípio da obra se funde com o contexto social tornando-o parte integrante da mesma, faz com que ela traga reflexos e informações da área externa (contexto). Portanto, por intermédio de todo o contexto histórico social existente no *corpus* trabalhado e pelas marcas deixadas por Luandino em cada agrupamento de palavras descrevendo o cotidiano e a vida dos angolanos e luandenses fica evidente a atuação social

interligada com os fatos mencionados da obra. Inclusive no *corpus* em estudo *A cidade e a infância* (2007), tem glossário com vinte e duas palavras, não atrapalha a leitura, pelo contrário, elas além de auxiliarem também divulgam o kimbundu e é uma das características da obra luandinense.

Candido (1975) faz uma crítica, sobre a sociedade e cita o livro *Senhora*³¹, de José Alencar, aqui retomada, porque esse livro mostra uma dimensão social que relata a sociedade como parte integrante do contexto transferido para a literatura com transparência dos fatos, tornando se relevante para a crítica da sociedade, que se reflete negligente e interessada em valores materiais:

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. (CANDIDO, 1975, p. 7).

Independentemente do tempo e do espaço, a inserção da sociedade na literatura é uma grande referência; a própria literatura faz uso da escrita como manifesto para divulgar ocorrências sociais. Podemos dizer que esses fatos, na maioria das vezes, são camuflados pela sociedade. Porém, os escritores conseguem transferir o real para o literário, utilizando personagens e enredos como forma de denúncia e manifesto. Voltando ao nosso *corpus* de estudo, associamos essa característica de denúncia e manifesto para ressaltar a quantia de informações ao espaço físico (Luanda/Musseques), espaço cultural (brincadeiras), espaço político (segregação/divisão) espaço psicológico (memória) e espaço da própria comunicação (oral e escrita). Essa totalidade de fatos forma um conjunto de elementos que transferem informações das manifestações sócio-políticas inseridas em cada página da obra em estudo. Fazendo jus ao conteúdo desenvolvido no *corpus* e apresentado nos contos, Luandino mostra uma literatura de intervenção social, crítica política, na qual o poder do colonizador, não se cala mediante a perseguição policial, acreditando que o protesto em forma de literatura significa a busca de liberdade.

Moisés (1978, p. 20) afirma que a “Literatura opera exatamente no plano em que o homem encara a vida como luta, tomada a consciência da morte e da precariedade do destino humano: não se acomoda, não se torna feliz; e quanto mais indaga, mais se inquieta, num

³¹ Livro *Senhora*: ALENCAR, José de. *Senhora*. 4. ed. [s.l.]: Melhoramentos, <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>.

permanente círculo vicioso. Aí entra a Literatura”. Esclarecimento perfeito de Moisés (1978) ao se reportar na inserção da literatura ao meio social.

Seguindo essa linha de raciocínio, chamamos a atenção ao que foi dito por Machado (2012):

Até que ponto a História é construída por meio da oralidade? Até que ponto a escrita compromete o conjunto de ideias e vivências proporcionadas pela narrativa oral? Sem desprezar a importância da memória dos narradores, acreditamos que uma literatura de qualidade também é capaz de expressar, verdadeiramente, as características de um povo e de sua cultura. [...], a leitura literária é capaz de nos sensibilizar para as diferenças, é capaz de nos fazer viver outras realidades. E a partir dessas vivências, ainda que subjetivas, talvez sejamos capazes de criar novos valores e paradigmas. De beleza. De relações humanas. De identidades. De nação (MACHADO et al., 2012, p. 125).

Inserindo esse ponto de vista de Machado (2012) na obra *A cidade e a infância*, de Luandino, podemos destacar que sua literatura foi capaz de criar novos valores e paradigmas, através da beleza textual, que envolve o apego ao passado, com escolha temática valorizando o ser como parte integrante do meio, como sinais de enraizamento cultural e a presença da tradição oral que, sutilmente deixa marcas em todos os contos da referida obra, surgindo explícita ou implicitamente um tom de conversa entre personagens, ou sugerindo na interlocução própria da oralidade. Nos contos ficam evidentes marcas orais contendo tons dramáticos, irônicos, românticos, saudosos, enfim, essas marcas orais têm procedência do contexto envolvendo o drama específico de cada conto. Ferreira (1977) destaca, que uma das fontes da obra *A cidade e a infância* é o processo narrativo oral popular:

Neste aspecto é na verdade difícil, a partir da sua obra de estreia, *A cidade e a infância*, prefigurar o futuro (actual) Luandino Vieira. É difícil, mas, lida com certa atenção, há naquela obra indícios reveladores. A carga de oralidade luandense dada através de signos oriundos do léxico angolano é já importante. Signos, sintagmas, frases. Além de que o próprio estilo denuncia uma sensibilidade aberta ao enriquecimento de novas formas de narrar marcadas pelo processo narrativo oral popular, veio que terminaria por ser a fonte de ouro que rasgaria a Luandino as perspectivas de um estilo pessoal e angolano. Estilo pessoalíssimo que, por ser angolano, influenciaria uma franja larga de ficcionistas angolanos. (FERREIRA, 1977, p. 128).

A fonte da literatura angolana se encontra na oralidade, sendo esse motivo de muitas reflexões. Ela imprime-se na violação, na agregação do idioma do colonizador com a língua materna. Valorizar a existência da língua materna, esquecendo a língua do colonizador, parecia impossível, pois no momento da escrita ocorria grande problemática acerca das variedades linguísticas existentes devido a uma fusão com os colonizadores. Por certo, ocorreria a

mesclagem da língua materna kimbundu, em meio a língua portuguesa. Por essa razão, Ferreira (1977) na citação acima, refere que “a carga de oralidade luandense dada através de signos oriundos do léxico angolano é já importante”. Essa importância refere-se ao ressurgimento, mesmo que dando ênfase a língua portuguesa, de todo o processo da fala dos ancestrais, a língua bantu com referência no Kimbundu. Independentemente de violar ou não normas ou regras canônicas, Luandino buscou valorizar a formação da oralidade de acordo com os testemunhos das gentes dos musseques.

Na concepção dos estudos literários angolanos um ponto a ser abordado no que se refere a literatura oral são as características estruturais dos textos, realçando a importância desse estilo de escrita para a sociedade. Essa literatura escrita, nasce e se fortalece no meio da dramática batalha existente entre o colonizador e o colonizado, essa escrita utiliza marcas regionais, para chamar a atenção do leitor e se diferenciar da literatura europeia, essas marcas são os símbolos e os signos, considerados recursos onde destacam, palavras em kimbundu, lembranças que remetem ao passado dos angolanos como fatos históricos, principalmente utilizando a imagem das lendárias rainhas, mostram também, frases e palavras que transmitem valores regionais cultivados pela terra, outra marca utilizada, é o griot, que destacaremos ainda nesse capítulo. Com esses recursos os escritores atingem o objetivo principal, que é diferenciar a literatura angolana, da europeia³².

Porém é importante mencionar que Fanon (1968, p. 184) esclarece que o intelectual colonizado resolve mostrar as péssimas atitudes do mundo colonial sob o colonizado, e apressa-se a mostrar as boas maneiras do povo colonizado, “desse povo que passa a ser o detentor de toda a verdade”. Essa amostragem torna-se um escândalo diante das fileiras colonialistas que já haviam saboreado a vitória, porém se dão conta de que esses homens, Fanon refere-se aos colonos, começam integrar-se em meio a sociedade angolana e todo o sistema vacila. Cada colonizado conquistado e seduzido pelos intelectuais, que decide se firmar junto ao grupo, representa a falta do trabalho correto imposto pelo colonizador. Cada colonizado que mostra essa imposição aos colonizadores e se alia aos intelectuais, deixa transpor uma condenação radical do método e do regime, enquanto o intelectual colonizado encontra no escândalo que sua denúncia provocou, uma justificativa e um incentivo para perseverar.

Fanon (1968, p. 185) esclarece, que se buscarmos nas obras dos escritores colonizados perceberemos diversas fases que caracterizam a evolução literária angolana, e que essas fases se projetam em três tempos. Numa primeira etapa, o intelectual colonizado prova que assimilou

³² Anexo L: ABC: DIÁRIO DE ANGOLA. Uma língua que nasce: a propósito de Luandino Vieira. Luanda: 13 de novembro de 1964

a cultura do ocupante. “Suas obras correspondem exatamente às dos seus colegas metropolitanos”. Ocorre inspiração nas obras europeias e o autor vincula essas obras a uma corrente da literatura metropolitana. Numa segunda etapa, o colonizado sofre um abalo e resolve recordar. Procura reviver a memória, é justamente esse período de epifania dos colonizados, esclarecido acima, os intelectuais, no qual introduziu momentos que não poderiam ser mostrados para seu povo, porque era ainda vigiado pelos colonizadores; porém, o colonizado, contenta-se em recordar velhos episódios da infância que surgirão do fundo da memória, velhas lendas serão reinterpretadas, outros diferenciais apresentados em algumas vezes. Nessa literatura de pré-combate ocorrem humor e a alegoria. Essa literatura de pré-combate, descreve angústia e de mal-estar porém, em algumas situações mostra-se o riso.

Na terceira etapa, de Fanon é aquela chamada de combate. O colonizado percebe que quase perdeu o povo pelo distanciamento das escritas, porém os intelectuais fazem um chamado para o povo, despertando-o para uma literatura da qual o povo se identifica, surge a literatura de combate, literatura revolucionária e literatura nacional:

Nessa fase, um grande número de homens e mulheres que até então jamais haviam pensado em fazer obra literária, agora que se veem colocados em situações excepcionais, na prisão, nas matas ou aguardando execução, sentem a necessidade de falar de sua nação, de compor a frase que exprime o povo, de se fazer porta-voz de uma realidade em atos. (FANON, 1968, p. 185)

Encontramos afirmação semelhante à de Fanon, em Costa Andrade (1980, p. 45) este esclarece que a literatura angolana nasceu no centro de uma dramática realidade, com choque diário e violento entre os colonizados e os colonizadores e “esse choque processa-se em sentido vertical”. O objetivo do colonizador era uma afirmação ou uma justaposição que em cinco séculos não foi capaz de executar. Andrade (1980, p. 45) relata que a literatura angolana escrita começa com Cordeiro da Matta (1892), um dos exemplos de autodidatismo na história do jornalismo e da investigação angolana. Ele escreve criações da literatura oral de Angola, realiza a primeira gramática da língua kimbundu, com a filosofia dos provérbios angolanos e lança as bases estruturais do estudo da língua para uso com fins culturais. Costa Andrade (1980, p. 46) ainda continua: “Porém o esforço é isolado; estamos em 1895 e a força da ocupação é mais forte. É o verdadeiro começo da colonização em resposta a Conferência de Berlim para a repartição do bolo africano”.

É importante verificarmos o surgimento da literatura angolana, raciocinada com padrões e objetivos específicos. O introdutor dessa literatura, Joaquim Dias Cordeiro Matta, além de possuir sentimentos nobres em relação aos valores da terra e da população negra ali existentes,

ainda tinha a comoção pelo momento dessa retalhação da África pela Conferência de Berlim, que consagrou a força imposta pela ganância dos europeus e suas consequências. Angola ficou dependente tanto economicamente quanto culturalmente dos europeus; a consequência direta da alienação foi a perda da identidade. Foram obrigados a aceitar a cultura e a língua colonial abandonando a língua oficial, kimbundu. Referimo-nos à perda de identidade em sentido amplo, ou seja, tanto na sociedade quanto na literatura, sendo que ambas caminham juntas, se fortalecem e se manifestam. É nesse contexto que percebemos a teoria de Candido (1975, p. 4): “Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na contribuição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”.

Candido (1975) ainda complementa que, considerando que o princípio da obra literária se funde com o contexto social, este se torna parte integrante da obra literária; sendo assim, é na obra literária que os escritores angolanos envolvidos pela liberdade literária de Angola encontraram vasão para “reacender” valores identitários da região. Exemplo dessa proposta identitária é a obra *A cidade e a infância*, cujos contos transferem ao leitor a paisagem ou melhor dizendo, o espaço dos musseques com riquezas de detalhes e tanto da parte física quanto da parte comportamental dos moradores. Podemos considerar essa transferência do real (musseques) para o imaginário (literatura) uma característica da identidade relacionada ao meio em que se vive.

Collot (2012), esclarece que a paisagem, quando é percebida pela sensibilidade e recriada na tentativa de projetar uma realidade pessoal na realidade coletiva, torna-se um elo entre o espaço objetivo e o subjetivo; ao mesmo tempo, ocorre o reconhecimento de propriedades objetivas (reais) e a projeção de significações subjetivas. Ele ainda relata que esse ambiente é um lugar de troca entre espaço pessoal e coletivo, no qual o indivíduo sente-se em sua própria casa, na paisagem, ainda que o aqui pertença a todo mundo, como, por exemplo, os musseques. Dessa forma, pode-se afirmar que a teoria de Collot (2012) acompanhe, integralmente, os objetivos do escritor em estudo; ele expõe e resgata a cultura identitária nas obras literárias, divulgando e conscientizando os demais leitores que, mesmo sofrendo a imposição de outra cultura, não abrem mão da ancestralidade e do caminho percorrido pelos antepassados. Em busca desse princípio, as manifestações literárias entrarão no processo reverso, evidenciando os bens culturais que haviam sido desapropriados e deixados de lado, desde que ocorreu a imposição dos padrões europeus, quando deixou de ser produzida a voz dos antepassados na simplicidade da oralidade e adquiriam os padrões e regras dos impositores.

Diante da grande importância desse resgate oral para os angolanos, percebemos que esse processo reverso procurou unificar as relações culturais, sociais e estruturais existentes na oralidade e na escrita, não apenas considerando a questão linguística, mas também a questão cultural. Mesmo porque, é importante para qualquer povo o reconhecimento de uma cultura histórica. Outro ponto importante a se destacar é o aperfeiçoamento ocorrido para que no presente existissem os registros e as facilidades de entendimento. Isso só é possível perante uma escrita, como forma de registro, para guardar as memórias da oralidade que poderão se perder. Ong (1998, p. 41) esclarece que é possível fazer algumas generalizações referentes a psicodinâmica das culturas orais intocadas pela escrita, que as pessoas absorvidas na cultura escrita têm grande dificuldade em imaginar como é uma cultura totalmente oral, sem qualquer conhecimento da escrita ou alguma possibilidade de registro. Um exemplo que Ong (1998, p. 41-42) cita é tentar imaginar uma cultura totalmente oral, na qual ninguém jamais “procurou algo”, sendo que essa expressão “procurar algo” é vazia, não tem nenhum significado compreendido. Portanto, sem a escrita, as palavras, em si, não possuem uma presença visual, mesmo que os objetos que elas representem sejam visuais. As palavras utilizadas somente pelo o som, acabam se perdendo e não permanecem em lugar algum. Onde poderiam “procurar algo”, se não tem rastro, nem mesmo uma trajetória?

Ong (1998) ainda explica, que para entendermos esse procedimento, que consiste em procurar algo sem visualizá-lo, devemos refletir sobre a natureza do próprio som e da sensação que dele se evanesce no momento em que a palavra é emitida. Porque no momento em que emitimos o som, ele desaparece por completo, assim como as informações emitidas. Em suma, a partir dessa teoria, percebemos o quão importante é a questão do registro, na escrita, para preservar a cultura existente dos ancestrais. Se associarmos a teoria de Ong (1998) à literatura angolana, fica muito clara a importância do surgimento da escrita em Angola, para hoje entendermos os fatores evolutivos dessa literatura.

Em concordância com a teoria acima, Ervedosa (1979, p. 5), retoma as ideias do suíço Chatelain, que, por meio de pesquisa, identifica o “missosso” e classifica essa escrita como, histórias tradicionais angolanas que contam algo maravilhoso, extraordinário e sobrenatural e ainda personificam animais e fábulas, desde que na língua quimbundo. O objetivo do missosso é mais entreter do que instruir.

O missosso é uma valiosa informação no processo de compreensão e caracterização do gênero oral. Hoje é considerado um elemento influenciador e modificador dos contos angolanos, principalmente, nos contos escritos por Luandino. Essa narrativa oral, o missosso, é claramente observada nos textos luandinenses, por se tratar de narrativas tipicamente angolanas,

maiores que o conto e menores do que a novela e que podem conter fatos sobrenaturais criados pelo narrador ou contador, e ainda personagens em forma de animais ou pessoas. Não podem, porém, ser comparadas ao que conhecemos como fábula na tradição ocidental. Essas características do missosso, quando inseridas nos contos do *corpus* em estudo, são facilmente identificadas e serão expostas nas considerações interpretativas no terceiro capítulo.

Padilha (2011, p. 21) considera, que a arte de contar missosso é ritualística e dramática; existe uma organização de cenário do contador e seus gestos enfáticos normalmente abrem e fecham as narrativas; elas se apresentam em língua da própria região, utilizando a língua materna. Com relação às personagens, estas, tanto podem ser, como nos contos infantis, seres humanos, quanto animais humanizados ou entes sobrenaturais. O missosso tem sua estrutura simples, de veiculação oral, é administrado por pessoas anônimas, porém apresenta uma forma discursiva e significativamente contextualizada. O missosso se apresenta pela voz do contador de histórias/orais, ou seja, pela voz dos griots.

De acordo com Machado (2012, p. 130) a transmissão oral é considerada uma voz que faz o elo entre o passado, presente e futuro. Essa voz atua através do griot, que é considerado biblioteca viva. Por ser dotado de memória prodigiosa, ele ainda é classificado como artesão da palavra. Padilha (2011) transcreve a origem e a importância dessa classe da linguagem:

[...] o ponto-origem buscado será um grupo de histórias populares designadas missossos, que circularam, durante séculos, pela voz dos contadores orais, ou seja, pela voz dos gritos da tradição, aqui ampliando o uso do termo griot. Contar missosso, no universo social de Angola - quimbos, aldeias e ou/cidades - é uma prática ritualística e gozosa pela qual os imaginários do contador e de seu(s) ouvinte(s) entram em interação prazerosa. Então, é a soberania da voz que comanda a festa do prazer do texto. (PADILHA, 2011, p. 21).

As histórias orais, ouvidas dos ancestrais, são classificadas como griot, que nas palavras de Machado (2012, p. 130) são “consideradas verdadeiras bibliotecas vivas”; não são classificadas como invenções particulares, mesmo que se configurem como histórias pessoais. Elas são influenciadas pelo meio em que vivem e ainda pela voz do narrador. É lícito dizer que, pelo exercício de contar e recontar histórias, sustenta-se a ciência do sujeito sobre si mesmo e sobre os outros com os quais interage em comunidade. Devemos considerar a importância do griot, com suas histórias e seu conceito original, vinculado a uma função social, quando inserido em uma cultura existente há séculos.

Percebemos a importância dele na fonte de registro oral que Luandino apresenta em seus contos. Na obra *A cidade e a infância* (2007) Luandino utiliza a oralidade para dar impulso e

valorizar os griots, assim como para valorização do velho como guardião dos saberes. Através dessas marcas o autor destaca importantes revelações da formação identitária desse povo oprimido pelos colonizadores que, sem piedade, tentavam implantar uma cultura branca, ou melhor dizendo, europeia.

Benjamin (1987) afirma que as narrativas de cunho oral transmitem fatos e vivências, de geração para geração. Essa forma de narrar movimenta e deixa vivas as tradições, no instante em que o contador de história ou o narrador das narrativas escritas expõe os fatos narrados e vivenciados.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos e distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. Cada uma delas conservou, no decorrer dos séculos, suas características próprias. (BENJAMIN, 1987, p. 198-199).

Continuamos o raciocínio exposto por Benjamin (1987) relacionando-o com a voz do griot angolano, que, provavelmente, nunca viajou o mundo, porém detém grande conhecimento de vida. Por isso, repetiremos aqui, a fala de Machado (2012, p. 130) de que eles são “considerados verdadeiras bibliotecas vivas”. Essa literatura oral ou especificamente griot, transmitiu conhecimento em várias vertentes. Benjamin (1987) continua a relatar que, para ser um contador de histórias e narrar essas histórias com verossimilhança, é necessário permanecer no meio ou fazer parte do conteúdo. Associamos essa fala de Benjamin aos contos em estudo de Luandino. Veremos essas exemplificações no capítulo III, na interpretação dos contos, nos quais Luandino consegue transcrever as características das personagens, com o auxílio do narrador, convidando-nos a acreditar que realmente elas existem, que os fatos ocorridos são verídicos, a ponto de pararmos a leitura para tal reflexão. Vejamos que existe uma infusão entre a realidade e ficção tão sincronizada que não conseguimos decifrar onde começa uma e termina a outra. Além desse recurso, utilizando a oralidade, Luandino utiliza com frequência os recursos das figuras de linguagem (como metáfora, eufemismos, metonímias, paradoxos, antíteses,

ironias, sinestesias, exemplos de algumas que aparecem com frequência nos textos da literatura oral) eles foram essenciais para dar ênfase às histórias ao longo de todos os acontecimentos.

Esses recursos, narrativos conseguem, por meio da voz do narrador, estimular o leitor a interagir com o texto, tanto no texto escrito identificado pela voz do narrador, quanto no texto oral identificado pela voz do griot. Esse último narrador, o oral, detentor de sabedoria, só é possível graças ao papel importante que desempenha o velho nessa região, por ser considerado como símbolo de conhecimento e de sabedoria, tendo papel de ancião e sendo respeitado pelos parentes e comunidade em geral. Percebemos que essa caracterização oral envolvendo a cultura do país é justamente uma característica que o europeu não valorizava e tentou extinguir, assim como tentou com as outras fontes de cultura. Esse papel do velho como guardião da sabedoria e do conhecimento, revela uma questão de hereditariedade na preservação da tradição oral, ainda revela um guardião do tesouro espiritual das comunidades e quando eles ensinam essas habilidades aos mais jovens, eles corroboram para que a tradição sobreviva e garantem a valorização da memória.

Sem perder de vista a discussão que envolve a cultura, a memória e a tradição que são aspectos constituintes da identidade do povo angolano, ocorre a necessidade em manter viva e atuante essas características por meio da literatura de resistência em que Luandino se engajou e conseguiu preservar esses padrões da língua angolana mesmo no período em que esteve na prisão. Para exemplificação do conteúdo acima, temos:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão no campo, no mar e na cidade, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Padilha (2011, p. 12) relata que, tanto no passado quanto no presente, a oralidade se firma como meio de manifestação cultural angolana; ela ainda afirma, que tem convicção de que essa identidade oral foi intensificada nas divulgações de forma lenta, porém gradual e os escritores envolvidos nessa literatura conseguiram inserir as marcas identitárias angolanas, como resgatar e preservar o conhecimento através da memória e da identidade, atentando para os costumes, a religiosidade, as tradições, enfim, tudo que envolve a constituição social da memória.

Esse envolvimento de resgate e importância social da memória, também é raciocínio de Pollak (1992, p. 7) que acredita, que para o trabalho de enquadramento da memória também existe o fator do trabalho da própria memória em si. Pollak (1992) ainda relata que, cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade e organização. Enfim, quando uma sociedade ou um grupo específico faz um elo coerente entre a história e a memória, essa mesma memória passa a trabalhar sozinha, influenciando e inspirando os grupos existentes e até mesmo a sociedade.

Percebemos o quão é importante a valorização e o resgate da memória e o quanto ela influencia na oralidade e na preservação histórica da literatura angolana.

No período histórico, a oralidade era a única fonte de transmissão, o griot e a memória eram os únicos mecanismos de preservação, portanto, concluímos que os registros históricos dessa oralidade e da memória foram essenciais para a preservação histórica e cultural dos países em que a oralidade é tradicional. Aqui em questão, relacionamos Angola. Podemos acrescentar a essa linha de pensamento:

No campo narrativo, em especial, o espaço discursivo ganha dimensões inesperadas com os textos transitivos entre o memorialismo, a história e a ficção. Passam a funcionar como forças irruptoras que à crise da História respondem com a crise da linguagem. Nesse jogo particular, a memória é o principal elemento mobilizado para que se possa resgatar, pelos caminhos do imaginário, o que a vivência individual e/ou coletiva experienciou historicamente. Além de ser o motor do contato, como quer Benjamin, a memória é a matéria, o grande útero onde se geram textos angolanos e portugueses que falam da guerra. Neles tudo se recorda e retorna na força da letra. (PADILHA, 2007, p. 56).

Mediante as informações pesquisadas e apresentadas nesse capítulo, percebemos a importância do elo existentes entre o griot, a oralidade, a escrita e a memória. Esse elo fortalece a tríade política, social e literária, já mencionado e relacionada na obra de Luandino em estudo.

No entanto, os estudos levam em direção à memória e é fundamental para que ocorra as manifestações no setor gradualmente evolutivo tanto na área política, quanto na área social. Halbwachs (2006) traz uma nova vertente em relação ao assunto memória. Para ele, mesmo que aparentemente particular, a memória remete a um grupo; o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo na sociedade, já que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 30). Nos referimos aqui ao enquadramento de memória coletiva vinculada às lutas de preservação e resgate do povo angolano. Quando remetemos essas memórias aos contos do *corpus* em estudo,

identificamos que Luandino consegue retratar as situações vivenciadas pelas personagens de forma quase verídica e momentânea, sem deixar transparecer que são lembranças os fatos narrados ao escritor. Essas informações recolhidas, as lembranças ou as memórias, se agregam e obtém um resultado do conflito/situação, em que são inseridas, assim podemos classificar que as lembranças ou memórias dos personagens são necessárias para obterem o enredo e fortalecerem a existência da memória coletiva. Halbwachs (2006, p. 31) afirma que para confirmar ou recordar uma lembrança, “não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”, ressaltamos aqui, o quanto é importante a convivência em grupos com os mesmos objetivos, sendo que, se um elemento do grupo se desloca ou vá para outro ambiente, ele consegue manter a memória e os objetivos do grupo no período que permaneceram juntos. Foi o que aconteceu com Luandino, mesmo no cárcere ele não se desvinculou dos objetivos e das memórias do grupo em que fazia parte, exemplo disse é a obra, aqui já citada, Papeis da prisão (2015) onde Luandino mesmo no cárcere não abandonou e não se desvinculou das lembranças dos que ficaram:

Desde logo impressiona o choque entre a violência, aparente ou implícita, da cadeia que transborda nas notas do escritor e a grande evasão proporcionada pela memória (familiar, afetiva, política, cultural), pela literatura, pela utopia, pelo grande sonho da independência e do fim do colonialismo. Tudo muito próximo, em estreito contato mostrando que o medo e o desejo se condensam na experiência da cela e fundam um outro saber, uma outra escrita. (LUANDINO, 2015, p. 18).

Percebemos que Luandino tinha a memória viva e latente dos seus objetivos, ou melhor dizendo, dos objetivos do grupo que mesmo não tendo o vínculo presencial trabalhavam unidos, um dos fatos dessa ligação, foi a publicação do livro Luuanda (1963), cujo o escritor Luandino estava no cárcere quando efetivou a escrita (através da lembranças e memórias) e seu grupo providenciou a publicação, esse vínculo segundo Halbwachs (2003, p. 29) refere-se a, “se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas”. Halbwachs (2003, p. 29) ainda complementa que, “o primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso”, a relação entre o testemunho do “eu” e o testemunho do “outro” deve ser harmoniosa no sentido de que ambos devem se entender como fazendo parte de um mesmo grupo e o evento vivido e recordado deve ser comum aos membros desse grupo.

Respondendo aos questionamentos do início desse capítulo, percebemos claramente que os portugueses não conseguiram impor sua cultura e ignorar a cultura angolana já existente há séculos, considerando que ainda ocorreu um fortalecimento entre a literatura, a política e o sujeito comum, o angolano. O fortalecimento da tríade, política, social e literária, que Luandino se propôs, resultou em manifestos em prol a liberdade de Angola perante Portugal, mesmo diante dos conflitos internos entre os partidos políticos.

Manteve-se a frente da tão almejada liberdade de Portugal, o MPLA, chefiado por Agostinho Neto, com programação ideológica igual das outras colônias portuguesas, porém, mesmo após a independência, ocorria um richa política interna em Angola com os partidos de oposição, FNLA e a UNITA, que defendiam programas pró-ocidentais. Logo após a independência de Angola, em 11 de novembro de 1975, os grupos políticos opositores FNLA e ANITA, entram em atrito com o novo governo MPLA, inicia-se uma Guerra Civil com duração até 2002.

Durante o processo de oficialização da independência de Angola, o partido MPLA, foi reconhecido pela ONU, porém não adiantou muito seu reconhecimento, sendo que nesse período pós liberdade, ocorreu a expulsão dos portugueses do território angolano, porém a nação estava totalmente falida. Com a exploração colonial portuguesa e da Guerra Civil, que durou de 27 anos, deixou em Angola, um rastro de desigualdade socio econômico.

Em 1972, Luandino, saiu em regime de liberdade condicional, foi viver em Lisboa, com liberdade vigiada. Porém em 1975, Luandino regressou a República Popular de Angola, ambiente em que Luandino idealizou desde os primórdios grupos revolucionários.

Luandino assumiu várias funções em prol ao desenvolvimento intelectual dos angolanos, permanecendo até a eleições de 1992, quando desiluiu-se com o reinício da Guerra Civil angolana e, regressou ao país de origem, fixando morada na zona rural do Minho, próximo de Vila Nova de Cerceira.

Concluimos que, diante desse contexto literário angolano, Luandino Vieira se posicionou na sociedade com resistência e perseverança, expondo em seus textos literário a transparência do seu papel como intelectual, não só de informar, mas de denunciar aos leitores, as injustiças do regime colonial e valorizar a cultura local.

Luandino, faz o resgate da oralidade com o papel do griot, da memória e a conscientização do angolano, para a união, assim resgatando suas identidades e, valorizando o meio em que viviam. Ele, almejava a independência do seu povo e, vivenciou o contexto revolucionário angolano, mesmo dentro do cárcere, porém nunca desvinculou da luta. Portanto, Luandino, busca a liberdade para si e para o seu país, assim, elenca as memórias do passado de

forma crítica e escreve segundo a voz do oprimido, recuperada através das ruínas da história, pois, conforme afirma Benjamin, (1987, p. 228) “o sujeito do conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida”.

3 CONSIDERAÇÕES INTERPRETATIVAS DO *CORPUS* EM ESTUDO

3.1 Conto e oralidade

Conforme esclarecido no capítulo anterior, o conto angolano passa por uma evolução, iniciando com os griots, por meio da oralidade e chegando ao registro através da escrita. Com esse percurso, na adequação para a escrita, a voz do narrador domina, assim como a voz do griot destacava-se, envolvendo os ouvintes. Loureiro (FURC) cita que Luandino não é apenas um contista renomado, ele é a base que alicerçou a literatura Angolana contribuindo, através de seus contos e romances, não apenas para a crítica histórica literária mas para uma nova performance na estética. Para entendermos essa contribuição de Luandino através do conto recorreremos a Moisés (1978) que aponta desde a origem da palavra até os elementos que são utilizados para compor e estabelecer a estrutura do conto. De acordo com Moisés (1978, p. 15), a palavra conto provém da Idade Média, tomada ao verbo “contar”, “inicialmente para enumerar objetos.” Com o decorrer do tempo, o termo foi sofrendo alterações e agregando novas interpretações, até chegar a ser considerado enumeração de acontecimentos.

De acordo com Moisés, ocorre certa obscuridade em relação ao surgimento do conto. Para determinar a data concreta de sua origem seria necessário buscar a história muito a fundo. Mencionam-se algumas hipóteses apoiadas na história da literatura, “o conto, por suas características estruturais, parece ter-se constituído em verdadeira matriz das demais formas literárias.” (1978, p.16). Acrescenta ainda o crítico que o conto, em grande parte, provém da prosa ficcional.

Com o decorrer dos séculos, o conto foi se reestruturando e adquirindo valor próprio. Ainda segundo Moisés, foi no século XIX que ele conseguiu se firmar e ser reconhecido como gênero, tornando-se uma forma nobre. Nesse século, o conto ingressa no período tipicamente literário, adquire suas características essenciais, tornando-o valorizado pelos ficcionistas. Moisés ainda menciona que “no século XX, a voga do conto não esmoreceu” (1978, p. 18)

Moisés esclarece, que mesmo sendo a matriz da novela e do romance não pode ser considerado um deles, pois tanto a novela quanto o romance são classicamente, considerados textos que evoluem numa única direção, quer dizer linearmente. Segundo Moisés, o conto é um anglo dramático. Por isso, no conto, ocorrem “conflitos” e “ações conflituosas”, provêm das expressões “drama e dramático”, que são utilizadas para caracterizar ações internas no conto.

Moisés ressalta que o conto é constituído por uma unidade dramática. Nele existe um só conflito, um só drama, uma só ação. Tudo leva a um mesmo objetivo, a um mesmo ponto. Nele cada palavra ou frase possui uma razão de ser, a ponto de não ser possível alterá-la sem afetar

o conjunto. Ele obedece a uma trama que apresenta uma ordem de começo, meio e fim, correspondendo a uma personagem, sem importar-se com o passado ou o futuro, mas sim com o momento presente.

Segundo ainda a visão de Moisés, o conto contém três unidades e, quando juntas, elas acrescentam uma unidade de tom. Essas unidades devem estar interligadas para obedecer a uma estrutura harmoniosa, sempre com o mesmo objetivo. A primeira unidade a ser destacada é a de ação. Essa sugere as demais características do conto, dando noção de espaço/ lugar, âmbito geográfico, onde convivem as personagens. Trata-se de um espaço/âmbito restrito. Geralmente é uma rua, casa ou espaço pequeno e as personagens não abandonam esse ambiente. Caso elas tenham que se deslocar para outro ambiente isso ocorrerá por duas situações; ou o texto deixará de ser conto, ou as personagens estarão indo ao encontro de um conflito maior. Moisés considera que à noção de espaço, segue-se imediatamente a de tempo. Aqui, os efeitos e os acontecimentos são de curta duração, já que não importa a questão do passado e futuro dos acontecimentos. O que de fato é necessário é o presente. Se ocorrerem situações que se desenrolam por anos, essas poderão ter duas causas: a primeira, é que poderá estar surgindo um romance ou uma novela ou o longo tempo que aparece poderá ser um sinal da trama a ser revelada para desfecho do passado da personagem.

Moisés explica que as unidades de ação, lugar e tempo, levam à unidade de tom. O tom por sua vez, será identificado como algo que desperta no leitor sentimentos como ódio, indignação e outros. A unidade de tom é claramente exposta pela “tensão interna da trama narrativa”. Sintetizamos as ideias de Moisés esclarecendo que o conto mostra uma única ideia ou imagem da vida, desprezando os acessórios e, normalmente, considerando as personagens apenas como instrumento de ação.” Percebemos então que o centro do conto representa a parte dramática da situação agregando os valores que são expostos ao redor, para esclarecer e cumprir o conflito. Assim Moisés esclarece:

[...] o que importa num conto é aquela(s) personagem (ns) em conflito, não a (s) dependente (s); o espaço onde o drama se desenrola, não todos os lugares por onde transita a personagem, e assim por diante. (MOISÉS, 1978, p.25)

Segundo Moisés, outro fator importante para o conto, é o fato de nele haver poucas personagens. Considerando-as unidades de ação, tempo, lugar e tom, fica difícil o excesso de personagens. Moisés refere que o mais importante no gênero é o próprio personagem em conflito, estabelecendo que são necessárias poucas personagens. Segundo ele, só não existe o conto com uma única personagem, e, se isso ocorre, outra figura deverá estar atuando para a

formulação do conflito. Ainda nessa linha de características do conto é importante ressaltar que suas personagens tendem a ser “estáticas ou planas.” Assim, o contista consegue mobilizar as ações das personagens e destacar o conflito. Podemos deduzir que o contista procura dar ênfase ao assunto ou tema do conto, assim como ao desenrolar das ações; em segundo plano, estão as personagens, mesmo na visão de Moisés, são mais importantes do que a personagem em si.

Moisés mostra que a estrutura do conto necessita de suas unidades: elas caminham juntas. Além disso o conto é objetivo, plástico e horizontal, e caminha em linha reta com relação as unidades. O conto costuma ser narrado em terceira pessoa, utilizando somente palavras necessárias e, conduzindo a imaginação à realidade concreta, com verossimilhança em relação à vida.

Quanto à linguagem, esta tende a ser objetiva e plástica. Caso o conto utilize metáforas, elas aparecerão somente para dar ênfase e não para dar longevidade ao assunto, “nada deve escapar ao leitor desse gênero de ficção, sempre desejoso de aprender prontamente os fatos, e passar para outra narrativa igual,” (p. 28). Moisés mostra a necessidade do conto de ter esse processo de linguagem objetiva, a não ser quando ocorrem passagens nos quais o contista quer deixar transparecer a sátira e o humor. Ainda, Moisés considera que a linguagem do conto deve ser clara e, o diálogo é um dos componentes da linguagem do conto. O diálogo direto é a base expressiva do conto, permitindo que o leitor tenha contato direto com os fatos. As personagens falam diretamente; porém, ocorrem ainda as falas indiretas, através das quais o contista transfere a fala para a história sem destacar o diálogo. Quando ocorre a fusão entre a terceira e primeira pessoa, entre narrador e personagem, estabelece-se o discurso indireto livre. Moisés ainda destaca outra forma de expressão, o monólogo. Esse acontece no mundo psíquico da personagem, que fala consigo mesma. O discurso que predomina no conto tradicional é sem dúvida o discurso direto. Quanto aos outros, são mais raros.

A personagem do conto é diferenciada pelo contorno dramático ou psicológico e não pela fisionomia ou vestimenta. A personagem é fixa, imóvel no tempo; as ações ocorrem em seu entorno, não especificamente com ela. Essa personagem é inserida na trama que quase sempre é linear e objetiva, seguindo a cronologia do relógio. Dessa forma, o leitor consegue visualizar os fatos da trama logo no início.

A grande força do conto consiste no jogo narrativo para prender o leitor até o desenlace que pode ser, um enigma. O final do conto deve surpreender o leitor e deixar uma semente para meditação; o leitor deve entender que a vida continua, mas o conto se fecha por completo. Há casos em que o enigma vem diluído ao longo do conto, como se observa na literatura moderna.

Ao relatar o foco narrativo, Moisés, esclarece que ocorrem quatro focos de narração ou focos narrativos no conto. Nenhum deles é mais importante que o outro; importa, realmente, a intensão do escritor em convencer o leitor. No entanto, esse foco narrativo deverá estar acoplado aos outros elementos de que se compõem o conto. Moisés refere-se a quatro: primeiro, a personagem principal conta a história. Nesse caso, o narrador se enquadra na primeira pessoa do singular ou do plural. Se o narrador conta ou relata a história, automaticamente é dele mesmo que ele fala e esse narrador individualista pode se comprometer inclusive com seu lado psicológico, quando ele tenta transmitir uma imagem sempre positiva dele próprio.

No emprego da narrativa em primeira pessoa ocorre um fator positivo, o leitor aparenta ter mais credibilidade, visto que a própria personagem que viveu a história está relatando o fato.

No segundo foco narrativo inicia-se uma degradação de credibilidade do leitor, mesmo porque “se trata de uma personagem secundária que nos conta a história da principal.” Nesse caso, a distância entre o leitor e o fato narrado fica longa, e o narrador necessitará ter muita credibilidade e transparência para mostrar o fato que se passa com uma terceira personagem. Moisés ressalta: “Certamente por apresentar mais desvantagens que vantagens, o segundo foco narrativo é pouco empregado” (p. 36).

Quanto ao terceiro tipo de narrador, Moisés, esclarece que ele é um organizador, “acompanha suas personagens a todos os lugares, penetra-lhes nas mais recônditas intimidades; com um agudíssimo olho secreto devassa-lhes o mundo psicológico, esquadrinha-lhes, os abismos inconscientes e subconscientes, conhece-lhes, enfim, as mínimas palpitações” (p. 36). Com esse tipo de narrador, que está longe do leitor, ocorre um ganho de riquezas de detalhes. Nesse caso, a narrativa adapta-se ao gênero psicológico ou introspectivo. Tratando-se de gênero psicológico, o narrador recorrerá a recursos, como “comentários dissertativos no fio da história” que o tornará valorizado.

Segundo Moises ocorre o quarto tipo de foco narrativo, quando o narrador, observa e conta apenas o que observou. Ele consegue, nesse caso, narrar os fatos sem se envolver em detalhes ou opiniões, como um observador. Ele consegue, mesmo dentro limites, observar os fatores psicológicos das personagens, tudo a favor “da ação, do conflito, de modo a tornar a narrativa mais linear e menos complexa.” (p.37) Em suma, os focos narrativos primeiro e o quarto, implicam a análise interna dos acontecimentos, enquanto os focos, segundo e terceiro, dizem respeito a sua observação interna. Porém, constatamos que no primeiro e segundo foco, o narrador funciona como personagem da história e no terceiro e quarto, o narrador se coloca fora dos acontecimentos, como observador, ou tem acesso a todos com igual facilidade.

Quando Moisés se refere a tipos de conto, esclarece:

[...], o conto transmite uma única impressão ao leitor. Por isso, seria falsa a conclusão imediata, que se poderia tirar dessa unicidade, segundo o qual não se cabe falar em tipos de conto. Todavia, a interferência é improcedente, pois não há contradição nem mesmo conflito: o objetivo último do narrador continua a ser o de ofertar uma impressão ao leitor, dentro duma variedade de moldes, vale dizer de tipos de conto. (MOISÉS, 1978, p.38)

Moisés ainda alerta para o perigo que pode ocorrer quanto a classificarmos o conto. Por mais detalhado que seja, corre-se o risco de cometer equívocos e, ainda, no momento da classificação destaca-se apenas a parte técnica, as formas, a estrutura e outros, não averiguando a essência da narrativa. Por fim, Moisés deixa clara a necessidade de cautela para a classificação do conto, por não existir uma única classificação possível, e este poder apresentar mais de uma característica, com predominância de uma.

Gotlib (2006) vê características bem particulares que perduram no conto, mas estas ocorrem em conformidade com as comunidades nas quais se desenvolve o gênero. Gotlib (2006), relata que, inicialmente, o conto era uma atividade oral que evoluiu para registrar os escritos daquilo que era contado; enumerar as fases da evolução do conto seria, em sua opinião, percorrer a nossa própria história e a história da nossa cultura. Na criação dos contos escritos, o narrador assume a função de contador, como se ele realizasse o mesmo papel do contador de história. Para o contador oral, existe um paradigma na maneira de contar as histórias e ênfase aos detalhes que considera importantes para realçar o fato contado. Para que isso ocorra o contador utiliza como recursos a entonação de voz, o olhar e os gestos.

Estes recursos também são utilizados na passagem do conto oral para o escrito, quando a voz que fala ou escreve afirma-se como contista. Nesse momento ocorre um evento de ordem estética, melhor dizendo, o autor consegue construir um conto que faça sobressair seus valores enquanto conto. Segundo Júlio Casares (apud GOTLIB, 2006, p. 11), existem três acepções da palavra conto: 1. relato de um acontecimento; 2. Narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. fábula que se conta às crianças para diverti-las. Todas apresentam um ponto comum: a maneira de contar um fato; enquanto tal, são todas narrativas. Entretanto, o gênero não se refere somente ao acontecido, não é delimitado o compromisso com o evento real. “Nele, realidade e ficção não têm limites precisos” (2006, p.11)

Gotlib (2006) afirma, que o conto é um produto do autor sobre os materiais narrativos, e “não se refere só ao acontecimento.” O conto é produto de um trabalho consciente, provindo de um cálculo detalhado, considerando-se que existe uma característica básica em sua

formação: a economia dos meios narrativos, conseguindo, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos. Ela ainda afirma que o conto teve uma evolução: no século XVII, com La Fontaine, um exímio contador de fábulas; no século XIX, ele se desenvolve estimulado pelo apego à cultura medieval, ao folclórico e, pela acentuada e expansão da imprensa, que os publica nas inúmeras revistas e jornais. Os organizadores e autores de contos propõem definições em relação a sua forma e, chegaram à conclusão de que não ocorrem regras e definições prescritas e suas novas direções conduzem à “liberdade e forma”.

Gotlib (2006), apoia-se no princípio de que o conto se diferencia dos outros textos narrativos como o romance e a novela, pela sua extensão, porque contém uma característica fundamental para sua construção do conto: as histórias são curtas e, apresentam poucas personagens envolvidas em uma única trama, em espaços e tempo reduzidos. É necessário conseguir, “com o mínimo de meios, o máximo de efeitos, para conquistar o interesse do leitor”. (GOTLIB, 2006, p.35) Para a autora, o conto não forma um fio de grandes ações, mas são manifestações fortes da desgraça e solidão humana. Para alguns, é necessário que aconteça algo no conto, alguma ação; porém, para outros, o conto é a ausência de mudança e crise. E essa crise, às vezes, é observada pelo leitor e não pela personagem.

Dessa forma, agregada à noção de unidade de efeito surge a famosa medida extensiva do conto que consiste na “leitura de uma só assentada”, no conceito de brevidade (narrativas que requeiram de meia hora a duas horas de leitura atenta), pois, mais de uma assentada pode fazer com que o mundo exterior interfira na leitura, prejudicando a totalidade do conjunto. Nádia Gotlib lembra também de outra noção importante que Poe propõe para a construção básica do conto. Trata-se da “economia dos meios narrativos”, através das quais se busca conseguir com o mínimo de meios, o máximo de efeitos, eliminando, dessa forma, tudo que não estiver relacionado com o efeito final.

Segundo Gotlib, o conto é considerado conto, referenciando como forma narrativa, a ocorrência do instante de crise ou conflito da personagem rapidamente e gerado em torno de um conflito dramático, porque seu movimento é rápido. Segundo Gotlib atualmente, ocorre uma mudança na técnica de construção do conto tradicional, no modo moderno de narrar, a narrativa desmonta o esquema tradicional e fragmenta-se numa estrutura invertebrada.

A técnica tradicional com suas estruturas fixas continha o equilíbrio e a harmonia que tinha normas estéticas, obedecendo à ordem de início, meio e fim na história, ou a regra das unidades: uma só ação, num só tempo de um dia e num só espaço, terminando num clímax. Porém, com a modernidade e a Revolução Industrial, ocorreram quebras nos paradigmas, afetando inclusive o caráter de Unidade da vida e, conseqüentemente, valores foram se

perdendo refletindo-se inclusive nas obras literárias, onde ocorreu também a fragmentação. De acordo com Gotlib, as obras mais modernas se tornaram soltas, desvinculadas de um início e fim. Antes da influência da modernidade o ato de narrar conseguia representar os fatores externos. A palavra obedecia a sequência da narrativa com ponto de vista fixo, e o poder de representação da palavra era importante nas sequências das ações. Com essa evolução do enredo, ele deixa de ser linear e começa a transmitir sensações, percepções ou sugestões íntimas. Assim, é difícil admitir que existem contos em que a ação não seja tão importante quanto a própria história.

O conto, no conceito de Gotlib, é uma forma breve, construída de “uma sentada”, e o autor realiza a plenitude de sua intenção, seja ela qual for, em um breve espaço de tempo; o leitor fará uma leitura atenta, porque sua alma está sob o controle do escritor. Esse leitor atenta-se a essa leitura, e nenhuma influência externa pode interrompê-lo. Vários elementos devem ocorrer para criar um conto; no entanto, o sucesso ou fracasso depende menos destes elementos que do modo como são tratados pelo contista. Na realidade, quem decide se um conto é bom ou não é o procedimento do autor e não o elemento isolado.

O conto sequestra o leitor, prende-o em um efeito uma visão em conjunto da obra. Sua leitura possibilita uma força de tensão e cada detalhe é significativo, pois está centrado em um conflito dramático, em que cada gesto e olhar são utilizados pelo narrador de maneira que essa ação pareça ter sido mesmo criada para um conto. Cada conto traz um compromisso com a história, e o modo de contar essa história é breve. Ele é construído economizando meios narrativos, tensão das fibras do narrar e condensação de recursos. Tendem a causar efeito, a flagrar momentos especiais, são modos peculiares de uma época da história.

Gotlib, ainda conclui que, no conto, acontece visão e teoria, comum e conflitante entre os teóricos, porém ela afirma que cada conto é um caso, por causa de suas peculiaridades e desdobramentos.

Quando pensamos em oralidade, e em sua relação com a produção literária africana, imaginamos que ela não possa reinar na literatura sem o apoio da escrita. Entretanto esse quesito não é real. Em algumas regiões, do continente africano, onde ocorreu esse processo da oralidade nas comunidades sem escritas, que utilizavam a oralidade como maior meio de registro, teriam conservado a transmissão do conhecimento e de valores por gerações. Ao contrário, nas comunidades que utilizam a escrita como forma de transmitir o conhecimento, ocorre um distanciamento do núcleo familiar em favor ao grupo dominante. Portanto, Rosário enfatiza:

[...] nas narrativas, verificamos, na prática, que enquanto na situação de oralidade elas são simultaneamente atos de cultura e instrumentos de transmissão de conhecimento, na situação de escrita, porém o ato narrativo, tende cada vez mais a ser empurrado para a esfera meramente criativa e estética isolando-se assim da prática educativa. (ROSÁRIO, p. 43, 44)

Considerando Rosário, verificamos a importância do ato de criar normas para a escrita, ato esse voltado, no caso das ex-colônias africanas, ao interesse da classe dominante, com certo imediatismo, ocorrendo o risco de transmitir conhecimento através da escrita de forma deturpada, enquanto a oralidade era ligada a atos culturais e instrumentos de transmissão de conhecimento comum. Para as culturas que destacam a oralidade, esse ato é o cerne do envolvimento da valorização tanto familiar quanto do ato de ouvir os mais velhos, da absorção de conhecimento. Essas transmissões geralmente ocorriam em reuniões familiares. Este tipo de expressão verbal é classificado como literatura oral e tem aspectos particulares que envolvem a própria estrutura da exposição dos fatos. Rosário (1998, p. 45) acredita que a narrativa de expressão oral é forma literária transmitida pelo sistema verbal oral, e que essa é a base fundamental da diferença entre a literatura escrita e a oral.

Quando Rosário esclarece que ocorre diferença entre a literatura oral e a literatura escrita, não esquecendo que ocorre a ligação língua/fala, ele mostra que a literatura escrita busca o nível da fala, enquanto a literatura oral busca o nível da língua. Por isso ocorre a grande diferença entre ambas. Esclarecendo o ponto de vista de Rosário, a literatura oral não se restringe a poucos temas e modelos, como muitos estudiosos pretendem afirmar. O que existe é uma semelhança de comportamento no qual a comunidade tem, com relação ao artista, certa semelhança. Essa semelhança explica a dependência ao conceito básico da oralidade, caracterizado como conceito coletivo e anônimo, enquanto a literatura escrita não obedece a esses conceitos, ocorrendo sempre a identificação entre escritor e obra. Para a oralidade, o anonimato é patrimônio cultural, ou melhor dizendo, da comunidade.

Rosário aborda vários problemas de conceituação em relação ao termo literatura de expressão oral, inclusive alguns deles relacionados ao conceito de escrita e de oralidade. Na verdade, ele deixa explícita, sua preferência pelo termo “Literatura Oral”.

Rosário mostra, em breve apanhado, as diferentes designações que ocorrem na produção literária de expressão oral, essas designações são: “Designação de Oratura, Designação de Tradição Oral, Designação de Literatura Popular e Designação Tradicional”. Ele evidencia não assumir essas designações, como por exemplo, a designação Oratura, reconhecida pelos estudiosos da cultura anglo-saxônica; ele nos esclarece o surgimento dessa noção como uma “oposição tanto de extensão quanto de significado à designação Literatura”. A Oratura refere-

se à formação e designação do vocabulário, enquanto para a produção de literatura oral ocorrem questões extralinguísticas, não sendo, portanto, usáveis as regras e conceitos da linguística. Segundo ele, ainda apesar da divergência entre Literatura e Oratura, elas se correlacionam.

Outra designação apontada por Rosário (1989, p. 48) refere-se ao erro em generalizar a cultura das sociedades de Tradição Oral relacionada, a oralidade. Essa tradição oral é mais abrangente no espaço de criação literária, mesmo contendo uma aproximação de significado dos termos orais e verbais e, ocorre uma diferença no campo da amplitude e da especificação semântica no contexto. Rosário, esclarece que a tradição oral é ligada aos valores culturais nas narrativas, onde necessitam da palavra para se expressarem ou melhor tomar uma forma na sua transmissão e ela é feita oralmente de geração para geração como as canções, e os diversos ritos, permitindo sua porque a sua transmissão feita oralmente de geração para geração.

Rosário ressalta a Designação da Literatura Popular sendo ambígua, essa classificação provém do próprio conceito de “popular”, derivado de povo, que tende a ocorrer misturas nos conceitos tanto de cultura quanto de civilização em espaço geográfico; ocorrendo deturpação no entendimento da literatura popular, podendo assim relacionar o termo ambiguidade na classificação e interpretações do termo popular que, fazendo referência desde conceito de cultura, de região, de classe social e geográfica, até mesmo conceitos populares que envolvem a diferença da linguagem numa própria comunidade, essas oscilações do termos popular ou povo “não marca de maneira nenhuma, a oposição da situação de transmissão: Oralidade/Escrita”. (p. 48)

Rosário, esclarece que na Literatura Tradicional, não ocorre nenhuma ligação com a oralidade, mesmo porque ela se enquadra no caráter conservador, não sugere “questão da oposição entre as duas formas de expressão oral/escrita.”

Verificamos os conceitos abordados por Rosário em relação às características das narrativas de tradição oral, pois ele mostra que não é falta de rigor científico tentar esclarecer as diferenças existentes nos subgêneros da narrativa. Em termos de origem e estrutura não existe diferença e pode ocorrer a diferença de existir de acordo com a visão social de cada comunidade em que ela(narrativa) esteja inserida. “Dentro das próprias sociedades de prática oral há consciência das diferenças funcionais de cada narrativa” (p. 49), mito, conto maravilhoso ou de fadas, lendas e fábulas. No entanto, são todas narrativas, mas, cada qual pode receber diferentes funções, dependendo da comunidade em que se desenvolvem. Rosário mostra:

[...] as pessoas sentem que existe uma diferença de funções entre as diversas narrativas, porém, tal diferença não se encontra sistematizada nem pode ser confirmada a nível estrutural, onde o sistema permanece idêntico na essência. Temos para nós que a diferença que existe entre categorias de narrativas orais é de grau e não de natureza. (ROSÁRIO, 1989, p.50)

Obedecendo ao raciocínio da diferenciação das funções das narrativas, Rosário mostra duas diferenças existentes entre o mito e o conto. As características relacionadas ao conto têm um grau de oposição mais delicado enquanto ao mito essa oposição de delicadeza é mais forte.

[...] para o mito as oposições são de natureza cosmológica, metafísica ou naturais, para os contos elas tomam cores mais débeis e são de natureza local, social, política ou moral. (ROSÁRIO, p. 50,51)

Outra característica relaciona-se à dedução lógica de ambas as narrativas. O conto mantém-se reduzido, porém, no mito ocorre uma amplitude de temas que podem ser agregados a ele. Essa diferença reflete-se no narrador: “o narrador de contos goza de maior liberdade na organização dos motivos temáticos do que o narrador de lendas ou mito” (p. 51). Verificamos ocorrer diferenciação inclusive na estrutura de ambos. O conto dá abertura para sua “perfeição na organização”, ocorrendo maior dificuldade em articular os elementos estruturais e articulatórios que o compõem. Rosário se apoia em Propp para esclarecer que, no início, a narrativa tinha um cunho histórico, considerando o mito como a sua fonte. Porém o mito passa por um processo de desmistificação. No início forma do mito tinha o máximo de elementos mágico-religiosos, mas, ao longo do tempo, foi se perdendo a rigidez sacra e permitiu-se a absorção de situações cotidianas de cada comunidade e região. Com essa transformação do mito originaram-se as diversas categorias de narrativas. “Assim, um conto maravilhoso estaria mais perto do mito do que uma fábula e esta mais do que uma anedota,” (p. 51) Rosário ainda esclarece, mesmo que não esteja registrada a unificação do mundo real na narrativa, é difícil tal relação. Porém ele acrescenta:

Por outras palavras, as narrativas orais não serão, propriamente, fontes documentais de caráter históricos nem sociológicos. A dimensão histórica aparece nelas como um desfasamento entre a narração presente que se socorre de alguns elementos do real quotidiano e um texto etnológico ausente, longínquo, fabuloso ou até mesmo sobrenatural. Não há uma referenciação de um contexto atual, nem mesmo uma atualização de situações socialmente conhecidas; daí a passagem para o mundo dos integrantes “realistas”. (ROSÁRIO, p. 51)

Em meio às informações de Rosário, utilizaremos uma deixa da nossa pesquisa, relacionada ao momento em que Luandino recebe o prêmio pela publicação do livro *Luuanda* (1964). O jornal ABC Diário de Angola, reconhece o escritor como “um cronista no sentido neorrealista.”³³ Retomamos nosso foco em Rosário, quando ele ainda explica que essa transferência do real para o imaginário só é possível diante de um autor que conheça profundamente a geografia, a história, os hábitos sociais, económicos, culturais e morais da comunidade que reproduz. Ele ainda ressalta um ponto de vista particular às narrativas africanas, afirmando que grande parte delas tem função etiológica:

[...] são uma espécie de narrativas de origem mítica, mas com respeito a formas específicas dos diversos elementos da natureza: árvores, animais, homens, fenómenos. [...] Essas narrativas não têm a amplitude nem a rigidez ritual de um mito cosmológico, ou antropogênico, nem mesmo teogénico.... Mas falam-nos de origens e tentam explicar como surgiram determinadas formas pitorescas evidentes do dia-a-dia, o que vem reforçar a ideia de que as diversas categorias de narrativas são parentes entre si. (ROSÁRIO, p. 52)

Segundo Rosário no que diz respeito a estrutura da narrativa oral, como literatura oral, ela terá adequações à natureza da oralidade. Portanto ocorre através de formar-se características específicas, diferenciando-a de textos escritos. Trata-se de um discurso verbal que transmite uma mensagem, que já comporta uma unidade, mas é articulada em partes. Reforçamos aqui, o tradicional, começo, meio e fim.

Voltando às informações de caráter teórico em questão, destacamos que Rosário expõe dois aspectos importantes e necessários quanto à estruturação da literatura oral. São eles a oralidade e textualidade. Esses elementos são essenciais para a estruturação e a articulação operarem como instrumentos no nível da oralidade.

Rosário afirma que as narrativas africanas têm função etológica, isto é, nelas aparecem espécies como árvores, animais, homens, fenômenos. Elas não fazem referência a mitos, ao antropocentrismo ou ao teocentrismo. Essas narrativas apontam dois fatores importantes, a existência múltipla e a irracionalidade, “Sobre a irracionalidade, verificamos que qualquer narrativa não se preocupa com a lógica dos factos que conta, nem procura justificar a sua própria existência” (ROSÁRIO, 1989, p. 55), porém ele afirma que essa irracionalidade não pode ser comparada ao conceito literário de ficção. Quanto a existência múltipla, “A narrativa oral tem uma existência que não é questionada pela própria comunidade, quer quanto à sua verdade, quer

³³ Ver anexo I - Luuanda, assinala o nascimento de uma literatura. ABC Diário de Angola, 30 de outubro de 1964, p. 3.

quanto à sua veracidade.” (ROSÁRIO, 1989, p. 52) Ele esclarece ainda que irracionalidade não significa incoerência ou falta de organização textual; essa questão está exclusivamente ligada ao inverossímil.

Rosário afirma que o critério morfológico, é o esquema base das narrativas de tradição oral, nele assentam-se dois pilares: a situação inicial e a situação final. As narrativas se organizariam a partir de uma situação de carência inicial que acabaria por ser ultrapassada depois de uma série de peripécias, atingindo finalmente uma situação final gloriosa. Enfim, iniciaria-se um conflito, rapidamente uma crise, peripécia e um final glorioso.

No que diz respeito à situação final, verifica-se uma maior uniformidade e rigidez; essa continua mais fiel a narrativa tradicional, enquanto a narrativa inicial apresenta situações voltadas à motivos e condições socioeconômicas e históricas.

Rosário esclarece que as características e as estruturas da narrativa oral acabam sendo compatíveis à de um texto, se entendermos texto como uma organização de um discurso verbal, onde são estruturadas as partes. Por isso, o que distingue a narrativa de cunho oral, são dois aspectos: a oralidade e a textualidade. Seria importante ressaltar que as narrativas de tradição oral caracterizam-se, simultaneamente, pela sua grande riqueza em termos de diversidade, cor, pintura dos fatos e ambientes, bem como pela sua extraordinária uniformidade estrutural e monotonia orgânica. Rosário conclui que nas “narrativas de tradição oral, o importante é saber contar; dominar a palavra e saber o que fazer com ela na construção de um universo tão simples nos seus elementos estruturais, mas tão complexo na significação e simbologia que representam” (ROSÁRIO, 1989, p. 77).

3.2 Considerações interpretativas do *corpus* em estudo diante do contexto social

O *corpus*, *A cidade e a infância* (2007) é composta por dez contos, que nos permitem traçar um paralelo entre fatos históricos e criação literária. Concluímos que ambas, a história e a literatura, são entrelaçadas pela trajetória de resistência do povo angolano, resultando em uma literatura de consciência gerada a partir das reivindicações políticas dos escritores que evidenciaram as necessidades o povo angolano:

[...]a literatura começa a ter peso, a partir da década de 1950, década, aliás, que marca profundamente a história geopolítica dos países coloniais- tudo que traz o traço da alteridade angolana, passando a produção literária a vincular-se estreitamente à construção da nacionalidade. [...]

Literatura e construção da nacionalidade são as duas faces de uma mesma moeda, cunhada em um primeiro momento, entre 1948 e 1975, pelas várias

gerações de escritores. Nascem, pois, ao mesmo tempo, a moderna literatura, a consciência da nacionalidade e a luta pela libertação, sendo difícil separar os processos estético e político-ideológico, que estabelecem entre si significativamente interfaces, mesmo depois da independência. (PADILHA, 2011, p. 174-175)

Identificamos esses traços destacados por Padilha nos contos do *corpus*, marcas e temas que aparecem por meio da oralidade, da memória, do preconceito, da afirmação da nacionalidade, das palavras em kimbundu e da transformação da cidade de Luanda e dos musseques. Luandino utilizou as marcas e os temas acima citados para ressaltar os acontecimentos de aspecto sociológico, manifestando crítica à opressão portuguesa. Faremos considerações interpretativas envolvendo os dez contos de forma geral, a partir da visão crítica de Luandino de modo geral, destacaremos marcas específicas de cada conto.

Quanto ao título *A cidade e a infância*, Luandino nele sugere a apresentação como espaço dominante, a “cidade” referindo-se simbolicamente a Luanda. Portanto, torna-se adequado analisarmos esses símbolos “cidade” “Luanda” pela ótica conotativa. Padilha, na leitura cartográfica da cidade, considera:

O debruçar-me sobre os espaços ficcionais levou-me, quase como uma consequência natural, aos mapas, às cartografias, enfim, aos elementos da ordem da representação geográfica onde tais espaços se projetam e nos quais a ficção de algum modo se inspira para encontrar ela própria forma de cartografar-se pela linguagem (PADILHA, 2007, p. 206).

Além de ser um espaço geográfico, modificado e distanciado em relação ao passado, trata-se de uma cidade que também foi dividida entre colonizadores e colonizados, comportando a diversidade cultural e política entre colonizadores e colonos. Luanda sofreu graves modificações, sem planejamento arquitetônico voltado para a realidade angolana. Prevaleceram os interesses comerciais e administrativos da metrópole portuguesa. Assim, a cidade sofreu passivamente as transformações geográficas de acordo com a condução dos fatos históricos e das manifestações de seus habitantes, como a transformação das casas de pau-a-pique e zinco por edificações e prédios de ferro e cimento, as estradas de terra vermelha substituídas por asfalto. A cidade e os musseques citados por Luandino abrigam o contraste da simplicidade angolana e o requinte da arquitetura europeia. Nesse sentido, vemos um claro posicionamento de Luandino, que insiste em destacar o passado nos contos, utilizando a memória para manter vivas as lembranças. Encontramos em Fanon a explicação exata de uma cidade oprimida pelos colonizadores e identificamos esse contexto na literatura registrada por Luandino:

A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a médina, a reserva, é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros, as casas umas sobre as outras.

A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade acorçada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada. É uma cidade de negros, uma cidade de árabes. (FANON, 1968 p. 221)

Diante dos conflitos registrados na cidade, identificamos as tensões raciais, desenvolvidas no mesmo espaço dividido entre brancos, negros e mestiços, na vasta situação de pobreza e exploração, envolvendo os musseques.

Luandino mostra, em seus contos, que essa cidade era reduto de paz e tranquilidade entre moradores, porém, após a colonização, o urbanismo colonial fez esse reduto desaparecer e conduziu seus habitantes, os angolanos nativos e os colonos pobres, para um refúgio na periferia, excluindo-os e formando os musseques como bairros sem estruturas. Ferreira esclarece:

Mas tudo isso se subverteu à medida que as “casas de pau-a-pique” e zinco foram substituídas por prédios de ferro e cimento”. Tudo isso se alterou com a hegemonia e a arrogância da presença branca, criando a “fronteira do asfalto”. De um lado os europeus, do outro as gentes dos musseques, habitados por negros, mestiços e alguns brancos desprotegidos. Cresce a marginalidade social, agrava-se a segregação racial. De cidade mista, Luanda se transforma em **cidade bipartida e bivalente**. A uma mudança física correspondeu uma mudança social (racial). (grifo nosso com destaque a mudança e preconceito racial) (FERREIRA, 2007, p. 119-120)

Mesmo sem ter sido citado, o nome da cidade de Luanda aparece nos contos, como referência à célula menor, os musseques, espaço onde circulam as personagens criadas e recriadas por Luandino que são, na maioria, os trabalhadores representantes da população pobre, como os operários, os sapateiros, os taberneiros, as quitandeiras, as lavadeiras e outros; nos contos, esses profissionais dividem o espaço com os malandros, os ladrões, personagens de todas as características que conviviam com mulheres e crianças, formando um núcleo de sobrevivência e de resistência. De acordo com Correia (2012, p.109) o próprio Luandino Vieira, em 1990, por meio de entrevista relata que a cidade de Luanda, em 1940, tinha vários bairros e musseques que dividiam a cidade de Luanda em cidade-alta e a cidade-baixa. Nos musseques não existia saneamento nem infraestrutura, enquanto nos bairros das “cidades da África portuguesa” ocorria o planejamento arquitetônico:

Tratores invejosos a soldo de bandos de inimigos desconhecidos invadiam-nos a floresta e derrubavam as árvores. Fugiram os sardões e as pica-flores. As celestes e os plim-plaus. Plano maquiavélicos de engenheiros bem pagos libertavam as chuvas. E nunca mais houve ataques ao kinaxixi. (idem, p. 12)

Um edifício emblemático da arquitetura de Luanda era o Mercado do Kinaxixi. Correia relata sua construção do Mercado em 1952, um projeto do Português Vasco Vieira da Costa (1911-1982). O projeto teve a finalidade de implantar o movimento moderno em Luanda, ainda sob o jugo colonial, uma forma total de desrespeito à cultura angola, “movimento moderno”.

Para caracterizar a urbanização não planejada, Luandino refere-se a tratores invejosos a soldo de bandos de inimigos executando um “plano maquiavélico” um desenfreado ataque”. Quanto à segunda parte do título - a infância- esta é representada em íntima ligação com a cidade imaginária, remetida ao passado, onde as crianças tinham respeito e admiração pelos mais velhos. Elas valorizavam a terra, reduto das artes e brincadeiras infantis. Essa ligação entre a cidade e a infância torna-se um relacionamento intrínseco e dá movimentação tanto à parte geográfica, a cidade, quanto à parte emocional e estrutural, referindo-se à infância. Ambas necessitavam dessa união para estabelecer relações de identidade entre o humano (criança) e o contato com o ambiente (cidade). Percebemos que ocorreu uma ruptura tanto na cidade quanto na infância após a dominação dos portugueses. Mas Luandino ainda considera essa ligação um espaço sagrado, uma engrenagem que movimenta a transação do tempo e do espaço e fortalece os valores morais e identitários afetados pela imposição dos colonizadores.

Quando refletimos acerca da imagem da “infância” nos contos de Luandino, fica evidente a inquietação do autor em relação ao futuro, tanto do país quanto das crianças, futuros adultos, combatentes e guerrilheiros que defenderão Angola. Padilha (2007, p.56) esclarece o papel da infância nesse período, mostrando que, para a criança, mesmo daquele período, a inocência era possível.

A infância é representada por um saudosismo do paraíso perdido, com aparente ingenuidade na visão acerca dos fatos narrados. Essa ingenuidade é apenas superficial, porque contém símbolos e fatos implícitos nas ações das personagens dando abertura às interpretações com punho crítico. Percebemos que a infância, nesse ambiente conflituoso, moldava as crianças, deixava-as fortes, porém sem perder a inocência e o autor tratava-as de forma carinhosa, destinando a elas os lugares propícios para sua formação. As ações dessas personagens, nos contos, demonstram a autenticidade que as mesmas já carregavam diante do porvir. Essa inocência, associada à imagem da criança e dos habitantes de Luanda também é

identificada por Chaves (2005), que considera imagens simbólicas e metafóricas da nação, especialmente dos anos que antecedem a independência.

Para além da referência ao estreito contato com a mãe, matriz primordial na literatura Angolana, seja a própria, seja como metonímia da terra africana, o universo infantil é retomado como um mundo em comunhão, onde o código da cisão não tinha se projetado. (CHAVES, 2005, p.49)

Consideramos que o sentido da infância narrada por Luandino é relida a partir do tempo presente da escrita dos contos, 1955 a 1957. Mesmo que a publicação do livro tenha sido tardia, 1961, os acontecimentos sociais envolvendo comportamentos infantis no contexto são sempre tratados por Luandino.

Utilizamos a fragmentação do título do *corpus*, dividindo-o em duas palavras, “cidade e criança”, para destacar a crítica de aspecto sociológico de Luandino e, ainda, para identificar a correlação existente entre ambas dando ideia de que tanto a cidade quanto a infância sofriam transformações drásticas. Buscamos no conto do *corpus* que leva o mesmo nome do livro, *A cidade e a infância*, a exemplificação, “A **infância aparecia diluída numa cidade** de casas de pau-a-pique, zinco e luandos, à sombra de frescas mulembas onde negras lavavam a roupa e à noite se entregavam”, percebemos nessa citação, que além da transformação drástica, ocorria a perda de identidade tanto da infância quanto da cidade, essa identidade “diluía,” “sumia” diante do cotidiano.(idem, p.58, grifo nosso).

Outro fator relevante nos contos, é a descrição do comportamento social dos angolanos. Luandino deixa evidente temas, mesmo que secundários, envolvendo bebidas em bares, além da prostituição, mostrando esse procedimento como falta de controle emocional e psicológico das personagens para liberarem as tensões, impostas pelos portugueses, por meio da bebida. Percebemos que os angolanos não tinham mais esperanças no retrocesso à vida digna e utilizavam esses comportamentos como escape para a dura realidade em que viviam. No conto *Marcelina*, lê-se: “Mas era a única maneira de se desforrarem de uma semana inteira de humilhações.” (idem, p. 73). Em *Encontro de acaso*, lemos: “Empurrei a porta e entrei na taberna. Sombras. Ao centro a mesa, as garrafas, os copos. Num canto um par de bêbados dormiam.” (idem, p. 14) “Morava também o senhor Albano, velho marinheiro de barcos de cabotagem com a família e a branca Albertina que dava farra todas as noites. O vinho corria e depois na quentura luarenta da noite ficavam amando-se, ressonando em esteiras estendidas no quintal à sombra de frescas mandioqueiras” (idem, p. 48).

Identificamos a relação entre a vida conflituosa dos angolanos e com o estado de alegria, inato deles, e percebemos que Luandino evidencia essa alegria na maioria dos contos, por meio da representação de acontecimentos, dos bailes e de músicas nos musseques. Esse comportamento social mostrado por Luandino tem a finalidade de defender que a má conduta dos colonizadores não distorce essa inerente alegria provinda dos antepassados, que perdura mesmo em meio das dificuldades. Sob a perspectiva de Abdala (2007, 30), a narrativa de Luandino é profundamente histórica e verdadeira, tão verdadeira que se os fatos narrados não tivessem ocorrido, acreditaríamos neles. Abdala ainda completa, fazendo referência às personagens; que elas são carentes e, as narrativas levam características psicossociais da alienação social e nacional. Verificando esse posicionamento de Abdala em relação aos comportamentos narrados por Luandino, identificamos que essas personagens utilizam esses escapes / fugas para sobreviver, porém, elas confiam e têm esperanças na Revolução, como a única forma de terem uma vida digna. Padilha (2007,p.56) referindo-se à área literária, relata que essa desvinculação com Portugal será necessária para obtenção de seus espaços como uma “nação territorial e linguisticamente demarcada.” Encontramos uma deixa bem peculiar ao tema e à interpretação no conto *A cidade e a infância*: “Lembra-se do dia em que o pai o ensinou a ler a primeira palavra. Na *Província de Angola* escrita a letra grande: GUERRA.” (idem, p. 49)

Luandino usa ainda muitas vezes a imagem do cajueiro, que aparece nos contos enfatizando posicionamento reflexivo da cultura angolana. Sabemos da importância do cajueiro como planta tanto alimentar quanto medicinal, sem falarmos da sombra que ele proporciona. Esse signo concreto que o cajueiro efetuou em Angola no período da colonização ainda resiste em relação à economia angolana na atualidade, com fábricas de processamento da castanha de caju e de aperitivos. Esse valor socioeconômico associado ao cajueiro é vinculado na obra com o objetivo de relacionar e mostrar a importância social que a planta possui desde a colonização. Conforme esclarece Abdala (2007, p.32), essa imagem remete ao símbolo de resistência desde as raízes (o apego à origem, à terra) até as castanhas (o verdadeiro fruto, que é semente e reproduz a estrutura da árvore), ocorrendo uma comparação dessa imagem com a situação social étnica do país. Abdala refere-se ao “tronco-pai”, que tudo aproxima, enraíza-se na “terra-mãe” que o alimenta, que dá frutos coloridos, amarelos e vermelhos. Acrescentamos aqui o poder refrescante de suas sombras, lugar propício para o griots narrarem suas histórias. Concluimos que o cajueiro também tem referência de identidade na oralidade. Essa relação entre o real e o ficcional que inspirou Luandino deixa clara a existência de uma estrutura harmoniosa entre o cajueiro e o angolano, e nos remete a acreditar que ambos ressaltam a unificação entre o homem e a natureza danificada pelo processo de subjugação dos colonizadores. No conto *O nascer do*

sol, o narrador se posiciona quanto ao valor, a importância e a confiança em relação ao cajueiro, “Fugiu para a sombra do velho cajueiro. Chorou.” (idem, p. 35)

Outras duas imagens utilizadas por Luandino visando acentuar a desigualdade desencadeada pela colonização são as imagens das palavras “Florestas e Comboio.” Através das informações fornecidas por Correia (2018, p.141), veremos que, nos anos de 1950, Angola conseguia empréstimos na Caixa Geral de Depósitos para investir em tecnologias como aproveitamento de fontes de energia, investimento em saúde, comunicações, agricultura, pecuária, mineração e outros, desde que resultassem no desenvolvimento tecnológico de Angola, melhorando assim a infraestrutura e vida dos portugueses na cidade-alta. Por meio desse convênio, tentavam também estabelecer o crescimento da infraestrutura, ligada aos transportes, à produção de energia e de cimento para a construção urbana, a modernização do sistema de produção agrícola e, principalmente, a produção de produtos tropicais e a extração de matérias-primas do subsolo direcionados à exportação. Encontramos nos contos do *corpus* esses elementos como força de evidenciar a desigualdade tanto social quanto racial. No conto *O nascer do sol*, “A vida absolutamente livre até ali, parava agora às quatro horas e eles sentavam-se na areia amarela que camionetas tinham trazido para a obra em construção” (idem, p. 31); outra passagem, ocorre no conto *Quinzinho*, “vais a enterrar, Quinzinho, vais quieto como nunca foste. Despedaçado pela máquina³⁴, Quinzinho, pela máquina que tu amavas, que tu tratavas com amor” (idem, p. 87)

Soares (2015, p. 85) observa a conclusão das obras das ferrovias e a inauguração em 1861. Visando interligar as cidades e evacuar as riquezas provindas de Angola em linha ferroviária, em benefício da coroa. O mesmo fato ocorreu no conto *O despertar*, “Fica no ar o cheiro de peixe fresco. Do Sul vem o apito do comboio. O comboio das seis que vem buscar os operários” (idem, p. 19); “E só saíram de casa dele quando o comboio das cinco apitou na curva da Cidade Alta e foram dar espetáculo aos passageiros, trepando com agilidade de gatos pelas paredes de barro que ladeavam a linha.”(idem, p. 58). Porém quanto às florestas que Luandino destaca nos contos, ele explicitamente mostra sua ligação com os guerrilheiros do MPLA; esses utilizavam as florestas fechadas para articular seus planos revolucionários em prol da independência de Angola.

³⁴ Máquina: Um meio de transporte popular era o **comboio** cuja linha Luanda a Malange foi inaugurada em 1861. (SOARES,2015,p.85)

3.3 Considerações do *corpus* em estudo com foco nos contos

O conjunto dos dez contos que compõem o *corpus* de *A cidade e a infância* (2007), caracteriza-se por suas narrativas curtas, evidenciando o comprometimento do autor no que diz respeito à denúncia social; Luandino Vieira pretendia despertar a sociedade para a necessidade da descolonização.

Os contos evidenciam cenas que desvendam o cotidiano dos angolanos; frequentemente ocorrem cenas de imposição, amedrontamento e inferiorização dos negros e mulatos, ou cenas que mostram abalos sentimentais e psicológicos. Nesses contos, Luandino lançou mão de uma linguagem muito própria, mesclando o kimbundo com o português e transferindo, para a escrita, características da oralidade.

O *corpus* é constituído por uma Literatura de tradição oral africana, que pode ser verificada na própria leitura, pois esta sugere, por parte do leitor, a avaliação de uma história contada, em voz alta, por alguém. As palavras fluem de forma simples, natural e coerente; a compreensão da mensagem não demanda pré-requisito; ela sempre é muito simples, mas tem alcance amplo.

Observamos, nos contos, a preocupação com o realismo, com a cor local, não como forma de expressão do “exotismo”, mas de testemunho de realismo. Luandino evidencia a segregação de espaços e de pessoas através dos ambientes, das ruas de terra vermelha. Ali ocorrem desde cenas amenas, como o encontro entre amigos, até cenas de morte como a do jovem Ricardo, do conto *A fronteira de asfalto*. Nos bares, nos bailes, nos prostíbulos corre solta a bebida- que congrega os seres humanos situados fora da ordem, que vivem marginalizados e as pessoas comuns, trabalhadores mal remunerados que vivem à beira da miséria.

Luandino apresenta um retrato fiel da parte física de Luanda, utiliza metáforas para descrever a tecnologia que chega dominada pelos portugueses destruidores das “florestas” e as “cidades.” Ele utiliza personagens frágeis, sonhadoras, apaixonadas, mulheres sensuais, crianças com alma puras e destinos traçados. Na verdade, essas características transmitem, em alguns casos, fragilidade, e em outros resistência, identificando sempre a situação opressora vivenciada na realidade.

Os contos do *corpus*, são considerados curtos, o que é uma característica desse gênero. E também, ao iniciarmos a leitura e conhecermos o posicionamento ideológico do autor, conseguimos imaginar o desfecho da história.

No geral, os narradores dos contos vão narrando à medida que se vão recordando dos fatos, eles criam um emaranhado entre o presente e o passado, transportando o leitor através das memórias e envolvendo-os nas ações. O narrador utiliza o recurso da narrativa circular, terminando a história quase sempre com a mesma ideia, exposta do início do texto. Nesse tipo de narrativa circular, ocorre a suposta intenção do narrador em utilizar, como exemplo, o ciclo vicioso, para mostrar as cenas cotidianas, como as tensões impostas pela situação de atrito entre colonizado e colonizadores. Para quebrar esse ciclo em que os angolanos viviam, a única saída seria a Guerra em prol da independência.

Outro fator que observamos nos contos é a desimportância, o pouco caso dos habitantes portugueses que foram a Angola em busca de fortuna e deixaram suas mulheres em Portugal, iniciando novos relacionamentos com as angolanas. Nesse ciclo de interesse percebemos os portugueses usufruindo das oportunidades e seduzindo as angolanas; essas também tinham interesse em seduzir os portugueses, levados por interesse financeiro, mesmo sabendo que haviam deixado famílias. Esse fato é retratado em Soares (2015), encontramos uma referência no conto *Bebiana*: “Disse que o homem branco não presta, só faz mulatos e depois quando vai no Puto deixa só negras com os filhos, como quando vai no capim fazer coisas e nem tapa, como fazem os gatos.” (idem, p. 64).

Nos dez contos percebemos a intenção de Luandino de utilizar o meio socio econômico e cultural para mostrar a mudança de valores que ocorreu com a colonização, e ainda, seu objetivo em firmar um projeto de criação literária. Ao assumir a imagem do velho contador de histórias, ele ressaltou a memória como tradição africana. Como ativista revolucionário, Luandino fez um chamado aos angolanos para inverterem o papel de aceitação e integrarem seu lugar na Guerra de libertação. Esse chamamento feito por Luandino encontra-se nas entrelinhas do conto *Encontro de acaso*, e fica mais evidente em entrevista ao Jornal de Angola, em 1961, quando para ele é importante a união entre escritor e a obra para fazer transparecer as necessidades dos fatos.

4 CONSIDERAÇÕES DOS CONTOS EM ESTUDO

Os contos foram agrupados por temas, contendo seus resumos e logo abaixo suas considerações embasadas nas considerações anteriores do trabalho de pesquisa.

4.1 Contos *Encontro de acaso* e *A cidade e a infância*

O conto *Encontro de acaso*, (idem, p. 9) relata a história de um rapaz branco que, quando adulto, reencontra por acaso um amigo negro de sua infância. Eles formavam um grupo de crianças que exploravam com suas brincadeiras a cidade e o derredor. O chefe do bando era negro “com suas pernas tortas, as feições duras, impusera-se pela força” (idem, p.11), impunha a ordem e a lei no grupo; as brincadeiras obedeciam às regras do chefe do bando. Quando cresceram o bando dissolveu, cada um seguiu seu caminho, porém a vida lhes reservou um encontro por acaso. Foi nesse instante que ocorreu uma epifania no narrador personagem, ao se deparar com seu “chefe” e ver que a vida o tornou um “farrapo.”

O conto *A cidade e a infância*, (idem, p.45) é curto e dividido em cinco partes. Na primeira parte, o conto relata a história de um menino muito doente preso à cama do quarto sob os cuidados dos familiares; nas outras partes, mostra-se que a personagem pode estar morrendo, mas suas lembranças estão vivas. Elas remetem a uma cidade, onde ocorreram as melhores peripécias da vida do garoto; contudo, mesmo nas memórias, ele consegue observar a mudança decorrente na cidade em que viveu seus melhores anos.

As duas narrativas *Encontro de acaso* e *A cidade e a infância*, são identificadas como narrativa oral, pela estrutura das orações, que são curtas e ocorrem rompimentos na sequência das falas após a explicação dos fatos. Observamos que essa explicação é outra característica da narrativa oral, classificada como metalinguagem. Essas narrativas ao serem lidas em voz alta, sugerem a presença de um ouvinte e a de um contador de histórias.

Rosário (1989, p. 56,57) faz considerações referentes ao critério das narrativas de cunho oral. Nelas ocorrem a fragmentação das orações, como se fosse utilizada a própria fala ou, se tratasse de um instante dado ao cérebro para ele refletir o que falar. Ele ainda relata que, o papel da metalinguagem e sua função, como um verdadeiro ritual de explicar o próprio fato ocorrido. Rosário relata os dois pilares que existem nas narrativas de tradição oral, “segundo o critério morfológico, o esquema base das narrativas de tradição oral assenta em dois pilares: a *situação inicial* e a *situação final*” (ROSÁRIO, 1989, p.52). Segundo ele, a explicação lógica e teórica para esses pilares é que, no início das narrativas, ocorre uma situação de carência da personagem ou da situação, logo após, no desenrolar das ações, aparecem várias situações ou marcas que

remetem a uma série de peripécias, chegando-se à situação final sempre glorificante. Nesse instante é perceptível o movimento circular nas narrativas, o final procura esclarecer o início, ou retomando-o ou complementando o início da narrativa.

Nos acontecimentos narrados em *Encontro de acaso*, são apresentados na primeira pessoa do singular, por um integrante do grupo de amigos. O espaço utilizado para o desenvolvimento das ações e do desfecho é a cidade e seu derredor. Essa alternância em dois ambientes oscila entre o presente e o passado, é marcada pelo impacto do encontro, na cidade. Percebemos o presente descortinar-se e ativar o passado, pois a infância, os amigos e o bairro deixaram marcas no narrador e, através de lembranças, no impacto do encontro, o narrador dilata a memória, utilizando o jogo do passado e presente. O narrador relata a sua própria história; por isso, é um narrador personagem. Ele traz latentes, em sua memória, os valores antes vivenciados. Seus pensamentos fluem refletindo tanto boas como más lembranças. Nesse discernimento dos pensamentos percebemos o tom do conto, ou seja, o tom que envolve a trama e as personagens, as oscilações entre alegria e tristeza.

Quando nos referimos à alegria, percebemos, nitidamente, que o narrador personagem remete ao passado, a uma infância cheia de peripécias e aventuras saudáveis, “Como são dolorosas as recordações! Oh, quem me dera outra vez mergulhar o corpo na água suja [...]” (p. 11).

O conto *A cidade e a infância*, desenrola-se a partir do delírio da personagem, que estava febril “A cabeça ardia em febre. O corpo doía de sempre deitado” (idem, p. 47). O narrador faz um jogo entre o presente e o passado; ele busca o passado e revive no presente, ali doente, no quarto. Em terceira pessoa oscila em alguns momentos dando voz ao personagem do menino que estava doente, porém essa voz a da memória. “Lembras-te Zito daquelas matinés...” (idem, p.54). O conto é dividido em cinco partes: na primeira o narrador relata o período em que a personagem Zito estava doente e seus familiares lhe dedicavam atenção, inclusive aparecem em cenas. As outras quatro partes, mostram a personagem impossibilitada de falar, porém as cenas de sua infância fluem em sua mente de menino doente.

Outro fator que se destaca na fala do narrador é a morte. “Vai morrer. Sou eu a culpada” (idem, p. 47), “Viu a Morte diante dele muito tempo. No delírio febril tudo lhe veio à memória. Tudo tinha cor e vida. Agora eram apenas recordações baças, bonecos desarticulados, mexendo-se no vácuo da imaginação.” (idem, p. 58). Percebemos que esse destaque é proposital. Luandino procurou passar essa informação ao narrador do conto como uma estratégia para o leitor ser mais atento aos fatos, alertando-o sobre o que poderá acontecer. No contexto,

percebemos a deixa do autor em mostrar que se os angolanos não reagirem, adoecerão e morrerão, inclusive ele usa a palavra ‘Morte’ com letra maiúscula (idem, p. 58).

O espaço onde se desenrolam as ações, é o quarto, porém as lembranças nos remetem à cidade de Luanda. Nesse fio de memória, o narrador fala da transformação da cidade, inclusive da modernidade que chega e assusta os angolanos. Ele informa: “Aquele velho carro a que eles chamavam o zizica. A rua era de areia vermelha. Poucas casas novas. Apenas o edifício do Lima, loja e padaria” (idem, p.48), “Hoje muitos edifícios foram construídos. As casas de pau-a-pique e zinco foram substituídas por prédios de ferro e cimento, a areia vermelha coberta pelo asfalto negro, a rua deixou de ser Rua do Lima. Deram-lhe outro nome. (idem, p. 49), modernidade, “pendendo simbolicamente no poste telefónico” (idem, p.50), “E faltava ainda meia hora para se abrirem as portas! O filme era de Tarzan[...]” (idem, p.54)

Nos dois contos, ocorre o tom de tristeza, envolvendo as memórias e as lembranças. Esse tom de tristeza ocorre - de forma direta ou indiretamente – em decorrência da terrível situação colonizadora vivenciada pela sociedade e refletida no comportamento infantil que levava as crianças a terem atitudes de adultos, utilizando a imposição, a força e a hierarquia mesmo nas simples brincadeiras.

Encontramos em *Encontro de acaso*, “Sempre fui amigo dele. Desde de pequeno que era o chefe do bando. As pernas tortas, as feições duras, impusera-se pela força” (idem, p. 11). A doença, a morte, a tristeza pela perda, o choro, a ansiedade limitação de ir e vir, encontramos no conto *A cidade e a infância*.

A estratégia do autor em apresentar o conto em primeira pessoa e utilizar como personagens as crianças, as ações sendo brincadeiras ingênuas, porém com fundo verídico, acabam sendo meios de atribuir credibilidade à mensagem e alertar os leitores sobre o futuro dessas crianças subjugadas pelas ações inconsequentes dos colonizadores. No momento em que Luandino representa a realidade com certa visão subjetiva, com lapsos de memória, ele procura deixar transparecer a verdade do fato narrado. O conto, ocorre como um testemunho, como se o narrador quisesse garantir ao leitor a veracidade do desenrolar das ações.

Em *Encontro de acaso*, aparece uma sequência harmoniosa das ações, envolvendo cenas das lembranças, da memória do narrador - personagem. Essas ações vão descrevendo a parte física do ambiente e ao seu redor, “A Grande Floresta e o Clube kinaxixi, refúgio dos bandidos” (p. 11). Esses dois ambientes foram marcados historicamente no desenvolvimento da cidade de Luanda, e citados no conto de forma metafórica, porém com fundo verídico. “A Grande Floresta” era usada para demarcar o espaço entre a cidade e a agricultura que se desenvolvia para o sustento e a economia de Luanda, assim como também era utilizada para

refugiar os guerrilheiros do MPLA, lugar onde eles se reuniam para decidirem suas estratégias de ataque. O Kinaxixi era um espaço de encontros e aventuras dos moradores de Luanda. Antes de se tornar o mercado que vendia todas as mercadorias regionais, ele era um parque, onde as crianças se reuniam para brincadeiras. O narrador relata que existia uma integração entre as personagens e os ambientes, implícita nas palavras e explícita nas cenas, com o objetivo de mostrar a desigualdade do sistema colonial.

Na linguagem do conto, são introduzidas palavras do kimbundu, uma forma de registrar que a língua mãe ainda sobrevivia. Essa sobrevivência está caracterizada pela permanência no conto das palavras “Mafumeiras gigantes,”³⁵ cheias de picos³⁶, rabos-de-junco³⁷, quicuerra³⁸, as pica-flores,³⁹ . As celestes⁴⁰ e o plim-plaus⁴¹.” (p. 12)

Evidencia-se, portanto que as obras apontadas filiam-se à literatura de tradição oral constituindo um resgate da tradição angolana, provinda dos griots. Sua temática pretende despertar o leitor para a necessidade de mudança visando, assim, a independência. Finalmente, o autor não vê outra saída além da revolução, para resgatar a cultura e a dignidade dos angolanos, perdida após a invasão dos colonizadores portugueses. As ações das personagens visam resgatar valores que iam desaparecendo na sociedade, e expondo as crianças à ruptura com o passado dos ancestrais e com a aceitação de uma nova sociedade voltada aos valores e interesses europeus.

4.2 Contos *O despertar*, *O nascer do sol* e *Quinzinho*

O conto *O despertar* (idem, p. 17), relata a história de um homem que vive em liberdade, mas aprisionado pelo movimento e pela transformação que ocorria na cidade, diante dos seus olhos. A sua casa era uma espécie de refúgio, em relação ao mundo exterior. A personagem nunca teve uma família presente; pelo contrário, seu pai o expulsou de casa e ele teve de pagar o preço de ser inserido no mundo ainda cedo. Ele vê e sente a transformação da cidade, das pessoas e dele mesmo.

O conto *O nascer do sol* (idem, p. 25) mostra a rotina de um grupo de meninos que moravam em um musseque simples. Eles passavam o tempo na escola e na rua. Suas

³⁵ Mamufeira: Árvore que atinge 30 metros de altura.

³⁶ Picos: Planta cactácea, ásperas e espinhosa.

³⁷ Rabo-de-junco: Pássaro de cauda comprida e plumagem acastanhada.

³⁸ Quicuerra: Mimo feito de farinha de mandioca, açúcar e amendoim.

³⁹ Pica-flores: Pássaro, o mesmo que colibri.

⁴⁰ Celestes: Pássaros azul-acinzentados.

⁴¹ Plim-plaus: Pássaros acinzentados.

brincadeiras eram ingênuas. No entanto, ocorre uma mudança diária na relação entre eles, marcadas pelo nascer do sol, pelo despertar de um novo dia. Assim eles deixam a ingenuidade e brincadeiras de criança para deixarem-se levar pelo encantamento do sexo oposto e pelo despertar da sexualidade. Com a mudança dos corpos, ocorria, simultaneamente, a transformação do bairro onde eles moravam.

O *Quinzinho* (idem, p. 85), relata a vida de um negro, apaixonado pela tecnologia, aqui identificada como uma máquina.

Quinzinho era operário e trabalhava com as máquinas, na construção de uma outra Angola (Luanda). O narrador relata que Quinzinho tratava a máquina como uma mulher, dedicava-lhe toda sua atenção. Porém, Quinzinho foi morto em um acidente com a própria máquina que tanto ele amava, mesmo que o conto não cite o tipo de máquina com que Quinzinho trabalhava, dá a entender que ocorre entre ambos uma simbiose.

Os contos *O despertar*, *O nascer do sol* e *Quinzinho* foram agrupados por evidenciarem, o massacre da sociedade. Luandino procurou mostrar as injustiças que o regime colonial impunha aos angolanos e a principal estratégia dele foi evidenciar a invasão da modernidade, da tecnologia, sem preparar os angolanos para recebê-la. Reflete também sobre a invasão das construções desordenadas, sem planejamento urbano adequado, visando beneficiar somente a classe branca e da cidade alta.

Percebemos, através desta temática que o autor conseguiu transpor o real para a ficção, utilizando meios e marcas que esclarecem todo o entorno das cenas. Uma das marcas evidentes é a questão da nacionalidade e da prisão dentro do próprio mundo em que os angolanos viveram, nesse período de colonização, durante o qual foram tratados como marionetes, em prol do acúmulo de reservas e benefícios para os colonizadores.

Luandino, independentemente de transferir o real para a ficção com todos os detalhes, preocupa-se ou, melhor, tem por objetivo denunciar os fatos, as imposições e as injúrias sofridas pelos colonizadores. Rosário (1989, p. 69) esclarece esse fato e o compara a uma das características da literatura oral. Segundo ele, os fenômenos situados no interior da narrativa de cunho oral são classificados de *assimilações*, porque existe a introdução dos elementos e dos valores vindo de diversas situações do contexto.

Identificamos em nossos contos “assimilações” das cenas dos musseques em que os três contos se situavam. No conto *O despertar* ocorreu que “Quando cá fora, no chão vermelho, as quitandeiras deixavam marcados os pés disformes de percorrerem sempre o mesmo caminho” (idem, p. 21), outra cena de assimilação da realidade encontramos no conto *O nascer do sol* “Já pelas ruas andavam as quitandeiras vendendo laranjas e limões. O prédio, há meses ainda em

alicerce, onde se brincava às escondidas[...],” (idem, p.33) e encontramos em *Quinzinho*, “Agora vais quieto, mais branco, no teu caixão pobre. Os teus amigos vão atrás, tristes porque tu eras a alegria deles.” (idem, p. 87).

Os três contos aqui trabalhados, estão narrados em terceira pessoa, um narrador observador, as ações têm lugar nos musseques. Em *O despertar*, as ações ocorrem nas ruas de terra vermelha, enquanto no *O nascer do sol*, a personagem protagonista permanece dentro de casa, mas observa as ações desenvolvidas no entorno e no conto *Quinzinho* todas as ações ocorrem no trajeto fúnebre para enterrar seu amigo, porém as lembranças oscilam entre os espaços no passado e presente e ambientes como no trabalho com as máquinas ou aventuras de crianças.

Nos contos trabalhados, o autor propositalmente evidencia a necessidade de resgatar e reafirmar a identidade dos angolanos. Para tanto vemos cenas corriqueiras do convívio dos angolanos; eles apenas necessitavam da vida simples e pacata que viviam antes da investida dos colonizadores.

Os contos em destaque trabalham ainda o tempo, fazendo -o oscilar entre o presente e o passado. Nessa oscilação ocorre a ativação das lembranças das personagens, sempre com um fio saudosista da memória, tanto individual quanto coletiva, relatando a abrangência dos fatos perdidos com os anos. Algumas demarcações do tempo são mostradas pela escolha de palavras como sol, dia, noite, despertar do dia. Essas mostram que o fluxo do tempo é rápido, assim como nas situações da realidade. Temos a impressão de que o autor faz um chamamento para que os angolanos despertem diante do tempo que não para. Exemplos de referência ao tempo encontramos em *O despertar*: “Depois o Liceu. Momentos de alegria. Mas com o tempo veio o conhecimento dos fatos e dos homens. Perdeu o interesse no estudo porque morreram as suas ilusões.” (idem, p. 20). Em *O nascer do sol*, encontramos uma citação do passado (marcada pelo verbo) e da lembrança “Era o tempo da paz e do silêncio entre as cubatas à sombra de mulembas.” (idem, p. 29). Outra lembrança ocorre em *Quinzinho* “Lembrando a tua alegria. Lembrando quando tu chegaste da escola a chorar. Era na terceira classe e tu já desenhavas automóveis e máquinas [...]” (idem, p. 88)

Nos três contos, fica evidente o tom de tristeza, marcado em situações corriqueiras, dando ênfase ao tema proposto, porém, nesse tom acontece um jogo entre alegria e tristeza. Esse jogo proposital sugerido pelo próprio autor, mostra que os angolanos, em geral, têm o espírito alegre, mas a tristeza aloja-se nas personagens pelos fatores externos que estão ocorrendo. No entanto, a tristeza poderá ser passageira ou ficará permanentemente, essa escolha de estado de alma vai depender exclusivamente das reações sugeridas pelas personagens; ou

elas lutam para adquirirem a liberdade ou permanecem em estado de tristeza e acomodação. Esta opção pode ser observada em *O despertar* na frase: “Ontem o nascer do dia fora também lindo. E anteontem também. Mas não notará só hoje. E hoje porquê? Talvez a liberdade.” (idem, p. 20). Em *O nascer do sol*, encontramos uma passagem mostrando a alegria nata dos angolanos, “Num domingo, quando o sol convidava para a praia e os meninos iam para a missa, assobiando a sua alegria para dentro dos quintais.” (idem, p. 34) e em *Quinzinho*, “[...] a máquina que te cantava aos ouvidos a canção do trabalho sempre igual de todas as semanas e que tu sonhavas libertar por réguas, compassos, um poeta negro sobre o papel branco num estirador” (idem, p. 87)

Os contos geram conflitos, cada qual seguindo o curso do seu assunto; entretanto, esses conflitos são destacados para evidenciar a preocupação do autor com relação aos problemas do cotidiano. O conto *O despertar*, mostra um jovem que com a chegada do dia, sente-se prisioneiro em sua própria casa, essa ‘prisão’, consegue resguardá-lo dos perigos existentes no transcorrer do dia, no meio da sociedade em que vive. Ele consegue visualizar cenas nas quais percebemos que o conflito maior foi a mudança de comportamento dos moradores do musseque. Nosso protagonista tem a audição aguçada para ouvir a chegada do trem, que traz todo o desenrolar das ações, gerando o conflito, “mais perto da curva o comboio apita outra vez” (idem, p. 20). Através dessa citação, concluímos que a chegada da modernidade, sugerida aqui através do comboio, desequilibrou toda estrutura harmoniosa em que viviam as pessoas. A chegada dessa tecnologia e da modernidade repentina foram facilitadores da exploração no interior do país por aventureiros, sem consentimento dos angolanos.

No conto *O nascer do sol*, há um grupo de crianças, metáfora da sociedade, mostrando que essas crianças vivem em liberdade, em simplicidade, enfim, em harmonia, porém ao encontrarem uma garota ‘loira de olhos azuis’, o grupo começa a se desestruturar, a buscar novos prazeres e a descobrir novos caminhos. Nesse despertar para um novo mundo os meninos esqueceram o simples e maravilhoso mundo em que viviam e acabam entrando em um mundo desconhecido. Essa mudança é marcada, no conto, pela transição da criança para a sua puberdade, através da sexualidade. Percebemos que nesse grupo, todos estão na mesma faixa vibratória, e emocionalmente envolvidos, assim como os angolanos e que necessitam um despertar, ou seja, uma epifania para dar um basta na situação. Se anteriormente consideramos que o cajueiro é um símbolo da resistência, nesse conto ocorre uma passagem em que o autor deixa clara a importância e a necessidade de marchar até a resistência, observamos na frase do conto *O nascer do sol*: “Levantou-se a correr e fugiu. Fugiu para a sombra do velho cajueiro. Chorou.” (idem, p. 34).

Quanto ao conflito do conto *Quinzinho*, percebemos que o jovem negro e apaixonado pelas máquinas, era um sonhador, um poeta, deslumbrado pelas novidades que estavam chegando. Esse deslumbramento sem cautela e sem precaução o levou à morte. A personagem Quinzinho era um operário que trabalhou e dedicou sua vida às máquinas, porém morreu pobre, ninguém a chorar por ele, a não ser os amigos e a família. Luandino ainda mostra que os angolanos devem agir pela razão e não pela emoção, ele mostra que todo o amor dedicado por Quinzinho à máquina foi vão. Em um simples momento de distração ela o destruiu. Com essa passagem, o autor quer evidenciar que a realidade vivida é essa. Se não usarem da razão no enfrentamento com os colonizadores, estes os esmagarão, assim como a máquina o fez com Quinzinho.

Nos contos em destaque encontramos ainda palavras originais do kimbundo, como marca de resistência ao português e gerando a autenticidade que o autor pretende mostrar. Os exemplos citados pertencem aos três contos estudados: “muxixeiros⁴², “catete⁴³, celestes⁴⁴, buganvílias⁴⁵, mulembas⁴⁶ e cubatas⁴⁷. Percebemos, nos três contos, a presença da oralidade harmonizada nos parágrafos como se estivéssemos ouvindo um contador de histórias narrar os fatos. No conto *Quinzinho*, além de ocorrer o fato da contação de história, existe também a parte poética, como se os parágrafos tivessem uma interligação entre si e conseguissem transferir um ritmo.

Rosário, apoiado em Propp, explica o que ocorre no início e final da narrativa de cunho oral. Vejamos de uma forma resumida os benefícios que o estudo morfológico de Propp trouxe aos estudiosos da literatura de transmissão oral: Definiu e sistematizou as duas situações estáticas das narrativas como ponto de partida e de chegada (*situação inicial* e *situação final*). (ROSÁRIO, 1989, p. 69)

Destacamos o ponto de partida dos contos, como se fosse o início contado por um contador de história e o final dando retomada ao início, com movimento circular. Em *O despertar*, temos o início, “Abre a janela do quarto perdido na confusão do bairro e olha. Fora o sol está a nascer. E com ele renasce a vida adormecida. Todos os sons se levantam e as cores se avivam” (idem, p. 19), e o final: “E continuaria a sorrir para o sol a entrar pela janela. Pela janela voltada para os muxixeiros enquanto lá em baixo, na rua de barro vermelho, o aroma do

⁴² Muxixeiro: Árvore angolana de grande porte.

⁴³ Catete: Pássaro acinzentado claro

⁴⁴ Celestes: Pássaros azul-acinzentados

⁴⁵ Baganvilias: Plantas trepadeiras

⁴⁶ Mulembas: Árvore angolana de grande porte

⁴⁷ Cubatas: casa coberta de folhas; choupana de negros africanos; choça

café aguado dos negros da Câmara subia como fumo...(idem; p. 24). O conto *O nascer do sol*, inicia-se com “Naquele tempo já os meninos iam pra escola, lavados, na manhã lavada, de meias altas de escocês e sacola de juta” (idem, p. 29) e seu término, “No outro dia o Sol nasceu. E havia nos olhos dos garotos a caminho das escolas, misturado com a antiga expressão ingênua, um brilho malicioso de sexualidade.” (idem, p. 35). No conto *Quinzinho*, percebemos que o começo tem uma expressão coloquial, “Aiué” que o inicia anunciando um enterro: Aiué, Quinzinho, aiué. Vais a enterrar, Quinzinho, vais quieto como nunca foste. Despedaçado pela máquina, Quinzinho, pela máquina que tu amavas,” (idem, p. 87). O conto termina, retomando a cena do enterro: “E os braços castanhos mancharam-se de vermelho. A minha primeira homenagem a um poeta do trabalho, que não chegou a florir. Rosas vermelhas pra ti, Quinzinho!” (idem, p. 90)

Percebemos que os inícios e finais se unem para completarem os acontecimentos, como se o final fosse sequência do início do conto.

4.3 Contos *A fronteira de asfalto, Marcelina e Faustino*

Em *A fronteira de asfalto*, (idem, p. 37) mostra-se divisa entre a cidade de cimento e a cidade de pau a pique. Nesses dois ambientes opostos, vivem dois garotos, um menino negro, Ricardo, da cidade de terra vermelha, filho da lavadeira que trabalhava na casa da menina branca, Marina, da cidade de asfalto. Enquanto ambos eram crianças a mãe da menina autorizava que o “negro” frequentasse sua casa, mas quando eles cresceram, a ponto de ela não precisar da proteção dele na escola, a mãe da menina branca o proibiu de ter contato com a filha, pensando no que as amigas iriam dizer se vissem sua filha de conversas com o “negrinho”, filho da lavadeira.

Os jovens se amavam; diante da certeza que eles não poderiam mais ter contato, Ricardo foge da casa de Marina, onde ele estava escondido, é perseguido pela polícia que o vê em ato suspeito, e nessa perseguição ele escorrega e bate a cabeça na guia da calçada, levando-o à morte.

No conto *Marcelina* (idem, p. 67), o autor descreve uma jovem sedutora e prostituta que vive no musseque mais movimentado da cidade de Luanda, Sambinzanga, bairro onde acontecem os mais diversos distúrbios, músicas, danças sedutoras e prostituição. Nesse movimentado ambiente, ocorre todo o desfecho do conto, uma mulata, que tem uma filha pequena de um branco, que vive e dorme com ela na mesma cama que ela recebe seus clientes.

O conto tem o nome da personagem principal e uma dedicatória do autor: “- para

Sambizanga o mais cantado dos musseques”, percebemos que no desenrolar do conto ocorre grande movimentação das personagens em ritmo de alegria e dança.

No conto *Faustino* (idem, p. 77), que também leva o nome da personagem, mostra o porteiro de um edifício de apartamentos, passa o dia todo a abrir e fechar as portas, a sorrir educadamente para os moradores e tratar bem as pessoas. Nos períodos de folga, estuda para fazer o exame da quarta série. Faustino divide-se entre o trabalho e a escola. No trabalho sofre muitas humilhações dos moradores do prédio, principalmente das crianças que lhe faltam com respeito e o agredem com palavrões. Ele é sempre resignado, educado; contudo, sua vida se transforma aos poucos, quando ele se dedica realmente a estudar. As leituras abrem sua mente.

Os três contos acima mostram a existência da segregação racial, do racismo, desigualdade social e do preconceito existente na cidade de Luanda, onde os portugueses logo foram tratando de construir uma divisão entre as moradias, demarcando a cidade em: cidade alta, dos brancos, com toda a infraestrutura necessária para o conforto; e a cidade baixa dos negros e dos brancos pobres e excluídos da elite. Nessa cidade não havia infraestrutura nem mesmo casas decentes para moradia. Assim, os brancos ficavam distantes e isolados dos negros, os verdadeiros habitantes do país.

A descrição física dos ambientes é perfeitamente detalhada e as personagens inseridas nesses ambientes integram-se perfeitamente ao ambiente. Essa integração fica evidenciada na proposta de manifestação crítica que envolve os contos.

Encontramos nestes três contos uma diferença de narradores. Em *A fronteira de asfalto* e *Marcelina* ocorre o narrador em terceira pessoa; o conto *Faustino* também pode ser classificado como conto em terceira pessoa, porém com um diferencial no início: “Contarei agora a história do Faustino. Não foi a Don’Ana que me contou, não senhor. Esta história eu vi mesmo, outra parte foi ele mesmo que me contou” (idem, p. 79). Percebemos aqui que o verbo “contarei” se encontra no futuro do presente, indicando a primeira pessoa, porém não a primeira pessoa designada para a personagem e aquela designada ao papel do narrador observador. Outro fato importante nesse início do conto, é a marca do narrador: “Não foi a Don’Ana que me contou”, (idem, p. 79). Don’Ana é uma personagem de outro conto desse mesmo *corpus*, que utiliza a voz da sabedoria para narrar o ocorrido em *Bebiana*. Concluimos que o autor queria chamar a atenção para a história de Faustino, e essa narrativa não seria contada por um griot, mas por um narrador observador onisciente, que reflete sobre a vida do pobre Faustino, nome designado ao mesmo tempo do conto e da personagem.

Nos três contos, o espaço em que ocorre a ação é a cidade, apesar de que no conto *Faustino* o espaço limita-se ao prédio.

Quanto aos conflitos; em *A fronteira de asfalto*, ocorre a morte de Ricardo. A personagem bateu no passeio com violência abafada pelos sapatos de borracha. Mas os pés escorregaram quando fazia o salto para atravessar a rua. Caiu e a cabeça bateu pesadamente de encontro às arestas do passeio” (idem, p. 44). Em *Faustino*, o conflito acontece após uma mudança brusca de atitude da personagem, até então ele era um homem resignado diante dos sofrimentos e da vida, mas ao começar a estudar sua mente se abre para novos horizontes: “Mas quando tem um tempo livre, senta-se na cadeira de sua pequena mesa e estuda. Geometria. Geografia. Vai lendo o livro de leitura. Os olhos abrem-se com as palavras e o cérebro baralha-se com o que está escrito” (idem, p. 80). Em *Marcelina*, o conflito gerador ocorre quando um rapaz branco sai em busca de diversão, num sábado à noite; carrega as angústias de sua vida e adentra as festas cheias de confusão, no bairro considerado o mais barulhento de Luanda, o musseque de Sambizanga.

O tempo dos contos, mostra a nítida marcação da parte cronológica; onde os três funcionam em total consonância com o relógio, deixando evidentes suas marcações. *A fronteira de asfalto*, é o único no qual ocorre um pequeno lapso de lembrança, “- Marina, lembras-te da nossa infância?” (idem, p. 40). Nas demais partes, o que predomina é a passagem cronológica. Em *Marcelina*, são nítidos os advérbios demarcando os períodos, noite, dia, sábado: “Domingo ainda haveria dinheiro para continuar. Segunda-feira o mesmo destino de mais uma semana, mais, mais semanas de suor e magro vencimento.” (idem, p. 73). Em *Faustino*, a demarcação cronológica fica evidente durante o conto, quando ele cumprimenta educadamente os moradores do prédio: “O dia inteiro ele tira o boné, abre a porta do elevador, fecha a porta, tira o boné, abre a porta do elevador. – Bom dia m’ nha senhora!” (idem, p. 79)

As sequências dos fatos, em ambos os contos, fazem um desenrolar harmonioso nos desfechos, inclusive eles remetem ao tom de tristeza e da morte, sentimentos, enfim, que envolvem um lado obscuro de uma cidade dividida. Em *A fronteira de asfalto*, ocorre a morte da personagem principal como já citamos, mas outras cenas tristes são destacadas. Em *Marcelina*, a personagem se esconde atrás da vida envolvida em bebidas e sexo, porém traz uma tristeza no coração: “Olhei-a nos olhos com tristeza. Ela afastou o corpo do meu”(idem, p. 75). Em *Faustino*, “Faustino não sorria. Não gostava que o encarregado dissesse aquilo” (idem, p.82).

Luandino, abalado pela visão de perseguição dos colonizadores aos colonizados, manifestava-se, através dos contos, expressando sua total aversão aos acontecimentos. Ele os expressara pela literatura, registrando-os, visando alertar a comunidade perseguida. Segundo Rosário (1980, p. 72), essa literatura além de remeter ao mundo em que eles viviam, também

resgatava as tradições, seguindo o modelo de linguagem verbal usada normalmente na vida cotidiana. Ela constitui a “verdadeira metalinguagem, ao passo que as narrativas literárias se definem essencialmente como uma expansão normal do signo linguístico de uma forma estrutural a nível gramatical”. Assim como em nossa própria fala, por vezes explicamos o significado da própria palavra. Encontramos em *Faustino* um exemplo referido por Rosário: “O menino deita a língua de fora e Faustino sorri. Ele sorri sempre. Ganhou aquele jeito de sorrir, apanhou aquele jeito, pois naquele trabalho tem de ser assim.” (idem, p. 79)

Por fim, tratamos, aqui, das três narrativas com temáticas: segregação racial; racismo; desigualdade social e preconceito. Todos os três contos são considerados curtos e têm origem no cotidiano dos angolanos, com cenas corriqueiras. Todavia, não podemos afirmar que estas são verídicas. Neles o autor consegue harmonizar o enredo, o conflito e as personagens de tal forma que, nós como leitores, não conseguimos ter o discernimento de saber se aconteceram de fato ou se o autor nos induz a acreditar nisso. Encontramos, nos três contos, uma abordagem comprometida com o tom de tristeza e de falta de autoestima, que envolve as cenas de segregação tanto na parte física (musseques) quanto na parte moral (agressões verbais).

4.4 Conto *Bebiana*

O conto *Bebiana*, (idem, p.59) mostra o importante papel da mulher no dia-a-dia dos musseques de Luanda, inclusive ressalta a velha contadora de história, com sabedoria e conhecimento da vivência da mulher angolana, esse destaque da velha contadora de história remete-se a identidade cultural com a presença do griot.

Nesse conto em análise, Don’Ana é a personagem principal, ela é uma velha sábia, conhece os segredos da lei da sobrevivência, sabe narrar os fatos com maestria, é uma encantadora de serpentes(brancos) e sedutora. Luandino já citou Don’Ana como personagem, no conto *Faustino* “Contarei agora a história do Faustino. Não foi a D’Ana que me contou, não senhor.” (idem, p. 79), a intenção do autor é frisar a importância do contador de história.

Don’Ana morava no musseque e fazia bailes com frequência em sua cubata. Chegava a contratar duas bandas ao mesmo tempo. Enquanto o baile tocava e todos dançavam, Don’Ana contava as histórias que tinha ouvido e vivenciado durante toda sua vida, porém guardava em segredo a sua própria história.

O narrador é um homem branco, ele queria ouvir da boca de Don’Ana sua própria história. Uma certa noite, o baile estava fraco e ela o chamou para seu quarto e começou a narrar sua própria história. Don’ Ana conhecia muito bem o narrador, ela o identificou como um antigo

vizinho, que moravam no mesmo bairro, antes de o musseque Braga ser um bairro de branco rico. Don'Ana conta que, no passado, as mulheres portuguesas não iam para Angola, por ser considerada terra de ninguém.

Ela conta que conheceu um homem branco e que foi lavadeira, cozinheira, e deitava com homem branco. “Ele pôs um filho na barriga dela, Bebiana. Depois nasceu Joana. O homem branco estudou as filhas de Don'Ana, depois ele morreu. Elas têm estudo, trabalham e são livres, Don'Ana quer que suas filhas casem antes que ela morra.

Don'Ana, quer que o moço branco case com Bebiana, mesmo porque ela é mulata e homem branco gosta de mulata. A personagem branco tem medo, vários pensamentos fluem em sua cabeça, e no final do baile, Don'Ana sorriu, ele sorriu e Bebiana chorou. Todos deram os parabéns, e Don'Ana ficou sentada até seus cabelos embranquecerem.

Nesse conto a figura em destaque é a mulher, porém a personagem Don'Ana é um símbolo de um griot, ela passa todo o período contando histórias. Todas as ações são transcorridas na casa de Don'Ana, durante o baile. É nesse cenário, entre amigos e familiares que o griot contava sua história, assim como faz a personagem, “Don'Ana é uma velha já mas a sua memória está nova, lembra tudo. Mas nunca me contou a história dela” (idem, p. 62).

Bebiana é um conto onde o autor mostra a identidade em vários ângulos, e neles observamos o tom existente no conto, a alegria, a ansiedade e a tristeza. É nítida as identidades nos musseques, através dos bailes de baiões e mambo, com muita música e alegria, “Vai, vai dançar este mambo com a Bebiana” (idem, p. 62), a identidade da cultura, através do griot, “Senta aqui meu filho, vou te contar uma coisa” (idem, p. 63), a identidade da mulher mais velha, constituir um família, significa casar as filhas e formarem suas próprias famílias “Agora vai e pede a Bebiana para casar contigo. Vai fazer a vontade da velha Don'Ana que te gosta como filho.” (idem, p. 64), ressalta a identidade da mulher jovem em ter profissão, trabalhar e ter liberdade “[...] estudaram até poder. Agora trabalham, têm seu emprego” (idem, p. 64), outra passagem que mostra a mudança de comportamento da mulher, é quando Don'Ana convence o garoto branco a pedir a mão de sua filha Bebiana em casamento, “Don'Ana sorriu, eu sorri também. Bebiana chorou[...]

(idem, p. 65). No desenrolar das ações, percebemos a oscilação do narrador, observador, contado em terceira pessoa, “Don'Ana que conhece os segredos das gentes novas e as histórias das gentes velhas” (idem, 61) e primeira pessoa, quando a próprio personagem, o moço branco conta sua trajetória, “Fiquei quieto. Dentro de mim debatiam-se forças contraditórias.” (idem, p. 64), porém nesse conto acontece algo inusitado que nos outros contos não conseguimos detectar, além da oscilação entre a terceira e a primeira pessoa, ocorre que a própria personagem que está

sendo motivo para o narrador observador narrar sobre ela, em algumas situações ela toma a palavra, “ Don’Ana, está a olhar em frente para Bebiana, que me sorria e fala. Alegro-me e sorrio para Bebiana. - (agora a personagem até estava sendo narrada, mas faz uso da palavra) – “... fui sua lavadeira, cozinheira e depois deitava-me com ele. Naquele tempo as mulheres brancas não vinham em Angola.” (idem, p. 63)

No desenrolar do conto, Luandino usa uma linguagem plástica, objetiva e concisa, sem muitos detalhes para compor as cenas e as ações que são limitadas no espaço dentro da casa de Don’Ana, onde acontecem os bailes. Tudo leva a acreditar que Don’Ana vivia na cidade baixa (dos negros e pobres), onde ocorreu o desfecho do conto, mesmo porque ela dizia conhecer o narrador, “Já morei diante de vossa casa naqueles tempos em que o musseque Braga não era aquele bairro de brancos ricos” (idem, p. 63), nesse instante percebemos que o autor faz distinção real entre os bairros, sendo que na cidade alta, inclusive situava o musseque Braga, moravam os brancos ricos.

Nesse contexto, ocorre o conflito existente entre Don’Ana tentar convencer o moço branco a casar com sua filha. Mesmo ele estando apaixonado, sua memória busca situações externas, da sociedade para deixando-o confuso diante da decisão, observamos: “Gostaria Bebiana mesmo de mim ou seria eu só mais um degrau na sociedade? Os nossos filhos, mesmo com sangue de negro, já seriam mais aceites, já não haveria a lembrança de Don’Ana, velha quitandeira que se deu a um branco, que me contava histórias. E se houvesse seria um episódio romântico na família. Uma avó, uma bisavó negra, quitandeira!” (idem, p. 65).

Luandino utiliza o desfecho do conto para salientar a crítica na sociedade portuguesa, onde os homens iam para Angola, em busca de dinheiro, enquanto as esposas e filhos permaneciam em Portugal, esses homens com instinto aventureiro se envolviam com as mulheres que eram fragilizadas pela situação emocional em que viviam. Geralmente aconteciam gravidezes indesejadas e nasciam os mulatos / mestiços, essa situação se tornava um ciclo vicioso onde cada mulher mestiça que nascia já tinha seu destino pré-traçado, a exclusão social; essa mestiça trazia a “mancha em ser filha de negra”. Essa cena é bem nítida no conto: “Uma avó e uma bisavó negra, quitandeira” (idem, p. 65)

Segundo Soares, (2015, p. 127,128,129) as mulheres, tanto negras quanto brancas, foram vítimas da sociedade, grande parte das mulheres brancas que iam para a África morriam, por conta de suas fragilidades tanto na parte física quanto na emocional. Portanto a falta ou a diminuição dessas mulheres, nas colônias eram significativas para empurrarem homens brancos para se relacionarem com as negras. Por conta desses relacionamentos, iniciou-se a nova elite, formada pela classe mestiça. Por longos anos, o único interesse que Portugal teve por Angola,

era a exploração de suas riquezas e mão de obra, no entanto o interesse português se voltou ao tráfico de mulheres brancas, de acordo com Soares, no período entre 1930 a 1950, “jovens mulheres brancas protegidas pelo Rei que pertenciam ao Recolhimento das Órfãs Honradas da Cidade de Lisboa, instituição fundada pelo Rei D. João III em 1943, eram enviadas a Angola, com o objetivo de contraírem matrimônio e com isso disseminarem a raça branca. Essas jovens sem vontade própria eram manipuladas pela família, mães e pelo Rei que iam ao encontro do desconhecido para ficarem com aquele que seria o companheiro, para o resto dos seus dias, sem terem liberdade de escolha.” (SOARES, p. 128).

Concluimos que a crítica de Luandino envolvendo a falta de respeito com as mulheres é bem visível em todo o conto, com transferência da vida real dos fatos, gerando os conflitos encontrados no conto e na realidade.

Outro foco narrativo como forma de despertar para a cultura e a identidade do angolano, é a participação do contador de história, o griot. Soares têm várias passagens que descreve essa situação envolvendo os velhos sábios, assim como Don’Ana no desfecho de todo o conto, Soares relata que, em ‘rodas de Contação de história’, “A criançada ouvia histórias dos mais velhos ou contavam entre elas as aventuras do dia.” (SOARES, 2015, p. 54), “[...] no edifício da Alfandega de Luanda na década de 50. Recuemos um pouco no tempo para a década de 40 e vamos relatar o que nos vem à lembrança e outros relatos ouvidos dos mais velhos.” (SOARES, 2015, p. 103). Luandino trata essa identidade como foco primordial para despertar nos angolanos o resgate aos antepassados.

Percebemos que o autor organiza no conto, em relação à temporalidade, um composto entre o passado e o presente, essa oscilação é marcada no presente através dos adjuntos adverbial de tempo e lugar, “Sábado à noite Don’Ana dava baile lá em casa”(idem, p. 61), porém quando Don’Ana remete as histórias e as lembranças, o narrador invoca o passado, “Daí vivi com ele. Me ensinou muitas coisas”(idem, p. 63)

O conto *Bebiana* apresenta uma amostragem da oralidade por intermédio do griot e dos discursos diretos, como Rosário explica:

A principal base estética do sistema literário oral reside no plano do discurso. Quer isto dizer que é mais importante a forma como o narrador joga com a contenção e distinção dos factos, revelando ou sugerindo cenas, de forma a provocar maior ou menor tensão e expectativa no auditor. (ROSÁRIO, 1989, p. 320)

Concluímos que a intenção do autor, em ser fiel à oralidade nesse conto, começa envolvendo o leitor nas tramas das personagens e instigando-o a interagir nas falas ou nas conversas, como se estivesse diante dos fatos para obter a informação do resultado final.

4.5 Conto *Companheiros*

Quanto ao conto *Companheiros* (idem, p. 91), o tema foi indicado por amigos, enquanto ele cumpria serviço militar em Nova Lisboa, ele relatou fatos corriqueiros da cidade. Ele acredita que o conto não represente quebra em relação aos outros, como afirmam, ele procurou utilizar a economia sem prejudicar a compreensão dos fatos narrados.

O último conto do *corpus* em estudo, *Companheiros*, mostra cenas de uma vida difícil, de muita luta pela sobrevivência, mas esse fato é apoiado em uma boa e sincera amizade. O conto mostra o cotidiano vivido pelos amigos e a imposição de inferioridade quanto à cor e à posição social do grupo, assim como a tristeza que eles sentiam em observar a cidade de cimento. Os fatos narrados nesse conto não ocorrem em Luanda, mas sim em Nova Lisboa.

Diante do difícil contexto que os amigos vivem, encontram forças para iniciarem uma mudança tanto na vida deles quanto no entorno. Surge a necessidade de corromper o sistema colonial, inclusive com as leis que excluem a divisão e a segregação implantada pelos colonizadores. Percebemos nesse conto uma diferença nos demais contos do *corpus* em estudo. Apesar de Luandino ter grande ligação com a cidade de Luanda, o espaço onde ocorreu o desfecho não se passou lá, mas em Huambo, a conhecida Nova Lisboa.

Se buscarmos a data da escrita do conto, 1957, e a data em que Luandino havia prestado serviço militar em Huambo, ambas são as mesmas. Os indícios são de que ele se inspirou e escreveu o conto em Huambo, “Estamos então em 1957, Eu, em Luanda de regresso do Huambo (ex- Nova Lisboa), onde cumpria serviço militar.” (idem, p. 111)

As personagens são tratadas pelo autor como peças cruciais para descrever e comparar a camada mais pobre da sociedade. O negro é representado por Negro João, o mulato por Armindo e Calumango rato do mato. Estes representam as pessoas que vivem na zona rural. Através deles, Luandino utiliza um tom de crítica e descontentamento ao momento político e social vivido pelos angolanos.

Além de utilizar alegorias nos nomes das personagens, o autor batiza cada um com suas próprias características. O Negro João é um homem ingênuo, filho do capim, com pés descalços. Leva os jornais sob os braços e vende leitura pela cidade de Nova Lisboa. Armindo era um contador de história: resgatava os valores perdidos em Luanda e transferia nitidamente as

histórias que ouvia do primo. Foi dele que Armindo ouviu: “Palavras que faziam de todos os portos do mundo, portos de todo o mundo,” (idem, p.94), disse aos dois amigos, que eles deveriam ficar sabendo a importância da palavra e da interação através dela. Calumango veio para a cidade de Carona, era um matuto, aprendeu a ler com Armindo que era pura malandragem, porém conseguiu conduzir o grupo de companheiros. O narrador descreve Calumango enquanto este ouve as histórias de Armindo:

Calumango olhava e bebia as palavras. Os olhos pequenos e receosos de animal do mato dilatavam-se. Cheirava à terra, a terra estava no seu corpo. As anharas extensas. A lavra de milho, da mandioca. A tentação da cidade também o tocara: não resistira ao chamado das bugigangas, dos panos coloridos da loja do sô Pinto. A irmã também não resistira: dormia com o sô Pinto. (VIEIRA, 2007, p. 94).

Essa passagem evoca nitidamente a presença da representação da sociedade, inclusive do chefe que conduzia o bando. Assim como na vida, estava tomando seu curso. As ações decorrentes no conto, envolviam as personagens e o tom de tristeza também, tanto nas ações quanto nos semblantes, “Triste vida a do mulato,” (idem, 94).

O narrador, em terceira pessoa, consegue deixar evidente a sequência dos acontecimentos narrados. No momento em que o narrador prefere esclarecer as características e o comportamento de cada personagem, ele o fez propositalmente para identificar que, naquela cidade, somente sobreviveriam os malandros, e que a sociedade colonial conseguia destruir os mais fracos. A cidade colonial que em 1957, época em que Luandino escreveu o conto, estava sendo reformada, sempre se pensava no bem-estar dos colonizadores. Enfim, a cidade absorvia a maestria da cidade europeia e, sem piedade, destruía a vegetação ao redor, assim como acontecia com o ingênuo personagem.

No conto verificamos o conflito existencial das personagens, em se rebelarem e tentarem corromper o sistema colonial; a sociedade estabelecia a segregação nitidamente e os companheiros não se enquadravam no sistema colonial, porém eles corriam riscos, usavam suas próprias identidades, criavam suas resistências no do próprio grupo.

5 VISÃO CRÍTICA DE LUANDINO VIEIRA DIANTE DA OBRA *A CIDADE E A INFÂNCIA*

Relacionamento as informações na abordagem dos temas propostos por Luandino e inseridos no *corpus* em estudo, verificamos a existência de importantes trabalhos e pesquisas envolvendo esse campo, para explicitar a intenção do autor diante dos momentos que sucederam as escritas da *A cidade e a infância*. Recorremos a uma das fontes de informações, recolhida e editada por Francisco Topa (2014), a entrevista concedida a Orlando de Távora⁴⁸ ao Jornal de Angola- 15 III- 1961, pp. 1 e 4, na qual Luandino Vieira afirmou, “estarmos a viver um momento de crise literária” (grafia original). Ele não quis, entretanto, referir-se à competência dos novos escritores.

Luandino relata que viveu por vinte anos no “Muceque⁴⁹ Braga” em sua infância e adolescência, enquanto outros viviam a infância, um “ciclo de vivências”, ele presenciou as derrubadas dos cajueiros, a construção da nova cidade, enfim, “Ali era um mundo”.

Ajudou a escrever o primeiro jornal e outras edições, presenciou a areia solta, as tabernas as piteiras⁵⁰. Em meio a esse arsenal de bagagem, surgiu um ficcionista/ contista “a construir solitário, com retalhos da sua vida, que eram retalhos da vida de todo um bairro, uma nova expressão em que desde logo adivinhamos uma forma superior e direta de comunicação” (Luandino, 2014, p. 13,14).

Luandino, com essa bagagem de conhecimento e amor pela cidade de Luanda, iniciou pela segunda vez a escrita da obra *A cidade e a infância*, para a publicação em 1960. Porém Luandino, em seu modo modesto, mas convicto da missão que se incumbiu como escritor, após a data da primeira publicação do livro, cinquenta e quatro anos, esclareceu estar satisfeito com a publicação e a tiragem, acrescentando que quanto ao livro, ele não estava satisfeito, pois por ocasião da destruição da primeira tiragem, ele teve que unir em um só livro e em poucas páginas o que já tinha constituído vinte contos, e teve que reduzir em dez, e ainda amputar informações importantes para o desfecho do conto que leva o nome do livro. Ainda conclui que, “os contos publicados necessitavam uma cuidada revisão, que não fiz, e trabalhos como “*O despertar, A fronteira de asfalto, Encontro de acaso*”, deviam ter sido retirados. Um livro apenas com os restantes teria sido mais definidor, mais afirmativo. Luandino relata que: “O principal motivo

⁴⁸ Orlando de Távora: (*Nota do Ed.*) Pseudónimo de António Jacinto (*1924 †1991)

⁴⁹ Muceque: A grafia se transformou com o tempo para Musseque.

⁵⁰ Piteiras: Planta pertence à família, suculenta, de 0,70-1,5 metros de altura. Folhas coriáceas, fibrosas, longas, estreitas com pequenos espinhos nas margens e terminando com um espinho na ponta.

de insatisfação, agora ao lê-los em letra de forma, é ver que nem sempre a forma serviu o fundo.” (Luandino, 2014, p. 15)

Luandino evidencia que no livro faltou mais ficção e lirismo. Ele afirma: “deveria ter recriado a realidade em melhores termos de ficção. Não estou satisfeito. Isto no plano formal. Quanto ao tratamento do conteúdo, penso não ter atraído problemas ou situações com as personagens.” Porém ele considera importante as características que resultaram de cada personagem. Ele ainda conclui que a sua insatisfação tem relação com a obra que não conseguiu ser publicada em 1957, por ele acreditar que ela teria sido de grande importância para o momento.

Luandino ressalta que está satisfeito com o “tom e a construção” vindo das críticas que relatam a preocupação de honestidade e objetividade perante a obra, porém ele acredita que a crítica deveria aprofundar um pouco mais sobre a forma e o conteúdo apresentado. Ele dizia aguardar que alguém tivesse conhecimento dos problemas e situações elencados no livro, pudesse levantar outros focos de interpretações.

Luandino refere-se aos contos como se os comparasse com a visão da crítica literária. Mostra que o conto *O despertar*, como um conto inferior e incluído na obra para preencher uma realização momentânea. Quanto ao conto *Companheiro*, o tema teria sido indicado por amigos, enquanto ele cumpria serviço militar em Nova Lisboa. Nele relatou fatos corriqueiros da cidade, acreditando que o conto não representava quebra em relação aos outros.

Luandino afirma que sua intenção ao publicar a obra *A cidade e a infância*, foi relatar os fatos e mostrar as experiências que ocorriam no momento, utilizando a troca de conhecimento com o meio em que estava inserido:

Em que medida atua seu trabalho a sua experiência de vida, e a cultura adquirida através de experiência alheia? Ao escrever teve o propósito de tomar uma orientação literária definida, ou apenas lembrar saudosa e poeticamente a cidade e a infância de então? Penso que no meu trabalho literário atua toda a minha experiência de vida; que ele é produto consciente da cultura por mim adquirida (ou recusada) e que a experiência alheia me ajudou bastante a encontrar o caminho por que sigo (LUANDINO, 2014, p.16)

Percebemos como Luandino conseguiu ser introspectivo em relação ao meio em que viveu e transmitir o conhecimento adquirido. Ele relata ainda que, em suas escritas, o processo é simples: recolhe todo o material ao seu redor, faz os reconhecimentos, anota e registra, na memória, os apontamentos que segundo ele irão para análise e interpretação. Após esse processo de trabalho, muitas vezes uma simples frase se torna um conto ou uma personagem.

Luandino julga que na atualidade, aparentemente, ocorre uma crise literária, acontece várias publicações, porém, estas não ressaltam valores compatíveis nem em qualidade nem em quantidade, àqueles que o “Movimento dos Novos Intelectuais de Angola” desvendou. Ele ainda explica que os escritores que têm responsabilidade com os leitores e a literatura da terra, revejam sua posição voltando sua literatura ao social que o momento exige.

Quando indagado por Orlando de Távora sobre seu estilo de escrita, Luandino esclarece que no seu trabalho literário conseguiu atuar sua experiência de vida, inclusive afirma que seu trabalho literário é um produto consciente da cultura por ele adquirido e que essa experiência o ajudou a trilhar pelo caminho literário. Ele ainda relata que passou por crises e períodos que o afastaram da escrita, por ter que assumir uma filosofia que por ele não era aceita, preferindo assim a “esterilidade literária”.(LUANDINO, 2014,p.16)

6 CONCLUSÃO

Na presente dissertação pretendeu-se analisar a importância da oralidade em *A cidade e a infância* (2007) de Luandino Vieira. O objetivo geral da pesquisa foi buscar compreender a história, a oralidade e a memória, presentes nos contos sob a forma de literatura de combate e resistência. Sendo assim, pesquisamos e lançamos mão de teorias que nos levaram a crer que Luandino Vieira utilizou de forma racional a oralidade nos contos do *corpus*, dando novo direcionamento à produção literária realizada em Angola.

Concluimos que o quesito história, inserido no primeiro capítulo, foi crucial para o desfecho de todo o percurso literário do autor, sendo que a colonização portuguesa deixou um rastro de desumanidade, de preconceito e de afrontamento aos direitos humanos, para os angolanos. Essa matriz de devastação também ocorreu na cultura e nos valores intrínsecos angolanos, que já existiam havia séculos e os portugueses tentaram impor novas regras, conceitos e atributos para adquirirem lucros junto ao próprio governo, sem medir as consequências.

Constatamos que a luta de resistência foi tomando proporção maior dos adeptos por volta de 1950, quando começaram a surgir grupos de intelectuais com diferente visão do futuro e estímulo à liberdade. Os angolanos natos, os filhos dos portugueses nascidos em Angola ou que para lá foram ainda pequenos, uniram-se para enfrentar a polícia e o sistema salazarista. Os literatos pertenciam a esse grupo, considerados, pela polícia local, perigoso por tentarem destruir as leis de imposição dos portugueses através de seus escritos. Alguns desses intelectuais foram presos e mandados para longe, em prisões de segurança máxima e outros continuaram a luta, sob a forte ameaça de morte.

Fanon esclarece que “a descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser” (FANON, 1997, p. 26). Consideramos importante tal afirmação de Fanon, especialmente quando associada ao sistema aplicado aos angolanos. Em virtude dos fatos mencionados, concluimos que a força e a união dos escritores angolanos reivindicando uma literatura com base na cultura de seus antepassados foi uma grande conquista. Um dos autores desde o início dos movimentos em prol da libertação foi José Luandino Vieira; por meio de suas escritas ele resgatou alguns dos valores culturais que se iam perdendo, utilizando palavras em kimbundo nos contos, para mostrar a necessidade do resgate da língua. A temática dos contos remete a acontecimentos cotidianos e pretendeu despertar, nos angolanos, a necessidade de uma mudança. Outra característica dos contos de Luandino, -nosso maior objetivo de pesquisa-, a oralidade, ele a conseguiu inserir nos contos sob forma de

indícios da fala. Quando percorremos a evolução literária do gênero conto, verificamos que nesse processo evolutivo podem ter-se perdido algumas características e valores, porém a essência permaneceu. Nessa essência situa-se o diferencial entre o conto africano e o conto europeu. No início da pesquisa nos questionamos: qual a diferença entre os dois contos? Por qual razão Luandino dedicou-se a escrever com as características do conto oral de origem africana e não o conto que faziam na época na Europa?

Buscamos especialistas em contos para obtermos resposta a essa questão. Em Moisés, Gotlib e Rosário, vimos que o conto é uma matéria narrativa curta, com poucas personagens, espaços, unidade, tempo, tom, narrador. Tanto o conto europeu quanto o angolano ou africano se dividem nas partes, introdução, desenvolvimento e desfecho. Essas semelhanças são perceptíveis na linha de pensamento dos três teóricos, porém em Rosário ocorre um diferencial. Enquanto os outros dois defendem a origem do conto no maravilhoso e no sobrenatural, Rosário esclarece que esse não é o perfil do conto com fundo oral e tradicional da maioria da África.

Rosário (1989, p.39) ressalta que a tradição oral presente nos contos de autores africanos, constitui um reservatório de valores de uma comunidade com vínculo nas raízes e no meio regional. E que, muitas vezes, essa tradição se perde na modernidade. Como o próprio nome diz, o conto de tradição oral surgiu por meio da oralidade, nos antepassados, na sociedade africana, em especial a camponesa, que o utilizava como veículo de comunicação, sob a figura do contador de histórias. Ele guardava ou repassava conhecimentos e ensinamentos vivenciados tanto por ele mesmo quanto por alguém próximo. Esse portador de conhecimento era conhecido como griot.

Lendo Rosário, concluímos que os textos do *corpus* em estudo, são classificados como contos, de forma literária, de expressão oral literárias transmitida pelo sistema verbal oral. Nos referimos ao sistema verbal oral, “criação literária escrita e oral”, como alicerce da literatura, e voltado aos contos angolanos/ africanos e não europeus. Compreendemos que a literatura tem um compromisso com a escrita, porém nos certificamos de que, anterior a ela, ocorreu a oralidade. Nessa junção entre ambos não ocorre uma demarcação muito precisa, ou seja, visível nos textos, mas estes se apresentam como indícios que os diferenciam da literatura europeia.

Concluímos que os dez contos que compõem o *corpus* utilizam na forma e na estrutura os quesitos mostrados por Rosário e associados à literatura escrita fundamental sobre a oralidade são bastantes curtos. Existe uma ligação entre o início e o final do conto, um movimento circular, ou para explicar o início ou para concluir e unir as ideias. Quanto ao conteúdo, importante presença de elementos tomados à oralidade como: grande número de diálogos, frases curtas e na maioria das vezes interrompidas e utilização do processo

metalinguístico, dando a impressão de que os contos quando lidos em voz alta, parecem sugerir a presença entonação de alguém contando uma história; outra característica é a inserção das palavras em quimbundo, como forma de resgate. Verificamos também outro diferencial em relação aos contos europeus: é a forma simples de escrever e relatar episódios do cotidiano dos angolanos utilizando, inclusive, imagens e apresentando muitas vezes, como cajueiro.

José Luandino, conseguiu inserir em seus contos a oralidade e a realidade da época em que vivia, tornando-os um símbolo a luta em prol da liberdade de Angola.

REFERÊNCIAS

ABC: DIÁRIO DE ANGOLA. **Dissolvida pelo Ministro da Educação a Sociedade Portuguesa de Escritores**. Luanda: 22 de maio de 1965.

ABC: DIÁRIO DE ANGOLA. **Luuanda de Luandino Vieira**: 1º prêmio de novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores. Luanda: 16 de maio 1965.

ABC: DIÁRIO DE ANGOLA. **Luuanda**: assinala o nascimento de uma literatura. Luanda: 30 de outubro de 1964.

ABC: DIÁRIO DE ANGOLA. **Teve assinável brilho**: a entrega do prêmio Mota Veiga. Luanda: 23 de dezembro, 1964.

ABC: DIÁRIO DE ANGOLA. **Uma língua que nasce**: a propósito de Luandino Vieira. Luanda: 13 de novembro de 1964.

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Notas históricas sobre as literaturas dos países africanos de língua portuguesa. **Revista Gragoatá**, Niterói: EdUFF, n. 24, p. 31-44, 2008.

_____. Obra de Luandino Vieira traz contrastes da Angola colonial: escrita singular do autor influenciou nova geração de escritores de seu país e de Moçambique, como Mia Couto. **Folha de S. Paulo**. 22/12/2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2212200716.htm>. Acesso em: 30 mar. 2019.

_____. Reimaginando a nação. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane (Orgs.). **A kinda e a misanga**: encontros Brasileiros com a Literatura Angolana. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 27-34, 2007.

AFONSO, Zeca. **Grândola Vila Morena. Cantigas do Maio**. Arnaldo Trindade. 1971. Disponível em: <<http://www.aja.pt/discografia/>>. Acesso em: 19. abr. 2019.

ALMEIDA, Luciene Araújo de. **A formação da identidade nacional brasileira em Viva o povo brasileiro, de João Ubaldo Ribeiro, e o (re)contar da história angolana na gloriosa família de Pepetela**. Dissertação (Mestrado em linguística), Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2007.

ANDRADE, Costa. Prefácio à 1ª edição (1960). In: VIEIRA, José Luandino. **A cidade e a infância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 133-135.

ANDRADE, Fernando da Costa. **Literatuta angolana**: opiniões. Lisboa: Edições 70, 1980.

ANDRADE, Joelma Gomes dos Santos Cheng de. **O lugar de Luandino Vieira na tradição do conto angolano**. Tese (Doutorado em Letras). Recife: Universidade Federal do Pernambuco, 2014.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. Tradução: Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BICALHO, Leticia Canêdo. **A descolonização da Ásia e da África**. São Paulo: Atual, 1985.

BITTENCOURT, Marcelo. **A história contemporânea de Angola**: seus achados e suas armadilhas. Publicado em Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretação. Actas do II Seminário Internacional sobre História Angolana (4 a 9 de agosto de 1977) Luanda, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000. p. 161-185.

BRAZ, Júlio Emílio. **Griot**: histórias que ouvimos na África. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

CAMÕES INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA PORTUGAL. Ministério dos Negócios Estrangeiros. **Biblioteca Digital Camões**. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes.html>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1975.

_____. **O direito à literatura**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

CARDOSO, Boaventura. A escrita de um Contador Africano. In: PADILHA, Laura; RIBEIRO, Margarida Calafate. (Orgs.). **Lendo Angola**. Porto: Afrontamento, 2008. p. 17-25.

CHAVES, Rita. José Luandino Vieira: consciência nacional e desassossego. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 40, p. 77-98, 2000.

_____. O passado presente na literatura africana. **Via Atlântica**, n. 7, p.147-161, 2004.

_____. **Angola e Moçambique**: experiência colonial e territórios literários. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane (Orgs.). **A kinda e a misanga**: encontros Brasileiros com a Literatura Angolana. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007.

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. Tradução: Denise Grimm. In: NEGREIROS, Carmem; ALVES, Ida; LEMOS, Masé (Orgs.). **Literatura e paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro: Macunaíma, 2012. p. 11-28.

CONCEIÇÃO NETO, Maria da. Breve introdução histórica. In: MEDINA, Maria do Carmo. **Angola**: Processos políticos da luta pela independência. Coimbra: Almedina AS, 2005.

CORREIA, Maria Alice Vaz de Almeida Mendes. **O “patrimônio” do movimento Moderno Luanda (1950-1975)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

CORTINES, Paula de Oliveira. **A cidade e a infância e os da minha rua**: Representações da infância luandense em narrativas angolanas. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguísticas). Goiânia: Universidade Federal de Goiás. 2012.

COSTA, Mariete da Conceição Pereira. **A Conferência de Berlim de 1884/1885**: Realidades e consequências históricas verdadeiras. TCC (Ciências da Educação). Lubango, 1989.

CURTO, Diogo Ramada. **A literatura angolana, o poder, a resistência e a vida**. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2016/04/11/culturaipsilon/noticia/a-literatura-angolana-o-poder-a-resistencia-e-a-vida-1727653>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

D'ARCOS, Joaquim Paço. **A dolorosa razão duma atitude**. Lisboa: [s.e], 1965.

DEPARTMENT OF FIELD SUPPORT CARTOGRAPHIC SECTION. Rev. 4. United Nations, 2008. **Map nº 3727**. August 2008. Disponível em: <<https://www.un.org/Depts/Cartographic/map/profile/angola.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2019.

DIÁRIO DE LISBOA. **Foram atribuídos os prêmios literários da Sociedade Portuguesa de Escritores**. Lisboa: 19 de maio de 1965.

DIÁRIO DE LISBOA. **O despacho de extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores**. Lisboa, 22 de maio de 1965.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Divulgada a sentença que condenou Luandino Vieira a catorze anos de prisão**. LISBOA, 27 de maio, 1965.

ERVEDOSA, Carlos. **Roteiro da literatura angolana**. São Paulo: Martins Fonte, 1979.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. v. 42.

FENSKE, Elfi Kürten. **José Luandino Vieira: fios de memória e histórias**. Templo Cultural Delfos. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2015/05/jose-luandino-vieira.html>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

FERREIRA, Manuel. A libertação do espaço agredido através da linguagem: Prefácio à 2ª edição (1977). In: VIEIRA, José Luandino. **A cidade e a infância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 103-131.

FREITAS, Eduardo de. **Descolonização da África**. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/descolonizacao-africa.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

FUNDAÇÃO ANTÓNIO AGOSTINHO NETO. **Antero Alberto Ervedosa de Abreu** (22.2.1927-15.3.2017). Disponível em: <http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=article&id=1304:antero-alberto-ervedosa-de-abreu-2221927-1532017&catid=37:noticias&Itemid=206>. Acesso em: 11 jun. 2017.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HAMILTON, G. Russel. **Literatura africana, literatura necessária Angola**. Lisboa: 70, 1975.

JOBIM, José Luís. **Palavras da crítica, tendências e conceitos no estudo da literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

JORNAL REPÚBLICA. Arnaldo de Castro. **Luandino Vieira e Isabel de Nóbrega - grandes prêmios literários da Sociedade Portuguesa de Escritores**. Lisboa, 1965.

José Luandino Vieira, “trecho da entrevista concedida a Michel Laban em 1977”. In: LABAN, Michel (Org.). **Luandino**: José Luandino Vieira e sua obra: estudos, testemunhos, entrevistas. Lisboa: Edições 70, 1977, p. 18-19.

LARANJEIRA, José Luís Pires. **A negritude africana de língua portuguesa**. Porto: Afrontamento, 1995.

_____. **De letra em riste**: Identidade, autonomia e outras questões na Literatura de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Porto: Afrontamento, 1992.

_____. **Pires Laranjeira**: “precisamos lutar, sempre, todos, em todo o lado, cada um segundo as suas possibilidades e aptidões, por uma humanidade melhor”. Livre Opinião. 8. dez. 2014. Disponível em: <<https://livre.opinioao.com/2014/12/08/pires-laranjeira-precisamos-lutar-sempre-todos-em-todo-o-lado-cada-um-segundo-as-suas-possibilidades-e-aptidoes-por-uma-humanidade-melhor/>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

_____. A simbologia do (n) ovo numa estória de José Luandino Vieira. **Revista do Centro de Estudos Africanos da USP**. Universidade de Coimbra. Editora Ática, São Paul, 1992.

_____. Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa. **Revista de Fitologia Romantica**, Anejos, n. 11. p. 185-205, 2011.

LEAL, Luana Aparecida Matos. **Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs**. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/045.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

LEITE, Ana Mafalda. Tematização linguística e arte narrativa em Luanda. **Revista Diacrítica**, Braga, v. 28, n. 3, p. 25-30, 2014.

LUSOFONIA: plataforma de apoio ao estudo da língua portuguesa no mundo. Literatura angolana. Disponível em: <http://lusofonia.x10.mx/Angola.htm#LITERATURA_ANGOLANA_-_PERIODIZACAO>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MACÊDO, Tania Celestino de; CHAVES, Rita. **Literaturas de língua portuguesa**: Marcos e Marcas, Angola. São Paulo: Arte & Ciência, 2007. v. 1.

_____. A Luanda de Luandino. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, v. 8, n. 16, p. 45-54, 2016.

_____. Apontamentos sobre a escrita de Uanhenga Xitu, um griô engajado. África: **Revista do Centro de Estudos Africanos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, p. 237-246, 2012.

_____. Monandengues, pioneiros e catorzinhas: crianças de Angolana. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane (Orgs.). **A kinda e a misanga**: encontros Brasileiros com a Literatura Angolana. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 357-373.

MACHADO, Emilia; ROCHA Mariucha, PARREIRAS, Ninfa; SALEK, Vânia. (Orgs.). **Da África e sobre a África**: Textos de lá e de cá. São Paulo: Cortez, 2012.

MANTOLVANI, Rosangela Manhas. Literaturas e igualdade racial: o compromisso de Tania Macêdo. **Revista Crioula**, n. 8, p. 1-8, nov. 2010,

MATA, Inocência. As estórias de Luanda como ‘fábulas angolanas’: entre disjunções e confluências. **Revista Diacrítica**. Braga, v. 28, n. 3, p. 31-50, 2014.

_____. Narrando a nação: da retórica anticolonial à escrita da história. In: PADILHA, Laura; RIBEIRO, Margarida Calafate (Orgs.). **Lendo Angola**. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 75-86.

MEDINA, Maria do Carmo. **Angola: Processos políticos da luta pela independência**. Coimbra: Almedina, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

MONTEIRO, Manuel Rui. Eu e o outro: o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto. In: PADILHA, Laura; RIBEIRO, Margarida Calafate (Orgs.). **Lendo Angola**. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 27-29.

MOURÃO, Fernando. A simbologia do (n)ovo numa estória de José Luandino Vieira. **Revista do Centro de Estudos Africanos da USP**, n. 8, p. 151-156, 1985.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. O Problema da autonomia e da denominação da literatura angolana. IN: CHAVES, Rita, MACEDO, Tania, VECCHIA, Rejane (Orgs.). **A kinda e a misanga: Encontros Brasileiros com a Literatura Angolana**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nizla, 2007.

NEGREIROS, Carmem; LEMOS, Masé; ALVES, Ida (Orgs.). **Literatura e paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro: Makunaima, 2012.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Tradução: Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

PAÇO D'ARCOS, Joaquim. **A dolorosa razão duma atitude: para a história da Sociedade Portuguesa de Escritores e do seu fim**. Lisboa: Edição do Autor, 1965.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. 2. ed. Niterói: Eduff / Pallas, 2011.

_____. Ficção e guerra angolana: a perda da inocência. In: **A kinda e a misanga: encontros Brasileiros com a Literatura Angolana**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p.55-61.

_____. Literatura Angolana, suas cartografias e seus embates contra a colonialidade. In: PADILHA, Laura; RIBEIRO, Margarida Calafate (Orgs.). **Lendo Angola**. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 57-73.

_____. **Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PEREIRA, Marcos Paulo T. et al. (Orgs.). **Pós-colonialismo e literatura**: questões identitárias nos países africanos de língua oficial portuguesa. Macapá: Universidade Federal do Amapá, 2017.

PIERCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PINTO, João Paulo Henrique. **A identidade nacional angolana**: definição, construção e usos políticos. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2016.

POGRA - Portal Oficial do Governo da República de Angola. **História**. Angola: Governo de Angola, 2015a. Disponível em: <<http://www.governo.gov.ao/historia.aspx>>. Acesso em: 21 fev. 2019.

POGRA - Portal Oficial do Governo da República de Angola. **O perfil de Angola**. Angola: Governo de Angola, 2015b. Disponível em: <<http://www.governo.gov.ao/opais.aspx>>. Acesso em: 21 fev. 2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

REPÚBLICA. Arnaldo de Castro, Luandino Vieira e Isabel da Nóbrega receberam os grandes prêmios literários. **República**, Lisboa, 16 maio. 1965, p. 7.

RIBEIRO, Margarida Calafate. Um desafio a partir do Sul: uma história de literatura outra. In: PADILHA, Laura; RIBEIRO, Margarida Calafate (Orgs.). **Lendo Angola**. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 177-191.

ROSÁRIO, Lourenço. **A narrativa africana de expressão oral**. Editora Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ed. 1ª, Lisboa, 1989.

SILVA, Maurício. Angola, Moçambique e Cabo Verde: uma introdução à prosa de ficção da África lusófona. **Nau Literária**: crítica e teoria de literaturas, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 7, n. 1, p. 1-17, 2011.

SILVEIRO, Valter Roberto. **Síntese da coleção histórica da África**: século XVI ao século XX. Brasília: Unesco, 2013.

SOARES, Luis Martins. **Mu Ukulu, Luanda de antigamente**. Luanda: Cultivas Livros, 2015.

TOPA, Francisco. **Luandino por (re)conhecer**: uma entrevista, estórias dispersas, bibliografia. Porto: Sombra Pela Cintura, 2014.

VIEIRA, José Luandino. **A cidade e a infância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VIEIRA, José Luandino. **Papéis da prisão**: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971). Coimbra: Caminho, 2015.

VIEIRA, Luandino. **A literatura angolana**: estoriando a partir do que não se vê. In: PADILHA, Laura; RIBEIRO, Margarida Calafate (Orgs.). **Lendo Angola**. Porto: Edições Afrontamento, 2008. p. 31-37.

ANEXO B: LETRA DA MÚSICA - “GRÂNDOLA, VILA MORENA”

Grândola Vila Morena (LP *Cantigas do Maio*, 1971)

Grândola, vila morena
Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti, ó cidade
Dentro de ti, ó cidade
O povo é quem mais ordena
Terra da fraternidade
Grândola, vila morena
Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
Grândola, vila morena
Terra da fraternidade
Terra da fraternidade
Grândola, vila morena
Em cada rosto igualdade
O povo é quem mais ordena
À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade
Jurei ter por companheira
Grândola a tua vontade

**ANEXO C: DOCUMENTO DO TERMO DE JUNTADA/TERMO DE CONCLUSÃO
(PRIMEIRA FOLHA)**

Angola: Processos Políticos da Luta pela Independência

ANEXO 24



Fls. 5/8

M. Moreira

TERMO DE JUNTADA

Em cinco dias do mês de Outubro do ano de
mil novecentos e cinquenta e nove, faço junta a estes
autos dos del ofício, requerimentos e
procurações que entradem.
Eu _____
secretário de Direito o subcrevi.

TERMO DE CONCLUSÃO

Em cinco dias do mês de Outubro do ano de
mil novecentos e cinquenta e nove, faço junta estes
autos.
Eu _____
secretário de Direito o subcrevi.

Recibo a Junta de autos pelo Minis-
tério Público contra os seus

Antônio Alexandre Colares Duarte, de 44 anos, cas-
do, agricultor e eletrotécnico;

José Luciano Corte-Real Vieira Almeida, de 38 anos,
casado, grande-livros;

Antônio Guilhermes de Matos Vellozo, de 36 anos,
casado, agricultor;

Manuel dos Santos Junior, o "Capicão", de 28 anos,

**ANEXO C: DOCUMENTO DO TERMO DE JUNTADA/TERMO DE CONCLUSÃO
(SEGUNDA FOLHA)**

Maria do Carmo Medina

solturo Peiteira;

Antônio José Coutinho da Costa, de 26 anos, casado, empregado comercial;

Beaça Julieta Guimarães Gaudin, de 42 anos, divorciada, médica;

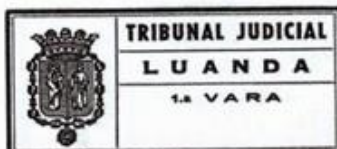
Helde Guilherme Ferreira Neto, de 20 anos solteiro, estudante; e

José Vieira Soares da Graça, de 24 anos, solteiro, empregado comercial, todos residentes nesta cidade e actualmente no país, porquanto, como se mostra dos autos,

- Os cinco primeiros, com o fim de conseguirem por meios violentos e fraudulentos, a independência desta Província, separando-a do país-Pátria, criaram, em meados de 1913, e fomentaram uma organização subversiva, secreta e ilícita, designada por "Movimento de Libertação Nacional" que, por afinidade o objectivo comum com outra organização idêntica, chamada "Movimento de Libertação de Angola", a qual cederia, passou, mediante sugestão dos 4º e 5º n.ºs, aceita pelos outros três, a denominar-se "Movimento de Libertação Nacional de Angola", que se deu a conhecer pela publicação e difusão dos panfletos "Ao mundo futuro - Angola e dos Angolenses" e "Ameaça Psicológica".

No exercício das suas actividades e com vista ao mencionado fim, efectuaram os mesmos n.ºs, primeiro como fundadores e membros do "Movimento de Libertação

**ANEXO C: DOCUMENTO DO TERMO DE JUNTADA/TERMO DE CONCLUSÃO
(TERCEIRA FOLHA)**



Fls. 5/3

M. Moore

Nacionais" e depois como membros e impulsionadores do "Movimento Nacional de Libertação de Angola", várias reuniões secretas em casa do Veloso, Meireles e Calazans Duarte e uma estada de estudo, e colaboraram na redacção e publicação dos panfletos subversivos já mencionados e ainda "Lutas pela liberdade", "Grito de guerra" e "Vulcão Negro Político de Angola deve sair de Angola", incitadores da luta pela independência, que copiou, falsificou, fizeram circular, distribuíram e espalharam em vários pontos desta cidade, utilizando os serviços dos correios e viaturas automóveis, actividades estas para as quais despendiam com muita frequência em dinheiro os seus Meireles, Veloso e Maria Julieta Gaudin.

Que duas reuniões se levaram a efeito, uma em meados de maio do ano corrente, na estada Américo-Pereira, a cerca de 100 Km desta cidade, e outra em ^{uma} junho próximo, por volta das 20 horas, em casa da Srta. Julieta, assistindo os pontos constantes do documento junto a J. 117, discutindo, no primeiro das referidas reuniões, em que o "Manifesto de Libertação Nacional de Angola", para garantia da sua continuidade e impulso e de acordo com as instruções do 5º congresso do "partido comunista português", expressas no parágrafo junto a J. 213, devia se organizado nos moldes do partido comunista, estabelecendo-se na segunda reunião, o seu núcleo central o Veloso, por estar au-

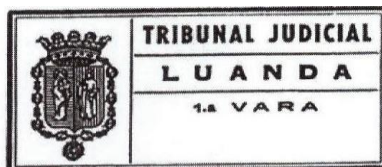
ANEXO C: DOCUMENTO DO TERMO DE JUNTADA/TERMO DE CONCLUSÃO
(QUARTA FOLHA)

Maria do Carmo Medina

até para bom tempo, a criação de dois sectores, um
"branco", que seria o núcleo do movimento, e um "negro",
aquele sob a direcção do Calazans Duarte e do Viveiros,
o segundo sob a do Santos Junior e Coutinho. Sendo o Vivei-
ros e o Santos Junior membros de organizar e expan-
diu o "partido comunista de Angola", no sector europeu
o primeiro, para o qual aderiu António Dias Candoso, Adol-
fo Maria Rodrigues e Manuel Inyra Dora, e no sector
negro, congregando entre o primeiros, o segundo, reunindo-
-a ainda na mesma reunião o projecto de união de um
rapaz activo para a guerra, onde se criou o núcleo do
"movimento".

A Maria José da Gândia tomou parte activa
na dita organização por isso que, além de ter cedido a sua
casa, o prédio do Viveiros, para a reunião mensal do
"movimento de libertação ^{Nacional} de Angola", cujos membros e
actividades constituía, assim, no decorrer daquela reunião
em substituir, em caso de emergência, o Calazans Duar-
te e o Viveiros, aderiu a iniciativa de organizar o
partido comunista no campo feminino logo que as circun-
stâncias o aconselhassem, emitindo a opinião de que o
representante a união para guerra devia existir na Bir-
lva-Pais, para ali chegar com mais facilidade, e ainda
endereçar envelopes contendo os mencionados panfletos
e contribuir com recursos para a dispersão do movimento.

ANEXO C: DOCUMENTO DO TERMO DE JUNTADA/TERMO DE CONCLUSÃO
(QUINTA FOLHA)



fls. 5/4

M. Soares
Procurador

Os seus duto a Juiz colaboraram, numa das es-
tes do mês de abril último, com o Catálogo Duque na di-
tribuição do panfletos "Ameaça Psicológica", que saíram en-
ter matéria subversiva, metendo envelopes com exemplares
deste nas estações telefonia-portais Central, da Avenida
Brito Godim e da Beiraanga e afixando-os pelas janelas
de uma viatura autotransportável em vários pontos da cida-
de de maior aglomeração populacional singular.

Constataram, assim, todos os seus, o não fu-
nários como autores e os dois restantes como cúmplices.
O crime previsto no artº 141º, nº 1º, do Codº Penal, punido, por-
to a julgar nos termos do mesmo código, perante a este mo-
dos da alínea 1ª do artº 103º, com referência ao artº 104º,
nº 1º, e artº 55º, nº 2º, todos do mesmo código, imputação pelo
qual, recebendo a Juiz do Ministério Público, os proman-
eis provisoriamente, em administração de caução.

Declaro aberta a instrução contraditória.

Para afiançar o direito dos seus Juiz ao o não tem constitui-
do, nomeado o Sr. Amílcar de Oliveira, advogado desta cora-
ço.

Notifico, assim, a todos os seus Juiz ao o não tem constitui-
do, nomeado o Sr. Amílcar de Oliveira, advogado desta cora-
ço.

**ANEXO C: DOCUMENTO DO TERMO DE JUNTADA/TERMO DE CONCLUSÃO
(SEXTA FOLHA)**

Maria do Carmo Medina

para cópia dos autos luto o grava.

Concordo com a abstenção do Ministério Público em deduzir a acusação contra o acusado. Após guerra o Francisco Amado de Assis Machado, visto os autos não oferecerem elemento de prova bastante da sua culpabilidade que justifique a imputação, e diante dos autos, a lei o mesmo acusado se apresenta já manifestado procedimento criminal em outro processo.

Conste a a entidade promovedora.

Para as promovedas declarações de que o dia 27 do corrente, por 11.30 horas. D. U. P. P. P.

Autenticação "un de" Nacional

Leandri, 21 de Outubro de 1919

Francisco Amado de Assis Machado

TERMO DE RECEBIMENTO

Aos vinte e cinco dias do mês de Outubro do ano de mil novecentos e cinquenta e nove, recebi desta

E eu

certifico do Dito e subscrovi

**ANEXO D : DIVULGADA A SENTENÇA QUE CONDENOU LUANDINO
(PRIMEIRA PÁGINA)**

Ano 101 - N. 35.644 - Preço 150
 A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TÍPOS OS JORNAIS PORTUGUESES
 ANEXO D
 Quinta-feira, 27 de Maio de 1968

RESTAURANTE
Cozinha de L.P.
 Rua Castilho, 168
 Especialidade: "Tudo o que se faz na Cozinha"
 Churrasco, Pão de Queijo, Bife à Portuguesa
 Reserva de Mesa: Chefe David - 18 914

PROPRIEDADE DA EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE
 Direcção: **— AUGUSTO DE CASTRO**
 Edificação, Administração e Oficinas: **—**
 Avenida da Liberdade, 266 - 1200-210

PROPRIEDADE DA EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE
 Direcção: **— AUGUSTO DE CASTRO**
 Edificação, Administração e Oficinas: **—**
 Avenida da Liberdade, 266 - 1200-210

48104, P.O. 11
 48474 e 48475

CARTA DO BRASIL
AFRICA
DE FRANKENSTEIN
 Eros Veríssimo, em conferência, que fez em vários pontos da América sobre a arte de escrever literatura de ficção, chamou a atenção da romancista, a crítica de Publicidade, porque «explorou» o escritor

Por ANDRÉ MASSIL
 de ficção é um Frankenstein, que fabrica monstros com pedaços de pessoas que encontrou. Pula entre, da oficina de Frankenstein, a oficina de Frankenstein, que já tem a cabeça de Frankenstein, mas o corpo de Frankenstein.

ALCANTARA
A SENTENÇA
QUE CONDENOU LUANDINO VIEIRA
A CATOZE ANOS DE PRISÃO
 PROVOU-SE QUE O REU PRETENDIA FAZER EXPLODIR BOMBAS DE PLÁSTICO EM LUANDA PARA ATERRICAR A POPULAÇÃO CIVIL QUE QUERIA SEPARAR DA METRÓPOLE A SUAS VÍTIAS DE ANGOLA

TODAS AS ACÇÕES PARA O ALTO
MILHÕES DE PESSOAS
SEGUIRÃO O GRANDE ENCONTRO
 UM "INTER" DE CONQUISTADORES ASSIM DEFINE HERRERA A SUA EQUIPA

AUSTREGESILIO DE ATHAYDE
 publica na imprensa brasileira as impressões da sua recente visita a Portugal
 RIO DE JANEIRO, 26. — O presidente da Athayde, presidente da Academia de Letras, logo após regressar ao Brasil, começou a publicar, em vários jornais e revistas, alguns artigos e editoriais a propósito da sua recente visita a Portugal, onde esteve de 15 de Maio de 1968.

TROPAS AUSTRALIANAS PARA O VIETNAME DO SUL
INTENSIFICA-SE A LUTA
CONTRA OS COMUNISTAS
 QUE TENTAM DOMINAR O SUESTE ASIÁTICO

CONSELHO DE MINISTROS
 Reunião ontem no Palácio de São Carlos, presidida por O. J. A. M., com a presença de todos os membros do Conselho. O Conselho de Ministros, que se reuniu no Palácio de São Carlos, presidido por O. J. A. M., discutiu o programa de trabalho para o próximo mês.

FORDE SNOWDON, DITADOR DA MODA
A CARNABY STREET
 ONDE OS "MOD" SE VESTEM
 INSPIRA A INDOUMENTÁRIA DO MARIDO DA PRINCESA MARGARIDA

UMA VIAGEM DE "NOGONIOS"
 O L.P.O. LUTAVIA, 10. O Conselho de Ministros, presidido por O. J. A. M., discutiu o programa de trabalho para o próximo mês.

CHEGA HOJE A LISBOA
 o ministro da Defesa da França
 O ministro da Defesa da França, General de Gaulle, chegou hoje a Lisboa para uma visita de trabalho.

(Continuado da 1.ª página)

pelos motivos decorrentes de que acima se referiu, o tribu-
nal considerou que as atenuan-
tes justificavam a absolvição.

Os que gostam de Café
bebem SICAL

ANEXO E: ABC: 1º PRÉMIO DE NOVELÍSTICA CONCEDIDO A LUANDINO

ANEXO E

— Luanda, — Domingo, 16 de Maio de 1963 —

ABC

DIÁRIO de ANGOLA

UNO 7-18 FUNDADOR
ABRILDO PINTO DA COSTA MARCEL MARQUES TAVARES
Acadêmico de Portugal
SALA 2104, 1.º — TELEFONE 2142 — 1600 AV. AGUIAR, 1930

UMA AVALANCHE SOTERROU dezenas de esquiadores na Alemanha Federal

AVALANCHE — FANTASMA — O Terço de 400 metros de comprimento, que se desliza pela montanha, soterra dezenas de esquiadores. O Terço de 400 metros de comprimento, que se desliza pela montanha, soterra dezenas de esquiadores. O Terço de 400 metros de comprimento, que se desliza pela montanha, soterra dezenas de esquiadores.

Leia na 5.ª página
MAGAZINE

Estados Unidos adotaram um Acordo Internacional do Café

WASHINGTON, 16 de Maio. — O Acordo Internacional do Café, que foi assinado em 1962, foi adotado pelos Estados Unidos. O Acordo Internacional do Café, que foi assinado em 1962, foi adotado pelos Estados Unidos.

COMO EV LUIU A ECONOMIA PORTUGUESA NOS ÚLTIMOS ANOS SEGUNDO UMA EXPOSIÇÃO APRESENTADA PELO CHEFE DA DELEGAÇÃO PORTUGUESA À REUNIÃO DA COM. ECONÓMICA DA EUROPA

A situação da economia portuguesa nos últimos anos foi descrita, na reunião da Comissão Económica da Europa, pelo chefe da delegação portuguesa, o Sr. João de Deus. A situação da economia portuguesa nos últimos anos foi descrita, na reunião da Comissão Económica da Europa, pelo chefe da delegação portuguesa, o Sr. João de Deus.

MORTOS EM FRANÇA por um mina anti-carro

dois trabalhadores
PORTUGUESES

LISBOA, 16 — (AP) — Um mina anti-carro, que foi usado em França, matou dois trabalhadores portugueses. O mina anti-carro, que foi usado em França, matou dois trabalhadores portugueses.

A OPINIÃO PÚBLICA NO ESTADO MODERNO

— Tema de uma conferência
do Prof. Marcello Caetano

A opinião pública no estado moderno é um tema de grande importância. O Prof. Marcello Caetano, que é um dos maiores especialistas em matéria de opinião pública, vai falar sobre este tema na conferência que se vai realizar em Lisboa.

LEIA NA 8.ª PÁGINA
**o conto de
domingo**

A situação no Vietname

UMA SÉRIE DE EXPLOSÕES NA BASE AÉREA DE BIEN HOA MATOU 25 PESSOAS e destruiu numerosos aviões

HOANOI, 16 — (AP) — Uma série de explosões, que foram causadas por aviões americanos, matou 25 pessoas e destruiu numerosos aviões na base aérea de Bien Hoa. A série de explosões, que foram causadas por aviões americanos, matou 25 pessoas e destruiu numerosos aviões na base aérea de Bien Hoa.

«LUANDA», de Luandino Vieira — 1.º prémio de novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores

Luandino Vieira, autor de «Luanda», recebeu o 1.º prémio de novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores. «Luanda» é um romance que trata da vida dos negros em Luanda.

mala de viagem

por manuel galhós

CONTRASTES

Contrastes de uma viagem — A viagem é uma experiência que nos permite conhecer o mundo e a nós mesmos. A viagem é uma experiência que nos permite conhecer o mundo e a nós mesmos.

MAIS UMA VÍTIMA DA TRAGÉDIA DA «SELENE»

LISBOA, 16 — A tragédia da «Selene» continua. Mais uma vítima da tragédia da «Selene» foi encontrada. A tragédia da «Selene» continua.

ANEXO F: ABC: A ENTREGA DO PRÊMIO MOTA VEIGA (PRIMEIRA FOLHA)

— 0 MAR 1965

— Luanda — Quarta-feira, 23 de Dezembro de 1964

ABC

DIÁRIO de ANGOLA

DIRECTOR
MANUEL MONTERROSO CARNEIRO
(Engenheiro)

FUNDADOR
MANUEL MACHADO SALDANHA

CAIXA POSTAL 1245 — TELEFONE 9142 — PREÇO AVULSO: 2500

ANEXO F (PRIMEIRA FOLHA)

TEVE ASSINALÁVEL BRILHO A ENTREGA DO PRÊMIO MOTA VEIGA ONTEM REALIZADA NO MUSEU DE ANGOLA PERANTE INTERESSADA ASSISTÊNCIA

LUANDA, 22 — Com uma escolhida assistência, realizada, ontem, na sala das sessões do Museu de Angola, pelas 21.30 horas, a sessão organizada para entrega do Prémio Mota Veiga, que o júri, constituído por representantes da Associação Comercial de Luanda, do Rotary Clube de Luanda, da Liga Nacional Africana e da Associação dos Naturais de Angola, muito justamente atribuiu aos livros «Luanda», de Luandino Vieira, e «Aspectos do Desenvolvimento Económico e Social de Angola», de A. Correia de Araújo.

Em representação do sr. governador do distrito, presidiu a sessão o sr. administrador Joffre Pestana, do 1.º Bairro Administrativo, que concedeu a seguinte homenagem aos autores.

A exposição do escritor Luandino Vieira, D. Ermete da Graça recebe das mãos do sr. administrador Joffre Pestana, que representa o governador do distrito de Luanda, o envelope com o prémio «Mota Veiga», que coube ao livro de contos «Luanda» — uma autêntica viragem na literatura local, que vem abrir novas perspectivas e caminhos para uma arte jovem e cheia de promissoras indícios.

(Conclui na 6.ª pág.)

ANUNCIADAS MODIFICAÇÕES NA ESTRUTURA DOS SERVIÇOS DA M. P.

LUANDA, 22 — O comissário adjunto para o Ultramar da M. P., tenente-coronel Gomes Bessa, reuniu, ontem, com a imprensa a quem expôs as linhas gerais de uma futura reestruturação daquela organização juvenil.

O dirigente referido, em particular, as actividades culturais, as desportivas e as de carácter social.

«Quanto às actividades desportivas — disse — verificou-se estar a trabalhar-se na Província em obediência a um plano estruturado e bem delineado e, muito embora hoje que contar com um deficiente número de agentes de ensino, os resultados desse planeamento já se fazem sentir pela forma como foi possível apresentar o festival ginásio-desportivo, integrado nas comemorações do 1.º de Dezembro, que atingiu um nível que muito prestigioso publicamente a Mocidade Portuguesa.

Existem neste campo um sem número de actividades que devem ser incrementadas e generalizadas ao máximo, merecendo destaque, para além das mais vulgares, o aviação, o atletismo e o karting, sobre as quais há um interesse grande, quer em Angola, quer em Moçambique.

Lares de estudantes na província

Estudou-se também a possibilidade da criação de Lares de Estudantes na Província, para os filhos das famílias que

(Conclui na 6.ª pág.)

Visado pela Comissão de Censura

Começou, ontem, oficialmente o Inverno no hemisfério Norte. Mas o tempo, que não quer saber das determinações do calendário já há muito que se anuncia verbal fugitando, os campos enroscados, como se vê pela gravura

Fogo no Congo

Aviões da R. A. F. estarão prontos a intervir para salvar súbditos britânicos

Exercendo várias funções de estudantes, realizou-se, no Porto, a Segunda Exposição Histórica do Ordejo Universitário. O certame foi inaugurado pelo prof. Correia de Barros, reitor daquele estabelecimento

LONDRES, 22 — Falando na Câmara dos Lordes, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, Gordon Walker, revelou que há ainda 25 súbditos britânicos e um canadense cujo paradeiro, no Congo, é ainda desconhecido. O mesmo ministro que tinha afirmado na Câmara dos Comuns que apelos da R.A.F. estavam prontos para uma acção de libertação dos súbditos britânicos ainda, presumivelmente, nas

(Conclui na 8.ª pág.)

CARTA DE PARIS COMEÇOU A EUROPA VERDE...

POR
LOPO DE SÁ
ESPECIAL PARA O «ABC»

Começou a Europa Verde e mais cedo do que se esperava... Chamada assim, porque a partir de 1 de Julho de 1967, conforme o acordo

(Conclui na 6.ª página)

por ROBY AMORIM

PARALELO-9

O ESCÂNDALO DA VERDADE

Larga audição internacional tiveram as palavras proferidas, há dias, pelo bispo moçambicano de Vila Cabral, D. Eurico Dias Nogueira, que, incidentalmente, passa, amanhã, por Luanda, a caminho da sua diocese — quando celebrou a missa de acção de graças pelo aniversário de jornal católicos «Novidades».

As palavras daquele prelado não teriam tido tanta audiência, não teriam causado tão grande eco nas estações emissoras de vários pontos do globo não fosse o seu desassombro e a referência imediata a situações que todos conhecemos e contra as quais não nos é possível mais do que opor uma resistência humilhada. D. Eurico Dias Nogueira, dissertando sobre o ministério da palavra lembrou a necessidade de que ela «seja um instrumento ao

serviço da Verdade», condicionada a uma liberdade que «na verdade, quase todos os países consagram nos textos constitucionais. Uma consagração a que Portugal não escapa, por meio da Constituição de 1976.

No entanto, por muita parte a imprensa se entrega a outros interesses que não sejam os de exclusivamente servir a Verdade, subordinando-se aos poderes temporais, à força que, na verdade, a exigências que limitam as suas possibilidades: «Ora — escreve D. Eurico Dias Nogueira — se diz que a imprensa se coloca ao serviço de um regime político — que é, por

(Continua na 5.ª pág.)

GENERAL DESLANDES

LISBOA, 22 — Foi exonerado das funções de presidente da Comissão Coordenadora de Investigação para a Defesa, o general da Força Aérea, Valêncio Deslandes, que será substituído pelo contra-almirante, Jacinto Neto Monteiro. — Lusa/da

AUMENTOU PARA SETE O NÚMERO DE VÍTIMAS NO ACIDENTE DE VIDAGO

LISBOA, 22 — Os órgãos de Informação, rectificaram o número de mortes provocadas pelo acidente de viação acontecido no lugar de Oura. Ontem, devido à gravidade dos ferimentos, sucumbiram Aníbal de Almeida, de 24 anos, natural de Chaves e José Gerturdes, de 40, natural de Vidago.

Eleveu-se, assim, para sete, o número de mortes verificadas até este momento.

No desastre morreram imediatamente, além dos condutores dos dois veículos sinistrados — Germano de Car.

(Conclui na 6.ª pág.)

LEIA NA 3.ª PÁGINA ECONOMIA & MERCADO

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA.

LUANDA — ANGOLA
TELEF. PRX. 2031/4507 — C. P. 2232
Endereço Telegráfico: «TURANG»

PASSAPORTES E FORMALIDADES CONSULARES
VIAGENS AÉREAS, MARÍTIMAS E TERRESTRES

C. P. 525 — Telef. 813
Endereço Telegr. «TURANG»
LOBITO — ANGOLA

ANEXO F: ABC: A ENTREGA DO PRÊMIO MOTA VEIGA (SEGUNDA FOLHA)

Pág. 6 ANEXO F (SEGUNDA FOLHA) ABC — DIÁRIO DE ANGOLA 23-12-1964

MODIFICAÇÕES NOS SERVIÇOS DA M. P.

(Continuação da 1.ª pág.)

se encontram afastados das principais centros de ensino, quer ao nível secundário, quer ao nível superior. Quanto a estes últimos encontramos a melhor compreensão do Excm. Rector dos Estudos Gerais e isso nos permite iniciar desde já os estudos e diligências para concretizar esta aspiração que se considera da maior utilidade, tentando vencer as muitas dificuldades com que se deparam os estudantes.

Adiante, prosseguir: «Vão preparar-se, encarecendo-se como sendo da maior vantagem, cursos sobre a problemática geral do Mundo Português, em que se dará especial atenção a que respeita à Metrópole, para sobre ela melhor habilitar os estudantes de Angola antes de iniciarem a visita que a ela fazem. De acordo, com a Direcção dos Serviços de Educação, foi decidido superiormente que a selecção para os cursos de férias na Metrópole, passasse a fazer-se desta forma pela Mocidade Portuguesa, que, para maior eficiência do serviço, passará a tratar simultaneamente em Angola das actividades de intercâmbio que na Metrópole correm também pelos respectivos serviços do Comissariado Nacional.

Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos

Julgo de Interesse, como fiz em Moçambique, prestar também em Angola alguns esclarecimentos sobre um organismo criado na Metrópole com a finalidade de dar apoio aos estudantes provenientes do Ultramar, a Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos.

Considerando como tal todos os estudantes com famílias, residindo nas Províncias Ultramarinas, este organismo tem a seu cargo o pagamento das bolsas de estudo concedidas por várias entidades do Ultramar e por outras da Metrópole, como por exemplo a Agência Geral do Ultramar.

Uma das vantagens da Procuradoria reside no facto de uma vez que esteja feita a comunicação aos serviços, não ficar o pagamento das mensalidades aos bolsistas, sujeito aos atrasos de transferências das mensalidades, que lhes são entregues sempre em dia certo do mês.

Para além disso, os serviços promovem uma assistência médica aos estudantes, apoiada no Hospital do Ultramar e nos Serviços Médicos-Sociais das Universidades de Lisboa, dispondo para o efeito de um médico privativo, tratam das condições de alojamento, por forma a que eles se processem da maneira mais conveniente e, em caso excepção,

naí, concedem subsídios eventuais para solucionar problemas que surjam aos estudantes quando se reconhece que este não pode pelos seus recursos resolvê-los.

Problemas de matrículas nas Universidades e outros assuntos de natureza burocrática são tratados também pelos serviços que procuram, além disso, facilitar a adaptação dos estudantes aos meios académicos a que pertencem.

Para esse efeito, há alguns anos se vem realizando as Semanas de Recuperação dos Estudantes Ultramarinos, que reúnem os estudantes do Ultramar com os do Continente e Ilhas Adjacentes. Igual finalidade tem o Circulo de Ciências da Procuradoria, que conta já com um número elevado de sócios e que muito tem contribuído, com as suas reuniões mensais, para facilitar a adaptação dos estudantes do Ultramar ao novo meio onde têm de frequentar os seus estudos.

Todas as famílias que o pretendem podem manter-se em contacto com a Procuradoria para a resolução, de problemas como os que acabo de expor, ou de outros, considerando que esse contacto é da maior utilidade e muito pode contribuir para ainda mais aumentar a eficiência do apoio a prestar por estes Serviços.

Passagens de Férias

Pelo Decreto 45 260, recentemente publicado, passou também a caber à Procuradoria o encargo da organização do Serviço de Passagens de Férias para os estudantes que no Verão se pretendem passar junto de suas famílias.

Um dos assuntos tratados durante a minha estada em Angola foi a melhoria da eficiência das estruturas que têm de assegurar o bom funcionamento deste Serviço, quer para a encaminhamento dos estudantes dentro da Província, quer para promover a coordenação das viagens para Lourenço Marques e para a Beira. Para dar uma noção das exigências do mesmo é elucidativo referir que no último ano foram transportados cerca de mil estudantes, parte gratuitamente, parte em condições extraordinariamente favoráveis.

Um jantar de despedida

No Clube Naval, oferecido pelo Comissariado Provincial da Mocidade Portuguesa realizou-se ontem um jantar de despedida ao Comissariado Nacional Adjunto para o Ultramar, sr. tenente-coronel Gomes Ressa. Estiveram também presentes, entre outras individualidades, os srs. Director-Geral do Estado, Comissário Provincial da Mocidade Portuguesa, Femininas, Director dos Serviços de Educação; Comandante-Geral da Polícia de Segurança Pública; Chefe e Sub-chefe do Estado-Maior da 2.ª Região Militar; Director do CITI; Presidente do Conselho de Educação; Fiscal; Director do Departamento de Acção Social da Junta de Povoamento; Chefe da 5.ª Repartição dos Serviços de Educação; Directores de alguns estabelecimentos de ensino; e, finalmente, membros da «Mocidade Portuguesa» e representantes da Imprensa e da Rádio.

As brindes, nos quais se prestou homenagem ao Povo Armado, na pessoa do sr. brigadeiro Paiva, chefe do Estado-Maior da 2.ª Região Militar, duraram da palavra do sr. Comissário Provincial da Mocidade Portuguesa: Usmar d'Almeida, como dirigente da Liga dos Antigos Graduados, tenente-coronel Carlos G. Ressa e o Dr. João Simão, Justino M. de Almeida, que presidiu.

PARA MEDIR HUMIDADE DOS CEREAIS

LONDRES. — Uma firma britânica inventou e fabrica agora em série, um contador portátil, que permite a leitura directa da percentagem de humidade no trigo, centeio, cevada e aveia, com uma certeza de ordem do

ACIDENTE DE VIDAGO

(Continuação da 1.ª pág.)

valho Baptista, de 32 anos, natural de Vila Verde e Joaquim Neiva, de 57, natural do Aro de Baube — a menina Maria Alves Teixeira, de 4 anos, natural de Vidago; Joaquim Ferreira, de 67, natural de Chaves; ajudante da carniça e Artur Pinto, que apresenta 25 anos, natural de Cabeceira de Bastos. O Aníbal de Almeida regressara, há pouco, de Angola, onde cumpria serviço militar.

Presume-se que o acidente, que entulhou a região de Chaves, tenha sido provocado por uma falha nos travões do autocarro. O condutor de Vidago morreu, ontem, em sinal de sentimento.

Entre os 27 hospitalizados encontram-se em estado gravíssimo Avellino de Jesus, de 39 anos, natural de Vidago, internado na Misericórdia de Chaves; Secundino Teixeira e Maria Rosa Mattos, numa casa de saúde. — Luíslândia

BANCO DE ANGOLA

A VISO

AVISAM-SE OS NOSSOS EXCMOS. CLIENTES E PÚBLICO EM GERAL QUE ESTE BANCO SE ENCONTRA ENCERRADO, NA PRÓXIMA QUINTA-FEIRA, DIA 24, VESPERA DO NATAL, REABRINDO NO DIA 26 À HORA HABITUAL.

CARTA DE PARIS

(Continuação da 1.ª pág.)

ficuldades que pareciam quase insuperáveis, com lutas homéricas e com lances como certas cenas de teatro para a formação de um espaço europeu. Até agora, um espaço económico, bem entendido...

A última Conferência de Bruxelas e as suas peripécias

Na nossa recente «Carta de Paris» para o «A. B. C.» começámos a prever o desfecho favorável da Conferência de Bruxelas, em

que participava um grande número de ministros dos países do Mercado Comum. Mas o combate — em hora um combate amigável — foi renhido e até ao último momento esteve-se em regime de suspensão.

Em plena noite, às duas horas da madrugada, enquanto as negociações se arrastavam demoradamente, para conciliar interesses divergentes, chegava ao arêdon de Bruxelas um avião especial de Paris com os ministros dos estrangeiros e das finanças do governo francês, respectivamente os srs. Couve de Murville e Giacard d'Estaling. Traziam uma mensagem de general De Gaulle com novas concessões do lado francês, além das quais generosamente outorgadas pelas alemãs.

Foi sobretudo ao Chanceler Erhard que se deve o êxito final da Conferência de Bruxelas. Por isso, o chefe do governo alemão declarou no dia seguinte em Bonn:

«O caminho para a Europa política nunca esteve tão largamente aberto».

Por outro lado o ministro da agricultura da França, o sr. Pisani, anunciava:

«A Europa Agrícola é um fenómeno absolutamente irreversível».

A marcha das negociações

Pode dizer-se que as negociações que levaram ao resultado favorável de Bruxelas duraram mais de um ano... Foi de facto em Novembro de 1963 que o sr. MANSHOLT, um dos tecnocratas mais experimentados do Mercado Comum apresentou o plano que ficou conhecido pelo seu nome. Segundo esse plano os preços únicos de cereais europeus — trigo, cevada, centeio e milho — deveriam ser fixados em 1 de Julho de 1964.

Ao mesmo tempo seria criado um fundo colectivo de compensação — como na verdade foi — alimentado pelas diferenças de custo do trigo exótico, importado a baixo preço por alguns países como a Alemanha e a Itália, e os preços mais elevados do cereal cultivado na Europa. Por este fundo, que durará até 1970, serão subsidiados os agricultores europeus.

Como se sabe o Plano Mansholt encontrou uma viva oposição, em especial da parte da Alemanha, pois a própria manobrinha uma coligação alta da produção interna, beneficiando mais os produtores europeus. E então que em Julho de 1964 o general De Gaulle ajudou ao risco de dispersão do Mercado Comum — risco que se concretizou. Mas no dia 1 de Dezembro deste ano o chanceler Erhard conseguiu um acordo com a Federação dos Camponeses alemães. E tiveram despendidos os níveis mais sombrios da tempestade que ameaçava a Comunidade Europeia.

Os resultados do acordo de Bruxelas

O acordo de Bruxelas representa um grande progresso no desenvolvimento da C. E. E. De facto, pelo Tratado de Roma, assinado em 1957, só em 1970 se consumaria a possibilidade de uma Europa Agrícola.

Como apesar de substancialmente reduzidos os direitos sobre produtos industriais, dentro dos países do Mercado Comum, só serão completamente extintos em 1970 supõe-se que em 1 de Julho de 1966 desaparecerá da mesma forma as últimas fronteiras aduaneiras para os artigos fabricados.

Pelo seu lado a Europa que costuma 555 milhões de quintais de cereais tenderá para o seu auto-abastecimento. Quanto ao trigo já produz 97% das suas necessidades. O maior produtor é a França com 250 milhões de quintais anualmente. De resto, a França, o grande celeiro da Europa. Com grande-se, pois o interesse — aliás legítimo — deste país na realização da Europa Verde.

LOPO DE SA

Dr. Reinaldo de Almeida

Especialista em Orde dos Médicos

Doenças de Boca e Dentis

Calçada Gregório Ferreira, 22

Telef. 5885

PRÊMIO MOTA VEIGA

(Concluído da 1.ª pág.)

Instituto de Investigação Científica de Angola, e Mário Fernando Carvalho Pinheiro Corte-Real, que também fez parte do júri do certame, em representação da Associação Comercial de Luanda.

Abreia a sessão em nome do representante do sr. governador do distrito, usou da palavra o nosso camarada de redacção A. Bobele-Motta, que fez uma breve explicação do significado da cerimónia, leu a acta do júri que atribuiu os dois primeiros, indicando as pessoas legalmente habilitadas a receberem a dádiva da ausência dos premiados. Calorosos aplausos foram atribuídos pela assistência aos autores premiados, na altura em que o sr. administrador Joffre Vestina entregou os prémios: um cheque de vinte contos à sr. D. Ermelinda Greck, que representa o seu marido, o escritor Luandino Vieira, e outro de dez mil escudos ao sr. administrador Manuel Alves, representante do embaixador A. Correia de Araújo.

A seguir a esta cerimónia, o nosso camarada de redacção Roby Amorim, interessadamente escutado pela assistência, proferiu a sua palestra subordinada ao tema «Bases para uma literatura angolana».

Depois de ter considerado condições para o surgimento de uma literatura local, adaptada ao meio social, a existência de uma expressão formal com ductibilidade própria e a iligação a um movimento cultural apropriado, Roby Amorim concluiu pela actual existência dessas condições.

Alida, referiu que essas condições já se tinham apresentado, de certa maneira, nos finais do século passado.

Para além disso, os serviços promovem uma assistência médica aos estudantes, apoiada no Hospital do Ultramar e nos Serviços Médicos-Sociais das Universidades de Lisboa, dispondo para o efeito de um médico privativo, tratam das condições de alojamento, por forma a que eles se processem da maneira mais conveniente e, em caso excepção,

naí, concedem subsídios eventuais para solucionar problemas que surjam aos estudantes quando se reconhece que este não pode pelos seus recursos resolvê-los.

Problemas de matrículas nas Universidades e outros assuntos de natureza burocrática são tratados também pelos serviços que procuram, além disso, facilitar a adaptação dos estudantes aos meios académicos a que pertencem.

Para esse efeito, há alguns anos se vem realizando as Semanas de Recuperação dos Estudantes Ultramarinos, que reúnem os estudantes do Ultramar com os do Continente e Ilhas Adjacentes. Igual finalidade tem o Circulo de Ciências da Procuradoria, que conta já com um número elevado de sócios e que muito tem contribuído, com as suas reuniões mensais, para facilitar a adaptação dos estudantes do Ultramar ao novo meio onde têm de frequentar os seus estudos.

Todas as famílias que o pretendem podem manter-se em contacto com a Procuradoria para a resolução, de problemas como os que acabo de expor, ou de outros, considerando que esse contacto é da maior utilidade e muito pode contribuir para ainda mais aumentar a eficiência do apoio a prestar por estes Serviços.

Um dos assuntos tratados durante a minha estada em Angola foi a melhoria da eficiência das estruturas que têm de assegurar o bom funcionamento deste Serviço, quer para a encaminhamento dos estudantes dentro da Província, quer para promover a coordenação das viagens para Lourenço Marques e para a Beira. Para dar uma noção das exigências do mesmo é elucidativo referir que no último ano foram transportados cerca de mil estudantes, parte gratuitamente, parte em condições extraordinariamente favoráveis.

No Clube Naval, oferecido pelo Comissariado Provincial da Mocidade Portuguesa realizou-se ontem um jantar de despedida ao Comissariado Nacional Adjunto para o Ultramar, sr. tenente-coronel Gomes Ressa. Estiveram também presentes, entre outras individualidades, os srs. Director-Geral do Estado, Comissário Provincial da Mocidade Portuguesa, Femininas, Director dos Serviços de Educação; Comandante-Geral da Polícia de Segurança Pública; Chefe e Sub-chefe do Estado-Maior da 2.ª Região Militar; Director do CITI; Presidente do Conselho de Educação; Fiscal; Director do Departamento de Acção Social da Junta de Povoamento; Chefe da 5.ª Repartição dos Serviços de Educação; Directores de alguns estabelecimentos de ensino; e, finalmente, membros da «Mocidade Portuguesa» e representantes da Imprensa e da Rádio.

As brindes, nos quais se prestou homenagem ao Povo Armado, na pessoa do sr. brigadeiro Paiva, chefe do Estado-Maior da 2.ª Região Militar, duraram da palavra do sr. Comissário Provincial da Mocidade Portuguesa: Usmar d'Almeida, como dirigente da Liga dos Antigos Graduados, tenente-coronel Carlos G. Ressa e o Dr. João Simão, Justino M. de Almeida, que presidiu.

LONDRES. — Uma firma britânica inventou e fabrica agora em série, um contador portátil, que permite a leitura directa da percentagem de humidade no trigo, centeio, cevada e aveia, com uma certeza de ordem do

valho Baptista, de 32 anos, natural de Vila Verde e Joaquim Neiva, de 57, natural do Aro de Baube — a menina Maria Alves Teixeira, de 4 anos, natural de Vidago; Joaquim Ferreira, de 67, natural de Chaves; ajudante da carniça e Artur Pinto, que apresenta 25 anos, natural de Cabeceira de Bastos. O Aníbal de Almeida regressara, há pouco, de Angola, onde cumpria serviço militar.

Presume-se que o acidente, que entulhou a região de Chaves, tenha sido provocado por uma falha nos travões do autocarro. O condutor de Vidago morreu, ontem, em sinal de sentimento.

Entre os 27 hospitalizados encontram-se em estado gravíssimo Avellino de Jesus, de 39 anos, natural de Vidago, internado na Misericórdia de Chaves; Secundino Teixeira e Maria Rosa Mattos, numa casa de saúde. — Luíslândia

Para além disso, os serviços promovem uma assistência médica aos estudantes, apoiada no Hospital do Ultramar e nos Serviços Médicos-Sociais das Universidades de Lisboa, dispondo para o efeito de um médico privativo, tratam das condições de alojamento, por forma a que eles se processem da maneira mais conveniente e, em caso excepção,

naí, concedem subsídios eventuais para solucionar problemas que surjam aos estudantes quando se reconhece que este não pode pelos seus recursos resolvê-los.

Problemas de matrículas nas Universidades e outros assuntos de natureza burocrática são tratados também pelos serviços que procuram, além disso, facilitar a adaptação dos estudantes aos meios académicos a que pertencem.

Para esse efeito, há alguns anos se vem realizando as Semanas de Recuperação dos Estudantes Ultramarinos, que reúnem os estudantes do Ultramar com os do Continente e Ilhas Adjacentes. Igual finalidade tem o Circulo de Ciências da Procuradoria, que conta já com um número elevado de sócios e que muito tem contribuído, com as suas reuniões mensais, para facilitar a adaptação dos estudantes do Ultramar ao novo meio onde têm de frequentar os seus estudos.

Todas as famílias que o pretendem podem manter-se em contacto com a Procuradoria para a resolução, de problemas como os que acabo de expor, ou de outros, considerando que esse contacto é da maior utilidade e muito pode contribuir para ainda mais aumentar a eficiência do apoio a prestar por estes Serviços.

Um dos assuntos tratados durante a minha estada em Angola foi a melhoria da eficiência das estruturas que têm de assegurar o bom funcionamento deste Serviço, quer para a encaminhamento dos estudantes dentro da Província, quer para promover a coordenação das viagens para Lourenço Marques e para a Beira. Para dar uma noção das exigências do mesmo é elucidativo referir que no último ano foram transportados cerca de mil estudantes, parte gratuitamente, parte em condições extraordinariamente favoráveis.

No Clube Naval, oferecido pelo Comissariado Provincial da Mocidade Portuguesa realizou-se ontem um jantar de despedida ao Comissariado Nacional Adjunto para o Ultramar, sr. tenente-coronel Gomes Ressa. Estiveram também presentes, entre outras individualidades, os srs. Director-Geral do Estado, Comissário Provincial da Mocidade Portuguesa, Femininas, Director dos Serviços de Educação; Comandante-Geral da Polícia de Segurança Pública; Chefe e Sub-chefe do Estado-Maior da 2.ª Região Militar; Director do CITI; Presidente do Conselho de Educação; Fiscal; Director do Departamento de Acção Social da Junta de Povoamento; Chefe da 5.ª Repartição dos Serviços de Educação; Directores de alguns estabelecimentos de ensino; e, finalmente, membros da «Mocidade Portuguesa» e representantes da Imprensa e da Rádio.

As brindes, nos quais se prestou homenagem ao Povo Armado, na pessoa do sr. brigadeiro Paiva, chefe do Estado-Maior da 2.ª Região Militar, duraram da palavra do sr. Comissário Provincial da Mocidade Portuguesa: Usmar d'Almeida, como dirigente da Liga dos Antigos Graduados, tenente-coronel Carlos G. Ressa e o Dr. João Simão, Justino M. de Almeida, que presidiu.

LONDRES. — Uma firma britânica inventou e fabrica agora em série, um contador portátil, que permite a leitura directa da percentagem de humidade no trigo, centeio, cevada e aveia, com uma certeza de ordem do

valho Baptista, de 32 anos, natural de Vila Verde e Joaquim Neiva, de 57, natural do Aro de Baube — a menina Maria Alves Teixeira, de 4 anos, natural de Vidago; Joaquim Ferreira, de 67, natural de Chaves; ajudante da carniça e Artur Pinto, que apresenta 25 anos, natural de Cabeceira de Bastos. O Aníbal de Almeida regressara, há pouco, de Angola, onde cumpria serviço militar.

Presume-se que o acidente, que entulhou a região de Chaves, tenha sido provocado por uma falha nos travões do autocarro. O condutor de Vidago morreu, ontem, em sinal de sentimento.

Entre os 27 hospitalizados encontram-se em estado gravíssimo Avellino de Jesus, de 39 anos, natural de Vidago, internado na Misericórdia de Chaves; Secundino Teixeira e Maria Rosa Mattos, numa casa de saúde. — Luíslândia

Para além disso, os serviços promovem uma assistência médica aos estudantes, apoiada no Hospital do Ultramar e nos Serviços Médicos-Sociais das Universidades de Lisboa, dispondo para o efeito de um médico privativo, tratam das condições de alojamento, por forma a que eles se processem da maneira mais conveniente e, em caso excepção,

naí, concedem subsídios eventuais para solucionar problemas que surjam aos estudantes quando se reconhece que este não pode pelos seus recursos resolvê-los.

Problemas de matrículas nas Universidades e outros assuntos de natureza burocrática são tratados também pelos serviços que procuram, além disso, facilitar a adaptação dos estudantes aos meios académicos a que pertencem.

Para esse efeito, há alguns anos se vem realizando as Semanas de Recuperação dos Estudantes Ultramarinos, que reúnem os estudantes do Ultramar com os do Continente e Ilhas Adjacentes. Igual finalidade tem o Circulo de Ciências da Procuradoria, que conta já com um número elevado de sócios e que muito tem contribuído, com as suas reuniões mensais, para facilitar a adaptação dos estudantes do Ultramar ao novo meio onde têm de frequentar os seus estudos.

Todas as famílias que o pretendem podem manter-se em contacto com a Procuradoria para a resolução, de problemas como os que acabo de expor, ou de outros, considerando que esse contacto é da maior utilidade e muito pode contribuir para ainda mais aumentar a eficiência do apoio a prestar por estes Serviços.

Um dos assuntos tratados durante a minha estada em Angola foi a melhoria da eficiência das estruturas que têm de assegurar o bom funcionamento deste Serviço, quer para a encaminhamento dos estudantes dentro da Província, quer para promover a coordenação das viagens para Lourenço Marques e para a Beira. Para dar uma noção das exigências do mesmo é elucidativo referir que no último ano foram transportados cerca de mil estudantes, parte gratuitamente, parte em condições extraordinariamente favoráveis.

No Clube Naval, oferecido pelo Comissariado Provincial da Mocidade Portuguesa realizou-se ontem um jantar de despedida ao Comissariado Nacional Adjunto para o Ultramar, sr. tenente-coronel Gomes Ressa. Estiveram também presentes, entre outras individualidades, os srs. Director-Geral do Estado, Comissário Provincial da Mocidade Portuguesa, Femininas, Director dos Serviços de Educação; Comandante-Geral da Polícia de Segurança Pública; Chefe e Sub-chefe do Estado-Maior da 2.ª Região Militar; Director do CITI; Presidente do Conselho de Educação; Fiscal; Director do Departamento de Acção Social da Junta de Povoamento; Chefe da 5.ª Repartição dos Serviços de Educação; Directores de alguns estabelecimentos de ensino; e, finalmente, membros da «Mocidade Portuguesa» e representantes da Imprensa e da Rádio.

As brindes, nos quais se prestou homenagem ao Povo Armado, na pessoa do sr. brigadeiro Paiva, chefe do Estado-Maior da 2.ª Região Militar, duraram da palavra do sr. Comissário Provincial da Mocidade Portuguesa: Usmar d'Almeida, como dirigente da Liga dos Antigos Graduados, tenente-coronel Carlos G. Ressa e o Dr. João Simão, Justino M. de Almeida, que presidiu.

LONDRES. — Uma firma britânica inventou e fabrica agora em série, um contador portátil, que permite a leitura directa da percentagem de humidade no trigo, centeio, cevada e aveia, com uma certeza de ordem do

valho Baptista, de 32 anos, natural de Vila Verde e Joaquim Neiva, de 57, natural do Aro de Baube — a menina Maria Alves Teixeira, de 4 anos, natural de Vidago; Joaquim Ferreira, de 67, natural de Chaves; ajudante da carniça e Artur Pinto, que apresenta 25 anos, natural de Cabeceira de Bastos. O Aníbal de Almeida regressara, há pouco, de Angola, onde cumpria serviço militar.

Presume-se que o acidente, que entulhou a região de Chaves, tenha sido provocado por uma falha nos travões do autocarro. O condutor de Vidago morreu, ontem, em sinal de sentimento.

Entre os 27 hospitalizados encontram-se em estado gravíssimo Avellino de Jesus, de 39 anos, natural de Vidago, internado na Misericórdia de Chaves; Secundino Teixeira e Maria Rosa Mattos, numa casa de saúde. — Luíslândia

Para além disso, os serviços promovem uma assistência médica aos estudantes, apoiada no Hospital do Ultramar e nos Serviços Médicos-Sociais das Universidades de Lisboa, dispondo para o efeito de um médico privativo, tratam das condições de alojamento, por forma a que eles se processem da maneira mais conveniente e, em caso excepção,

naí, concedem subsídios eventuais para solucionar problemas que surjam aos estudantes quando se reconhece que este não pode pelos seus recursos resolvê-los.

Problemas de matrículas nas Universidades e outros assuntos de natureza burocrática são tratados também pelos serviços que procuram, além disso, facilitar a adaptação dos estudantes aos meios académicos a que pertencem.

Para esse efeito, há alguns anos se vem realizando as Semanas de Recuperação dos Estudantes Ultramarinos, que reúnem os estudantes do Ultramar com os do Continente e Ilhas Adjacentes. Igual finalidade tem o Circulo de Ciências da Procuradoria, que conta já com um número elevado de sócios e que muito tem contribuído, com as suas reuniões mensais, para facilitar a adaptação dos estudantes do Ultramar ao novo meio onde têm de frequentar os seus estudos.

Todas as famílias que o pretendem podem manter-se em contacto com a Procuradoria para a resolução, de problemas como os que acabo de expor, ou de outros, considerando que esse contacto é da maior utilidade e muito pode contribuir para ainda mais aumentar a eficiência do apoio a prestar por estes Serviços.

Um dos assuntos tratados durante a minha estada em Angola foi a melhoria da eficiência das estruturas que têm de assegurar o bom funcionamento deste Serviço, quer para a encaminhamento dos estudantes dentro da Província, quer para promover a coordenação das viagens para Lourenço Marques e para a Beira. Para dar uma noção das exigências do mesmo é elucidativo referir que no último ano foram transportados cerca de mil estudantes, parte gratuitamente, parte em condições extraordinariamente favoráveis.

No Clube Naval, oferecido pelo Comissariado Provincial da Mocidade Portuguesa realizou-se ontem um jantar de despedida ao Comissariado Nacional Adjunto para o Ultramar, sr. tenente-coronel Gomes Ressa. Estiveram também presentes, entre outras individualidades, os srs. Director-Geral do Estado, Comissário Provincial da Mocidade Portuguesa, Femininas, Director dos Serviços de Educação; Comandante-Geral da Polícia de Segurança Pública; Chefe e Sub-chefe do Estado-Maior da 2.ª Região Militar; Director do CITI; Presidente do Conselho de Educação; Fiscal; Director do Departamento de Acção Social da Junta de Povoamento; Chefe da 5.ª Repartição dos Serviços de Educação; Directores de alguns estabelecimentos de ensino; e, finalmente, membros da «Mocidade Portuguesa» e representantes da Imprensa e da Rádio.

As brindes, nos quais se prestou homenagem ao Povo Armado, na pessoa do sr. brigadeiro Paiva, chefe do Estado-Maior da 2.ª Região Militar, duraram da palavra do sr. Comissário Provincial da Mocidade Portuguesa: Usmar d'Almeida, como dirigente da Liga dos Antigos Graduados, tenente-coronel Carlos G. Ressa e o Dr. João Simão, Justino M. de Almeida, que presidiu.

LONDRES. — Uma firma britânica inventou e fabrica agora em série, um contador portátil, que permite a leitura directa da percentagem de humidade no trigo, centeio, cevada e aveia, com uma certeza de ordem do

valho Baptista, de 32 anos, natural de Vila Verde e Joaquim Neiva, de 57, natural do Aro de Baube — a menina Maria Alves Teixeira, de 4 anos, natural de Vidago; Joaquim Ferreira, de 67, natural de Chaves; ajudante da carniça e Artur Pinto, que apresenta 25 anos, natural de Cabeceira de Bastos. O Aníbal de Almeida regressara, há pouco, de Angola, onde cumpria serviço militar.

Presume-se que o acidente, que entulhou a região de Chaves, tenha sido provocado por uma falha nos travões do autocarro. O condutor de Vidago morreu, ontem, em sinal de sentimento.

Entre os 27 hospitalizados encontram-se em estado gravíssimo Avellino de Jesus, de 39 anos, natural de Vidago, internado na Misericórdia de Chaves; Secundino Teixeira e Maria Rosa Mattos, numa casa de saúde. — Luíslândia

Para além disso, os serviços promovem uma assistência médica aos estudantes, apoiada no Hospital do Ultramar e nos Serviços Médicos-Sociais das Universidades de Lisboa, dispondo para o efeito de um médico privativo, tratam das condições de alojamento, por forma a que eles se processem da maneira mais conveniente e, em caso excepção,

naí, concedem subsídios eventuais para solucionar problemas que surjam aos estudantes quando se reconhece que este não pode pelos seus recursos resolvê-los.

Problemas de matrículas nas Universidades e outros assuntos de natureza burocrática são tratados também pelos serviços que procuram, além disso, facilitar a adaptação dos estudantes aos meios académicos a que pertencem.

Para esse efeito, há alguns anos se vem realizando as Semanas de Recuperação dos Estudantes Ultramarinos, que reúnem os estudantes do Ultramar com os do Continente e Ilhas Adjacentes. Igual finalidade tem o Circulo de Ciências da Procuradoria, que conta já com um número elevado de sócios e que muito tem contribuído, com as suas reuniões mensais, para facilitar a adaptação dos estudantes do Ultramar ao novo meio onde têm de frequentar os seus estudos.

Todas as famílias que o pretendem podem manter-se em contacto com a Procuradoria para a resolução, de problemas como os que acabo de expor, ou de outros, considerando que esse contacto é da maior utilidade e muito pode contribuir para ainda mais aumentar a eficiência do apoio a prestar por estes Serviços.

Um dos assuntos tratados durante a minha estada em Angola foi a melhoria da eficiência das estruturas que têm de assegurar o bom funcionamento deste Serviço, quer para a encaminhamento dos estudantes dentro da Província, quer para promover a coordenação das viagens para Lourenço Marques e para a Beira. Para dar uma noção das exigências do mesmo é elucidativo referir que no último ano foram transportados cerca de mil estudantes, parte gratuitamente, parte em condições extraordinariamente favoráveis.

No Clube Naval, oferecido pelo Comissariado Provincial da Mocidade Portuguesa realizou-se ontem um jantar de despedida ao Comissariado Nacional Adjunto para o Ultramar, sr. tenente-coronel Gomes Ressa. Estiveram também presentes, entre outras individualidades, os srs. Director-Geral do Estado, Comissário Provincial da Mocidade Portuguesa, Femininas, Director dos Serviços de Educação; Comandante-Geral da Polícia de Segurança Pública; Chefe e Sub-chefe do Estado-Maior da 2.ª Região Militar; Director do CITI; Presidente do Conselho de Educação; Fiscal; Director do Departamento de Acção Social da Junta de Povoamento; Chefe da 5.ª Repartição dos Serviços de Educação; Directores de alguns estabelecimentos de ensino; e, finalmente, membros da «Mocidade Portuguesa» e representantes da Imprensa e da Rádio.

As brindes, nos quais se prestou homenagem ao Povo Armado, na pessoa do sr. brigadeiro Paiva, chefe do Estado-Maior da 2.ª Região Militar, duraram da palavra do sr. Comissário Provincial da Mocidade Portuguesa: Usmar d'Almeida, como dirigente da Liga dos Antigos Graduados, tenente-coronel Carlos G. Ressa e o Dr. João Simão, Justino M. de Almeida, que presidiu.

LONDRES. — Uma firma britânica inventou e fabrica agora em série, um contador portátil, que permite a leitura directa da percentagem de humidade no trigo, centeio, cevada e aveia, com uma certeza de ordem do

valho Baptista, de 32 anos, natural de Vila Verde e Joaquim Neiva, de 57, natural do Aro de Baube — a menina Maria Alves Teixeira, de 4 anos, natural de Vidago; Joaquim Ferreira, de 67, natural de Chaves; ajudante da carniça e Artur Pinto, que apresenta 25 anos, natural de Cabeceira de Bastos. O Aníbal de Almeida regressara, há pouco, de Angola, onde cumpria serviço militar.

Presume-se que o acidente, que entulhou a região de Chaves, tenha sido provocado por uma falha nos travões do autocarro. O condutor de Vidago morreu, ontem, em sinal de sentimento.

Entre os 27 hospitalizados encontram-se em estado gravíssimo Avellino de Jesus, de 39 anos, natural de Vidago, internado na Misericórdia de Chaves; Secundino Teixeira e Maria Rosa Mattos, numa casa de saúde. — Luíslândia

Para além disso, os serviços promovem uma assistência médica aos estudantes, apoiada no Hospital do Ultramar e nos Serviços Médicos-Sociais das Universidades de Lisboa, dispondo para o efeito de um médico privativo, tratam das condições de alojamento, por forma a que eles se processem da maneira mais conveniente e, em caso excepção,

naí, concedem subsídios eventuais para solucionar problemas que surjam aos estudantes quando se reconhece que este não pode pelos seus recursos resolvê-los

ANEXO G: ATRIBUÍDOS OS PRÊMIOS LITERÁRIOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESCRITORES

ANEXO G

MA DELEGAÇÃO COMERCIAL PORTUGUESA VISITA ÁFRICA DO SUL

JOHANNESBURG, 19 — (F. P.). O vice-presidente da Câmara de Comércio de Lisboa, Elísio Alexandre dos Santos, que chegou à África do Sul, à frente de uma delegação comercial de quinze pessoas, declarou, à noite passada, que estava melhorando as relações económicas entre Portugal e a África do Sul.

Acreditou-se que teria numerosos contactos na África do Sul e que daria em seguida informações aos exportadores portugueses acerca desse mercado. Disse ainda ser possível que cerca de mil novos estaleiros de construção naval portugueses, além de a África do Sul poderia tornar-se um comprador de têxteis, assim como de café angolano.

A delegação comercial portuguesa demorou-se à noite na África do Sul e a 22 do corrente, seguindo depois para a Rodésia, com passagem por Camboque.

HEGOU DE ANGOLA o paquete «Vera Cruz» com 1073 passageiros

Procedente do Lobito, chegou hoje ao Tejo o paquete «Vera Cruz» da Companhia Colonial de Navegação com 1073 passageiros, muitos dos quais em viagem de férias. Também trouxe militares do Exército e da Armada.



Publicações

EUROPA-AMÉRICA

tem o prazer de informar que adquiriu os direitos gerais para a língua portuguesa do livro

A MINHA VIDA COM PICASSO

de Françoise Gilot e Carlton Lake.

A obra ilustrada e apresentada com o texto integral será posta à venda durante a primeira quinzena de Junho.

ESTOFOS, SOFÁS-CAMAS

VALENTIM RODRIGUES

v. defensores de chaves, 31-B e C - Lisboa

Diário de Lisboa

PAGINA 24



Foram atribuídos os prémios literários da Sociedade Portuguesa de Escritores

Constitui acontecimento invulgar no panorama intelectual português o atribuição dos prémios literários instituídos e patrocinados pela Sociedade de Escritores Portugueses. pois traduzem, além de valiosa distinção, estímulo criador.

Adquirem especial significado, consagrando de reais méritos, constituindo os mais altos galardões nas respectivas modalidades, e conferindo largo prestígio aos autores distinguidos, os prémios agora conferidos: *Camilo Castelo Branco* (romance), instituído pelo Grémio Nacional dos Editores e Livrários, com o patrocínio da Sociedade Portuguesa de Escritores; *Grande Prémio da Novelística e do Ensaio*, ambos instituídos pela Sociedade com o patrocínio da Fundação Gulbenkian. No montante de cinquenta contos cada, são, também, os mais importantes dos prémios pecuniários.

Foram atribuídos, respectivamente, a Isabel da Nóbrega, pelo romance «Viver com os outros»; a Luandino Vieira, pelo livro de novelas «Luandas»; e a Armando Castro, pela obra «A evolução económica de Portugal (séc. XII a XV)».

A atribuição dos prémios, realizada em 1964, foi decidida, por maioria, pelos juristas constituídos pelos escritores e críticos indicados: Camilo Castelo Branco (António Coimbra Martins, José Palla e Carmo José Régio, Mário Dionísio e Oscar Lopes). Grande Prémio: *Novelística* (Alexandre Pinheiro Torres, Augusto Abelaira, Fernando Botelho, João Gaspar Simões e Manuel da Fonseca). *Ensaio* (Augusto Saraiva, Castelo Branco, Carlos José Cardoso Pires, Mário Sacramento e Teixeira da Mota).

Foram conferidos, pela primeira vez, os prémios *Camilo Castelo Branco*, em 1964, a José Rodrigues Miguéis; de *Novelística* e de *Ensaio*, em 1963, respectivamente, a José Régio e Mário Dionísio, figuras de grande relevo e das mais representativas da mentalidade portuguesa, que o «Diário de Lisboa» inclui entre os seus ilustres colaboradores.

Os escritores agora consagrados Isabel da Nóbrega e Luandino Vieira são, no panorama literário, escritores com posição de relevo, entre os valores mais expressivos da modernidade, cuja obra os impõe por méritos reais, agora consagrados a tão alto nível, do mesmo modo que é distinguido o valor, como economista de poluente estrutura de Armando Castro, um nome firmado pelas capacidades do historiador da economia nacional e cuja obra já com três volumes publicados, «A evolução económica de Portugal», abre ampla perspectiva ao estudo e à compreensão dos fenómenos relacionados à estrutura e à evolução

Delfins amestrados vêm a bordo do «Santa Maria»

SANTA CRUZ DE TENERIFE, 19 — (A.N.I.) — Quatro delfins amestrados e destinados ao aquário zoológico de Barcelona chegaram ao porto de Tenerife, a bordo do transatlântico português «Santa Maria». Os delfins vêm em dois tanques de borracha, com água do mar, e foram enviados pelo «Sequestrismo de Miami».

MAIS UM GRANDE RECLAMO DE 1965

Comprando 5 ex. de 1.000 agramas a 9850, oferecemos 1 máquina de agramar de bolso Baby, tudo por 47\$50, só a máquina 33\$00

CANTOS PARA FOTOGRAFIAS

CAIXAS COM 100, 2\$60

MANDANDO EM SEILOS MAIS \$40 EVITA A DESPESA DE COBRANÇA

Descontos de 40 % para Revenda mínimo de 100 caixas

PAPELARIAS EMÍLIO BRAGA

RUA DA MADALENA, 42, E SUAS FILIAIS

A U. N. E. S. C. O. pretende retirar a Portugal convites para assistir a conferências sobre educação

PARIS, 19 — (R.) — A Comissão Executiva da U.N.E.S.C.O. deu instruções ao director-geral da mesma organização, René Maheu, para que retire o convite já enviado a Portugal para assistir à 28.ª Conferência Internacional da Educação Pública, que se realiza em Genebra em Julho, e ao Congresso Mundial dos Ministros da Educação, que tratará da questão da analfabetismo, que se realiza em Setembro, em Teherão.

A resolução convidou o director-geral da U.N.E.S.C.O. a realizar, com autorização do Governo português, um estudo local do actual estado da educação nos territórios africanos sob administração portuguesa.

Em seguida, a resolução pede ao director-geral «que não leve a efeito, enquanto se aguardam os resultados deste estudo e do seu exame por parte da Comissão, quaisquer convites feitos a Portugal em conformidade com decisões da conferência geral da U. N. E. S. C. O. ou da sua Comissão Executiva».

O Brasil, França, Grã-Bretanha e Estados Unidos contaram e entre as nações que votaram contra a resolução, que foi adoptada por vários levantados.

Portugal entrou para a U. N. E. S. C. O. em Março passado, mas não faz parte da sua Comissão Executiva.

O Governo português não esteve então representado, nem sequer por um observador, durante o debate.

EMENDA BRASILEIRA REJEITADA

O prof. Paulo Carneiro, do Brasil, apelou em vão para a Comissão Executiva para que adiasse a sua decisão enquanto se aguardava o resultado do inquérito ao estado da educação nos territórios africanos de Portugal.

O delegado brasileiro enviou para a mesa uma emenda, que foi rejeitada por 7 votos contra 7 e 5 ausências.

A Comissão Executiva da U. N. E. S. C. O. deve inicialmente tomar uma decisão acerca de uma proposta de resolução apresentada por oito nações africanas e pela Índia, na qual se pedia a exclusão de Portugal de todas as actividades da Organização até que a U. N. E. S. C. O. se pudesse decidir sobre a sua situação como membro.

Esta proposta de resolução, apresentada na passada quinta-feira pelo Sudão, Mali, Nigéria, Costa do Marfim, Camarões, Tanzânia, R. A. U. e Índia, foi retirada pelos seus autores durante o fim de semana, em favor da resolução hoje votada.

Em referência ao telegrama acima publicado, um informador do Ministério das Negociações Estrangeiras sublinhou os seguintes pontos: a) a votação do Comité ou Comissão Executiva não é final e, se se cumprirem os dispositivos legais, terá de ser sujeita à ratificação da Conferência Geral de todos os membros da Unesco, muito embora seja provável, uma vez que se entre no regime do arbitrio, que este continue a prevalecer enquanto as grandes potências se curvarem perante tais atitudes; b) os convites a que se faz referência já foram recebidos e até re-

pondidos, sendo os mesmos aceites, parecendo que o director-geral da Unesco foi agora colocado numa posição altamente embaraçada porque tem de cometer uma injustiça de uma desonestidade se quiser obedecer a uma resolução que aliás é também ilegal; c) finalmente, quanto ao estudo ou inquérito à educação em territórios portugueses, já foi declarado que não temos objecções desde que o estudo da sugestão se submetam a igual estudo ou inquérito; mas em qualquer caso não se vê em que sentido e com que fundamento a realização de tais estudos possa ter efeitos suspensivos quanto ao exercício dos direitos que cabem a um país membro da Unesco. Tudo isto, e os atropelos a que constantemente os afro-asiáticos sujeitam as instituições internacionais, só contribui para a ruína destas. De resto, não se vê hoje alguma em que queiram expulsar Portugal da Unesco e não queiram a nossa expulsão da U. N. E. S. C. O.; apenas se compreende o dogma pelo desejo de «atacar» Portugal e tornar apólitico tudo o que a Portugal diz respeito, tudo o que agora não se debruça sobre os benefícios que daí podem retirar os extremistas afro-asiáticos. Não se vê, por efeito, que a eventual saída de Portugal da Unesco possa contribuir para que mais um habitante de qualquer país afro-asiático ou de qualquer território português passe a receber educação.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:
SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava geralmente pouco nublado e o vento era fraco ou moderado predominando de noroeste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 24,4; mínima: Penhas da Saúde, —2.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 14; Faro, 17; Funchal, 18; Lisboa, 16; Penhas da Saúde, 17; Portalegre, 13; Porto, 14.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SUL — No ar mar: 16,5; na água do mar, 14,5.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ÀS 15 HORAS — Máxima, 19,9; mínima, 12,2. No mesmo dia do período — Máxima, 26,7; mínima, 14,4.

PREVISÃO GERAL ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Agravamento do estado do tempo a partir da tarde, com céu muito nublado; vento fraco ou moderado, predominantemente de nordeste e períodos de chuva mais prováveis nas regiões do norte; possível melhoria para amanhã com períodos de céu muito nublado alterando com boas aberturas; vento moderado de nordeste com rajadas junto ao litoral oeste e possibilidade de aguaceiros dispersos nas regiões do Norte.

SOL

Nascer às 6 e 21
Ocaso às 20 e 46

FASES DA LUA

Dia 23 Dia 30 Dia 6 Dia 14

MARES

PREIA-MAR — Dia 19 — As 4 e 38 (3,5 m); 18 e 46 (3,7 m); Dia 20 — As 7 e 12 (3,3 m); 19 e 30 (3,5 m); Dia 21 — As 8 horas (3,1 m); 20 e 18 (3,4 m).

BAIXA-MAR — Dia 19 — As 11 e 37 (1,3 m); Dia 20 — As 9 e 30 (1,5 m); 12 e 13 (1,5 m); Dia 21 — As 1 e 12 (1,5 m); e 13 e 21 (1,6 m).

QUARTA-FEIRA, 19 DE MAIO DE 1965

ANEXO H: ARNALDO DE CASTRO, LUANDINO VIEIRA E ISABEL DA NÓBREGA RECEBERAM OS GRANDES PRÊMIOS LITERÁRIOS

ARMANDO DE CASTRO LUANDINO VIEIRA E ISABEL DA NÓBREGA — grandes prémios literários da Sociedade Portuguesa de Escritores



ISABEL DA NÓBREGA — Prémio Camilo Castelo Branco

A Sociedade Portuguesa de Escritores atribuiu os prémios «Camilo Castelo Branco», «Grande Prémio de Novelistas» e «Grande Prémio de Ensaio», — segundo foi hoje comunicado — respectivamente a Isabel da Nóbrega, pela sua obra «Ver com os outros»; Luandino Vi-

eira, pelo seu livro «Luanda»; e Arnaldo de Castro, pelo seu livro «A evolução económica de Portugal — século XII a XV».

O prémio «Camilo Castelo Branco», no valor de 50 contos, é instituído pelo Grémio Nacional dos Editores e Livreiros e patrocinado pela Sociedade Portuguesa de Escritores.

O júri era constituído pelos escritores António Coimbra Martins, José Palla e Camo, José Régio, Mário Dionísio e Oscar Lopes.

O «Grande Prémio Novelistas», no valor de 50 contos, o mais alto galardão para a novela portuguesa, foi instituído pela Sociedade Portuguesa de Escritores com o patrocínio da Fundação Gulbenkian.

O júri era constituído pelos escritores Alexandre Pinheiro Torres, Augusto Abelaira, Fernanda Botelho, João Gaspar Simões e Manuel da Fonseca.

O «Grande Prémio de Ensaio», também no valor de 50 contos, foi



LUANDINO VIEIRA — Grande Prémio de Novelistas

EM ESPANHA despenhou-se num açude um autocarro com estudantes

• Morreram 5 raparigas e ficaram feridas 35

LUGO (Nordeste de Espanha), 19 — A Guarda Civil informou na noite passada que pereceram cinco jovens estudantes e talvez mais de 35 ficaram feridas, algumas delas gravemente, quando o autocarro se despenhou de uma altura de 30 metros num açude, perto desta cidade.

As raparigas, de uma escola de ensino doméstico, foram cuspidas do veículo quando ele se despenhou.

As jovens faziam a excursão por ocasião das comemorações do ano jubileu de Santiago de Compostela. — R.

ADIADO O FESTIVAL DE ELEIÇÃO DA RAINHA DE LISBOA

O Festival da Primavera que estava marcado para esta noite no Pavilhão dos Desportos foi adiado para 9 de Junho.

Nesta organização da Federação das Colectividades de Recreio deverão ser eleitas a «rainha» e as «princesas» de Lisboa, entre as candidatas escolhidas pelos diferentes bairros da capital.

ANEXO H



ARNALDO DE CASTRO — Grande Prémio de Ensaio

instituído pela Sociedade Portuguesa de Escritores com o patrocínio da Gulbenkian.

O júri era constituído pelos escritores Augusto Saraiva, Castelo Branco, José Cardoso Pires, Mário Sacramento e Teixeira da Mota.

O escritor Luandino Vieira é angolano e foi recentemente galardoado em Angola com o prémio «Mota Veiga», atribuído também ao livro «Luanda».

AS OBRAS DO METROPOLITANO MENOS TAPUMES NA AVENIDA ALMIRANTE REIS COM O GRANDE TUNEL À VISTA NO LARGO DO INTENDENTE

Na rua da Palma e na Avenida Almirante Reis prosseguem, em bom ritmo, as obras do metropolitano com a promessa da inauguração das estações do Socorro e dos Anjos no começo do próximo ano.

Na parte compreendida entre o Intendente e a travessa Cidadão João Gonçalves foram já retirados alguns tapumes, e procede-se ali a trabalho de calcamentamento, com grande regozijo dos comerciantes locais que suspiram pelo dia em que as mostras dos seus estabelecimentos vão de voltar a atrair o interesse da clientela, tão afastada dali desde o início das obras. O que, aliás, lhes tem acarretado os maiores prejuízos.

Em vários pontos da rua da Palma e daquela avenida (junto ao cinema Lys) têm surgido dificuldades (muita água e rocha) mas isso não impede que daqui a pouco a movimentada zona da cidade esteja a beneficiar do grande empreendimento.

E informemos: no largo do Intendente pode ver-se a ampla bocarra do tunnel que, proximamente, será local de passagem de comboios apinhados de apressados gentes.

A PARTIR DE HOJE A Inspeção-Geral das Actividades Económicas sucede à I. G. A.

Entram hoje em vigor os diplomas promulgados em 18 de Fevereiro e que criaram e regulamentaram a Inspeção-Geral das Actividades Económicas que sucede a partir de hoje, portanto, à Intendência-Geral dos Abastecimentos.

O sr. coronel João Teixeira Pinto a partir de hoje passa a exercer o lugar de inspector-geral. Para os cargos de director-geral adjunto, director dos Serviços do Contencioso e director dos Serviços de Fiscalização vão ser nomeados os srs. drs. José Manuel Ennes Ferreira, Rui Tato Marinho e Cândido Lopes de Almeida.

CHEGOU O «VERA CRUZ»

Chegou hoje do Lobito e Luanda o paquete «Vera Cruz» com 1005 passageiros, entre os quais militares do Exército e da Armada

UM NOVO EMPRÉSTIMO DE SETENTA MIL CONTOS VAI DESTINAR O MUNICÍPIO DE LISBOA ÀS OBRAS DO METROPOLITANO —foi anunciado na sessão pública de hoje

Na Câmara Municipal de Lisboa, realizou-se esta manhã mais uma reunião pública, a que presidiu o sr. general França Borges, ladeado pelo vice-presidente, e com a assistência de nove vereadores, directores dos Serviços e chefes de Repartição e de Secções.

Falou em primeiro lugar o vereador sr. Vasco Regaleira, que aludiu a determinadas cores ultimamente utilizadas nalguns edifícios da capital, afirmando: «Como era tradicional, a cidade era casca de branco até aos primórdios do século XVIII, surgindo depois o ocre, o rosa velho e, bastante mais tarde, o verde mar. As cores eram suaves e contrastavam com o branco das cantarias e o avermelhado patinado dos telhados».

O sr. Vasco Regaleira, prosseguiu: «O processo usado era a caiação, que dava a maior transparência e suavidade onde aplicada.

«Não se pretende impor cores — disse mais adiante — Deseja-se, somente, que estas sejam aplicadas de acordo com o tipo arquitectónico do edifício e tendo sempre em consideração o ambiente local. É minha convicção que a cidade muito beneficiaria no seu aspecto estético, se este problema fosse estudado de forma conveniente pelos Serviços de Arquitectura desta Câmara, aos quais se deveriam facultar todos os meios necessários para se chegar a uma solução definitiva. Presentemente, a sua intervenção é inoperante, por falta de uma legislação actualizada e adequada, e meios de fiscalização a um nível artístico que um assunto desta natureza requer.

Terminando, o sr. Vasco Regaleira exemplificou as suas considerações, referindo-se a um friso de habitações seiscentistas que achem a nascente o mosteiro de Sta. Maria de Belém, para uma das quais foi autorizada uma pintura a cinzento com molduras a branco.

• «O metropolitano tem, presentemente, uma utilidade reduzidíssima»

Seguiu-se no uso da palavra o vereador sr. dr. Repolho Correia, que se ocupou da manifesta demora dos trabalhos da rede do metropolitano, o qual — disse — tem presentemente uma reduzidíssima utilidade.

Manifestou o desejo de que aqueles trabalhos se processassem um ritmo mais acelerado, observando que do atraso da obra tem advindo grande prejuízo para a cidade. A finalizar, alvitrou que o Município não participasse mais, com suplementos, no aumento da rede do metropolitano.

O presidente deu explicações sobre o assunto, apontando as diversas circunstâncias que têm impedido um desenvolvimento mais rápido do metropolitano. Seguidamente, anunciou que o Município vai destinar, para aquelas obras, um novo empréstimo de setenta mil contos. O primeiro empréstimo da Câmara cifrou-se em quarenta mil contos.

O presidente apresentou, depois, uma proposta, alienando vários lotes de terreno na Estrada da Luz e na Avenida dos Estados Unidos da América.

A próxima reunião pública efectua-se no dia 16 de Junho.

O sr. José Fernandes saiu ileso.

O AUTOMÓVEL VOLTOU-SE e um dos passageiros ficou ferido

Junto ao Campo Grande, o automóvel conduzido pelo sr. José Rosa Simões de Oliveira, residente na Rua Coelho da Rocha, 122-1.º, voltou-se, por causas que se desconhecem.

No carro seguiam como passageiros Noé Falcão, de 30 anos, a mulher deste Alzira Falcão, de 28, residentes na Estrada do Avito, Cascais; e Maria Margarido Bicu, de 19 anos, residente no Bairro da Quinta da Charnequinha, Rua A, 31-3.º, os quais, à excepção desta última que ficou internada no Hospital de Santa Maria, com diversas contusões, saíram praticamente ileso do acidente.

NO SEU CARRO DEFENDA-SE COM
CINTOS DE SEGURANÇA
KLIPPA
MINISTÉRIO DA LDB, LISBOA-PORTO

TURISMO LUSO-ESPANHOL

A fim de se ocuparem de problemas de turismo que interessam a Portugal e Espanha, reuniram-se hoje, num hotel de Lisboa, algumas entidades ligadas a essa actividade.

Presidiu o sr. dr. Jorge Vila Frades, da «Morkatur» de Barcelona, que expôs amplamente os propósitos turísticos daquela organização. Durante a reunião alguns jornalistas presentes fizeram várias perguntas que obtiveram minuciosa resposta.

A reunião assistiram também jornalistas do «A. B. C.» e «Vanguardias».

Numa notável exposição que, em breve, irá realizar-se em Barcelona, Portugal participará, segundo o desejo dos organizadores do grande certame. Do Conselho Técnico farão parte, as seguintes personalidades: D. Rafael Eutrena Cuesta, D. Luiz Gomes Sanz, D. Aurélio Isla e D. António Propia Seboia, de «Cabrera».

Este organismo promove na secção de iniciativas turísticas o «Salão Hogorotel» que ficará instalado numa grande área e que será ponto de reunião dos seus promotores, proprietários, técnicos e intermediários.

Sapataria Milão

Especializada em calçado feito por medida para pés sensíveis e doídos.

OFICINAS PRÓPRIAS
R. COMERCIO, 16-22 - TEL. 326805
LISBOA

ANEXO I: LUUANDA, ASSINALA O NASCIMENTO DE UMA LITERATURA (PRIMEIRA FOLHA)

30-10-1964

ANEXO I

ABC — DIÁRIO DE ANGOLA

Pág.

Malraux-escritor: sim

Malraux-ministro: não!

PARIS. — O número 972 da revista francesa «Arts», posta à venda em finais do mês passado, constitui quase todo um cerrado ataque a André Malraux. Intendase: não ao André Malraux escritor, que subverteu alguns dos mais belos romances franceses deste século — mas ao mesmo homem nas suas funções de ministro da Cultura do governo de De Gaulle. É este último que «Arts» visa em várias páginas carregadas de ódio e feroz ironia; são os seus erros que a prestigiosa revista literária aponta minuciosos e implacavelmente, como fatores do manifesto agravamento da crise cultural francesa.

Num dos ataques («Les paris stupides de André Malraux») escreve André Thierry: «Saudáveis a sua entrada para o governo quando a crise des-

Malraux na «chefia do Ministério da Cultura. Faltou pouco por ponto. NENHUMA GRANDE EXPOSTICA — Em contrapartida, a «Gloconde» a «Vénus do Milos» foram representadas a eterna França para as Américas e o Japão, onde os interessados, desafiados em bichas sob a vigilância cronometadora da polícia, tinham 15 segundos para as apreciar. Nisso se foi o dinheiro que possibilitaria as exposições; nenhuma se realizou por iniciativa oficial.

NENHUM SALAO PARA LICHES DAR LUGAR — Malraux decidiu converter em refectório para estudantes o único local de Paris verdadeiramente apto para uma exposição: o Grand Palais. O edifício não é frequentado; os estudantes da Universidade para lá, teriam quase que atravessado Paris.

VARIAS — Sumariamente e sob este título anotamos mais as seguintes da recente lista de acusações feitas por Thierry a Malraux: tranquilidade conservada de um sistema de ensino, nas Belas-Artes, que não passa dos resos mortais do que teria sido vivo e perigoso do século XIX; amor pela gran-

lho dedicarem só assim se eleva a arte ao povo. Uma verdade tão consensual não penetrou no entendimento de Malraux, que quis levar mesmo a arte, ao povo, pegando nas referências de fábricas e oficinas algumas obras-primas da pinura. Claro que os operários, muito saudavelmente acolheram a toante iniciativa com a mais total das indiferenças.

O LOUVRE — Os empregados do mais célebre museu do mundo são miseravelmente pagos, talvez com compensação para a dose maciça de escultura que, gradatamente, o ofício se faz todos os dias ingerir. Mas o amor de Malraux pela economia vai mais longe: o Louvre abre de manhã e encerra às 5 horas; para o visitar aqueles que trabalham dispõem dos dois minutos. Muito legitimamente, nesse dia, preferem o futebol.

CONCLUSÃO NA 7.ª PÁG. >

poesia

é proibido chorar

de gabriel celaya

Gabriel Celaya nasceu em Hernani (País Vasco), em 1911. Engenheiro de profissão, é no entanto a poesia que dedica o máximo do seu talento. Reside em Madrid. Tem publicado vários livros de versos. É um dos mais representativos poetas da Espanha de hoje.

O poema «É proibido chorar» foi traduzido por Egídio Gonçalves.

É proibido chorar.
É proibido ir com os rios para o mar
onde tudo é igual.
É proibido sorrir
de modo subtil, sem nada dizer,
dizendo que tanto faz o sim ou não.
É proibido violentar
e ainda que armados de razão, atacar.
É proibido forçar.
É proibido falar do fim
quanto tudo é no entanto um: aí não si,
é um fluente ver chegar.
É proibido o gesto
de consciência pessoal, pisar de olhos da liberdade,
porque existem os outros.
É proibido morrer
por cultura, ceticismo, ou porque assim
se discursa de existir.
É proibida a moral
das boas intenções, que, associada,
por nada dá o mais próximo.
Iá que erer o viver.
Resoluto, ainda que sem ódio, decidir
o dizer sem claramente.
Vem para mais perto, mais perto.
Não me perguntes o que é claro. Também o vês chegar
na unidade dos homens — tu por mim.



ANDRÉ MALRAUX

pointava: os políticos pouca atenção concediam aos problemas das artes e das letras, pouco exploráveis para efeito de eleições, e o autor da «Condição Humana», encontrava enfim uma tarefa à sua medida, à medida do seu talento, da sua ambição, da sua inteligência... Mas as decepções não tardaram, e os desapontamentos sucederam-se a indignação e a revolta.

O mesmo articulista vitorioso a seguir os resultados dos seis anos de

PROMESSAS E ESQUECIMENTOS — «1 por cento dos orçamentos escolares será investido em trabalhos de colaboração entre artistas e arquitetos. Depois Malraux moderou-se: ao desenho da França não é para os artistas pobres. E a verba foi para Braque (o mural do Louvre) e para Chagall (o teto da Ópera).

A PROMOÇÃO POPULAR — Há que facilitar a iniciação na arte e permitir a todos o suficiente fazer para se

ESTA PÁGINA

SAI TODAS

AS SEMANAS

OS LIMITES DO HOMEM E O PENSAMENTO DE SARTR

Atacado por marxistas e católicos, Sartre é uma das mais fascinantes personalidades da cultura do século XX. Criador de uma espécie de crítica existencialista, a mais lúcida e mais cati- existencialista arte rejeita gêneros e categorias. Coloca-se como consciência, por uma outra consciência: a do romantismo. Quando fala de Mauriac, de Dos Passos ou de Mauriac, é o que se passa na consciência destes romancistas que ele pretende examinar. Antes de tudo, observa que existe um «tempo do romance», como um «tempo» próprio de cada romancista e que cada tempo diverso não tem nada a ver com o nosso próprio tempo de vida.

Sartre nasceu em 21 de Junho de 1905, em Paris. Foi na infância que conheceu as pompas burguesas, os belos luxos, os bronzes de Barbedienne sobre as chaminés. Aos 11 anos, Sartre radicou-se em La Rochelle, onde observa que a burguesia não quer privar-se, sobretudo, dos seus direitos. A criança criada contra o formalismo provinciano e a quietude humana sofreu uma metamorfose. Regressou a Paris e tornou-se um intelectual de entre duas guerras. Conheceu Emmanuel Mounier, escreveu romances e ensaios — é despretensioso. Conheceu Li-gas e Paul Nizan, conheceu Simone de Beauvoir.

Só conseguirá um êxito importante em 1938, aos 33 anos de idade, com «A Náusea», e a celebridade aos 38 anos com «As Múscas» e «Entre Quatro Paredes». Entre 1925 e 1938 teve tempo de viver plenamente o espírito de entre as duas guerras, de conhecer suas fermentações, esperanças, ilusões e decepções.

Éa porque a obra de Sartre anterior à guerra — «A Náusea» e «O Muro» e numerosos traços de «Os Caminhos da Liberdade» — traduzirão a laudável cresceu o do homem gélido, que queria ficar livre e disponível, e se interrogava, perguntando-se — «Vive para quê? Neste momento o fim do século XX, desembarcado dos preconceitos e costumes, tendo conhecido uma liberdade total, conhece enfim que ela não será sentida se permanece vã e vazia: é num sentido puramente literário, que deixa provisoriamente de

berdade que não é falsidade nem Sartre, o Rougemont de «A Náusea» é tratada por nada, mas que não, contra mais em que se aplica. Depois, é toda uma longa, admirável, meditação sobre o homem, a pesquisa fascinante, repleta de condições, de descobertas. Porque, e Sartre escreveu, «o último limite do homem é o próprio homem».

«LUUANDA» assinala o nascimento de uma literatura

A excepção da poesia (talvez de uma poesia recente, pois, por exemplo, o caso de Vieira da Cruz não pode ser considerado) não se podia falar de uma literatura angolana. Contudo, o idioma português soubera já adaptar-se às condições particulares dos trópicos, desmoldando-se em novas línguas que haviam produzido autênticas literaturas diversificadas e autónomas: o brasileiro, o crioulo cabo-verdeano, o forro de S. Tomé.

Do contrário, em Angola e em Moçambique esse indispensável passo ainda não havia sido tentado. Melhor, ainda não acontecera. Desejamos acontecer, porque não pode imaginar-se o escritor que decide inventar uma língua, com o seu léxico, o seu gramático, o seu lógico interno. Essa língua deverá existir na boca do povo, ter-se formado por necessidade e adaptações locais do português, da sua fusão com o ambiente, os problemas, as necessidades e as línguas locais.

A ficção de Angola continuava a ser representada pelos produtores. (Conclui na 7.ª pág.)

Esqueceremos Jaurès?

Passou o cinquentenário da morte de Jean Jaurès, assassinado em Paris no decurso da tremenda carnificina da guerra de 1914 — e parece que pouco lembraram a mensagem, selada pelo maior sacrifício do grande paladino da Paz. Há notícia, apenas, de dois livros publicados em França: um, das Éditions Grancher, reunindo alguns discursos de poderosa eloquência; outro, das Éditions Seghers, em que André Robinet estuda o itinerário filosófico do pensador que deu ao laicismo uma das mais fortes e corajosas expressões morais e intelectuais neste século. Quantos saberão hoje, nas novas gerações europeias, quem foi e o que foi Jaurès? E, no entanto, se algum dia a Europa unificada e pacificada se tornar uma realidade, para além das sofisticadas das armadas económicas, é na raiz do apostolado jaurésiano que poderá encontrar-se as razões mais profundas da «utopia» finalmente cumprida. Duas ou três gerações bastam para um esmagador esquecimento.

ALVARO SALEM

LEIA • ASSINE

E DIVULGUE

«ABC—Diário de Angola»

LIVRARIA A B C

Largo D. João IV — 17/18

C. P. 1245 — LUANDA

ANEXO I: LUUANDA, ASSINALA O NASCIMENTO DE UMA LITERATURA (SEGUNDA FOLHA)

30-10-1964

«LUUANDA»

(Conclusão da 3.ª pág.)

do Castro Soromenho, de Henrique Galvão. Apesar da longa experiência africana de ambos, do nascimento africano de um deles (Castro Soromenho nasceu em Moçambique e toda a sua infância e juventude foram passadas em Angola), os seus trabalhos representam apenas uma visão europeia da África. É certo que isto não lhes limita o valor ou o interesse, mas é necessário por da coisa no seu devido lugar.

Não podia falar-se de uma literatura brasileira em relação a Castro Alves, não obstante o patriotismo do poeta; não se podia acreditar em literatura brasileira com Machado de Assis, escrevendo com uma forma europeia sobre motivos do seu país. Essa nova literatura só nasceu quando os escritores sentiram a necessidade de utilizar a língua que o povo do seu país falava para a transformarem no seu instrumento de trabalho.

O fenómeno acaba de suceder em Angola, com a publicação dos três contos de Luandino Vieira. Luandino — com os quais, pode dizer-se, nasce a prosa de ficção deste território tropical.

Alá, podia aditivamente o acontecimento estava prestes a ocorrer. Anunciavam-se várias emissoras públicas, usavam-se já os escritores quando os seus personagens empregavam o discurso directo, tentavam irromper nas colunas dos jornais e ficava mais que uma aparição através dos microfones das estações de rádio.

Incontestável, esta força de expressão que procurava acesso, cidadania, acabou por obtê-la — com o que temos a congratular-nos com uma obra impecável.

Luandino Vieira faz a crónica do sentido neo-realista do termo «cidade humilde do labirinto dos beirões de pau-a-pique que se opõem (como na capa que ele próprio compõe) aos arranha-céus que se levantam na baía. Uma crónica viva, humana e cheia de simpatia pelas figuras que retrata e acompanha.

Estas considerações apressadas não nos permitem, hoje, uma abordagem mais profunda dos problemas literários propostos por esta obra excepcional de Luandino Vieira. Prometemos, porém, que a ele voltaremos na próxima semana.

R. A.

Dr. Reinaldo de Almeida

Especialista pela Ordem dos Médicos

Doenças de Boca e Dentes

Calçada Gregório Ferreira, 22

Telef. 5855

ESTRADAS DE ANGOLA

(Conclusão da 2.ª pág.)

Em curso e iniciadas em 1963, foi o seguinte:

Plano de Fomento	Contos
Organismo próprio	832.719
	53.311
	508.130
As verbas dispensadas, no mesmo ano, foram estas:	
Plano de Fomento	11.758
Organismo próprio	21.620
Estradas	62.210
Pontes	219.603
Conservação	
	21.632

A rede rodoviária, actualmente a cargo do referido organismo, resumia-se a isto:

Itinerários:	Quilómetros
1.ª classe	5.169
2.ª classe	3.323
3.ª classe	7.742
Adjuvantes CFB	1.839
De interesse especial	3.559
	21.632

As dotações gastas nos últimos 5 anos (1961-1963) atingiram 447.210 contos, o que corresponde à média anual de 74.535 contos e nos anos posteriores foram as seguintes:

1960	65.763
1961	120.369
1962	126.654
1963	236.891
Contos	548.677

Angola é formada por extenso território, bastante acidentado em algumas zonas tanto do Norte como do Centro e do Sul. As vias de comunicação rodoviárias são a base fundamental da sua economia. Sem as estradas para a drenagem dos produtos da terra, tanto agrícolas como industriais e para a rápida movimentação das suas gentes,

Tréplica de Araujo Rodrigues

(Conclusão da 1.ª pág.)

bém já não gostava da «Nação» e tinha especial preferência pelo «Sol». Mas que tenho eu, ou que temos nós, com os seus gostos e preferências? Quem se surpreenderá que o sr. Galhós goste mais do Sol que da Nação?!

Volta, depois, o ilustre, e o instável intelectual, a referir-se à defesa que temos feito de algumas grandes empresas fixadas em Angola. Quem pode surpreender-se que defendamos as que contribuem para o progresso de Angola e revelam saudável confiança no seu futuro? Que terel eu, ainda neste caso, com as suas preferências?

Chama depois «revistinha» à nossa Revista e refere clinicamente, o facto de o «CITA» nos comprar 800 exemplares por mês, insinuando que é o valor dos mesmos que nos permite viver bem. E isto mostra, a maldade, o delírio, a inveja, a verga, que perturbam o sr. Galhós. Pois fiquem sabendo, se não sabe, que os 800 exemplares que vendemos ao «CITA» por 4.800.000, nos custam a nós, as oficinas do «ABC», à volta de 8.000.000. Grande negócio, pois, não é verdade?!

Talvez não devêssemos responder-lhe. Não nos sobra tempo para «conversas de soalheiros», e isto, afinal, não foi muito além disso! Lamentações muito, entretanto.

Em outros artigos vários destes pontos são tratados mais profundamente. Assim o caso do teatro da Ópera, entregue a Chagall, cujo estilo nada tem de comum com o «Napoleão III» do edifício; e assim o caso dos fossos do Louvre, que constitui o exemplo mais frisante do desastre, apêndice de Malraux pela grandesa (os fossos, manda o «reabilitar» pelo ministro da Cultura, nunca tivemos de facto ouvido segundo se averigou. Mas vão existir agora, pelo custo que se avalia e com a utilidade que se probe).

«Em resumo», termina «Arte», «proclamações porventura de um Malraux que não impõe o seu prestígio para exigir um orçamento digno da cultura francesa, de um Malraux que, em vez de se impor ao parlamento e chamá-lo às responsabilidades nada encontra de melhor que evocar Joana d'Arc, as católicas perante meninos da escola, de um Malraux que, em lugar de agir, se transformou no guia oficial de Versailles para as almas de visita à França». — E.

ANEXO I (SEGUNDA FOLHA)

Pág. 7

que o sr. Galhós traga assim os seus nervos em «franja...» — como afirma. Mas não nos venha pedir, pelo amor de Deus, que o levemos ao médico!

E aqui fica o nosso «ponto final» na questão. Temos de trabalhar muito, para fazer a vida que fazemos, e não podemos malbaratar o nosso tempo em questões de siana caprina, como esta em que inadveridamente nos vimos envolvidos.

ARAJO RODRIGUES

Dirija-se aos Serviços de Combate e Profilaxia à Tuberculose com o seu filho e veja se é conveniente que ele se vacine com o B.C.G.

Visado pela Comissão de Censura

Poderá encontrar-se a bordo do paquete «Queen Mary» um assassino que é procurado pela Polícia britânica

SOUTHAMPTON, 28 — Pensando que esteja a bordo do «Queen Mary», que largou do porto de Southampton na quinta-feira, e assim de uma motrinha de taxi desta cidade, a Polícia telegrafou ao comandante daquele paquete pedindo-lhe que proceda a investigações.

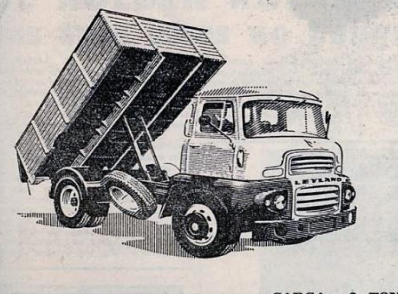
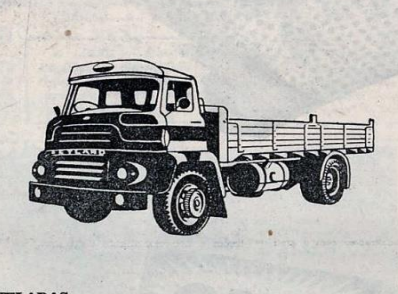
Fredos semelhantes foram enviados para bordo de outros três paquetes que se preparam para largar deste porto do sul da Inglaterra. Um «Transval Castle», destinado à África do Sul, o «Andes», que segue para o Mediterrâneo e o «Elina del Mar», que vai efectuar um cruzeiro pelo Mediterrâneo.

No seu pedido, a Polícia mostrou-se também interessada em saber se algum tripulante mandou lavar, a bordo, qualquer peça de roupa com manchas de sangue.

O corpo de motorista assassinado, George Newberry, de 60 anos, foi encontrado nos arredores de Southampton ao princípio da manhã de quinta-feira. Newberry foi assassinado a machadada e as autoridades pensam que o assassino terá sido um marítimo, uma vez que a sua clientela era, normalmente, constituída por membros das tripulações de navios mercantes. O assassino não roubou qualquer valor à sua vítima. — ANI.

LEYLAND

SUPER COMET

CARGA — 9 TONELADAS

POTENCIA — 125 HP

PREÇO (EM CHASSIS) — 258.000\$00

UNIÃO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS, LDA.

LOBITO • LUANDA • NOVA LISBOA

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA.

LUANDA — ANGOLA

TELEF. PRX. 2021/4507 — C. P. 2232

Endereço Telefónico: «TURANG»

PASSAPORTES E FORMALIDADES CONSULARES

VIAGENS AÉREAS, MARÍTIMAS E TERRESTRES

C. P. 325 — Telef. 212

Endereço Telef. «TURANG»

LOBITO — ANGOLA

Administração do 2.º Bairro Administrativo do Concelho de Luanda

EDITAL N.º 39/64

ANTONIO EMILIO CID, Administrador do 2.º Bairro do Concelho de Luanda:

PAZ PÚBLICA que a CAMARA MUNICIPAL DO LUANDA, requer a Sua Excelência o Governador Geral de Angola, por intermédio desta Administração, o alvará para a instalação de um talho, no Mercado Municipal n.º 2, desta cidade.

Como a referida indústria está compreendida na classe 3.ª da Tabela anexa ao Regulamento aprovado pelo D. L. n.º 216 de 20 de Setembro de 1961, com os inconvenientes de:

CHEIRO, PERIGO DE MOSCAS E ALTERAÇÃO DAS ÁGUAS

São, por este meio, convidadas as autoridades públicas ou gerentes de quaisquer estabelecimento a apresentarem por escrito as suas reclamações nos termos da alínea b) do artigo 15.º do D. L. n.º 321 de 24 de Março de 1962, dentro do prazo de QUINZE DIAS a contar da data da publicação deste Edital, as quais se poderão ser atendidas se tiverem por fundamento prejuízos inerentes à exploração da mencionada indústria.

O respectivo processo encontra-se patente ao público, podendo ser consultado todos os dias úteis dentro das horas de expediente na Secretaria desta Administração.

Administração do 2.º Bairro do Concelho de Luanda, 22 de Outubro de 1964. — E. eu, escrivão que o subcrevi.

O ADMINISTRADOR, António Emilio Cid

Leia, assine e divulgue «ABC — Diário de Angola»

ANEXO J: O DESPACHO DE EXTINÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESCRITORES

Detida col de pequenos furtos a mãe da criança morta e metida numa mala confessou o infanticídio

A Polícia Judiciária, atenta, também, aos pequenos delitos, prendeu a servil Adelina Almeida Gaudência, de 25 anos, solteira, natural de Ourique e residente na Avenida D. Carlos I, 134, cave, a qual era já conhecida por numerosos furtos cometidos nas casas onde trabalhava.

Foi em consequência destes pequenos delitos, pelos quais a jovem Adelina era procurada, que se veio a descobrir um crime grave que a desesperada rapariga cometera. Os investigadores apuraram, no decurso das investigações pelas quais lhe seguiram a pista, que, recentemente, ela andava em adiantado estado de gravidez. Interrogada mais insistentemente, acabou por confessar ter morto a criança, por estrangulamento, acrescentando que o pequeno cadáver se encontrava no interior de uma mala que deixara no seu quarto, no referido prédio da Avenida D. Carlos I. Por esse motivo ali começara a ser notado um cheiro pestilento, que incomodava os proprietários da casa onde Adelina Gaudência tinha alugado o quarto. Agentes da Polícia Judiciária arrastaram a porta desse quarto e ali encontraram o cadáver da criança, em adiantado estado de decomposição.

Apertada nos interrogatórios, a servil acabou por confessar o seu drama.

Profissional do furto

Encobridor quase sempre a sua verdadeira identidade, a Adelina dava, por vezes, nas residências onde se apresentava a pedir trabalho, os nomes de servil, que conhecia e sabia serem honestas e diligentes. E indicava, para obten-

D. JUDITH DA CONCEIÇÃO PINTO SOARES FALECEU

Foto-Camera, J. Soares, Ltda., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da Exma. Esposa do sócio-Gerente, Senhor Joaquim Jorge Soares, e que o funeral se realiza amanhã, dia 23, da igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto de S. João, às 11 horas.

D. JUDITH DA CONCEIÇÃO PINTO SOARES FALECEU

O Pessoal da firma Foto-Camera, J. Soares, Limitada cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da Exma. Esposa do sócio-Gerente da firma, Senhor Joaquim Jorge Soares, e que o funeral se realiza amanhã, dia 23, da igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto de S. João, às 11 horas.

Diário da Manhã

ANEXO J

ANEXO J

senhora

gravemente ferida num acidente de viação na estrada Porto-Lisboa

LEIRIA, 22 — Com destino à capital circulava na estrada nacional Lisboa-Porto um automóvel conduzido pelo sr. dr. Carlos Augusto Fontes Saavedra, de 75 anos, juiz conselheiro aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, com residência na Avenida Combatentes da Grande Guerra, 212, 1.º, esq., em Viana do Castelo, em que viajavam também sua esposa, sr.ª D. Maria das Neves Salgueiro Machado Saavedra, de 65 anos, e uma sua neta, a menina Rosa de Santa Maria Moreira Machado Saavedra, de 8 anos, filha do sr. Luís António Machado Saavedra e D. Emilia Pais Moreira Saavedra.

A entrada desta cidade, na descida da Calçada do Bravo, o automóvel foi embateado numa camioneta de passageiros, conduzida por Adelino Vieira, de 28 anos, solteiro, residente em Esporões — Caldelas — Amares.

Após o embate, o automóvel guiou para a esquerda, no momento em que seguia em sentido oposto uma outra camioneta de carga conduzida por Manuel da Silva, de 28 anos, casado, residente em Mata Mourisco, Pombal.

O novo embate originou graves ferimentos na esposa do condutor. O condutor sofreu várias contusões e sua neta apenas uma equimose no rosto. Receberam todos tratamento no hospital desta cidade, tendo ali ficado internada apenas a esposa do sr. dr. Carlos Saavedra.

Foi APROVADO o dr. José Maria Gaspar

Terminaram hoje as provas públicas de doutoramento do licenciado José Maria Gaspar, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina.

Ao doutorando foi feito o último interrogatório sobre o terceiro ponto tirado à sorte, intitulado «A Europa e a expansão portuguesa». Teve como arguentes o prof. Luís de Matos. Foi-lhe atribuída a classificação de 18 valores.

O despacho de extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores

É o seguinte o teor do despacho de extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores, ontem exarado pelo ministro da Educação Nacional:

«Considerando que a Sociedade Portuguesa de Escritores, através de juri designado pelos seus corpos gerentes, atribuiu o Grande Prémio de Novêlística a um indivíduo condenado criminalmente a 14 anos de prisão maior por actividades de terrorismo na provincia de Angola;

Considerando que, apesar de tornadas do domínio publico a identidade e a situação do mesmo indivíduo, nem o juri revogou aquela decisão nem os corpos gerentes a repudiaram;

Considerando, com efeito, que tal repúdio se não contém, nem mesmo de forma implícita, no comunicado remetido pela direcção da Sociedade de Imprensa e de que a mesma direcção me enviou copia;

Considerando a gravidade excepcional dos factos referidos, que, além do mais, profundamente ofendem o sentimento nacional, quando soldados portugueses tombam no Ultramar vítimas do terrorismo de que o premiado foi averiguadamente agente;

Considerando que a situação exposta é legalmente justificativa;

extinção da Sociedade em referência;

Determino, nos termos do art. 4.º do Decreto-Lei n.º 39.660, de 20 de Maio de 1954, a extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores.

Comunicado da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores

A direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores encaminha, com o pedido de publicação, o que a seguir se transcreve:

«A direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores sentiu-se no dever de informar o seguinte:

1 — Desconhecia inteiramente a identidade do autor do livro «Laudanda» subscrito pelo pseudónimo de Luandino Vieira, agora revelado por um telegrama da Agência A. N. L., proveniente de Londres e publicado nos jornais de Lisboa;

2 — O valor literário da obra em questão é atestado, além do mais, pela atribuição anterior dos seguintes prémios a Luandino Vieira:

1901 — 1.º prémio do Conto da Sociedade Cultural de Angola — Luanda;

1902 — 1.º prémio «João Dias da Casa dos Estudantes do Império» — Lisboa;

1903 — 1.º e 2.º prémios do Conto da Associação dos Naturais de Angola — Luanda;

1904 — 1.º prémio «D. Maria José Abrantes Mota Veiga» — Luanda, atribuído este ao livro acima citado;

3 — Como resulta não só do que anteriormente se disse mas também das directrizes a que, estatutariamente, obedece a Sociedade Portuguesa de Escritores, a atribuição do «Grande Prémio de Novêlística» baseou-se exclusivamente no valor literário da obra, de modo nenhum significando um juízo referente às actividades de que o autor é acusado;

4 — A Sociedade Portuguesa de Escritores estudará, atenta e objectivamente, todos os elementos de informação que lhe sejam fornecidos para o exame do problema agora levantado.

Um telegrama da Direcção do Instituto de Angola

Enviado pelo S. N. L., recebemos «cópia do seguinte telegrama que a direcção do Instituto de Angola dirigiu ao ministro do Ultramar: «O Instituto de Angola, reunido em sessão extraordinária, tendo tomado conhecimento de que a Sociedade Portuguesa de Escritores resolveu galardão a obra publicada por um criminoso condenado a catorze anos de prisão, de nome José Vieira Mateus Graça, autor de actividades terroristas que tantos milhares de vítimas causaram à Nação, protesta, junto de V. Ex.ª, com a maior indignação, contra a levandade daquele organismo ao premiar um indivíduo que não passa de um ruído traidor à Pátria e que indignamente correspondeu à instrução e evolução que Angola lhe facultou».

«O Instituto de Angola, reunido em sessão extraordinária, tendo tomado conhecimento de que a Sociedade Portuguesa de Escritores resolveu galardão a obra publicada por um criminoso condenado a catorze anos de prisão, de nome José Vieira Mateus Graça, autor de actividades terroristas que tantos milhares de vítimas causaram à Nação, protesta, junto de V. Ex.ª, com a maior indignação, contra a levandade daquele organismo ao premiar um indivíduo que não passa de um ruído traidor à Pátria e que indignamente correspondeu à instrução e evolução que Angola lhe facultou».

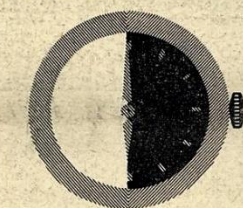
FOI NO ENCALÇO DO PASSARINHO E CAIU AO POÇO

ARMAMAR, 22 — O pequeno Amândio Silvino tinha apenas quatro anos, mas, como todos os peizes, era já dominado pelo fascínio da passarada. Há dias, debruçou-se sobre um poço, que estava sem cobertura e para o qual fugia, para se esconder, um passarito. Descobriu o ninho, que estava à beira, e tentou tirá-lo, escorregando lentamente, até que se precipitou nas profundezas do enorme buraco cheio de água. O garoto ainda gritou, mas quando chegaram os socorros já estava sem vida, deixando mergulhados na dor os pais e toda a população.

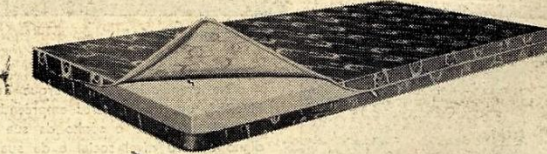
Escuteiros de Portugal

Amanhã, às 10 e 30, no cemitério da Amadora, o 1.º Grupo de Escuteiros de Portugal promove uma romagem de ajuda ao túmulo do seu antigo chefe, Joaquim Amancio Salgueiro Junior, que foi também dirigente da Associação dos Escuteiros de Portugal e da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

SAÚDE E CONFORTO



Eficiência no trabalho com horas bem dormidas



Quando dorme num colchão LUSOSPUMA sente toda a diferença... A sua disposição para o trabalho é outra! Porque os colchões LUSOSPUMA foram concebidos para o seu conforto, para a sua saúde, para a sua boa disposição.

São leves, inocuos, resistentes, laváveis, isentos de pó, e particularmente vantajosos em casos de alergias, asma, reumatismo e bicos de pepa-gaio.

COLCHÕES

UM PRODUTO

Sundlete

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE PLÁSTICOS, S.A. R.L. - S. MAMEDE DE INFESTA - TELEF. 900 933-901 131-901 187

EM LISBOA: RUA VALE DE SANTO ANTÓNIO, 39-39-A - TELEFONE 849608-7-8 - LISBOA-2

"LUSOSPUMA"

mollipren



SABADO, 22 DE MAIO DE 1965

ANEXO K: DISSOLVIDA PELO MINISTRO DA EDUCAÇÃO A SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESCRITORES (PRIMEIRA FOLHA)

Fundo

DEPOSITO JUN 1965

2409

presença da facia de tabelas constata-se, com frequência, embora nem sempre com eficiência, nos mercados municipais.

O que não conseguimos ver são telados.

Devem andar ocupadíssimos com serviços burocráticos ou à cata de transgressões mais raras do que o simples criado contra a higiene das nossas ruas.

Devem andar preocupadíssimos com tarefas menos trabalhosas e mais interessantes da sua «selecção».

Nas ruas lavam-se carros. Nos

passos lançam-se cascas de bananas. Nas crendices há pedras que há muitos anos não vêm uma catção.

E agora que a cidade continua em obras, com ruas escaravadas e passos esburacados, valeria, de facto, a pena rejar alguma coisa? Para quê, se as próprias obras, contra as quais todos barafusam, constituem um pretexto esplêndido para cada um fazer o que quer: transitar em sen-

tido contrário, estacionar onde não se deve, encher a rua de lixo e os passos de papéis...

Entretanto, a nossa lista de desconhecidos aumentou com mais essa classe: a dos zeladores. E às perguntas que já foram feitas há muito, sem resposta, acrescentamos mais uma, agora:

— Como eram os dinossauros? Como serão os marcianos. Como serão meus senhores, os zeladores camarários?

O prof. Marcelino Caetano, que pronunciou em Madrid, entre, uma conferência sobre a Opinião Pública no Mundo, Moderno



PROBLEMAS do Serviço Social de Trabalho na Província de Angola

Dr. Rodrigo José Nilton, chefe dos Serviços de Acção Social do Instituto do Trabalho de Angola, proferiu, conforme tivemos ocasião de referir oportunamente, uma conferência no Museu de Angola subordinada ao tema «Problemas do Serviço Social de Trabalho na Província de Angola».

Trata-se, com efeito, de um assunto de palpitante interesse, conforme demonstram as largas sessões de individualização que ativamente estruturam a directiva do Dr. Rodrigo José Nilton e que intervieram no debate, acentuado por vezes, que observou a sessão. O trabalho mais de hora e meia o conferenciante foi convidado a esclarecer certas afirmações ou dúvidas. As questões postas, pertenciam umas, con-

(Continua na 11.ª pág.)

Luanda — Sábado, 22 de Maio de 1965

ABC DIÁRIO de ANGOLA

DIRECTOR: ANTONIO PINTO DA FONSECA (Licenciado em Direito)

FUNDADOR: MANUEL MACHADO SALDANHA

CAIXA POSTAL 1245 — TELEFONE 9142 — PREÇO AVULSO: 2500

RAYMOND CARTIER chega amanhã a Angola

No avião da TAP chega amanhã a Luanda, o escritor e jornalista francês Raymond Cartier, que ontem desembarcou em Lisboa, procedente de Paris.

Raymond Cartier vem a esta província na companhia do Dr. Pinto Bastos, chefe-director da Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela.

DISSOLVIDA PELO MINISTRO DA EDUCAÇÃO A SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESCRITORES



LISBOA, 22 — Por considerarmos inadmissível a decisão do Juri Literário que atribuiu o prémio de novelista da Sociedade Portuguesa de Escritores a um traidor à Pátria, o ministro da Educação Nacional acaba de encerrar um importante despacho que se transcreve na íntegra.

«Considerando que a Sociedade Portuguesa de Escritores, através de um júri designado pelos seus corpos gerentes, atribuiu o grande prémio de novelista a um indivíduo condenado criminalmente a 14 anos de prisão maior por actividades de terrorismo na Província de Angola;

(Conclui na pág. 9)

Leia na 5.ª página

ESPETACULO

TV — RADIO CINEMA THEATRO

FOI ASSALTADA ontem à noite, em Lisboa a sede da Sociedade Portuguesa de Escritores que sofreu avultados prejuízos materiais

Confirma-se QUE O GRAE de Holden Roberto foi banido da Conferência da Solidariedade Afro-Asiática

ARGEL — O chamado «Movimento Popular da Libertação de Angola» (MPLA) tornou a Conferência de Solidariedade Afro-asiática realizada em Argel, por ter banido o «Governo Revolucionário de Angola do Exílio» (GRAE).

Num comunicado, afirmando ser o único movimento que representa «os milhões de Angolanos», o «MPLA» declara que o banimento do «GRAE» foi «uma grande vitória para o povo angolano». — ANI.

J. K. regressa ao Brasil?

A «Prensa de anfitrião» Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, em declaração, prestada à Imprensa do Rio de Janeiro, disse que iria a Paris entre os dias 8 e 10 do próximo mês, e que regressaria ao Brasil na companhia de sua esposa. A notícia causou sensação nas nossas páginas, pelo segundo alguns circulam — J. K. será preso se tentar entrar na sua Pátria.



LISBOA, 22 — Ao princípio da noite, um grupo de populares, manifestou-se em frente da Sociedade Portuguesa de Escritores.

Em virtude desta manifestação resultaram alguns danos materiais.

Segundo a reportagem do «Diário de Notícias», o assunto à Sociedade Portuguesa de Escritores processou-se do seguinte modo:

«Cerca de cinquenta desconhecidos assaltaram, ontem à noite, cerca das 22 horas, a sede da Sociedade Portuguesa de Escritores.

Os assaltantes começaram por afixar numa das portas de entrada um disco onde se podia ler:

«Agência de terroristas na Metrópole». Nas várias salas e nas paredes, viu-se ainda outras frases, uma delas: «MPLA — Sucursais».

Tudo o mobiliário foi completamente destruído. Portas e janelas danificadas. Canseiros e molduras partidas. Máquinas de escrever e fichários inutilizados. Os prejuízos são elevadíssimos.

Duas salas foram, no entanto, respeitadas: a biblioteca e a sala de reunião da Direcção. Um grande retrato a óleo de Aquilino Ribeiro (fundador e primeiro presidente da Sociedade), não sofreu qualquer dano. O mesmo aconteceu as fotografias de Jaime Cortesão e de Joaquim Paço de Arcoz. — LISBONIA.



mala de viagem

por manuel galhós

DA NECESSIDADE DE PENSAR

«Este belo progresso que põe os automóveis a correrem os céus e as máquinas electrónicas a fazerem complicados cálculos, que nos deu o automóvel e o telefone, que ofereceu a televisão em nossa casa,

que permitiu abrir uma torneira e obter água fria e outra de água quente mesmo ao lado, este belo progresso tem tornado a vida mais

(Conclui na 11.ª pág.)

ANEXO K: DISSOLVIDA PELO MINISTRO DA EDUCAÇÃO A SOCIEDADE PORTUGUESA DE ESCRITORES (SEGUNDA FOLHA)

11-4-1965 ABC — DIÁRIO DE ANGOLA

TRÉGUAS POR 24 HORAS em S. Domingos ONDE A ANSIEDADE SE SUCEDEU O ALÍVIO

S. DOMINGOS, 22 — As tréguas concluídas nesta cidade representam uma vitória marcante das forças da paz contra o furor e o ódio que opõem os dominicanos. Da ansiedade dos últimos dias, passou-se para uma atmosfera de alívio e de optimismo.

Foi, realmente, difícil arrancar as tréguas aos imberbes, reacios de sempre frustrados de uma vitória. Durante todo o dia, o general Imbert, cujas tropas continuavam em acção, e, ao fim da tarde, nas baixas Norte da cidade, recusou-se a ceder as instâncias dos representantes da Cruz Vermelha e da O. N. U.

Caumano e Imbert recusaram-se a rubricar a mesma página.

Após receber, a meio da tarde, uma delegação dos militares dominicanos que lhe apresentaram o manifesto assinado por 13 — e substituído a esperança de que poderia ser prolongada.

A leitura dos dois documentos separados, porque os chefes das facções em presença recusaram-se a rubricar a mesma página, em que as duas partes se obrigam a fazer respeito e cessar-fogo, efectuou-se no salão do Hotel Embajador, privado de electricidade, devido a uma trovada, à luz de vela, e da iluminação de pilas, apoiada pelo general indiano, Hickey, conselheiro militar de Thant. Momento de diversas petições, porque se recusa até à última hora que as tréguas fossem rejeitadas. — B.

O «New York Times» diz que a acção dos E. U. A. fortalece o comunismo latino-americano.

NOVA Iorque, 22 — O «New York Times» escreve hoje, em artigo de fundo, que a acção dos Estados Unidos na República Dominicana provocou o fortalecimento dos elementos comunistas desse país.

Acusando os Estados Unidos de dar o seu apoio a uma Junta Militar reacionária, o jornal escreve: «Os Estados Unidos fortaleceram inequivocamente, com esta atitude, o comunismo latino-americano. Quem está a ser morto na República Dominicana é a liberdade».

GREVE NO CENTRO NUCLEAR BRITÂNICO DE HARVELL

LONDRES, 22 — No centro de investigações nucleares de Harwell encontram-se em greve 2 mil operários, sendo possível que amanhã se torne necessário interromper os trabalhos de investigação.

A presente paralisação do trabalho foi motivada por um incidente sem importância: um simples advertência feita por um controlador a um torneiro. Os camaradas deste último entenderam não haver razão para o reparo, e entraram imediatamente em greve, logo secundados pelos operários de outras oficinas e laboratórios, até agora, a greve afecta apenas o pessoal manual e não especializado. No entanto, o trabalho desse pessoal é indispensável ao bom andamento do Centro e em particular ao funcionamento dos reactores, os quais terão de parar amanhã, se a greve não tiver entretanto terminado. — B.

A situação no Vietname COMO SE PREPARAVA O GOLPE DE ESTADO QUE ABORTOU EM SAIGÃO

SAIGÃO, 22 — Entre as oficiais pressões em virtude do golpe de estado, contacte-se em alguns que foram julgados a revelar, no julgamento dos autores da tentativa de 19 de Fevereiro último. Consta que as autoridades fizeram 10 prisioneiros. O movimento seria chefiado pelo general Phan Ngoc Thap, primeiro da intenção de Fevereiro.

O general da Aeronáutica, que fez abortar o golpe de estado da noite passada, declarou que, segundo os planos apreendidos, ele mesmo e o general Nguyen Van Thieu, ministro da Defesa Nacional, deviam ser liquidados.

«O golpe ainda não está completamente afastado, mas suponho que as disposições que tomámos rapidamente ficaram abster a intenção», afirmou Cao Ky.

O general da Aeronáutica, que fez abortar o golpe de estado da noite passada, declarou que, segundo os planos apreendidos, ele mesmo e o general Nguyen Van Thieu, ministro da Defesa Nacional, deviam ser liquidados.

«O golpe ainda não está completamente afastado, mas suponho que as disposições que tomámos rapidamente ficaram abster a intenção», afirmou Cao Ky.

CONVOCAÇÃO IMEDIATA de cinco mil reservistas pelo Governo boliviano

LA PAZ (Bolívia), 22 — A Junta Militar Governamental boliviana anunciou, na noite passada, a convocação imediata de 5 mil reservistas.

A comunicação foi feita no fim do terceiro dia do estado de sítio declarado pelos ministros, manifestando-se contra o desterro, no fim de semana, do seu dirigente Juan Lechin, travaram recios com a polícia.

O ministro da Defesa, coronel Suarez Guzman, declarou que a medida era necessária porque a Junta considerava que existia o perigo iminente de subversão no país.

O coronel Suarez Guzman disse, ainda, que a convocação de reservistas se seguia a uma conferência cimeira entre chefes militares e o presidente René Barrientos.

O ministro revelou que os reservistas, que receberam ordem de se apresentarem nos centros de recrutamento em todo o país em 25 e 26 de Maio, elevavam as efectivos do exército a cerca de 15 mil homens.

Além da convocação, a Junta anunciou disposições para manter o domínio social e político, substituindo o Supremo Tribunal por um Tribunal Militar, com poderes para julgar civis.

Observadores consideram estas disposições como destinadas a fortalecer a posição de Barrientos contra os partidários de Lechin. Barrientos declarou, ontem, a jornalistas que Lechin não voltará. — B.

DESCOBERTA uma conjura NO DAHOME

CONTONOU (Dahomé), 22 — Foi ontem anunciado, nesta cidade, ter sido descoberta uma conspiração para derrubar o governo do Dahomé. A notícia foi dada pelo principal responsável e muitos dos seus partidários.

Não comunicado ontem transmitido pela rádio, o presidente do Conselho disse que fora desvendada recentemente, através de panfletos anónimos, uma campanha de mentiras tendentes a desmoralizar a Nação, a incitar o povo à revolta e à desobediência civil e a descreditar e dividir o Exército. — B.

«ABC» — DIÁRIO DE ANGOLA

Vendo-se na

PENSÃO TURISMO BAR

C A C U S O

DISSOLVIDA a Soc. dos Escritores

(Concluído da 1.ª página)

Considerando, que apesar de todas as tentativas de conciliação e de situação do mesmo indivíduo, nem o júri revogou aquela decisão nem os corpos gerentes a reputaram;

Considerando com efeito que tal repúdio se não contém — nem mesmo de forma implícita — no comunicado remetido pela direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, e de que a mesma direcção me enviou cópia;

Considerando a gravidade excepcional dos factos referidos, que além do mais profundamente ofendem o sentimento nacional, quando soldados portugueses tomam ao Ultramar, vítimas do terrorismo de que o premeditado foi averiguadamente agente;

Considerando que a situação exposta é legalmente justificativa da dissolução da Sociedade em referência, determino, nos termos do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 39 660, de 20 de Maio de 1954, a extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores.

O ministro da Educação Nacional, Dr. Gervásio Teles, L.

UMA CIRCULAR DO PROF. DR. JACINTO DO PRADO CORREIO

LISBOA, 22 — Assinado pelo presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, sr. Prof. dr. Jacinto do Prado Correio, recebeu uma circular enviada à Imprensa, afirmando, em primeiro lugar, que «desconheço inteiramente a identidade do autor do livro «Luanda», subscrito com o pseudónimo Lusitânico Vieira, revelado, ontem, em telegrama proveniente de Londres».

Em segundo lugar, afirma que o valor literário da obra é atestado, pelo próprio autor, das seguintes prémios: 1961 — 1.º prémio de conto da Sociedade Cultural de Angola, Luanda; 1962 — 1.º prémio «João Dias», da Casa dos Estudantes do Exterior, Lisboa; 1964 — 1.º prémio «Mota Veloso», Luanda; — atribuído este ao referido livro.

Em terceiro lugar, a circular afirma: «O grande prémio da novelística, baseado, exclusivamente, no valor literário da obra, de modo nenhum significando, um juízo referente às actividades de que o autor é acusado».

Em quarto lugar, o presidente da Sociedade Portuguesa dos Escritores afirma que a Sociedade estudará atenta e objectivamente todos os elementos e informações que lhe sejam fornecidas para examinar o problema agora levantado.

N. R. da Lusitânica: — Angola saberá, melhor do que ninguém, responder a esta circular que, por muito intermédio, chega aos seus órgãos de informação, se houver ainda alguma coisa a acrescentar à senda de acção testemunhada pelos artigos e manifestações da repulsa contra o infeliz acto do júri com as notícias e a falta pronta de uma explanação pública pela decisão, por maioria, do júri de Novela, pelo a demissão de sócio por irregularidade da minha consciência, lembrando o alto espírito de Jaime Cortesão, com que fiz parte da Direcção, confiado na possibilidade de agremiar escritores mais portugueses. Permitto-me tornar pública esta resolução — Cunha Leão».

LISBOA, 22 — O escritor Luis Forjaz Trigueiros comunicou-nos, LUSITÂNIA.

UMA CIRCULAR DO PROF. DR. JACINTO DO PRADO CORREIO

LISBOA, 22 — Assinado pelo presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, sr. Prof. dr. Jacinto do Prado Correio, recebeu uma circular enviada à Imprensa, afirmando, em primeiro lugar, que «desconheço inteiramente a identidade do autor do livro «Luanda», subscrito com o pseudónimo Lusitânico Vieira, revelado, ontem, em telegrama proveniente de Londres».

Em segundo lugar, afirma que o valor literário da obra é atestado, pelo próprio autor, das seguintes prémios: 1961 — 1.º prémio de conto da Sociedade Cultural de Angola, Luanda; 1962 — 1.º prémio «João Dias», da Casa dos Estudantes do Exterior, Lisboa; 1964 — 1.º prémio «Mota Veloso», Luanda; — atribuído este ao referido livro.

Em terceiro lugar, a circular afirma: «O grande prémio da novelística, baseado, exclusivamente, no valor literário da obra, de modo nenhum significando, um juízo referente às actividades de que o autor é acusado».

Em quarto lugar, o presidente da Sociedade Portuguesa dos Escritores afirma que a Sociedade estudará atenta e objectivamente todos os elementos e informações que lhe sejam fornecidas para examinar o problema agora levantado.

N. R. da Lusitânica: — Angola saberá, melhor do que ninguém, responder a esta circular que, por muito intermédio, chega aos seus órgãos de informação, se houver ainda alguma coisa a acrescentar à senda de acção testemunhada pelos artigos e manifestações da repulsa contra o infeliz acto do júri com as notícias e a falta pronta de uma explanação pública pela decisão, por maioria, do júri de Novela, pelo a demissão de sócio por irregularidade da minha consciência, lembrando o alto espírito de Jaime Cortesão, com que fiz parte da Direcção, confiado na possibilidade de agremiar escritores mais portugueses. Permitto-me tornar pública esta resolução — Cunha Leão».

LISBOA, 22 — O escritor Luis Forjaz Trigueiros comunicou-nos, LUSITÂNIA.

UMA CIRCULAR DO PROF. DR. JACINTO DO PRADO CORREIO

LISBOA, 22 — Assinado pelo presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, sr. Prof. dr. Jacinto do Prado Correio, recebeu uma circular enviada à Imprensa, afirmando, em primeiro lugar, que «desconheço inteiramente a identidade do autor do livro «Luanda», subscrito com o pseudónimo Lusitânico Vieira, revelado, ontem, em telegrama proveniente de Londres».

Em segundo lugar, afirma que o valor literário da obra é atestado, pelo próprio autor, das seguintes prémios: 1961 — 1.º prémio de conto da Sociedade Cultural de Angola, Luanda; 1962 — 1.º prémio «João Dias», da Casa dos Estudantes do Exterior, Lisboa; 1964 — 1.º prémio «Mota Veloso», Luanda; — atribuído este ao referido livro.

Em terceiro lugar, a circular afirma: «O grande prémio da novelística, baseado, exclusivamente, no valor literário da obra, de modo nenhum significando, um juízo referente às actividades de que o autor é acusado».

Em quarto lugar, o presidente da Sociedade Portuguesa dos Escritores afirma que a Sociedade estudará atenta e objectivamente todos os elementos e informações que lhe sejam fornecidas para examinar o problema agora levantado.

N. R. da Lusitânica: — Angola saberá, melhor do que ninguém, responder a esta circular que, por muito intermédio, chega aos seus órgãos de informação, se houver ainda alguma coisa a acrescentar à senda de acção testemunhada pelos artigos e manifestações da repulsa contra o infeliz acto do júri com as notícias e a falta pronta de uma explanação pública pela decisão, por maioria, do júri de Novela, pelo a demissão de sócio por irregularidade da minha consciência, lembrando o alto espírito de Jaime Cortesão, com que fiz parte da Direcção, confiado na possibilidade de agremiar escritores mais portugueses. Permitto-me tornar pública esta resolução — Cunha Leão».

LISBOA, 22 — O escritor Luis Forjaz Trigueiros comunicou-nos, LUSITÂNIA.

UMA CIRCULAR DO PROF. DR. JACINTO DO PRADO CORREIO

LISBOA, 22 — Assinado pelo presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, sr. Prof. dr. Jacinto do Prado Correio, recebeu uma circular enviada à Imprensa, afirmando, em primeiro lugar, que «desconheço inteiramente a identidade do autor do livro «Luanda», subscrito com o pseudónimo Lusitânico Vieira, revelado, ontem, em telegrama proveniente de Londres».

Em segundo lugar, afirma que o valor literário da obra é atestado, pelo próprio autor, das seguintes prémios: 1961 — 1.º prémio de conto da Sociedade Cultural de Angola, Luanda; 1962 — 1.º prémio «João Dias», da Casa dos Estudantes do Exterior, Lisboa; 1964 — 1.º prémio «Mota Veloso», Luanda; — atribuído este ao referido livro.

Em terceiro lugar, a circular afirma: «O grande prémio da novelística, baseado, exclusivamente, no valor literário da obra, de modo nenhum significando, um juízo referente às actividades de que o autor é acusado».

Em quarto lugar, o presidente da Sociedade Portuguesa dos Escritores afirma que a Sociedade estudará atenta e objectivamente todos os elementos e informações que lhe sejam fornecidas para examinar o problema agora levantado.

N. R. da Lusitânica: — Angola saberá, melhor do que ninguém, responder a esta circular que, por muito intermédio, chega aos seus órgãos de informação, se houver ainda alguma coisa a acrescentar à senda de acção testemunhada pelos artigos e manifestações da repulsa contra o infeliz acto do júri com as notícias e a falta pronta de uma explanação pública pela decisão, por maioria, do júri de Novela, pelo a demissão de sócio por irregularidade da minha consciência, lembrando o alto espírito de Jaime Cortesão, com que fiz parte da Direcção, confiado na possibilidade de agremiar escritores mais portugueses. Permitto-me tornar pública esta resolução — Cunha Leão».

LISBOA, 22 — O escritor Luis Forjaz Trigueiros comunicou-nos, LUSITÂNIA.

UMA CIRCULAR DO PROF. DR. JACINTO DO PRADO CORREIO

LISBOA, 22 — Assinado pelo presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, sr. Prof. dr. Jacinto do Prado Correio, recebeu uma circular enviada à Imprensa, afirmando, em primeiro lugar, que «desconheço inteiramente a identidade do autor do livro «Luanda», subscrito com o pseudónimo Lusitânico Vieira, revelado, ontem, em telegrama proveniente de Londres».

Em segundo lugar, afirma que o valor literário da obra é atestado, pelo próprio autor, das seguintes prémios: 1961 — 1.º prémio de conto da Sociedade Cultural de Angola, Luanda; 1962 — 1.º prémio «João Dias», da Casa dos Estudantes do Exterior, Lisboa; 1964 — 1.º prémio «Mota Veloso», Luanda; — atribuído este ao referido livro.

Em terceiro lugar, a circular afirma: «O grande prémio da novelística, baseado, exclusivamente, no valor literário da obra, de modo nenhum significando, um juízo referente às actividades de que o autor é acusado».

Em quarto lugar, o presidente da Sociedade Portuguesa dos Escritores afirma que a Sociedade estudará atenta e objectivamente todos os elementos e informações que lhe sejam fornecidas para examinar o problema agora levantado.

N. R. da Lusitânica: — Angola saberá, melhor do que ninguém, responder a esta circular que, por muito intermédio, chega aos seus órgãos de informação, se houver ainda alguma coisa a acrescentar à senda de acção testemunhada pelos artigos e manifestações da repulsa contra o infeliz acto do júri com as notícias e a falta pronta de uma explanação pública pela decisão, por maioria, do júri de Novela, pelo a demissão de sócio por irregularidade da minha consciência, lembrando o alto espírito de Jaime Cortesão, com que fiz parte da Direcção, confiado na possibilidade de agremiar escritores mais portugueses. Permitto-me tornar pública esta resolução — Cunha Leão».

LISBOA, 22 — O escritor Luis Forjaz Trigueiros comunicou-nos, LUSITÂNIA.

UMA CIRCULAR DO PROF. DR. JACINTO DO PRADO CORREIO

LISBOA, 22 — Assinado pelo presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, sr. Prof. dr. Jacinto do Prado Correio, recebeu uma circular enviada à Imprensa, afirmando, em primeiro lugar, que «desconheço inteiramente a identidade do autor do livro «Luanda», subscrito com o pseudónimo Lusitânico Vieira, revelado, ontem, em telegrama proveniente de Londres».

Em segundo lugar, afirma que o valor literário da obra é atestado, pelo próprio autor, das seguintes prémios: 1961 — 1.º prémio de conto da Sociedade Cultural de Angola, Luanda; 1962 — 1.º prémio «João Dias», da Casa dos Estudantes do Exterior, Lisboa; 1964 — 1.º prémio «Mota Veloso», Luanda; — atribuído este ao referido livro.

Em terceiro lugar, a circular afirma: «O grande prémio da novelística, baseado, exclusivamente, no valor literário da obra, de modo nenhum significando, um juízo referente às actividades de que o autor é acusado».

Em quarto lugar, o presidente da Sociedade Portuguesa dos Escritores afirma que a Sociedade estudará atenta e objectivamente todos os elementos e informações que lhe sejam fornecidas para examinar o problema agora levantado.

N. R. da Lusitânica: — Angola saberá, melhor do que ninguém, responder a esta circular que, por muito intermédio, chega aos seus órgãos de informação, se houver ainda alguma coisa a acrescentar à senda de acção testemunhada pelos artigos e manifestações da repulsa contra o infeliz acto do júri com as notícias e a falta pronta de uma explanação pública pela decisão, por maioria, do júri de Novela, pelo a demissão de sócio por irregularidade da minha consciência, lembrando o alto espírito de Jaime Cortesão, com que fiz parte da Direcção, confiado na possibilidade de agremiar escritores mais portugueses. Permitto-me tornar pública esta resolução — Cunha Leão».

LISBOA, 22 — O escritor Luis Forjaz Trigueiros comunicou-nos, LUSITÂNIA.

UMA CIRCULAR DO PROF. DR. JACINTO DO PRADO CORREIO

LISBOA, 22 — Assinado pelo presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, sr. Prof. dr. Jacinto do Prado Correio, recebeu uma circular enviada à Imprensa, afirmando, em primeiro lugar, que «desconheço inteiramente a identidade do autor do livro «Luanda», subscrito com o pseudónimo Lusitânico Vieira, revelado, ontem, em telegrama proveniente de Londres».

Em segundo lugar, afirma que o valor literário da obra é atestado, pelo próprio autor, das seguintes prémios: 1961 — 1.º prémio de conto da Sociedade Cultural de Angola, Luanda; 1962 — 1.º prémio «João Dias», da Casa dos Estudantes do Exterior, Lisboa; 1964 — 1.º prémio «Mota Veloso», Luanda; — atribuído este ao referido livro.

Em terceiro lugar, a circular afirma: «O grande prémio da novelística, baseado, exclusivamente, no valor literário da obra, de modo nenhum significando, um juízo referente às actividades de que o autor é acusado».

Em quarto lugar, o presidente da Sociedade Portuguesa dos Escritores afirma que a Sociedade estudará atenta e objectivamente todos os elementos e informações que lhe sejam fornecidas para examinar o problema agora levantado.

N. R. da Lusitânica: — Angola saberá, melhor do que ninguém, responder a esta circular que, por muito intermédio, chega aos seus órgãos de informação, se houver ainda alguma coisa a acrescentar à senda de acção testemunhada pelos artigos e manifestações da repulsa contra o infeliz acto do júri com as notícias e a falta pronta de uma explanação pública pela decisão, por maioria, do júri de Novela, pelo a demissão de sócio por irregularidade da minha consciência, lembrando o alto espírito de Jaime Cortesão, com que fiz parte da Direcção, confiado na possibilidade de agremiar escritores mais portugueses. Permitto-me tornar pública esta resolução — Cunha Leão».

LISBOA, 22 — O escritor Luis Forjaz Trigueiros comunicou-nos, LUSITÂNIA.

UMA CIRCULAR DO PROF. DR. JACINTO DO PRADO CORREIO

LISBOA, 22 — Assinado pelo presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, sr. Prof. dr. Jacinto do Prado Correio, recebeu uma circular enviada à Imprensa, afirmando, em primeiro lugar, que «desconheço inteiramente a identidade do autor do livro «Luanda», subscrito com o pseudónimo Lusitânico Vieira, revelado, ontem, em telegrama proveniente de Londres».

Em segundo lugar, afirma que o valor literário da obra é atestado, pelo próprio autor, das seguintes prémios: 1961 — 1.º prémio de conto da Sociedade Cultural de Angola, Luanda; 1962 — 1.º prémio «João Dias», da Casa dos Estudantes do Exterior, Lisboa; 1964 — 1.º prémio «Mota Veloso», Luanda; — atribuído este ao referido livro.

Em terceiro lugar, a circular afirma: «O grande prémio da novelística, baseado, exclusivamente, no valor literário da obra, de modo nenhum significando, um juízo referente às actividades de que o autor é acusado».

Em quarto lugar, o presidente da Sociedade Portuguesa dos Escritores afirma que a Sociedade estudará atenta e objectivamente todos os elementos e informações que lhe sejam fornecidas para examinar o problema agora levantado.

N. R. da Lusitânica: — Angola saberá, melhor do que ninguém, responder a esta circular que, por muito intermédio, chega aos seus órgãos de informação, se houver ainda alguma coisa a acrescentar à senda de acção testemunhada pelos artigos e manifestações da repulsa contra o infeliz acto do júri com as notícias e a falta pronta de uma explanação pública pela decisão, por maioria, do júri de Novela, pelo a demissão de sócio por irregularidade da minha consciência, lembrando o alto espírito de Jaime Cortesão, com que fiz parte da Direcção, confiado na possibilidade de agremiar escritores mais portugueses. Permitto-me tornar pública esta resolução — Cunha Leão».

LISBOA, 22 — O escritor Luis Forjaz Trigueiros comunicou-nos, LUSITÂNIA.

UMA CIRCULAR DO PROF. DR. JACINTO DO PRADO CORREIO

LISBOA, 22 — Assinado pelo presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, sr. Prof. dr. Jacinto do Prado Correio, recebeu uma circular enviada à Imprensa, afirmando, em primeiro lugar, que «desconheço inteiramente a identidade do autor do livro «Luanda», subscrito com o pseudónimo Lusitânico Vieira, revelado, ontem, em telegrama proveniente de Londres».

Em segundo lugar, afirma que o valor literário da obra é atestado, pelo próprio autor, das seguintes prémios: 1961 — 1.º prémio de conto da Sociedade Cultural de Angola, Luanda; 1962 — 1.º prémio «João Dias», da Casa dos Estudantes do Exterior, Lisboa; 1964 — 1.º prémio «Mota Veloso», Luanda; — atribuído este ao referido livro.

Em terceiro lugar, a circular afirma: «O grande prémio da novelística, baseado, exclusivamente, no valor literário da obra, de modo nenhum significando, um juízo referente às actividades de que o autor é acusado».

Em quarto lugar, o presidente da Sociedade Portuguesa dos Escritores afirma que a Sociedade estudará atenta e objectivamente todos os elementos e informações que lhe sejam fornecidas para examinar o problema agora levantado.

N. R. da Lusitânica: — Angola saberá, melhor do que ninguém, responder a esta circular que, por muito intermédio, chega aos seus órgãos de informação, se houver ainda alguma coisa a acrescentar à senda de acção testemunhada pelos artigos e manifestações da repulsa contra o infeliz acto do júri com as notícias e a falta pronta de uma explanação pública pela decisão, por maioria, do júri de Novela, pelo a demissão de sócio por irregularidade da minha consciência, lembrando o alto espírito de Jaime Cortesão, com que fiz parte da Direcção, confiado na possibilidade de agremiar escritores mais portugueses. Permitto-me tornar pública esta resolução — Cunha Leão».

LISBOA, 22 — O escritor Luis Forjaz Trigueiros comunicou-nos, LUSITÂNIA.

UMA CIRCULAR DO PROF. DR. JACINTO DO PRADO CORREIO

LISBOA, 22 — Assinado pelo presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, sr. Prof. dr. Jacinto do Prado Correio, recebeu uma circular enviada à Imprensa, afirmando, em primeiro lugar, que «desconheço inteiramente a identidade do autor do livro «Luanda», subscrito com o pseudónimo Lusitânico Vieira, revelado, ontem, em telegrama proveniente de Londres».

Em segundo lugar, afirma que o valor literário da obra é atestado, pelo próprio autor, das seguintes prémios: 1961 — 1.º prémio de conto da Sociedade Cultural de Angola, Luanda; 1962 — 1.º prémio «João Dias», da Casa dos Estudantes do Exterior, Lisboa; 1964 — 1.º prémio «Mota Veloso», Luanda; — atribuído este ao referido livro.

Em terceiro lugar, a circular afirma: «O grande prémio da novelística, baseado, exclusivamente, no valor literário da obra, de modo nenhum significando, um juízo referente às actividades de que o autor é acusado».

Em quarto lugar, o presidente da Sociedade Portuguesa dos Escritores afirma que a Sociedade estudará atenta e objectivamente todos os elementos e informações que lhe sejam fornecidas para examinar o problema agora levantado.

N. R. da Lusitânica: — Angola saberá, melhor do que ninguém, responder a esta circular que, por muito intermédio, chega aos seus órgãos de informação, se houver ainda alguma coisa a acrescentar à senda de acção testemunhada pelos artigos e manifestações da repulsa contra o infeliz acto do júri com as notícias e a falta pronta de uma explanação pública pela decisão, por maioria, do júri de Novela, pelo a demissão de sócio por irregularidade da minha consciência, lembrando o alto espírito de Jaime Cortesão, com que fiz parte da Direcção, confiado na possibilidade de agremiar escritores mais portugueses. Permitto-me tornar pública esta resolução — Cunha Leão».

LISBOA, 22 — O escritor Luis Forjaz Trigueiros comunicou-nos, LUSITÂNIA.

UMA CIRCULAR DO PROF. DR. JACINTO DO PRADO CORREIO

LISBOA, 22 — Assinado pelo presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, sr. Prof. dr. Jacinto do Prado Correio, recebeu uma circular enviada à Imprensa, afirmando, em primeiro lugar, que «desconheço inteiramente a identidade do autor do livro «Luanda», subscrito com o pseudónimo Lusitânico Vieira, revelado, ontem, em telegrama proveniente de Londres».

Em segundo lugar, afirma que o valor literário da obra é atestado, pelo próprio autor, das seguintes prémios: 1961 — 1.º prémio de conto da Sociedade Cultural de Angola, Luanda; 1962 — 1.º prémio «João Dias», da Casa dos Estudantes do Exterior, Lisboa; 1964 — 1.º prémio «Mota Veloso», Luanda; — atribuído este ao referido livro.

Em terceiro lugar, a circular afirma: «O grande prémio da novelística, baseado, exclusivamente, no valor literário da obra, de modo nenhum significando, um juízo referente às actividades de que o autor é acusado».

Em quarto lugar, o presidente da Sociedade Portuguesa dos Escritores afirma que a Sociedade estudará atenta e objectivamente todos os elementos e informações que lhe sejam fornecidas para examinar o problema agora levantado.

N. R. da Lusitânica: — Angola saberá, melhor do que ninguém, responder a esta circular que, por muito intermédio, chega aos seus órgãos de informação, se houver ainda alguma coisa a acrescentar à senda de acção testemunhada pelos artigos e manifestações da repulsa contra o infeliz acto do júri com as notícias e a falta pronta de uma explanação pública pela decisão, por maioria, do júri de Novela, pelo a demissão de sócio por irregularidade da minha consciência, lembrando o alto espírito de Jaime Cortesão, com que fiz parte da Direcção, confiado na possibilidade de agremiar escritores mais portugueses. Permitto-me tornar pública esta resolução — Cunha Leão».

LISBOA, 22 — O escritor Luis Forjaz Trigueiros comunicou-nos, LUSITÂNIA.

ANEXO L: ABC: UMA LÍNGUA QUE NASCE: A PROPÓSITO DE LUANDINO VIEIRA (PRIMEIRA PÁGINA)

13-11-1964

ABC — DIÁRIO DE ANGOLA

Pág. 3

ARES E LETRAS

UMA LÍNGUA QUE NASCE (a propósito de Luandino Vieira)

Esse comboio de Malanje... António Jacinto, Cocho, Odeiro, António Cardoso e os outros em poesia, tem, mas que, aliás, se repetem em muitos outros autores das modernas gerações de Angola.

O condicionamento económico, as regras de trabalho organizadas, as relações específicas entre as várias classes de homens, algo que serve para determinar essas próprias relações e as tornar explícitas — uma língua.

Entre as duas classes humanas que tomaram o comboio de Malanje (para se citar um exemplo), uma conduzindo o comboio e os homens que ali seguem, outra mal acompanhada no vagão, indolente perante um mundo novo que se lhe anuncia, foi necessário estabelecer convênios sociais, económicos, legais. Tornou-se imprescindível a utilização de uma língua comum, naturalmente a do homem que conduzia o comboio, não a do que era conduzido. O segundo termo da equação aprendeu a servir-se do instrumento do primeiro. Mal — dirão —, deformadamente — acrescentarão —, mas, mais exactamente, acomodando uma língua à sua realidade, redimensionando os moldes milénios, à realidade de um clima que se convencionou chamar suave (e que se tinha transformado em tufão) as mudanças abismais dos trópicos, ao vigor de uma vegetação que latava em cada planta, à aspereza da chama sem Açu, aos rigores das alturas planálticas.

A língua, tanto como a pá ou a enxada, é um instrumento de trabalho. Se em Trás-os-Montes ou no Algarve não se sabe o que seja uma caçula é porque nunca ali foi necessário desparar a cama do andar ou um cacho de

POR
Roby Amorim

bananas, apenas cortar a gramineia frágil, demandar o cacho de uma semente.

Novas palavras foram, assim surgindo no português, que um bairro errante e muito pouco civilizado de colinas desvirtuadas do latim, afeltonadas, as condições locais do Brasil, do Cabo Verde, de S. Tomé, de Angola. Mas as palavras não chegam para formar uma língua, falta-lhes a lógica interna que as une entre si e o que as denomina gramática. Coisa que austeros cavaleiros tentam codificar de tempos em tempos, mas que, ao mesmo tempo que escrevem as suas regras se vão metamorfoseando, ganhando novas capacidades de expressão, adaptando-se a novas condições. A literatura reside sobretudo no adjectivo que, de século para século, ganha novas significações.

Por fim adaptações gramaticais, sobre tudo, adjectivas, e por vezes, substantivas explicando por si próprias, ex-

plícando, simultaneamente, as realidades sociais que as originam.

Para a formação de uma nova língua é necessário que os escritores entendam destrutivamente sobre as realidades antropológicas e sociológicas do povo que retransmitem, afastando-se de uma cultura literária que, em si própria, tende a ser académica, importada, pouco adequada a novas condições — numa palavra: morta.

Em Angola, neste momento, estão em formação tanto uma língua como uma literatura, uma e outras resultantes do regime económico, dos sistemas de trabalho, da organização social que se podem considerar equivalentes em Ca-

(Conclui na 7.ª pág.)

AS LETRAS AFRICANAS DE CABO VERDE A MOÇAMBIQUE

José Ovídio de Oliveira, pioneiro dos estudos contemporâneos sobre as manifestações culturais africanas e dos seus entrelaçamentos com Portugal, predito há poucos meses a sua «Literatura Africana» (1) publicada inicialmente em 1943. Mas já muito antes desta data — e depois — o grande divulgador, em Portugal, não só do proble-

ma da África, mas também do Brasil e, mais recentemente, da Espanha. Apresenta outros trabalhos sobre os homens e as questões do Continente Negro, lembrando-nos que um dos seus

POR
Mário Fraguoso

primeiros estudos, «Literatura Colonial», apareceu em 1926, isto é, há perto de quarenta anos.

A primeira impressão que nos oferece esta «Literatura Africana» é a da sua grande actualidade, que não diminui desde 1943. Além dos diversos aspectos, a sua importância autónoma, visto que os últimos acontecimentos vieram confirmar tudo o que José Ovídio de Oliveira caracterizava há, mais de duas décadas de anos. Com efeito, o próprio título do volume já era significativo, sobretudo numa época em que tudo ou quase tudo se negava à África, ainda que o cordão umbilical a sua condição portuguesa — ou talvez por isso; «Vem de longe o nome interesse por aquilo a que chamamos Literatura Africana» — o que não é de estranhar em quem não almeja e português, como procura manter a sua sensibilidade intelectual, contra a influência das culturas europeias. Todavia, assinala ainda, o livro poder-se-ia intitular, também, por isso: «Literatura da África Portuguesa».

Destacando as dificuldades que teve de vencer para organizar o volume, que foi dos primeiros, sendo o primeiro do género editado em Portugal, acrescentando o escritor que não, lhe chamara Antologia porque esse título pressupõe um conhecimento integral.

OS POVOS E A CULTURA

Os homens, todos os homens, nasceram, nesta Terra em que habitamos, numa absoluta igualdade de direitos e deveres. Os homens, seja qual for o continente em que habitam e seja qual for a sua cor, são todos filhos da mesma carne. Nos mesmos ossos, e todos possuem as mesmas possibilidades de acesso à cultura e à civilização.

Todos sabemos, porém, que a realidade não é assim. Os povos estão, sujeitos a grandes desigualdades. Vê-se a um facto que não, por vezes, pare-

que não possuamos, nem é possível possuir neste capítulo, em que a matéria está dispersa e deve ser, mesmo, em parte, ignorada. Daqui que podemos decoretar (e pagar de tão pouco, com tanta dificuldade, por não haver, em Portugal, bibliografias nem catálogos ideográficos), recolhemos, algumas vezes o que nos pareceu, no resumo.

POR
Mário Fraguoso

(Conclui na 7.ª pág.)

PROGRAMA

Destrua-se!
— destruí o começo de uma nova construção.

— não se contenta
a terra é revolta
— sangue sacro de vida forjado
— raios muros de vida morta.

Fazemos tempos
há flores e frutos.

Destrua-se!
— destruí o começo de uma nova vida!

ANTÓNIO CARDOSO
(1962)

(Conclui na 6.ª pág.)

Poesia Experimental:

«Poesia Experimental», colectânea incluída na série antológica organizada por António Aragão e Herberto Helder, vem a público com o propósito explícito de pôr à prova o concreto de Max Jacob: «A poesia moderna rompe com todas as explicações»; e outros comentários mais incluído o de Carl Sandburg que «a poesia é combinação cênica de sílabas e palavras». A prova à vista é inequivocamente curiosa. Só não se compreende bem se servirá para alguma coisa — porque se novos para uma coisa terá de servir a poesia se o quiser ser, a de comunicar poesia. Mas a gentileza cênica, a aventura verbal ou até mais simplesmente formal (a de formação de letras e palavras), o

«experimentalismo» que não se propõe nem se suporta qualquer sentido, parecem interdições numa vasta e inquietante desordem que tem neste caso como vítima um género da literatura. E essa desordem — uma experiência, com muitas e maiores responsabilidades do que poderia julgar-se que se vêm neste primeiro caderno de «Poesia Experimental» um episódio pioneiro. Num mundo tão profundamente insatisfatório das suas manifestações de avaliação e de indignação em as suas justificações. E mesmo quando não se compreendem há que acedê-las — ao menos pela dor essencial que traduzem sob a máscara das mais absurdas revoluções.

ALVARO SALEMA

APONTAMENTOS SOBRE JORGE AMADO

Por CASIMIRO DE BRITO

As ideias e o estilo, a acção e a reflexão, a ciência e a técnica, têm-se acompanhado na obra de Jorge Amado. A sua própria vida tem sido a de escritor militante, na verdadeira acepção da palavra, nos seus dois sentidos: a literatura e a militância. «Deu o livro e político, ainda quando pretende ser apolítico — o que é uma atitude política. Tudo é uma questão de graduação, e esta é determinada por circunstâncias que, muitas vezes, superam nossas inclinações individuais», disse Amado não há muito tempo. No entanto, embora fiel ao ideal socialista da sua juventude, a evolução de Jorge Amado como escritor tomou uma perspectiva de um aprofundamento poético, no estabelecimento de um estilo mais adequado à desolada intim-

poralidade da sua obra, no tratamento dos outros aspectos da sua personalidade, numa obra mais funcional, agora mais humana e portanto mais distante do conceito romanesco de herói.

Menos estimulado pelos conflitos das massas, Jorge Amado aproximou-se mais de uma literatura real, e assim aqueles conflitos, ainda desenvolvidos (a invasão do morro do Mãe Galvão), não são porém sob um signo bem observado de humanidade. Ao mesmo tempo, a sua obra, embora mais recente, embora sempre de íntima extracção social, não actua sobre a sociedade em que vivemos. Preocupam-se mais com problemas pessoais, religiosos ou de família. Alheamento — e se, de certo modo, as suas bases materiais são africanas, a coisa acontece simultaneamente, entra em campo a nova facção, que Jorge Amado, explora com virtuosismo, dos «mitos do povo», ao fim e ao cabo apenas preocupados com o seu perfil político. E se o povo parece sair um pouco vitorioso dos conflitos que o envolvem, isso é mais se o compararmos com a vitória sinuosa dos seus inimigos.

Duas personagens continuam sendo figuras típicas de uma certa estrutura económica da sociedade, mas na primeira fase da sua obra eram capazes de se emancipar, de se afirmar contra uma sociedade marginal. O negro Antônio Balduino e cabô Marim não são mais que um com o outro, e no entanto são igualmente componentes dessa infra-humanidade dos moradores da Baía. Partindo de uma estrutura tipológica semelhante à da primeira fase da sua obra (titulada com «Os Subterrâneos da Liberdade», de 1954), verifica-se na segunda fase (começada em 1958 com «Galiléia, Cravo e Canção») uma preferência da psicologia à sociologia, do humorístico ao dramático, da política ao místico. As personagens não se premeiam — libertinos, desobedientes, rebeldes, gente das práticas mágicas e religiosas, menos do que proletários —, mas a sua atitude perante a vida, melhor, o seu sentido de vida é nitidamente outro. Fiel aos seus ideais de juventude, Jorge Amado está no entanto numa fase de plena maturidade e a maturidade de um escritor não se consegue sendo pelo ofício insustentável da literatura e da vida.

Vem estas considerações a propósito do último livro de Jorge Amado, «Os Pastores da Noite» (1). Livro de um escritor feito, militante, e, por isso mesmo, escrito com uma liberdade, um à vontade que não concede a amarração, uma amargura que os escritores experientes sabem dosar de um humor envolvente. O cenário é ainda e sempre a cidade da Baía com seus morros, rios, invioláveis de gentileza, com seus vaibundes e políticos oportunistas, com a cloridez da sua miséria e seus cultos africanos. Os personagens são também os mesmos, agora com outros nomes: Jesusito Galo Doido, negro fiam, Curú, cabô Marim, Tibão e suas mentes — mas Jorge Amado não é o mesmo homem. O seu amor ao povo é grande, mas a sua experiência ensinou-o a ver essas civilizações com outros olhos. Povo e escritor encontram-se assim mais próximos da realidade.

(1) Editora Martins, São Paulo, obra já editada em Portugal em edição de Publicações Europa-América.

NOVIDADE

Antologias Universais — As Grandes Vozes Portuguesas, 1.ª Série
André Falcão — Visto para o Arábico
Judith Navarro — Os dias solitários (Col. Século XX)
F. L. Mueller — A Psicologia Contemporânea (Saber, 58)
Ernesto Leal — O Homem que conta histórias (Col. 3 abelhas)
Fidelino Figueredo — Símbolos e Mitos (Est. Documentos)
Roger Bourgeois — O Filho de Ben Hur
Anne Philipp — O Tempo de um suspiro
Jorge Semprun — A Longa Viagem
Richard Lewinson — História Universal do Coração (Col. Vida e Cultura)
Charles-Nôel Martin — Descoberta do Universo (Col. Vida e Cultura)
CARTAS DE AMOR AOS BEATLES
Epícteto em acção — Antologia
Erskine Caldwell — Dois negros em Bethelville
AGENDA DOMESTICA 1965
ALMANAQUE BERTRAND 1965
RIBALTA — Caderno Cultural n.º 1

LIVRARIA ABC
Largo D. João IV — 17/18
C. P. 1245 — LUANDA

ANEXO L: ABC: UMA LÍNGUA QUE NASCE: A PROPÓSITO DE LUANDINO VIEIRA (SEGUNDA PÁGINA)

13-11-1964

ABC — DIÁRIO DE ANGOLA

Página 1

LETRAS AFRICAÑAS

(Conclusão da 3.ª páq.)

tempo, mais típico e literarizante... não quisermos fazer uma seleção, pois nem sempre havia tempo para isso, tendo que aceitar o que nos parecia, à falta de melhor. Referências às próprias manifestações da Imaginação Literária do gentio e as transcrições que delas pudemos obter.

Acompañando, diversos africanólogos ao longo do seu prefácio usou a palavra "gentio". Não quisermos fazer os povos negros numerosos histórias que correm também na Europa e alguns deles não há dúvida que se acham levadas para África pelos colonizadores brancos. É José Osório de Oliveira Gentis, depois, que só tanto parece ser a manifestação artística essencialmente africana, vindo a seguir o autor (...), deve ser nos contos que os negros manifestam mais naturalmente a sua alma, exprimindo a sua concepção da Vida e do Mundo — e não se pode dizer que ali não se exprima um pouco político, embora rudimentar (e nem sempre é o caso). Porém, a riqueza poética das regras, pelo menos em certas tiradas, é enorme, ainda que muitas das povos africanos não possuam literatura escrita, observado que levou o organizador da «Literatura Africana» a declarar: «Temos, portanto, que a literatura africana (reflexões sempre à África negra), é quase toda oral, o que não quer dizer, como Félix Delafosse, que ela seja exclusivamente do gênero popular, embora este produza uma grande variedade de gêneros, desde os chamados douts (tradução do francês «vaquitos», que é prática dos povos africanos) até o drama.

Di José Osório de Oliveira a palavra Maurice Delafosse, que diz serem numerosas as categorias dos «gritios»: uns são misticos, outros cantores poetas de realeza, outros dançarinos ou bailarões, havendo outros cuja missão é a de guardar, de memória, as genealogias das famílias nobres, os atos feitos das grandes personalidades, os oráculos dos Estados ou das tribus, os costumes políticos, jurídicos ou sociais, as crenças religiosas, transmitidas através de seus descendentes. E, mais adiante Delafosse esclarece ser curioso verificar que os povos têm por ignorantes os rituais religiosos, mas não substitui as bibliotecas, perpetuando gerações sucessivas de livros vivos, cada vez que se acrescenta algo mais à antiga recitada. Os pretensos selvagens têm, no seu alcance relativo histórico e codigos, do mesmo que nós os europeus, mas são escruvinhosos, teatrais de seus gritos tradicionais, e não no papel, que se acham firmes os seus sinais e leia. Finalmente, no que diz respeito à Literatura oral, a sua riqueza é enorme e enorme, constante. E neste sector — afirma Maurice Delafosse — também encontramos, que são os «gritios» escritores, poetas, rectadores, músicos e bailarões. Encontramos igualmente cantores, visto que muitos negros de ambos os sexos, sem pertencerem a esta casta especial, propagam, modificam, as fábulas que ouviam con-

tar nos gritos, ou que inventam ao sabor da sua fantasia.

Acompanhando de perto a introdução de José Osório de Oliveira, temos o «chave» dos textos que reunirá na sua «Literatura Africana», todos de ambientação popular e que sempre de origem negra, isto é, transmitidos pelos «gritios» através dos séculos. Abre a obra com o seguinte comentário: «Um exemplo que mamou na barra», da Ilha do Povo (Cabo Verde), de inspiração crioula, recolhido por Henrique Teixeira de Sousa e redigido por Baltazar Lopes; e de resto, o texto inaugural que nos magistralmente introduz ao estudo do sistema das literaturas africanas de expressão portuguesa, mesmo assim abrangimentos do origem do citado conto caboverdeano. Na verdade, Cabo Verde é um caso especial, genericamente da integração racial dos portugueses, visto que a maioria da população do arquipélago não é negra nem branca, mas crioula, ou melhor, ainda, ainda involgível que a evolução continua a proporcionar o sentido criativo.

Nos textos seguintes, relativos à Guiné (de falas árabe, bilingue Zair-Jacó, mandingas e fulas), há outro aspecto interessante que julgamos oportuno destacar: alguns destes (o total de 7 que aparece na «Literatura Africana») foram recolhidos por M. Marques de Barros (em «Literatura dos Negros — Contos, Canções e Fábulas»), autor que descreve a maneira verdadeiramente típica e original como os pretos contam as suas histórias: «diagnosem os leitores uma contista (em regra são as mulheres) que, fazendo girar entre os dedos o seu falo, começa em tom compassado uma história pela palavra sacramentalmente «Era, era». A contista escreve, então, que os ouvintes lhe concedam licença, e dizem provas de confiança sobre os outros palavras igualmente consagradas: «Era há certo, o que, traduzido em português, quer dizer: «Era uma verdadeira história». Concedida a palavra, a contista dá princípio, sem espaço à narração, sempre em linha recta, sem digressões, nem ornatos, a seco, até à final! O apenas permite fazer descrições como parte obrigada, e quando as faz é sempre dum traço, como uma pitelada de Apollon, ou com dela e três traços como uma penada de La Fontaine. E, com o qual tem plena confiança no critério dos seus ouvintes, não faz comentários, nem tira, antes os próprios, a moralidade do caso narrado... Em compensação, os ouvintes, sem nunca interromper a contista, tornam a liberdade de fazer, uma vez ou outra, os seus apêndices, por gestos ou exclamações de aprovação, ou de censura, por interjeições de admiração e de espanto, por palmas ou frases curtas, que muitas vezes valem um dia. Curioso! E declarava ainda M. Marques de Barros que as «histórias» entre os Mandingas e Biafadas, são contadas com forte aparato, com canções, dança e orquestração de palmas, e a uma vez ouvidas, nunca mais esquecem-se, algumas são um verdadeiro primor

de forma e de imaginação oriental, e as quais não, por muito que nos esforçásemos, não poderíamos dar delas a exata renderização.

A sugestão de La Fontaine faz-nos regressar aos folcloreiros, que nos seus trabalhos têm achado muitos paralelos entre o contar de várias regiões africanas e europeias, comprovando que levou Henri A. Junod, após estudar a vida dos bantos, a sugerir três explicações: 1) as histórias provêm da humanidade primitiva e todas as raças as conservaram através nas migrações; 2) deve ter havido contactos, no passado, entre as diversas raças humanas, graças aos quais as histórias foram transmitidas; 3) a mentalidade das diferentes raças era tão semelhante, nas suas primitivas de seu desenvolvimento, que to-
«a» ele inventaram, ao mesmo tempo, as mesmas histórias. Três hipóteses sobre as quais é evidente não há acordo entre os etnógrafos.

Além, no caso dos portugueses, é negativo que certos autores passaram dos europeus aos africanos e voltaram, após adaptado à realidade local. Mas, bem todos é claro, havendo alguma coisa que originou, sendo na memória do leitor, sobre os quais é evidente não há acordo entre os etnógrafos. Além, no caso dos portugueses, é negativo que certos autores passaram dos europeus aos africanos e voltaram, após adaptado à realidade local. Mas, bem todos é claro, havendo alguma coisa que originou, sendo na memória do leitor, sobre os quais é evidente não há acordo entre os etnógrafos. Além, no caso dos portugueses, é negativo que certos autores passaram dos europeus aos africanos e voltaram, após adaptado à realidade local. Mas, bem todos é claro, havendo alguma coisa que originou, sendo na memória do leitor, sobre os quais é evidente não há acordo entre os etnógrafos.

(1) Edição Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1962.

LEIA • ASSINE
O REVISTA
«ABC—Diário de Angola»

(Conclusão da 3.ª páq.)

bunda ou em Moçambique, em Luanda ou no Cuzco-Cubango, e que fundiu numa unidade única Angola diversificada em rasgos, línguas, climas e condições geográficas).

No nova literatura, na nova língua que surgem ainda presentes duas constantes, embora a sua força largamente superior à outra: a cultura e a literatura europeias que os portugueses trouxeram consigo, e a cultura e a língua locais, que os primeiros africanos mudaram subtilmente, mas os seus guardam acastilham a oferta, embora com diversificações apropriadas. O que se,

Direcção dos Serviços de Portos Caminhos de Ferro e Transportes

DIRECCAO DA EXPLORACAO DO PORTO E CAMINHO DE FERRO DE LUANDA

SERVIÇO DE ARMAZENS

CONCURSO PÚBLICO N.º 19/CA/64.

ANÚNCIO

Nos termos das Instruções para adjudicação de obras públicas e fornecimento de materiais nas Províncias Ultramarinas, aprovadas por Portaria de 20 de Outubro de 1900 e alterações, posteriores, so faz público que no dia 15 de Dezembro de 1964, pelas 15 horas, no gabinete do engenheiro-chefe do Serviço de Transportes e Arma-Conselho para esse fim nomeada, se realizará o Concurso público N.º 19/CA/64.

Electrodos para aço de construção:
25 000 — Electrodos de 3,25mm
20 000 — Electrodos de 4mm
15 000 — Electrodos de 5mm
Electrodos com alma de níquel
2 000 — Electrodos de 4mm

Electrodos para enchimento de grande dureza, dureza Brinell de 600
2 000 — Electrodos de 4mm.
50 — Kgs. de liga para soldar.

O programa do concurso e caderno de encargos encontram-se patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente até à véspera do dia do Concurso, na Secretaria do Serviço de Compras e Armazens.

Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar na Tesouraria desta Direcção de Exploração, até às 14 horas do dia da sua realização, o depósito provisório de Esc. 1.250\$00. (ML DUZENTOS E CINQUENTA ESCUDOS) mediante guia passada pelo Serviço de Compras e Armazens, em qualquer dia útil e durante as horas de expediente.

Exploração do Porto e Caminho de Ferro de Luanda em Luanda, 4 de Novembro de 1964.

O ENGENHEIRO DIRECTOR DA EXPLORAÇÃO,

Luís Henrique Evredosa Abreu

LÍNGUA QUE FALSA

(Conclusão da 3.ª páq.)

bunda ou em Moçambique, em Luanda ou no Cuzco-Cubango, e que fundiu numa unidade única Angola diversificada em rasgos, línguas, climas e condições geográficas).

No nova literatura, na nova língua que surgem ainda presentes duas constantes, embora a sua força largamente superior à outra: a cultura e a literatura europeias que os portugueses trouxeram consigo, e a cultura e a língua locais, que os primeiros africanos mudaram subtilmente, mas os seus guardam acastilham a oferta, embora com diversificações apropriadas. O que se,

tá a nascer é pujante, vigoroso, sobretudo jovem o choro de amilhões, como é natural a toda a juventude.

Um dia desses, um intelectual brasileiro, muito algarineiro, inquiria de Gaspar Simões (reportagem) se a entrevista concedida por José Serrão do «Diário de Notícias» se a actual literatura portuguesa não seria pônomina. Isto, que por um lado significa um desatendimento, do outro lado de Atlântico, do que hoje se está a fazer em Portugal, explicita, por outro, a realidade de uma literatura portuguesa de virtualidades e certezas presentes, que se interroga quanto a uma literatura condicionada por tanta circunstância.

cia que só muito dificilmente consegue corresponder às exigências e às realidades do seu tempo.

O condicionamento gerat da actual literatura portuguesa, mas não se encontra em contrário, justifica aquela interrogação, para mais dolorosa. Factor principal na nossa literatura é esta era capaz de desenvolver o estilo de vida social. Tudo